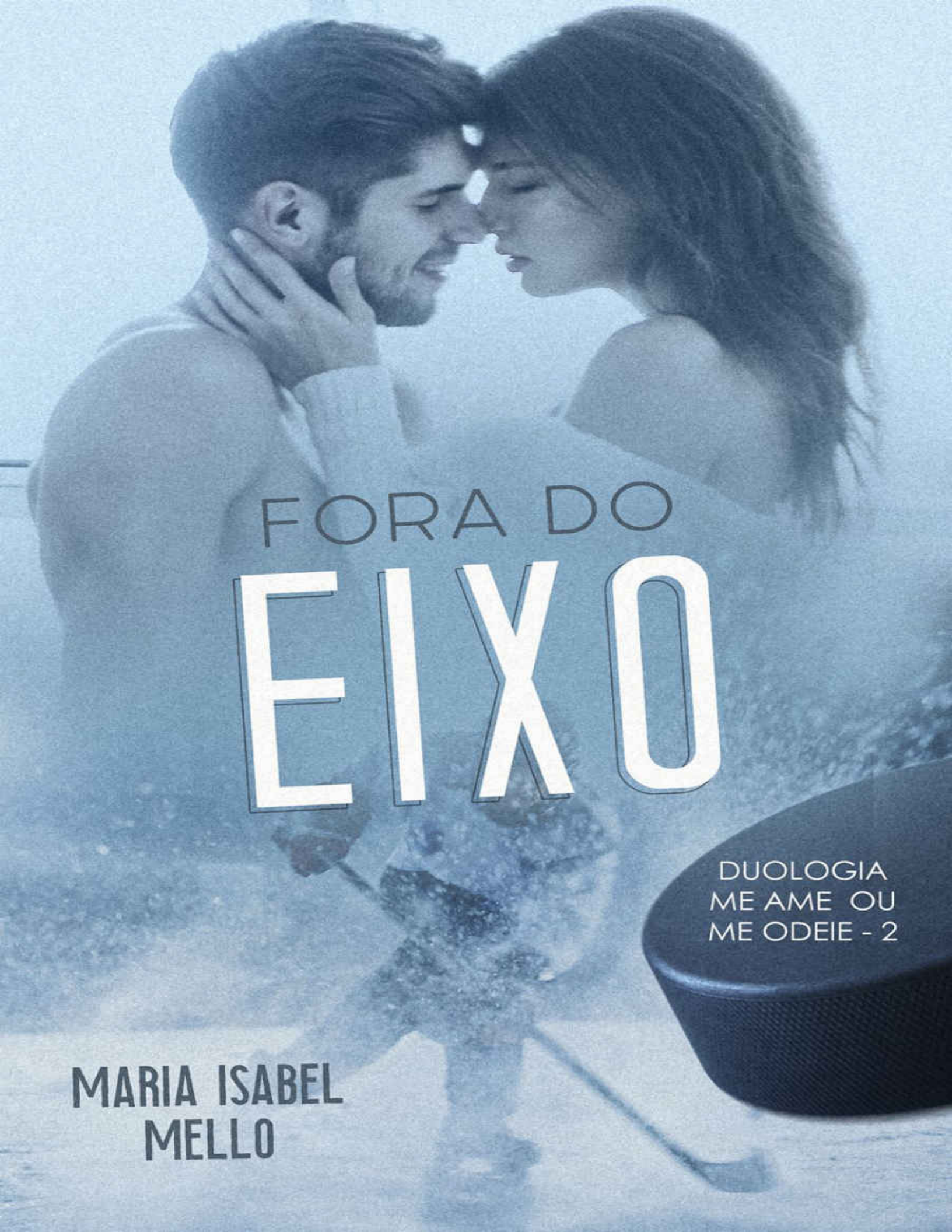

FORA DO
EIXO
DUOLOGIA
ME AME OU
ME ODEIE - 2
MARIA ISABEL
MELLO

FORA DO EIXO

DUOLOGIA
ME AME OU
ME ODEIE - 2

MARIA ISABEL
MELLO

Copyright © 2022 Maria Isabel Mello
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer meio eletrônico, mecânico e processo xerográfico, sem a permissão da autora.
(Lei 9,610/98)
Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, lugares e acontecimentos retratados aqui são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

Autora: Maria Isabel Mello
Revisão de texto: Hanna Câmara
Capa: Jaque Summer
Ilustração: Gabriela Gois
Diagramação: Luana Berle
Leitura Crítica: Ana Ferreira

SUMÁRIO

Sumário

PRÓLOGO
PARTE UM
CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
PARTE DOIS
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
PARTE TRÊS
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
PARTE QUATRO
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS

NOTAS

Olá.

Seja bem-vindo ao universo de Fora do Eixo!

Antes de dar início à leitura, preciso que saiba que Fora do Eixo faz parte da duologia de Me Ame ou Me Odeie, sendo o segundo livro, porém, é uma história independente que **pode ser lida separadamente.**

Além disso, é importante que saiba que este livro, apesar de ser uma comédia romântica, aborda alguns temas sensíveis, como: **Relacionamento abusivo, uso de álcool, drogas lícitas e ilícitas, problemas familiares e uma cena *descritiva* de ataque de pânico no capítulo 31.**

É importante ressaltar que nenhum desses temas é romantizado durante a obra.

Preserve pelo seu bem-estar. Em caso de desconforto, pare a leitura imediatamente.

Sem mais, desejo que aproveite muito o livro! **E espero que a história de Austin e Riley se torne o seu segredo favorito...**

Não se esqueça de me seguir no Instagram!

@belautora

PLAYLIST

Ouça a playlist do livro no Spotify.



Para todos aqueles com pais ausentes.
Vocês sempre foram dignos de receber amor.



EPÍGRAFE

“Olhos azuis como o oceano, olhando nos meus
Sinto como se pudesse afundar.”
— GORGEOUS, TAYLOR SWIFT.



PRÓLOGO

AUSTIN

1 semana antes

Posso jurar que há sangue escorrendo pelo nariz dele.

Os socos são desferidos sem piedade alguma, um mais forte do que o outro. Travo o maxilar ao imaginar sua dor e agonia. Entendo que boxeadores são apaixonados pelo esporte que escolheram, e os admiro por isso, mas não conseguiria subir em um ringue com um cara que mal conheço e simplesmente acertá-lo com meu punho envolto em uma luva vermelha e grossa.

Porra, nem mesmo sou capaz de me imaginar nessa posição. E olha que o esporte que tem meu coração por completo está longe de ser considerado pacífico ou livre de violência.

O hóquei é um esporte de contato, onde há atritos a qualquer momento, já que, diferente do universitário, brigas no profissional são permitidas e corriqueiras. Eu mesmo já acabei me metendo em algumas, quando minhas emoções estavam à flor da pele e escutei babacas de times rivais falando merda.

Ainda assim, não vou mentir, não gosto de me envolver nelas.

De todas as mesas no bar, a nossa é a que parece mais desanimada com a luta que passa na televisão. O único que aparenta estar genuinamente empolgado é Michael Parker, que, em meio a intervalos entre goles e mais goles de cerveja, estampa um sorriso grande no rosto e se junta a dezenas de universitários no estabelecimento, que torcem e comemoram.

Dilan Clanton e eu, ao contrário de todos os outros, trocamos olhares de desânimo.

Não sei porque ainda concordamos quando Michael sugere ir a bares universitários. Parker tem apenas 20 anos. Ele se encaixa em meio a essas pessoas. Dilan e eu, não.

Às vezes sinto como se estivesse saindo com um irmão mais novo, mesmo que com apenas 7 anos de diferença. Ainda aproveito minha vida ao máximo, mas é deprimente pensar que estou mais perto da casa dos 30 anos do que dos 20.

— Por que os dois bundões estão com cara de desanimados? — A voz de Michael invade meus ouvidos, me fisgando para longe dos meus pensamentos. Pouso a *long neck* gelada no porta-copos sobre a mesa redonda, focando meus olhos no jogador mais novo com quem jogo no Washington Capitals. Parker entrelaça os dedos de uma das mãos nos seus longos fios de cabelo castanhos claros, que chegam quase na altura do fim do pescoço. — Se quiserem ir embora, é só avisar.

Separo os lábios, prestes a responder, quando a movimentação repentina toma conta do ambiente, chamando minha atenção. De repente, todos os olhares estão focados em um ponto específico. E, como se possuíssem um holofote apontado para suas cabeças, quatro caras fortes e dignos de capa de revista entram no local, vestindo jaquetas e moletons com o símbolo de um tigre vermelho e as iniciais “W.B.U”.

Não é preciso que eu me esforce muito para deduzir que são jogadores de futebol americano.

Eles geralmente são os reis das universidades. Estão no topo daquela pirâmide ridícula da popularidade. E, pelo modo como todos no estabelecimento os olham, como se estivessem fascinados, tenho certeza de que estão dispostos a deixá-los continuar na mesma posição.

Algumas pessoas suspiram. Outras, parecem desejar estar na pele deles.

E é tudo ridículo para caralho.

— Essa é uma das poucas coisas que não me trazem saudade da universidade — Dilan comenta, sentado ao meu lado, como se pudesse ler meus pensamentos. Quando movo minha atenção até seu rosto, vejo que uma careta toma conta dele. Ele se recosta na cadeira, virando o último gole da sua cerveja antes de lançar uma breve olhada ao relógio em seu pulso, sobre a pele negra clara, e suspirar, como se desejasse dar o fora daqui o

quanto antes. — Os caras do futebol americano sempre conseguiam tudo o que queriam. E os do time de hóquei quase sempre eram a segunda opção das garotas.

Solto uma curta risadinha ao notar o tom amargurado em sua voz, que indica que, claramente, isso o incomodava para cacete quando ainda era um jogador universitário.

— Olha só para eles! — Michael exclama, esquecendo completamente da luta por alguns segundos. — Parecem ter saído de um comercial de xampu!

Movo minha atenção de volta aos quatro atletas, ainda parados em frente à porta. E quase rio assim que, logo após ouvir a fala do Parker, os vejo passar as mãos nos cabelos, praticamente ao mesmo tempo, como se fosse um gesto ensaiado.

Eles analisam os arredores, procurando por uma mesa vazia. E então, os olhos castanhos do mais alto me encontram. E percebo que reconhecimento flutua por eles quando ele os semicerra em minha direção, se demorando ao me encarar.

Luto contra o sorrisinho que ameaça tomar meus lábios. Talvez seja um pouco babaca da minha parte, mas uma pontada de glória atinge meu coração assim que me dou conta de que ele me conhece.

— Esse deve ser o capitão — Dilan comenta ao meu lado. Sua voz, um tanto enojada, sai em um tom seguro, apenas para que nós possamos ouvir. — Olha só o brilho do cabelo dele! Aposto que deve lustrar o abdômen todo dia de manhã, enquanto exibe os bíceps para si mesmo no espelho e fica repetindo frases de positividade e autoafirmação.

Rio no mesmo instante, incapaz de me conter. O tal do “capitão” finalmente quebra o contato entre nossos olhos, girando nos próprios calcanhares e se afastando junto aos seus amigos, que seguem em direção a uma mesa redonda vazia, do outro lado do bar.

Estou prestes a voltar minha atenção para a luta, que continua passando na tevê, quando uma aproximação repentina a fisga. Uma garçonete loira se aproxima de nós, deslizando sobre seus patins de quatro rodas, trazendo a terceira rodada de cerveja que solicitamos em sua bandeja.

— Senhores. — Seus lábios se moldam em um sorrisinho quando passa a pousar as garrafas na estrutura da mesa. Ela foca os olhos verdes em

Michael, que também a fita fixamente, dando uma piscadinha. A mulher solta uma curta risada sufocada antes de prender a bandeja, agora vazia, debaixo de um dos braços magros. — Desejam pedir mais alguma coisa?

Nós três negamos, e ela continua sorrindo ao dar meia-volta e se afastar, lançando olhares convidativos para Michael em meio ao curto caminho de volta ao balcão do bar, onde se posiciona para pegar mais bebidas e levá-las para outras mesas.

— Vai logo pedir o telefone dela, cara. — Dilan é o primeiro a dizer, claramente percebendo a gigantesca camada de tensão sexual que preencheu o ambiente apenas durante os segundos em que Parker e a loira trocaram olhares.

Michael dá um gole em sua cerveja nova.

— Eu já tenho. — Ele dá de ombros, com um sorrisinho brincando em seus lábios. — Nós ficamos na semana passada.

— Ah, por que será que eu não estou surpreso? — começo. — Foi por isso que estava tão desesperado para vir para *este* bar, em específico? Por que sabia que ela trabalhava aqui?

Parker franze a testa, entrando na defensiva.

— O quê? É lógico que não! — exclama, com um tom de voz que deixa mais do que claro que, para ele, ir atrás de uma garota apenas para vê-la de novo não é uma opção. — Não sabia que ela trabalhava aqui. Escolhi este bar porque fica perto da Washington Burney University. E todo mundo sabe que as garotas de lá são extremamente gatas.

Levando minha *long neck* aos lábios, observo os arredores, analisando as meninas sentadas nas mesas redondas, espalhadas pelo espaço.

É. Michael tem razão.

— Vocês sabem que não sou esse tipo de cara — Parker continua. — Não tenho tempo para relacionamentos. Não corro atrás de mulheres. Minha prioridade agora é o hóquei, e garotas trazem problemas. Tipo, olha só para o Dilan! Ele é a prova viva disso.

Ao meu lado, ao ter o nome jogado aleatoriamente na conversa, Clanton se engasga com a própria cerveja.

E preciso me esforçar muito para não rir da cena.

Dilan é o mais velho entre nós. E, mesmo assim, sua vida amorosa é um caos.

Recentemente, Clanton conheceu Ellen, uma corretora de imóveis de 28 anos, que, por ironia do destino, me ajudou a encontrar um apartamento para morar. Ela é uma mulher legal, e os dois combinam em vários aspectos, mas o problema é que é difícil para um atleta profissional conseguir equilibrar a carreira e a vida amorosa.

E, pelo jeito, Dilan não está se saindo muito bem nesse quesito.

Meu melhor amigo, Caden Prescott, ao contrário de Clanton, tem sorte de estar conseguindo. Caden, além de ser meu confidente e atual — mas futuro ex — colega de casa, joga no mesmo time que a gente. Enquanto eu sou um defensor, ele brilha como centro do Washington Capitals, time da Conferência Leste da NHL.

Prescott namora Avery Lakeland, uma atriz que tem sido cada vez mais comentada nas redes sociais. E eu posso ser suspeito de falar, já que sou amigo dela, mas Avery é talentosa para cacete.

Atualmente, os dois estão em Nova York, para a estreia de um filme que ela protagonizou, que aconteceu ontem. A história deles é meio doida e digna de filme, com direito a relacionamento falso e vários altos e baixos, mas fico feliz em poder dizer que as coisas finalmente se acertaram entre os dois.

Dá para perceber o quanto se amam, apenas ao notar o brilho e fascínio que flutuam por seus olhos sempre que se encontram.

Quando a luta estampada na televisão chega ao fim, o bar vai à loucura diante da vitória do boxeador favorito da maioria dos universitários presentes. Michael, que só então parece ter se lembrado da disputa, se levanta da mesa de maneira bruta, fazendo o ranger alto da cadeira se misturar aos gritos e vivas que preenchem o local.

E em meio à bagunça de um ambiente barulhento, com pessoas erguendo suas bebidas no alto, brindando e comemorando com suas vozes se embaralhando, meus olhos são atraídos feito ímãs para um ponto em específico. A porta do bar.

Lentamente, ela se abre. A primeira garota a atravessá-la veste o curto uniforme das líderes de torcida da W.B.U, se mostrando inatingível pelo frio da noite de janeiro, o mês mais gelado em Washington. Ela é bonita e se encaixa perfeitamente no que Michael falou, sobre as meninas dessa universidade serem todas gatas. Seus cabelos são longos e loiros, seu corpo

é esguio, e os olhos, que vasculham o lugar com um pouco de urgência, provavelmente em busca de alguém conhecido, são verdes.

Mas então, a seguindo, outra figura passa pela porta.

E de repente se torna difícil respirar.

— Aquela não é a... — ao meu lado, Dilan começa, com os olhos curiosos cravados na mesma mulher que pareceu sufocar todo o ar dos meus pulmões, apenas com sua repentina presença.

— Riley Weston — completo por ele, quase em um sopro, falhando ao tentar impedir a voz de sair embargada.

A filha do nosso treinador.

— Puta que pariu! — Clanton exclama.

Sentindo a garganta seca, me obrigo a engolir saliva. E não consigo afastar meu olhar dela.

Porque... *porra,* essa mulher é capaz de hipnotizar qualquer um.

Com os cabelos lisos, escuros como carvão, chegando até os ombros e o uniforme branco com listras vermelhas das líderes de torcida, com a sigla "W.B.U" estampada acima do peito, Riley permanece de cabeça baixa, nos impedindo de ver seu rosto. Seguindo a amiga, ela abraça o próprio corpo, como se buscasse se aquecer do frio que faz lá fora.

E mesmo aparentando estar frágil, ainda me parece intimidadora. Talvez seja porque, para mim e para a maioria dos caras do time, Riley Weston é inalcançável.

Não apenas pela beleza exuberante que ostenta ou por ser filha de um cara que poderia muito bem espremer as bolas de qualquer jogador que tentasse algo com ela, mas por aparentar ser extremamente segura de si e por usar coturnos pretos que, além de deixá-la ainda mais sexy, também poderiam facilmente esmagar a garganta de alguém no chão.

Ela é tipo... o fruto proibido que todos desejam muito, mas que nunca poderão ter.

E eu, infelizmente, também não. Ainda mais porque, por algum motivo desconhecido, a mini Weston me detesta. É sério. Algumas semanas atrás, quando ela foi visitar o pai durante um dos nossos treinos na Capital One Arena, acabamos nos cruzando na sala de mídia. E a maneira como ela me olhou assim que a cumprimentei, só comprovou a teoria que tinha há muito tempo.

Riley me odeia.

E ainda não sei o porquê. Não é como se nós já tivéssemos conversado muito durante os anos que trabalho com seu pai.

Tento conter o arquejo surpreso quando, assim que ela ergue o rosto minimamente, tenho um vislumbre da maquiagem borrada que tinge seus olhos. Suas írises azuis, intensas como safira, se encontram cobertas pela névoa, e seu olhar parece caído demais. Uma pontada de pena atinge meu corpo no instante em que me dou conta de que ela estava chorando.

Riley. Chorando. Está aí algo que achei que nunca veria.

Assim que ela e a amiga, em meio ao caos do lugar, encontram quem estavam procurando, Weston sai correndo, extremamente apressada. Não me surpreendo quando assisto o mesmo cara de antes, o tal capitão do time, com os cabelos brilhosos e corpo ridiculamente esculpido, se levantar da sua cadeira de supetão, abrindo os braços para recebê-la. Ela o abraça, afogando o rosto na jaqueta dele, sequer ligando para o fato de que provavelmente irá manchá-la de maquiagem.

E seus ombros relaxam. Como se ali, nos braços dele, se sentisse mais calma.

— O que será que aconteceu? — ainda observando a cena, assim como eu, é o que Dilan questiona.

Dou de ombros, franzindo um pouco a testa, obrigando meu tom de voz a sair indiferente quando respondo, mesmo que tomado pela curiosidade: — Não tenho ideia.

Os dois se separam, e o homem puxa uma cadeira, para que ela se sente ao seu lado na mesa. Os outros três caras cumprimentam Riley assim que ela se junta a eles, um tanto surpresos, como se estivessem perplexos por vê-la chorar. A amiga se aproxima logo em seguida, se acomodando também.

E é aí que acontece.

Agora ocupando seu assento, se mostrando extremamente frágil, com lágrimas nos olhos, borrões pretos de rímel escorrendo pelas bochechas, e aparentando estar prestes a quebrar a qualquer instante, Riley Weston traz seu olhar em minha direção. Ela semicerra os olhos azuis, corrigindo a postura, como se estivesse surpresa por, além de me encontrar aqui, também

me flagrar a encarando fixamente, curioso diante do que acontece em sua vida.

Então, diferente de antes, quando ímãs pareciam estar sugando meus olhos em direção a ela, desviá-los se torna fácil. E é isso que eu faço.

Pelo restante da noite, por mais que analisá-la possa ser extremamente tentador, me obrigo a manter meu olhar longe do seu, ao mesmo tempo machucado e flamejante.

Porque não sei o que aconteceu ou quem foi o responsável por machucar Riley Weston ao ponto de fazê-la aparecer chorando em público, mas tenho certeza de que, dentro dela, bem no fundo, um fósforo esteja pronto para acender.

E não sou eu que quero fazê-lo queimar.



PARTE UM

A OFERTA



01

AUSTIN

Atualmente

George Weston me encara como se quisesse me matar.

Um silêncio sepulcral toma conta da sala de jantar, e engulo em seco, nervoso ao ter os frios olhos azuis do treinador voltados para mim.

É uma noite gelada em Washington. Eu, Dilan, Michael, Bruce e Walter — outros dois caras do time — estamos reunidos em uma extensa mesa, em formato retangular, enquanto vestimos roupas sociais, comemos o que é provavelmente a melhor lasanha já feita no mundo todo e somos analisados pelo nosso treinador, que demonstra estar infeliz diante da nossa presença em sua casa.

É como se estivéssemos no rinque, em meio a um jogo importante, e ele estivesse extremamente irritado com as nossas inúmeras falhas, esperando pelo momento em que passaremos pelo túnel, rumo ao vestiário, apenas para gritar conosco. Mas, neste caso, o que ele parece esperar é que sua esposa deixe a mesa, para que possa explodir sem ser repreendido por ela e seus constantes olhares afiados.

O convite para esta noite extremamente aleatória foi feito por Susan, uma das mulheres mais carismáticas que já conheci na vida. Alguns dias atrás, durante um dos nossos treinos, ela foi até a Capital One Arena, entregar ao George o seu almoço, que ele havia esquecido em casa. Eu estava sentado no banco, bebendo um *Gatorade,* tentando me recuperar da interminável sequência de disparos para o gol que o treinador nos obrigou a fazer, quando a mãe de Riley apareceu. Michael estava ao meu lado, com um sachê de carboidrato em gel na mão, e não economizou em ser

inconveniente. Ele praticamente se convidou para experimentar a comida da Susan, alegando que ela tinha “cara de quem cozinhava bem”, seja lá o que isso signifique.

E ela, como o esperado, ficou extremamente empolgada, nos dizendo que iria apenas organizar a sua agenda e decidir uma noite para nos receber. O olhar que o treinador dirigiu ao Michael foi longe de ser pacífico. Ele tentou retrucar, abrindo a boca, pronto para dizer que aquilo nunca aconteceria, quando Susan foi mais rápida e o segurou pelo braço, o fuzilando com os olhos, como em um aviso silencioso que dissesse que aquela decisão era dela.

Ele se calou rapidinho, desistindo de retrucar. Todo mundo sabe que o treinador odeia que invadam sua privacidade. E quem manda no relacionamento deles é a Susan.

George Weston é um cara durão, capaz de fazer todos os atletas fortões e gigantes do time estremecerem apenas com a força e rouquidão de sua voz, dando ordens e nos repreendendo em meio aos treinos e jogos. Mas quando se trata da sua esposa, ele se transforma em um dócil cachorrinho, que apenas balança o rabo e segue ordens.

— Eu estava certo — a voz de Michael diz, fazendo com que todos os olhares da mesa sejam atraídos para ele. Sentado ao meu lado, o idiota continua falando, de boca cheia. — Sua comida é maravilhosa, Sra. Weston.

Do outro lado da mesa, o treinador revira os olhos, bufando baixinho após afastar o garfo da boca.

— Ah, por favor, me chame apenas de Susan! — a mulher pede, com um sorriso despontando em seus lábios. Ela força uma feição enojada antes de continuar. — “Senhora” me faz parecer velha e feia. E sei que já faz anos que saí da juventude, mas não é para tanto.

— Certo. Foi mal. — Michael abre um sorrisinho meio sem jeito, voltando a devorar a lasanha em seu prato.

A verdade é que se alguém, algum dia, alegar que Susan Weston parece uma velha, pode ter certeza de que essa pessoa está enlouquecendo. Com seus 48 anos, olhos verdes e cabelos castanhos, a mulher com um pouco mais de 165 centímetros de altura é uma das mais bonitas que já vi. É fácil de entender como, mesmo depois de ter seu coração estilhaçado pelo

que aconteceu no seu passado, o treinador tenha conseguido se apaixonar por ela, dando mais uma chance para o amor.

Os dois, mesmo sendo opostos, são perfeitos um para o outro. Tão perfeitos, que chega a ser difícil imaginar que George já tenha se apaixonado por outra mulher antes de Susan.

Quando se joga profissionalmente e passa incontáveis horas com os caras do time, é impossível impedir que fofocas alcancem seus ouvidos. Não que eu tente evitá-las, pois sou um ser humano e as adoro, mas a facilidade com que elas tomam proporção pelos espaços e vestiários da arena, chega a ser impressionante.

O Washington Capitals inteiro sabe a história de George. Sabemos que, na universidade, ele era um astro do hóquei. Que tinha um futuro incrível como atleta pela frente, mas que abriu mão de tudo quando descobriu que sua namorada da época estava grávida. Três anos depois, quando já estava desanimado e fora de forma o suficiente para sequer pensar em retornar ao gelo como atleta, ela confessou que o filho não era dele. Hoje em dia, não sei como é a relação de George e o garoto que passou tanto tempo acreditando ter seu sangue, mas acredito que ele teria sido um ótimo pai para ele, assim como imagino que seja para Riley.

George ama sua filha mais do que tudo, e já demonstrou ser incrivelmente superprotetor diversas vezes. Além de que todo mundo sabe que ele a mima como se fosse uma princesa, dando a ela tudo que deseja. Alguns dias atrás, George a presenteou com um Jeep amarelo. Me lembro de vê-lo estacionado em frente à Capital One Arena uma vez.

Com a imagem de uma Riley Weston se fazendo presente em minha mente, desvio meus olhos para o topo da larga escada, que leva até o andar de cima. Durante o jantar, já me peguei olhando para o mesmo local diversas vezes, apenas esperando pelo momento em que Riley decidirá aparecer e se juntar a nós.

Talvez eu seja meio idiota por isso, inclusive, mas é algo mais forte do que eu.

— Ah, não posso me esquecer da sobremesa! — Susan exclama, levando uma das mãos ao coração ao se levantar da cadeira, agindo como se esquecer um doce fosse comparado a uma catástrofe. Permito que um

sorrisinho tome meus lábios assim que volto os olhos em direção a ela. Essa mulher é um amor. — Fiz a minha especialidade! Volto logo.

Então, de repente, estamos sozinhos com George Weston. E posso afirmar por mim e por todos os outros nesta mesa, que, nesta ocasião em específico, isso não é nada bom.

A carranca que toma conta do rosto do treinador de forma instantânea só confirma que estou certo.

— Parker, você é mesmo um folgado! — ele exclama. Seus afiados olhos azuis se voltam para Michael, e o jogador fica tenso, se empertigando na cadeira. — Como se não bastasse, além de se convidar para a minha casa, ainda chama a minha esposa de velha! Nunca te ensinaram a ser educado?

— Mas, eu... — A voz de Michael morre na garganta quando ele procura se defender.

Tentando ser discreto, desvio o olhar para Dilan, que se encontra sentado do meu outro lado, mordendo o riso que ameaça escapar em um momento inoportuno. Os olhos escuros de Clanton me encontram, e se torna ainda mais difícil me controlar quando vejo que o divertimento também flutua por eles.

— Voltei! — De repente, a voz alegre de uma Susan Weston feliz por ser a anfitriã da noite retorna a alcançar nossos ouvidos. Imediatamente, a expressão descontente deixa o rosto do treinador. E Michael parece voltar a respirar. — Fiz torta de amora. — Ela se aproxima da gente, deixando a sobremesa no centro da mesa. — É a favorita da Riley.

Franzo a testa assim que noto o sorriso triste que toma os lábios de Susan ao citar o nome da filha, percebendo que algo está errado.

— Falando na Riley, ela não quis descer para jantar? — Michael questiona. E, pela primeira vez, não sinto a necessidade de dar um tapa em sua nuca, o repreendendo por ser tão intrometido.

A resposta para essa pergunta é uma que realmente quero saber.

Susan e George trocam um olhar suspeito. Pela expressão que toma o semblante da mulher, percebo que é como se seus olhos estivessem em busca de ajuda.

O treinador Weston pigarreia antes de responder, lacônico, com um tom de voz que diz que aquela é toda a resposta que teremos: — Riley não

está em casa. — Simples assim, ele se levanta. Sua cadeira range de maneira irritante ao ser arrastada pelo chão, mas ele sequer parece se importar. — Susan esqueceu os pratos e talheres para a sobremesa. Vou ajudá-la a pegar.

Então, os dois dão as costas e somem do nosso campo de visão, entrando na cozinha.

A sala é tomada por um silêncio que revela que, para os outros caras do time aqui presentes, assim como para mim, a cena que acabamos de presenciar foi estranha, nos fazendo criar várias teorias.

É quase como se estivessem escondendo algo.

Levo os olhos até o topo da escada mais uma vez, sentindo uma única pergunta martelar minha mente de maneira insistente: *Onde Riley Weston está?*



A noite já cobriu Washington por inteira quando chego ao meu carro, após deixar a casa do treinador e me despedir dos outros jogadores.

Agoniado em ser abraçado pelo silêncio, depois de uma hora ouvindo o interminável monólogo de George Weston sobre desmatamento de florestas e fingindo ter conhecimento suficiente do assunto, levo meu dedo até o botão do rádio, o apertando, interessado em ouvir qualquer outra coisa que não seja sobre árvores morrendo e perda da biodiversidade.

As ruas próximas à casa dos Weston se encontram quase desertas, apenas com alguns veículos estacionados, e parcialmente iluminadas pelos postes de luz amarelas nas calçadas e o farol do meu carro. Me empolgando com a música que explode pelo rádio, batuco os dedos no volante, acompanhando o ritmo, passando a cantarolar baixinho.

Mas então, assim que faço uma curva, chegando a uma rua já um pouco afastada da casa do treinador, sou tomado por uma surpresa inesperada. Estacionado na esquina, está um Jeep Amarelo. E consigo ver claramente que tem alguém dentro dele, sentado no banco do motorista.

Franzindo o cenho e pensando estar enlouquecendo assim que uma teoria começa a se estruturar em minha mente, abaixo o volume da música no rádio. Tirando um pouco o pé do acelerador, diminuo a velocidade, me aproximando do Jeep lentamente, focado em enxergar quem está o

ocupando. E quando chego perto o suficiente para fazer com que meus faróis o iluminem, um arquejo instantâneo escapa pela minha boca.

Pois, dentro do carro, dormindo feito um anjo, está Riley Weston.

Não hesito em estacionar do outro lado da rua, descendo do veículo, deixando tudo para trás. Sequer fecho a porta antes de dar as costas para o carro e seguir rumo ao Jeep, preocupado com a situação.

Riley só pode ter enlouquecido. É extremamente perigoso para uma mulher ficar sozinha na rua a uma hora dessas. Principalmente dormindo. Só Deus sabe o que algum babaca bêbado ou sem caráter pode fazer, se a encontrar nesse estado.

Tiro meu celular do bolso da calça, passos antes de chegar ao carro amarelo, ligando a lanterna e a apontando para o vidro, observando o rosto sonolento da mulher através dele. E então, resolvo bater, sem ao menos pensar duas vezes.

Weston se assusta, despertando. Seus olhos alarmados, vindo de encontro aos meus, revelam que ela está ciente do risco que corre.

— Que porra está acontecendo aqui? Você apagou! — começo, não me segurando em expressar indignação.

Sei que não somos íntimos, mas, porra, ela é filha de um cara importante para mim. O cara que adora ostentar uma carranca em seu rosto e discutir aleatoriamente sobre árvores em um jantar, mas que ainda assim é essencial na minha vida. *Jamais a deixaria continuar aqui.*

A expressão assustada de uma Riley sonolenta se suaviza, como se estivesse aliviada por perceber que sou eu, e não o assassino em série com a porra de um facão. Mas, então, em um piscar de olhos, a raiva passa a corroer seu olhar azul e intenso.

A mais nova abre o vidro, bufando.

— O que acha que...

— Você só pode ter enlouquecido! — a corto, tão indignado que até mesmo chacoalho as mãos no ar, balançando a lanterna, que continua ligada. — O que está fazendo dormindo aí? Sabe o quanto isso é perigoso? Já é quase meia-noite!

Ela franze o cenho, irritada.

— Para de surtar, Crawford! Você está falando tão alto, que vai acordar alguém.

Resmungo, sem entender como pode estar me pedindo para ser calmo nesta situação.

— Acabei de sair da casa dos seus pais — começo. — Eles não devem saber que *você* está dormindo na *rua*. Se soubessem, tenho certeza de que virariam este bairro de ponta-cabeça para te encontrar.

Riley revira os olhos. Pela primeira vez, percebo que seu rosto está livre de maquiagem.

E ela continua linda para caralho, mesmo que tenha acabado de revelar ter alguns neurônios faltantes.

Suspirando, desligo a lanterna, entrando na minha lista de contatos do celular, pronto para encontrar o do treinador e ligar para ele, contando que acabei de me deparar com a sua filha imprudente de 21 anos dormindo no carro, sozinha, abraçada pela escuridão e uma rua vazia.

— Vou avisar o seu pai. — É o que informo.

Mas Weston é mais rápida, me impedindo de ser bem-sucedido. Atravessando a janela aberta com um dos braços, ela alcança o aparelho em minhas mãos, o puxando para si. Completamente atordoado, preciso piscar inúmeras vezes antes de perceber o que acabou de acontecer, retornando à realidade.

— Que porra você... — começo.

— Não quero que meu pai saiba onde estou! — a garota me corta, soando agoniada. Ela deixa meu celular no banco ao seu lado, em cima de uma mochila que parece prestes a explodir, pela quantidade de coisas que guarda. *Há quanto tempo Riley está ficando aqui?* Seus olhos cobertos pela névoa voltam em direção aos meus. E, de repente, Weston se transforma na mesma garota abalada que enxerguei pela primeira vez na semana passada. — Por favor, Crawford, vá embora. Não preciso que se envolva nisso. Confie em mim, não vai ajudar em nada.

— Não vou te deixar aqui sozinha — respondo logo em seguida. Carrego a voz com uma certeza que busca alertá-la de que não vou mudar de ideia. Franzo o cenho, confuso, enquanto me questiono o porquê de toda essa situação. — O que aconteceu? Por que não quer que eu fale com o George?

Ela respira fundo, trêmula. Riley desvia os olhos azuis para longe dos meus, os focando no volante à sua frente, finalmente explicando: — Tive

uma briga feia com o meu pai, há dois dias. — Meu coração se aperta ao ouvir seu tom de voz, frágil e exausto. *Essa é a segunda noite que ela planejava passar aqui?* — Eu saí de casa. Disse que não iria mais voltar. — Uma lufada pesada de ar escapa pelos seus lábios, seguida por uma risadinha sem humor, apenas incredulidade, como se nem mesmo ela acreditasse que está passando por essa situação. — Estou ficando aqui, desde então. Terminei com meu ex-namorado na semana passada, minha melhor amiga não consegue me abrigar, porque mora em uma irmandade onde as meninas me detestam, e meu melhor amigo mora em uma república repleta de caras que tendem a dar em cima de mim sempre que me encontram. — Seus olhos retornam em direção a mim, e por eles sou capaz de perceber que Riley Weston, a mulher que sempre considerei foda para caralho, mesmo sem conhecer muito bem, agora se sente pequena. — Tenho tomado banho no vestiário da W.B.U, após os treinos das líderes de torcida, e comprado comida em um mercadinho qualquer.

Engolindo em seco e sentindo o peso da dor em seus olhos me afetar, fico tentado a perguntar sobre a briga que teve com seu pai. Tentado a aconselhá-la, a dizendo para deixar o orgulho de lado e voltar para casa. Mas, por mais que eu conheça George, não sei o que aconteceu entre eles. E pela maneira como as coisas se desenrolaram, levando Riley a dormir sozinha em seu carro, em uma rua silenciosa, sei que não foi uma briga por um motivo bobo.

Algo complicado aconteceu.

Se tem alguém que entende de problemas com o pai, essa pessoa sou eu. E sei como pode ser sufocante quando alguém começa a fazer perguntas demais, questionando os motivos pelos quais nossa relação não é perfeita.

Talvez isso tenha me tornado tão empático, que tenha silenciado toda a responsabilidade que existe em mim, me fazendo esquecer de como o treinador ficaria furioso diante da ideia que circula minha mente, porque, após soltar um longo suspiro, com os olhos de Riley ainda focados nos meus, digo: — Ligue o Jeep.

Ela franze a testa, confusa.

— O quê? Por quê?

— Está muito enganada se pensa que vou te deixar aqui sozinha, Weston — aviso, dando as costas, caminhando até o meu carro, estacionado

do outro lado da rua. Ignorando completamente a voz de Riley me chamando, me sento no banco do motorista. Desço o vidro após fechar a porta, notando que, ainda do outro veículo, a garota continua me encarando, com o cenho franzido e dúvida correndo pelos seus olhos. Elevo um pouco a voz ao continuar, buscando alcançar seus ouvidos. — Ligue a porcaria do Jeep e me siga até o meu apartamento. Tenho que pegar meu celular, e ele ficou com você. Não aceito "não" como resposta.

Então, saio com o carro.

E não me surpreendo ao olhar pelo retrovisor e ver as luzes de um Jeep amarelo, de uma garota machucada, logo atrás de mim.



Pela primeira vez, a garagem dupla do meu apartamento recém-alugado tem uma utilidade.

Saindo do meu carro, observo Riley estacionar atrás de mim, saltando do seu Jeep logo em seguida. Quando seus tênis atingem o chão do estacionamento, ela leva uma das mãos até os sedosos cabelos pretos, colocando uma mecha para trás da orelha. Weston tem a mochila, prestes a explodir, em suas costas, e segura o meu celular em uma mão.

— Isso é seu — diz, se aproximando de mim, estendendo o aparelho em minha direção.

— Valeu. — Comprimo os lábios ao guardar o celular no bolso da calça social que visto. Enquanto fecho a porta do meu carro, dirijo o olhar em direção ao rumo que temos de tomar. — O elevador fica ali.

Weston acompanha meus passos em direção à caixa metálica, seguindo logo atrás de mim, em um completo silêncio. O clima desconfortável paira entre nós quando afundo meu dedo no botão, o acionando para que possamos subir até o andar onde moro. Engolindo em seco, passo a balançar nos meus próprios calcanhares, impaciente.

Quando a porta dupla metálica finalmente se abre, sinto o corpo relaxar, entrando no elevador sem sequer hesitar. Riley me acompanha.

— Qual é o andar? — ela questiona, com a voz um tanto rouca, parando em frente às fileiras de botões pregados à parede.

Limpo a garganta antes de responder.

— Oitavo.

O elevador nos engole, iniciando sua subida. E o trajeto, que geralmente parece curto aos meus olhos, de repente se torna extremamente demorado. Angustiado, fito a porta fechada à nossa frente, desejando que ela se abra logo, acabando com esse clima desconfortável que se instalou entre nós.

Mas então escuto uma lufada trêmula escapar pelos lábios da mulher ao meu lado. E volto minha atenção a ela, observando enquanto abraça o próprio corpo, como se estivesse com frio.

— Estamos em janeiro, Weston — lembro. Riley foca seus olhos azuis nos meus. — Você não devia estar desagasalhada. Vou te emprestar um moletom assim que entrarmos em casa.

— Não precisa fazer isso. — Seu tom sai firme, como se estivesse se esforçando para provar para mim que não se abala com a temperatura do mês mais gélido do ano. — Eu estou bem.

A mentira sai fácil pelos seus lábios.

— Não acredito em você.

Ainda abraçada ao próprio corpo, Weston aperta os olhos na minha direção, nada feliz diante do que acabou de ouvir. Ela chacoalha a cabeça levemente, em negação.

— Não faça isso, Crawford — sopra baixinho, como em um aviso.

Franzo a testa, sem entender.

— Fazer o quê?

— Não se comporte como se fossemos amigos. — E ali está. A faísca queimando na imensidão azulada dos seus olhos. A chama que diz: *"Austin Crawford, você sabe que não seria uma das minhas pessoas favoritas nem em um bilhão de anos."* — Você já está fazendo demais. E sou grata por isso. Mas não precisa forçar uma intimidade que não temos. Amanhã, assim que amanhecer, eu vou embora.

O som da pesada porta dupla se abrindo ofusca o da lufada alta e frustrada que sai pelos meus lábios. Desvio o olhar, saindo do elevador, chegando ao meu andar.

— Não vou te deixar ficar com frio, Weston. — É tudo que aviso, sem sequer olhar para ela.

Riley não responde.

Dou poucos passos até chegar em frente à minha porta. O prédio tem apenas dois apartamentos por andar, o que justifica o fato de eles serem maiores do que os que geralmente encontramos por aí. Enquanto giro a chave na porta do apartamento 801, lanço uma breve olhada por cima do ombro, checando se Riley ainda está atrás de mim.

Abro a porta, permitindo que toda a bagunça de caixas espalhadas pelo chão e móveis faltantes seja percebida pelos nossos olhos. Girando nos calcanhares, me viro para a mulher a poucos passos de distância.

— Me mudei faz pouco tempo. Tudo ainda está meio bagunçado, mas tem uma cama no quarto de hóspedes, na primeira porta do corredor. Fique à vontade.

Riley me encara em silêncio por alguns segundos, como se repensasse todas as possibilidades que tem, antes de finalmente ceder. Abro espaço para que ela atravesse a porta, e um de seus ombros raspa de leve contra o meu, assim que passa por mim.

Prendo a respiração quando sinto o contato do seu corpo contra o meu, mesmo que rápido. *Porra, que merda está acontecendo aqui?*

Não vou mentir. Já me imaginei entrando com Riley Weston em minha casa várias vezes. Acho que até mesmo já sonhei com isso. Porém, na minha mente, sua boca estava colada à minha enquanto tentava destrancar a porta às pressas, desesperado para voltar a tocá-la, e nós estávamos prestes a ter a melhor transa de toda a minha vida.

A realidade é extremamente diferente. Como um ardido tapa na cara e um lembrete de que a garota fragilizada que acabou de dar os primeiros passos para dentro do meu apartamento, nunca será nada além de uma paixão platônica.

Porque ela é a porra do fruto proibido. Um fruto proibido extremamente delicioso, que, por acaso, é filha do meu treinador e me detesta por razões que nem mesmo sei quais são.

Mantendo os olhos cravados nas costas de Riley, assisto quando ela desvia de algumas caixas de papelão no chão, conseguindo atravessar a sala.

Ela chega no corredor e finalmente me movo, fechando a porta atrás de mim.

Ellen, a responsável pela falta de atenção de Dilan nos treinos, foi incrível em me apresentar este apartamento. Sou completamente apaixonado por cada detalhe dele. A vista é incrível, e amo o fato de ficar apenas a alguns minutos da Capital One Arena.

Gostava muito do último lugar que chamei de meu, mas circunstâncias nada agradáveis me fizeram desistir de viver nele.

E todas elas giravam em torno de apenas um fato: eu tinha uma vizinha maluca.

Mas não do tipo maluca tolerável, ou engraçadinha. Do tipo *pirada de verdade.*

Ela me seguia na rua, ficava sentada em frente à porta do meu apartamento, esperava para me ver em qualquer oportunidade, pegava minhas correspondências escondida e, por mais doido que pareça, já a flagrei me espionando com a ajuda de binóculos. Era obsessão. De um tipo perigoso e medonho.

Passei a ficar com medo de dormir na minha própria casa, imaginando que ela poderia muito bem arrombar a porta a qualquer momento e entrar, me apontando uma arma em troca de que eu ficasse careca e entregasse todos os meus fios de cabelo para ela.

Ser um jogador profissional, sem dúvida, tem suas vantagens. A fama nos traz inúmeras coisas boas e oportunidades, mas também traz anormalidades que gostaríamos de evitar a todo custo.

E, ciente disso, Caden Prescott, meu melhor amigo e salvador, sequer hesitou antes de me oferecer um espaço em sua casa, para que eu pudesse fugir da adolescente *stalker*. Ele só não imaginou que eu fosse passar tanto tempo lá.

Caden, por mais gentil e prestativo que seja, já estava ficando de saco cheio de acordar todos os dias e se deparar comigo. E eu, sinceramente, não o julgo. Sei que abusei da sua boa vontade.

Além do mais, agora Prescott está namorando. E é mais do que natural que ele e Avery queiram passar mais momentos juntos, em sua privacidade.

Sem um Austin Crawford servindo de chaveirinho enquanto toma posse da casa do melhor amigo.

Estou com um sorrisinho estampado no rosto quando entro na cozinha, sentindo meu coração se amolecer diante dos pensamentos que acabei de ter. Na vida, conheci poucas pessoas que fariam o possível e impossível por mim. Posso contá-la nos dedos de uma mão. E Caden Prescott, sem dúvida, seria um dos primeiros nomes a atravessar minha mente.

Ele é o meu melhor amigo. A pessoa que confio todas as minhas merdas. O irmão que eu nunca tive.

Talvez soe meio brega, mas é verdade.

Somos Caden e Austin, a dupla do Washington Capitals.

— Tem alergia a chocolate? — parado em frente ao balcão de mármore da cozinha, pergunto, elevando a voz, buscando alcançar Riley, que já deve estar se instalando no quarto de hóspedes. Ela não responde, então apenas dou de ombros, passando a preparar dois chocolates quentes de máquina.

Assim que termino de encher as canecas em minhas mãos, deixo a cozinha, indo em direção ao meu quarto. Quando passo pela porta entreaberta do quarto de hóspedes, tenho o vislumbre de Riley, sentada na ponta da cama, de pernas cruzadas. Ela não nota minha presença. Se nota, não deixa transparecer.

Chego ao meu quarto, deixando as canecas na mesinha ao lado da cama. Abro o guarda-roupa, vasculhando em busca de um moletom que esteja limpo o suficiente para que eu possa emprestar.

Ainda não tive tempo de lavar roupa. Sequer tenho uma máquina de lavar.

Encontro um branco surrado e decido que será ele mesmo. Após fechar a gaveta, penduro a peça de roupa em um dos braços e pego as canecas na mesinha, segurando cada uma em uma mão. Volto para o corredor e, em questão de instantes, já estou em frente à porta do quarto onde Riley passará a noite.

Empurro a madeira com o pé, ouvindo o ranger baixinho que a estrutura faz ao se abrir.

Os intensos olhos azuis de Riley correm em minha direção. E seu rosto abatido revela que seu coração se encontra partido em mil pedaços.

Sou obrigado a engolir em seco, sustentando a dor em seus olhos com os meus, e minha voz sai em um tom inseguro, quase ridículo, quando conto: — Trouxe o moletom. E também fiz um chocolate quente.

Weston apenas continua me encarando. Me aproximo dela em passos contidos, a entregando uma das canecas que seguro. Sem querer, os dedos frios de Riley raspam nos meus quando ela pega a bebida fumegante.

Weston é rápida em dar um gole, sentindo a necessidade de se aquecer. E então, com a dúvida cruzando minha mente, resolvo perguntar: — Está com fome?

Ela nega, afastando a caneca dos lábios, enxugando a boca com o dorso da mão.

— Não. Jantei em uma padaria.

— Certo — digo, só então me lembrando do moletom. Pego a peça de roupa, a entregando. A garota ergue o queixo, fazendo com que seus olhos azuis se foquem nos meus. Indecisão flutua em seu olhar. Solto um suspiro quando percebo que, claramente movida pelo orgulho, Riley não pega o agasalho de imediato. — Não precisa dizer nada. Só aceite.

Se rendendo, ela finalmente alcança a peça de roupa, a retirando das minhas mãos.

Virando de costas, impeço que seus olhos capturem a fina curva que toma meus lábios. Guardo a mão livre no bolso da calça social ao cruzar o quarto, voltando em direção à porta. Mas, antes que eu possa atravessá-la, um questionamento se faz presente em minha mente. Franzindo um pouco o cenho, me viro em direção à Riley novamente, a observando tomar mais um gole do seu chocolate quente.

Como se minha curiosidade fosse um ímã que fisgasse sua atenção para mim, os olhos de Weston correm em minha direção, e ela afasta a bebida dos lábios.

— Longe de mim querer parecer intrometido, mas... — Me perco em minhas palavras, sem saber ao certo como prosseguir. — Você disse que terminou com o seu namorado. — *Merda.* De repente, o olhar de Weston se torna afiado. E ela me encara como se dissesse que não é só porque está ficando na minha casa, que me contará sobre sua vida. Encolho os ombros antes de continuar, buscando parecer indefeso. — Sabe, só estranhei porque te vi com ele na semana passada, naquele bar.

— Aquele não era o meu *ex* — a líder de torcida explica, para a minha surpresa. O termo usado para se referir ao cara sai difícil pelos seus lábios, como se ela sentisse nojo apenas em lembrar da existência dele. — Aquele era o meu melhor amigo, o Cooper. Ele estava me consolando naquela noite, tentando me distrair depois que eu descobri que estava sendo traída.

O choque me atinge como um baque, e me esforço para não deixar transparece-lo na expressão que marca meu rosto.

Tem que ser muito idiota para trair alguém como Riley. Não que eu considere traição aceitável em algum caso, muito pelo contrário. Mas, *porra*, estamos falando de Riley Weston. *A Riley Weston.*

— Sinto muito. — Minha voz sai baixa, mas não o suficiente para não chegar aos seus ouvidos.

A expressão que toma o semblante da mulher à minha frente se suaviza, e observo quando sua garganta oscila, com ela engolindo em seco.

— Já ouvi muito isso nos últimos dias — Riley revela, comprimindo os lábios. Ela baixa o olhar para a caneca em suas mãos, dando mais um gole na bebida fumegante. Segundos depois, um tanto hesitante, volta a me encarar, como se só agora se desse conta de que esqueceu de me agradecer pelo chocolate quente e o moletom. Sua voz sai contida quando continua, talvez dizendo contra a sua vontade, apenas para manter a educação. — Obrigada, Crawford.

E então é minha vez de levar o chocolate aos lábios. Mas, diferente dela, meu intuito não é beber, mas sim esconder o sorrisinho bobo que se estampou em meus lábios.

Porra, o que está acontecendo aqui? Desde quando me comporto feito um idiota em frente a uma mulher?

— Não precisa agradecer — esclareço, quando enfim consigo conter a curva teimosa que tomou meus lábios, a fazendo desaparecer. Giro nos calcanhares, me virando de frente para a porta. Antes de sair, porém, lanço um breve olhar por cima dos ombros, soltando um aviso. — Me chame se precisar de algo.

E então, torcendo para que precise, deixo o quarto de hóspedes do meu apartamento com uma Riley Weston quebrada sentada na cama.



02

RILEY

O vapor quente circula pelo meu corpo quando termino o banho, fechando o chuveiro. Tiro o excesso de água do cabelo antes de deixar o box, tendo o contato do piso gelado sob as solas descalças dos meus pés. Pegando as duas toalhas que Austin me entregou, assim que acordei, embrulho o cabelo e, em seguida, meu corpo.

O único banheiro do apartamento tem um tamanho mediano. Não nego que quando descobri que este espaço só contava com a existência de um banheiro, fiquei um tanto impressionada. Talvez seja o tipo de apartamento planejado e construído para universitários ricos e festeiros, que só buscam um lugar com uma sala grande o suficiente para dar festas escandalosas.

Outro ponto que me deixou um tanto chocada, foi a organização de Austin. Tudo bem que todos os cômodos contam com pelo menos uma ou duas caixas espalhadas pelo chão, e que ele ainda não comprou alguns dos móveis necessários, mas todas as coisas que já foram desencaixotadas estão milimetricamente em seus devidos lugares. Os perfumes, organizados sobre o mármore da pia, são a prova disso.

Quando afasto a toalha do corpo, passo a me vestir. Hoje tenho treino das líderes do Red Tigers, o time de futebol americano da Washington Burney, então o uniforme é a minha única opção. Passo a saia branca com manchas vermelhas, como se fossem arranhões feitos por garras de tigre, por minhas pernas e visto a parte de cima do uniforme, com as iniciais “W.B.U” estampadas no peito.

Abro a primeira gaveta do armário sob o mármore, não me surpreendendo ao encontrar um secador de cabelo. Austin, com certeza, é um cara vaidoso, que se importa com sua aparência. Ligo o fio à tomada e demoro alguns minutos até estar com o cabelo pronto, preso em um rabo de cavalo alto. A maquiagem que escolho fazer é básica, apenas com os produtos que consegui colocar na mochila, antes de sair às pressas de casa.

Deixo o banheiro após uma longa analisada no espelho, me sentindo verdadeiramente bonita. Quando volto ao quarto de hóspedes, onde passei a noite, enfio meu pijama na mochila, junto com outras coisas que tirei, e dobro o moletom que Austin me emprestou, o colocando sobre a cama arrumada. Calço o tênis e, com a mochila nas costas, pronta para ir embora, paro diante de uma das paredes brancas, me agachando para tirar meu celular da tomada.

Assim que meus olhos se conectam à tela, sinto o coração errar uma passada dentro do peito. E diante das quatro ligações perdidas do meu pai e as mensagens novas da minha mãe, me obrigo a respirar profundamente.

A notificação com o nome de Susan é a única que resolvo dar atenção.

Susan: *Não acha que está sendo rebelde demais?*

Poderia pelo menos nos dar alguma notícia ou nos dizer onde está.

Sei que já é bem grandinha para cuidar de si mesma, mas agradeceria se ao menos me mantivesse informada. Sou sua mãe, sabe que me preocupo com você.

Seu pai perdeu a cabeça naquela noite, Riley, precisa entender que não foi por mal.

Hesitando com a ponta dos dedos próxima ao teclado, entro em um conflito interno, tentando decidir se irei ou não responder. Suspirando, resolvo ceder.

Minha mãe não tem culpa do que aconteceu, no fim das contas.

Eu: *Estou bem. Pode ficar tranquila.*

Sentindo uma ansiedade estranha, mordo o lábio inferior. Prendo a respiração quando os três pontinhos que indicam que Susan está digitando aparecem.

Susan: *Não consigo ficar tranquila se não me disser onde tem dormido.*

Está na irmandade, com a Ruby?

Sem a menor vontade de dar continuidade a conversa, bloqueio o celular, desistindo de responder qualquer coisa. Não quero que meu pai saiba onde estou. Tudo o que aconteceu já foi humilhante demais. Não preciso que ele vá até a Kappa Beta Zhu, onde acha que estou ficando, e comece a interrogar meninas que nem mesmo gostam de mim.

Guardo o aparelho na mochila em minhas costas antes de deixar o quarto.

O trajeto até a cozinha conjugada à sala é curto. Graças ao silêncio que envolve o apartamento por completo, o som audível das solas dos meus tênis indo de encontro ao piso do corredor é tudo que meus ouvidos conseguem capturar. E então, quando finalmente chego ao cômodo, pronta para tomar café da manhã, meus olhos são fisgados em direção ao homem sentado em um dos bancos da bancada de mármore, frente a sua primeira refeição do dia.

Austin sequer tenta disfarçar ao erguer o olhar pelo meu corpo, deslizando sua atenção pelas minhas pernas, cintura e busto, se demorando ao analisar meu uniforme de líder de torcida. Quando finalmente alcança meu rosto, um sorrisinho se desponta em seus lábios.

E preciso me esforçar ao máximo para não grunhir.

— Bom dia, Baby Weston. — É o que ele deseja, sua voz saindo doce demais.

Franzo o cenho de imediato.

— Não me chame assim.

— Certo — sopra, ainda com a linha fina repuxando seus lábios. Uma risadinha o escapa, como se me ver irritada fosse seu passatempo favorito. — Desculpa. — Ele desliza a atenção até o prato em sua frente, ao lado de uma faca e um pote de manteiga, antes de voltar a conectar seus olhos aos meus. — Fiz torradas.

Ando em sua direção, pescando uma torrada da pequena pilha sobre o prato. Austin assiste cada um dos meus movimentos, como uma criança curiosa.

Quando passo a manteiga no pão, ele revela: — Não sabia que era líder de torcida até te encontrar no bar, naquela noite — Sou a capitã — comento, dando a primeira mordida no café da manhã. Engulo antes de continuar, direcionando minha atenção ao atleta sentado do outro lado do balcão, que não desviou os olhos de mim por um segundo sequer. — Inclusive, preciso ir. Temos treino hoje e não posso me atrasar.

O sorriso que curva a boca de Crawford se alarga quando ele se levanta, arrastando o banquinho que estava sentado.

— Eu te acompanho. Tenho que estar na Capital One Arena daqui alguns minutos, para treinar também. — Austin dá a volta no balcão. Quando chega à minha frente, observo suas roupas esportivas e confortáveis, que logo serão trocadas pelo uniforme do Washington Capitals. — Sabe como é, não quero me atrasar e deixar George Weston furioso.

Meu corpo todo se tensiona ao ouvir a menção ao meu pai.

Tentando disfarçar, apenas concordo com a cabeça, mantendo a expressão impassível. Ando até a porta, levando minha torrada comigo. Austin me segue sem hesitar, apagando as luzes do apartamento antes de sairmos dele.

Aperto o botão do elevador, o chamando. E pouco tempo depois, já estamos descendo rumo à garagem.

O trajeto até nossos carros é feito em um completo silêncio.

— Escuta, Riley. — Abrindo a porta da sua SUV preta, Austin me chama. Também prestes a entrar no meu carro, dirijo minha atenção a ele. Pela primeira vez no dia, seu rosto está sério, sem a presença de um sorrisinho marcando os lábios. — Sei que não gosta muito de mim, mas

quero que me prometa que não vai enlouquecer e decidir dormir na rua de novo.

— Não estava na rua, estava no meu carro — corrijo, prontamente.

Crawford solta um suspiro.

— É quase a mesma coisa. Perigoso da mesma forma. — Ele me encara, súplica percorrendo seus olhos. — Me prometa.

Soltando uma pesada lufada de ar pelos lábios, resolvo ceder de uma vez, ciente de que quanto mais cedo essa conversa acabar, mais cedo poderei chegar à universidade.

— Eu prometo — solto, mesmo sem ter certeza.

Crawford me observa em silêncio por alguns segundos, como se me analisasse. E então, apenas acena com a cabeça, finalmente entrando em seu carro.

Aproveito para entrar no meu Jeep também, pousando minha mochila no banco vazio, ao meu lado.

Deixo a vaga da garagem primeiro, abrindo espaço para que ele possa sair com seu veículo em seguida. Me preocupo em deixá-lo em ir na frente, já que é o morador do prédio e, consequentemente, o único que tem o controle para abrir o portão.

Austin é o primeiro a deixar o edifício. Saio com meu carro logo em seguida, atravessando o portão, atenta na direção.

No instante em que deixamos a garagem escura, permitindo que a claridade de uma manhã nublada e fria de Washington invada nossos sentidos, ele acelera minimamente, buscando entrar na rua, pronto para seguir em direção à Arena. Eu vou logo atrás, acelerando também.

E tudo acontece rápido demais.

Em um instante, o som alto do motor de um carro em alta velocidade invade meus ouvidos, e logo ele passa à nossa frente, rasgando a rua. O apito das sirenes vem logo em seguida. E antes mesmo que o veículo da polícia possa passar à nossa frente, o estrago já está feito.

Sinto o impacto antes de escutar o som da colisão.

Minha cabeça sofre um solavanco, e o cinto de segurança se aperta em meu peito, impedindo meu corpo de ir para frente.

Puta que pariu! Eu acabei mesmo de bater na traseira do carro de Austin Crawford?

Em choque, levo uma das mãos à boca, tentando processar que porra acabou de acontecer. E quando uma das portas da SUV preta se abre e Crawford sai por ela, aparentando estar completamente desnorteado, tudo o que eu desejo é ter o poder de evaporar da face da Terra.

Ótimo. Perfeito. Sequer tenho dinheiro para arcar com um hotel e, além de desabrigada, desempregada e completamente fodida, agora também terei de arcar com o conserto dos carros, já que a culpa, obviamente, foi minha.

Eu devia ter notado quando Austin brecou. *Porra*, como pude ser tão burra?

— Puta merda, Riley! Puta merda! — É o que o escuto dizer enquanto abro a porta do meu carro. Austin está em meio aos dois veículos, analisando o estrago. Ele solta uma lufada pesada de ar pela boca, passando as mãos no rosto, frustrado. Seus olhos correm em minha direção. — Porra! O que foi que aconteceu aqui?

Dou de ombros, agora já fora do Jeep.

— E-eu não sei, tá legal? — Me sinto uma idiota ao perceber a voz falhando, por puro nervosismo. — Aquele carro apareceu do nada, fugindo da polícia, e eu só consegui me concentrar na cena e no som da maldita sirene. Não percebi quando você brecou e...

— Eu brequei para não causar um acidente! — ele me corta, elevando o tom de voz.

— Eu sei! — faço o mesmo, apesar de saber que não estamos, de fato, brigando. É o nervosismo tomando conta dos nossos corpos. — Mas não notei quando aconteceu! Não estou te culpando, Crawford! Só estou falando. Se alguém tem culpa nessa situação, esse alguém sou eu.

Ele não responde. Apenas continua me encarando, como se um conflito interno o dominasse. Pensativo, Crawford coça o queixo com uma das mãos antes de dar curtos passos até se aproximar do seu carro, se recostando nele.

Cruzando os braços, me mantenho em silêncio. Lanço uma rápida olhada para trás, checando se algum morador do prédio está tentando sair. Quando, por algum milagre, não vejo nenhum carro nos esperando para liberar o caminho, volto a encarar Austin.

E ele segura o celular na orelha, ligando para alguém.

O silêncio ensurdecedor se faz presente entre nós por alguns demorados segundos. O piar dos pássaros e o som dos carros passando na rua em alta velocidade são as únicas coisas que meus ouvidos capturam. Algumas pessoas passam pela calçada, vivendo suas vidas normalmente.

E eu sinto como se estivesse prestes a explodir.

— Merda! — Crawford resmunga, afastando o aparelho do ouvido, frustrado. — Por que será que o idiota do Caden não atende?

Franzo o cenho no instante em que escuto suas palavras. Austin é mesmo inacreditável!

— É sério que, de todas as pessoas no mundo para quem você poderia recorrer, decidiu ligar para Caden Prescott? — questiono, endireitando a postura, irritada. Não tenho nada contra o Caden. Muito pelo contrário, acho ele uma pessoa incrível e um jogador maravilhoso, mas não é como se o melhor amigo do Austin pudesse nos ajudar agora. Para ser sincera, ninguém pode. — Não consegue resolver nem um único problema sem a ajuda do seu *papaizinho?*

De repente, os olhos azuis de Crawford estão de volta ao meu rosto, focados em mim. E uma faísca de fúria cintila por eles, como se eu estivesse esgotando com a sua paciência.

Ótimo.

— Não estou pedindo ajuda, só querendo avisar que provavelmente vou me atrasar para o treino. — Seu rosto se irrompe em uma careta quando ele continua. — E Caden não é meu "papaizinho". Sou mais velho que ele, tá legal?

— Não parece. — Minha voz sai mais ríspida do que o esperado.

Crawford aperta os olhos na minha direção.

— O que disse?

Me empertigo antes de repetir:

— Disse que não parece. — Ele trava o maxilar, claramente irritado. — Aposto que Caden Prescott não sai por aí destruindo corações de universitárias — solto, mesmo sem saber o porquê de estar entrando nesse assunto agora. Talvez esteja descontando minhas próprias frustrações nele. Austin franze o cenho, confuso. Então, resolvo esclarecer. — Claire Jason. Ela também é líder de torcida do Red Tigers. Seu nome corre solto por aquele grupo, Crawford. E posso afirmar que não é de um jeito bom.

Desacreditado, ele solta uma risada fraca, chacoalhando a cabeça.

— É por isso que me odeia? Por que sua amiga falou mal de mim?

Solto os braços ao lado do corpo, suspirando profundamente. Quando Austin continua me encarando com os lábios repuxados em um sorrisinho, reviro os olhos quase de forma automática.

— Será que podemos resolver essa situação logo? — apresso, me referindo aos carros. — Caso contrário, vamos perder o dia todo aqui.

— Certo. Tem razão. — Ele finalmente desvia o olhar, que até então estava cravado em mim. Observo quando Crawford digita uma mensagem para alguém, provavelmente avisando que irá se atrasar para o treino. Quando sua voz volta a alcançar meus ouvidos, porém, meu corpo se enche de raiva mais uma vez. — Acho melhor você ligar para o George.

O quê?

— Quantos anos você acha que eu tenho? 15?

Austin volta a me olhar, levantando as sobrancelhas.

— Foi seu pai que te deu esse carro, Riley. E você tem 21. Não está muito longe de ser uma filhinha de papai.

Uma curta risada indignada me escapa. Cerro os punhos ao lado do corpo, tensionando meus músculos, pouco me importando em parecer uma criança mimada, prestes a ter um ataque de raiva.

— Você fala como se fosse muito mais velho do que eu.

O sorrisinho debochado que volta a tomar sua boca me dá vontade de socá-lo. Ainda recostado no carro, Austin inclina a cabeça, focando seus malditos olhos azuis nos meus antes de dizer, me provocando: — Sou 6 anos mais velho. E tenho um emprego fixo, enquanto você ainda é uma estudante. Ou seja, aos meus olhos, você poderia muito bem ser considerada uma adolescente revoltada com a vida.

De repente, Austin acaba com a minha paciência. E me xingo mentalmente por pensar que, mesmo diante disso, ele continua lindo para caralho, com a maldita linha debochada tomando seus lábios.

Qual é a porra do meu problema, afinal?

— Não vou ligar para o meu pai, Crawford, porque nós brigamos. Ou você já se esqueceu disso? — pressiono, já cansada de todas essas discussões que não vão nos levar a lugar nenhum. De repente, o sentimento de impotência, que me torna fraca e pequena, volta a tomar conta de mim. E

me sinto horrível por pensar que nesses últimos dias já estou me acostumando com ele. — Não quero que George saiba onde estou. E muito menos avisá-lo que bati o Jeep. Isso só o fará jogar na minha cara, mais uma vez, que sou 100% dependente dele. — Odeio como minha voz sai, fraca demais.

Como se percebesse isso, Austin finalmente afasta o sorrisinho do rosto, transformando sua expressão em séria. E de repente a dinâmica existente entre nós dois já é outra, totalmente diferente da de segundos atrás, quando parecíamos prestes a nos matar.

— Não perguntei antes, porque não queria ser invasivo, mas o que aconteceu entre vocês, Riley? — Em seus olhos, vejo empatia, como se, mesmo sem saber o que aconteceu, ele conseguisse entender que foi algo que me magoou muito, ao ponto de me fazer sair de casa e me esconder do grande treinador Weston. — Sempre pensei que se dessem bem.

Suspirando, dou alguns passos até meu carro, cortando a curta distância que nos separava. Me recosto nele antes de relaxar os ombros e focar os olhos em um ponto fixo do chão, revelando: — Você sabe que terminei com meu ex-namorado recentemente. — Ouço Austin concordar. — Quando meu pai descobriu que Josh, o babaca para quem entreguei meu coração, me traiu, ele surtou. Era uma noite chuvosa, e George me encontrou chorando no meu quarto, e o contei tudo. Já fazia algum tempo que o namoro havia acabado, mas meu pai, ainda assim, mesmo com todos os meus protestos, entrou no carro e foi atrás do Josh, para tirar satisfação. Meu ex-namorado espalhou a fofoca pelo campus, zombando de mim por precisar do meu pai para "me defender" em uma situação como essa. Foi humilhante. E eu, mesmo antes disso, já estava me sentindo humilhada o suficiente. — Sentindo os olhos arderem, solto uma risadinha sem humor. — Sempre ouvi minha mãe brincar, dizendo que, para o meu pai, é difícil me ver crescer. Mas o modo como ele me trata, como se eu ainda fosse uma criança, me sufoca. — Dou uma pausa, engolindo em seco. Ao meu lado, Crawford permanece em silêncio. — Já tenho idade o suficiente para resolver as minhas próprias merdas. Quando ele voltou para casa, naquela mesma noite, nós brigamos. Eu o confrontei, dizendo para parar de me tratar como se tivesse doze anos e precisasse da sua proteção. E ele, extremamente irritado, me disse que, se era isso mesmo que eu desejava,

deveria parar de agir como uma e virar adulta, pois, em suas palavras, "sempre tive tudo na mão".

"E, sabe, eu tenho consciência disso. Sei que é verdade. — Um suspiro trêmulo escapa por entre meus lábios. — Sempre ganhei tudo o que quis. Desde pequena. Nunca tive que trabalhar. Mas não é isso que eu quero para mim. Então, depois da discussão, eu saí de casa. — Finalmente ergo o olhar, focando meus olhos em Austin, que ainda me encara, prestando atenção no que tenho a contar. — Coloquei minhas poucas economias em uma conta no banco, e agora estou em busca de um emprego. Em busca de virar uma "adulta de verdade", como diria meu pai. — Solto uma risadinha fraca, impressionada com como minha vida virou um caos em tão pouco tempo. — Mas estou praticamente quebrada. E, se não conseguir um emprego o quanto antes, não terei grana o suficiente nem mesmo para a gasolina."

Quando termino de contar, a sensação que preenche minha boca é amarga. Austin, ainda sem dizer uma palavra sequer, se afasta do seu carro, dando curtos passos em minha direção.

Prendo a respiração quando ele para à minha frente, permitindo que seu perfume amadeirado invada minhas narinas. Estamos perto. Perto demais.

— Desculpa por ter te chamado de "adolescente revoltada com a vida" — um sorrisinho desponta dos seus lábios quando diz. — A escolha de George não foi uma das mais inteligentes, mas confesso que, para mim, ver um pai fazendo isso para defender sua filha de todos os babacas que existem por aí, não é nenhuma novidade. — A linha em sua boca se alarga. — Já sofri nas mãos de vários pais, quando ainda estudava.

Uma risadinha incontrolável me escapa. *Todo mundo sabe que Austin Crawford é um dos maiores galinhas de Washington, D.C.*

— Por que será que não estou surpresa?

Minha risada morre na garganta quando ele estica um dos braços, levando sua mão até o meu cabelo, colocando uma mecha atrás da orelha. E, de maneira estranha, sinto como se não soubesse mais como respirar.

— É sério, Baby Weston — Austin continua, e eu sequer dou atenção ao apelido que tanto odeio. Estou focada demais na sua aproximação repentina e no turbilhão de emoções conflituosas que ela causa dentro de

mim. Seus olhos azuis se focam nos meus, com uma intensidade que poderia muito bem despir minha alma. E, por um instante, sinto como se pudesse me afundar. — Como disse, a forma que seu pai escolheu para reagir à notícia foi burra e impulsiva, mas isso não significa que ele esteja 100% errado. Porém, se as palavras dele te machucaram, e se quer provar para ele e para si mesma que já é madura o suficiente para crescer, tudo bem. É um direito seu. — Crawford finalmente se afasta, dando um passo para trás. E o ar parece voltar a sair pelas minhas narinas. — Te ofereço meu quarto de hóspedes, até se estabilizar, conseguir um emprego e ter dinheiro o suficiente para pagar um aluguel. Também posso pagar pelo conserto dos carros. — Ele aponta para os veículos. Inclinando minimamente a cabeça, sua voz sai rouca quando continua. — É pegar ou largar, Baby Weston.

Permaneço estática por mais alguns segundos, sem saber ao certo o que fazer. Demoro até separar os lábios, prestes a dizer que preciso de tempo para pensar. Não tenho muitas saídas. E sei que prometi a ele que não faria mais isso, mas nem mesmo sei se tenho algum lugar para dormir essa noite, que não seja o banco estofado do Jeep.

Quando estou prestes a dizer o que se passa em minha mente, a presença repentina de uma nova voz me interrompe. Nossos olhares são atraídos para o porteiro, que, vestindo seu uniforme azul marinho, vem andando em nossa direção, parecendo preocupado.

— Sr. Crawford, vi a batida pelas câmeras — ele avisa, atravessando a garagem, ainda distante. — Foi algo grave?

Austin se vira, pronto para dar as costas e ir para longe, contar a ele o que aconteceu. Mas então, em um gesto rápido, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma, seguro seu pulso, o impedindo de se afastar.

Seus olhos se cravam nos meus quando digo: — Aceito a sua oferta, Crawford.



— Você só pode estar brincando comigo! — É o que uma Ruby Pike em êxtase grita, horas mais tarde, enquanto descemos a escadaria e deixamos um dos grandes prédios da Washington Burney University para trás. Minha melhor amiga me encara como se o que acabou de ouvir fosse o

maior acontecimento do século. — É sério, Riley! Como me conta isso assim, do nada? Não acredito que vai morar com um dos caras mais gostosos da NHL inteira!

Paro após descer o último degrau, revirando os olhos teatralmente, soltando uma risada baixinha pelos lábios. Não é como se eu esperasse uma reação menos escandalosa vinda de Ruby. A loira de cabelos longos, usando o uniforme da equipe de torcida, com olhos verdes e um corpo esguio poucos centímetros mais baixos do que o meu, é uma das pessoas mais exageradas que conheço.

E é isso seu jeitinho que a torna tão especial.

— Eu não vou *morar* com ele, tá legal? — a corrijo, antes que acabe explodindo ao criar expectativas capazes de alcançar a Lua, de tão altas. — Só vou passar alguns meses, até conseguir um emprego e ter dinheiro o suficiente para alugar o meu próprio espaço.

Sua expressão muda no instante em que escuta minhas palavras, se tornando chateada.

— Sinto muito por não conseguir te receber na Kappa Beta Zhu — ela pede, com a voz fraca. Pena flutua por seus olhos. — Com todo aquele lance com o Josh e a Amery, as meninas... Sabe, elas...

— Não gostam de mim — concluo por ela, percebendo que estava em busca de palavras certas, mas que não me magoariam. Forço um sorrisinho nos lábios. — Eu sei. Não precisa se preocupar.

Amery Willians é a líder da irmandade. E a mulher com quem Josh dormiu diversas vezes, enquanto me enganava com promessas vazias e jurava que seu amor por mim era de outro mundo. As mulheres da sua família têm um grande legado na universidade, já que, em quase todos os anos, a Kappa Beta Zhu foi liderada por uma Willians. É uma família grande, e não me surpreendo em saber que Amery faz bem o seu papel. A pressão sobre seus ombros deve ser gigante.

Estaria mentindo se dissesse que não tenho nada contra ela. Eu tenho. E muito. Foi com Amery que meu ex-namorado transou, afinal. Mas sei que o *maior* culpado dessa história é o Josh. Diferente dela e suas amigas, que, por alguma razão estúpida, decidiram que não gostam de mim, mesmo que *eu* tenha sido a única prejudicada pela situação.

Às vezes me pego desejando entender o que existe na cabeça de alguns universitários, que os fazem insistir em sair distribuindo ódio gratuito pelo campus, sem sequer olhar para os próprios narizes.

— Achei vocês! — A voz grossa e extremamente conhecida invade nossos ouvidos. Antes que possamos nos virar em direção a ela, braços fortes passam por nossas cinturas, nos puxando. Cooper Buck sorri, exibindo seus dentes incrivelmente brancos, antes de estalar um beijo na minha bochecha, fazendo o mesmo com Ruby em seguida. — Do que estavam falando?

Busco a garota loira com o olhar, prestes a implorar para que me deixe contar a história no meu tempo, mas Ruby é mais rápida, desengatando a falar de um modo nada sutil: — Riley passou a noite no apartamento do Austin Crawford, defensor dos Caps, bateu no carro dele, entrou em desespero, e agora eles vão morar juntos.

Atônito, Coop traz seus olhos castanhos e arregalados até os meus.

Merda!

Ainda presa em um dos seus braços, fecho os olhos, os apertando com força. E posso antecipar suas próximas palavras antes mesmo que sejam proferidas.

— Você vai morar com o babaca do Crawford? — ele praticamente grita, me obrigando a abrir os olhos e xingar, estapeando seu braço, o pedindo para falar baixo. Olhando em volta, observo os estudantes que passam, atravessando o campus. Sinto uma pontada de alívio me atingir quando percebo que nenhum deles parece estar atento à nossa conversa. A mão de Cooper faz pressão em minha cintura, como em um pedido silencioso para que eu volte a encarar seu rosto, coberto pela indignação. — Esse cara é um idiota, Riley! Não se lembra do que ele fez com a Claire? Ele iludiu a garota, a fez acreditar que realmente estava rolando algo entre eles, e então sumiu do mapa, a tratando como se não existisse.

Suspirando, sustento o rancor nos olhos castanhos do meu melhor amigo, ciente de que a raiva que sente por Austin vai muito além disso. Cooper era apaixonado por Claire, antes da garota se envolver com uma das lendas da NHL, após encontrá-lo em uma festa. Buck nunca teve a chance de dizer a ela o que sentia. Sei que se culpa por isso até hoje. E entendo

como se sentiu quando viu que Crawford tinha magoado a ruiva, despedaçando seu coração.

Na semana passada, quando, por ironia do destino, encontramos Austin, Michael e Dilan, outros dois caras dos Caps, no Forb's, o bar mais frequentado pelos estudantes da W.B.U, ouvi Cooper resmungar diversas vezes, como se, mesmo sem conhecê-lo, estar no mesmo ambiente que Austin fosse um pesadelo. Mas ele não é nenhum santo. Sendo o capitão dos Red Tigers, time de futebol americano da universidade, meu melhor amigo vive com diferentes garotas em sua cama. E nunca liga para elas no dia seguinte.

— Coop, não é o fim do mundo — endireitando o corpo, decido explicar. A testa do atleta se franze. — Não tenho onde ficar. E Austin me ofereceu o quarto de hóspedes do seu apartamento novo por um tempo. Não posso recusar. Você sabe que não quero voltar para casa.

— Já disse que pode ficar na república, comigo e os caras — ele sugere, repetindo a mesma ideia que ouvi diversas vezes nos últimos dias. A risadinha que Ruby solta o faz olhar para ela. — O que foi? É uma boa ideia! Ela nem precisa dormir na sala, pode ficar comigo, no meu quarto. Eu durmo em um colchão no chão. Não tem problema.

Minha melhor amiga o encara como se tivesse acabado de contar uma piada.

— Ah, claro, porque deve ser incrível acordar na mesma casa que um time de futebol e assistir no mínimo três meninas fazendo a caminhada da vergonha todo dia de manhã, enquanto toma um cereal!

A risada que escapa pela minha garganta é quase incontrolável. Cooper, emburrado, afasta suas mãos de nós, cruzando os braços na altura do peito.

— É sério mesmo que morar com *Austin Crawford* é melhor do que morar *comigo?*

Ainda rindo fraquinho, apoio uma das mãos em seu ombro, como forma de consolo. Fito seus olhos ao explicar: — Você sabe que não é bem assim. Lá, eu tenho o meu próprio espaço. E Austin foi legal ao me oferecer o lugar. Talvez ele não seja tão péssimo quando pensamos.

— Vou fingir que não ouvi isso — Buck responde.

Sorrindo, levo dois dos meus dedos até a ruga formada em sua testa, o obrigando a suavizar a expressão irritada.

— Sabe que eu te amo, Coop, mas essa escolha não é sua — digo, ficando na ponta dos pés para deixar um beijo em sua bochecha. Ele é quase um gigante ao meu lado, mesmo com os meus 175 centímetros de altura. Volto os calcanhares ao chão antes de continuar. — Agora temos que ir. O treino começa em poucos minutos, e não queremos nos atrasar.

Meus melhores amigos assentem, cientes disso. Saímos rumo ao campo de futebol, onde o treino das líderes e do time vai acontecer, atravessando o gramado extremamente verde e bem-cuidado do campus.

No meio do caminho, porém, meu celular vibra em minha mão. Deixo Cooper e Ruby seguirem na frente, rindo de alguma gracinha que o atleta fez, e paro de andar, acendendo a tela para ver do que se trata.

Me deparando com uma mensagem da minha mãe, desbloqueio o aparelho.

Susan: *Riley, você não me respondeu. Está ficando com a Ruby, na irmandade?*

Levo os dedos até o teclado e solto um pesado suspiro. Ciente de que sua insistência não irá ter um fim, até que obtenha uma resposta, resolvo mentir:

Eu: *Sim, mãe, estou. Mas não quero que conte ao papai. Não preciso que ele apareça aqui e faça mais um escândalo.*

E torço para ela acreditar.



03

AUSTIN

Sentado no sofá da sala, sequer consigo prestar atenção no filme de ação que passa na televisão, à minha frente.

Gotas geladas escorrem pela *long neck* em minhas mãos, que passou dias na geladeira, molhando meus dedos. E sentindo a preocupação aumentar a pressão em meu peito a cada minuto que passa, meus olhos são atraídos como ímãs para o relógio preso em meu pulso por vezes demais.

Já é noite em Washington. E Riley sequer deu sinal de vida.

Digamos que meu dia hoje não tenha sido dos melhores. Foi bem longe disso, para ser sincero. Não consegui me concentrar direito no treino, e sempre que olhava para o treinador, me sentia culpado. Como se estivesse escondendo sua filha dele. E parando para refletir, isso é verdade, de certa forma. Mas não quero pensar assim.

Sei que se não oferecesse um lugar para Riley ficar, ela passaria mais noites no Jeep, sendo abraçada pela penumbra das ruas de Washington. E tenho certeza de que George não gostaria nada de saber que sua filha está dormindo dentro de um carro, nessas condições.

Mas que também odiaria descobrir que ela está ficando no meu apartamento.

Sinto um arrepio atravessar o corpo ao pensar na imagem de um George furioso vindo em minha direção, em passos duros, pronto para me xingar e me acusar de ter “escondido a sua filha”.

Chacoalhando a cabeça levemente, mando essa aterrorizante visão mental para longe, a obrigando a sumir como fumaça pelos ares.

Riley tem se revelado bem orgulhosa quando se trata da discussão com seu pai. Sei que ela não quer ser a primeira a se render, o buscando para conversar. E, além de tudo, sei quanto o treinador pode ser cabeça-dura às vezes. É difícil para ele assumir que está errado.

Impaciente, alcanço meu celular, no braço do sofá. Dou um longo gole na cerveja em minha mão antes de usar a outra para desbloquear a tela do aparelho, entrando no *Instagram*. Na barra de pesquisa, apenas é necessário que eu digite o seu primeiro nome para que o perfil dela apareça como opção. Solto uma risadinha ao perceber que muitos dos caras do time a seguem, e que Riley não segue nenhum deles de volta. Abro o seu *story,* buscando por alguma dica que revele o seu paradeiro, e uma pontada de frustração me atinge quando tudo o que encontro é uma imagem do campo de futebol americano da W.B.U, postada há algumas horas.

Sentindo a curiosidade me dominar, rolo pelo seu perfil, observando suas fotos. Riley tem uma quantidade significativa de curtidas e seguidores. Ela não é nenhum tipo de celebridade, mas alguns torcedores dos Caps a seguem, pois sabem quem é seu pai. Consigo perceber isso pelas fotos de perfil dos fãs fanáticos, que comentam em suas publicações.

E ela está de tirar o fôlego em todas elas.

Passo por uma foto antiga em grupo, sem dar muita atenção, e então me obrigo a voltar, quando penso ter tido um vislumbre de algo importante. Na imagem, um cara alto e forte, de cabelos loiros e olhos castanhos, rodeia sua cintura com um dos braços, como se a puxasse para perto, grudando seus corpos. Riley sorri de forma espontânea para a câmera, aparentando estar feliz de verdade. E o sortudo ao seu lado, seja lá quem ele for, tem seus olhos brilhando ao encará-la.

Tento ignorar o estranho sabor amargo que preenche minha língua, me obrigando a engolir em seco e, por algum motivo, travar a mandíbula em seguida.

Deslizo a atenção para as outras duas pessoas na foto. Os quatro estão posicionados em frente a uma mesa de sinuca, no Forb's, apertando os olhos ao perceber que sei quem são os outros ao lado de Riley, trago o celular para mais perto do rosto. O homem alto e forte veste um moletom dos Red Tigers, e me lembro de tê-lo visto nesse mesmo bar, na semana passada. E a mulher ruiva... *merda!*

É a Claire Jason.

Não fazia ideia de que ela e Riley se conheciam. Muito menos que Claire tivesse ficado tão magoada quando paramos de nos ver. Nos encontramos pela primeira vez em uma festa, e acabamos ficando algumas vezes, mas nunca discutimos sobre ter nada sério. Sequer tocamos nesse assunto. A gente nem se conhecia direito para ela sair espalhando por aí que eu, nas palavras usadas por Riley, "destruí seu coração".

Voltando meus olhos à filha do treinador e o cara ao seu lado, resolvo apertar na marcação com o nome dele, não me surpreendendo ao entrar no seu perfil e ver de quem se trata. O nome do babaca é Josh Reid. E as fotos com Riley, ainda presentes no seu perfil, e a lembrança do nome dele saindo por seus lábios mais cedo, são provas suficientes. Ele é o seu ex-namorado traidor.

Cerro os dentes ao perceber que, mesmo que Riley tenha parado de segui-lo e provavelmente apagado todas as fotos que tinha só com ele, ele continua com ela se fazendo presente em quase todas as suas publicações, sequer se dando ao trabalho de deletar. Meu estômago se revira, e uma careta toma meu rosto.

Babaca.

No instante em que estou saindo do perfil de Josh, voltando ao de Riley, uma notificação chega. Dou mais um gole na cerveja antes de entrar no meu bate-papo com Caden, que me mandou uma mensagem perguntando se estou bem.

Após o Jeep de Riley bater na traseira da minha SUV, mandei uma mensagem para o meu melhor amigo, avisando que provavelmente me atrasaria para o treino. E Prescott me atazanou durante o dia todo, perguntando o que caralhos tinha acontecido e por que eu estava com a Baby Weston.

Rio baixinho diante do apelido que os caras do time criaram para ela, antes de levar os dedos até o teclado e responder com uma mensagem que diz que amanhã de manhã, assim que ele e Avery vierem conhecer meu apartamento, o contarei tudo. E *mostrarei* tudo, já que minha nova casa contará com a presença ilustre de Riley Weston.

Assim que aluguei o apartamento, Caden disse que tinha um presente para me entregar. Ele falou que era algo para "acrescentar na decoração do

lugar", e quando o questionei, Prescott avisou que era surpresa e que não podia dizer.

Só espero que não seja nenhuma pegadinha.

Quase pulo de susto no sofá quando o toque da campainha alcança meus ouvidos, ficando de pé em seguida. Deixo a cerveja sobre a madeira branca da mesinha de centro, deslizando o celular para dentro do bolso da calça que uso, livrando minhas mãos. Espio pelo olho mágico após me aproximar da porta, verificando quem está do lado de fora.

E no instante em que meus olhos encontram Riley, meu coração, de um modo ridículo, erra uma passada dentro do peito.

Franzo o cenho ao perceber que ela não está sozinha. Ao seu lado, o tal capitão do time de futebol americano, que encontramos naquela noite no bar, se faz presente. E o tal "melhor amigo" dela, segura a alça de duas malas de rodinha.

Mas que porra ele está fazendo aqui?

Confuso, estou prestes a girar a maçaneta quando uma voz atravessa a madeira da porta e invade meus ouvidos. Congelo no mesmo instante.

— Sei que passei o dia todo te questionando sobre isso, mas vou perguntar de novo. — É o que o jogador diz. Aproximo a orelha da porta, interessado em ouvir cada uma das suas palavras com clareza. — Não acha que está sendo impulsiva em se mudar para o apartamento de um cara que nem conhece direito? Pode ser perigoso, Riley.

— Talvez. — Weston sequer hesita antes de responder. — Mas, Coop, ele é o Austin. E sei que Crawford tem sua fama de babaca, mas ele não é capaz de fazer mal sequer a uma mosca. Meu pai vive dizendo que, apesar do título de galinha, Austin é "um garoto de ouro".

Sorrio ao ouvir suas palavras, mesmo que "babaca" e "galinha" estejam incluídas em meio a elas. Quer dizer que George Weston sai me elogiando por aí?

Cansado de espiar, finalmente giro a maçaneta, abrindo a porta. Os dois pares de olhos correm em minha direção. E o olhar afiado que o tal do Cooper me dá, faz com que eu decida de uma vez. *Não gosto dele.*

O ignoro, abrindo um sorrisinho nos lábios ao entregar minha atenção exclusivamente à Riley.

— Boa noite, Baby Weston.

Ela não responde nada. Sequer tem tempo, pois seu "melhor amigo", que pelo visto esqueceu a educação em casa, bufa alto. Dirijo meu foco em direção a ele, travando a mandíbula, irritado com sua presença e falta de noção.

Weston revira os olhos ao perceber a tensão que corre entre nossos corpos.

— Por favor, não ajam como dois cães duelando por um osso — ela pede, com a voz firme. Uma lufada tensa de ar escapa pelos seus lábios. — Eu sei o que estou fazendo. Já sou bem grandinha para me cuidar sozinha.

Suavizando a expressão, deixo que uma curva se repuxe em minha boca. Cooper parece se irritar ainda mais com isso. *Ótimo.*

Ergo as palmas das mãos no alto, como se me rendesse.

— Ei, cara, relaxa — começo, soltando uma risadinha. É como se fumaça pudesse sair pelas orelhas e narinas de Cooper a qualquer momento, assim como nos desenhos animados. — Ela bateu no meu carro e não tem um lugar para ficar. Estou apenas ajudando.

Riley suspira antes de pousar uma das mãos no ombro do amigo, em um pedido silencioso para que se acalme. E isso parece ajudar, pois, só nesse momento, os olhos furiosos e faiscantes do capitão param de dar completa atenção a mim.

— É sério, Coop. Está tudo bem. Eu estou bem — garante ela.

Ele hesita um pouco antes de acenar com a cabeça, entregando suas duas malas de rodinha.

— Qualquer coisa, me liga — manda. — Minha oferta para ficar na república, comigo e os caras, ainda está de pé.

Riley sorri, se aproximando dele.

— Eu sei. — Ficando na ponta dos pés, Weston estala um beijo na bochecha do amigo.

E, de um modo estranho, sinto minha barriga se revirar.

Os dois se despedem, desejando boa noite, até que Riley finalmente entra no apartamento, carregando as duas malas junto de si. Sequer hesito antes de começar a fechar a porta, abrindo um sorrisinho nos lábios e acenando com uma das mãos, dando um "tchauzinho" para o idiota do outro lado.

— Me atrasei porque tive que ir escondida para a casa dos meus pais, pegar o restante das minhas coisas — assim que tranco a porta, me viro para Weston, que conta. — Cooper me deu carona, e ficamos esperando meus pais saírem, para que eu pudesse entrar e desligar o alarme.

Sem dizer nada, atravesso o cômodo, me aproximando da mesinha de centro, onde apoiei minha *long neck* minutos atrás. Seguro a cerveja na mão antes de dar um longo gole, sentindo os olhos da Weston mais nova me observando a cada movimento.

— Seu namorado me olhava como se quisesse me matar — comento, apesar de saber que o tal do capitão não ocupa esse papel na vida dela.

Suspirando, Riley revira os olhos, me dando a resposta que é como música para os meus ouvidos: — Cooper não é meu namorado. E eu já te disse isso.

Dou mais um gole na cerveja, dando de ombros ao afastá-la dos lábios.

— Bom, ele é bem superprotetor.

Um sorrisinho rasga meu rosto no instante em que Riley se aproxima de mim, deixando suas malas para trás. Ela para na minha frente, erguendo o queixo para me encarar nos olhos.

— Escuta aqui, *bonitinho* — começa, dando mais um passo à frente. A carga elétrica que seus olhos azuis carregam é tão profunda, que faz minha expressão vacilar, me obrigando a engolir em seco. Seu perfume doce invade minhas narinas. Riley está perto. Perto demais. — Cooper está certo em se preocupar comigo morando com você. Todo mundo conhece a sua reputação.

— Minha reputação? — pergunto, franzindo a testa levemente.

Ela dá de ombros, varrendo seus cabelos para trás deles.

— É. A de galinha babaca — responde, de uma maneira extremamente natural. *Ouch!* Um soco no estômago com certeza doeria menos. — O que quero dizer com isso é que teremos regras, se quisermos ter uma convivência minimamente agradável nesta casa.

Ainda encarando o fundo dos seus olhos, respondo: — Certo. E quais seriam essas regras?

Weston abre um sorrisinho nos lábios, endireitando a postura.

— Primeira regra: nada de trazer mulheres para cá sem me avisar antes — ela começa a listar, cruzando os braços. — Não quero chegar em casa e me deparar com você se agarrando com alguma desconhecida no nosso sofá — complementa, fazendo uma careta. Concordo com a cabeça. *É justo.* — Segunda: Você lava a sua própria roupa, e eu lavo a minha. Terceira: A tampa da privada do banheiro tem que estar *sempre* abaixada. Sem exceções. Ah, e espero que você não seja do tipo de cara que tem mira ruim.

Solto uma risadinha fraca, sem acreditar no que acabei de ouvir. A imitando, cruzo meus braços em frente ao peito.

— É sério isso? Quantos anos acha que eu tenho, 8? Eu sei fazer xixi, Weston!

— Ótimo. Espero que saiba mesmo. — Riley coloca uma mecha teimosa de cabelo para trás da orelha. — A quarta regra é: seus amigos podem vir passar um tempo aqui, mas só os mais próximos. Não quero arriscar cruzar com um cara qualquer do time pelo corredor. Ele pode revelar meu paradeiro ao meu pai. — Ela faz uma pausa. — Ah, e *sem* jogadores de hóquei dormindo no meu sofá. Eu juro que se acordar alguma noite e encontrar Caden, Dilan ou Michael tirando uma soneca na minha sala, vou gritar e acordá-los com um balde de água fria.

Com um sorrisinho incontrolável se fazendo presente em meus lábios, levanto as mãos no ar, em redenção.

— Certo. Vou deixá-los avisados.

— Quinta regra. — Riley sequer espera antes de voltar a falar. O olhar frio que lança em minha direção revela que tudo o que disse até agora deve ser seguido. — Não atrapalhe meu sono de beleza. Nunca.

Solto uma risadinha antes de perguntar: — Mais alguma coisa?

E então, me surpreendendo, Weston aponta seu dedo indicador em minha direção. E a expressão dura em seu rosto me diz que, dentre todas as regras que disse que soltaria, a que está prestes a dizer é a mais importante. A que *deve* ser seguida.

— Não conte ao meu pai que estou aqui. — Com a voz saindo fraca, ela engole em seco, seus olhos ainda fixos nos meus, nossos corpos ainda próximos. — Não quero que ele me encontre antes que eu possa me estabilizar.

— Acho que George Weston arrancaria minhas bolas se soubesse que estou morando com você — solto, sendo sincero.

A expressão de Riley se suaviza, e um sorrisinho se forma em seus lábios. Ela recolhe o dedo, dando um passo para trás, se afastando de mim.

— Bom, eu adoraria assistir a essa cena. — Ri quando a olho de forma indignada. E o som da sua risada aquece algo dentro de mim. Riley estende a palma de uma das mãos antes de questionar. — Temos um trato, Crawford?

Pigarreando, levo minha mão à sua, a apertando. O contato de nossos toques é eletrizante. E a conexão entre nossos olhares é intensa.

— Sim, Baby Weston, temos um trato.

E então, simples assim, estamos de acordo. E é como fazer um acordo com o diabo.

Um diabo com cabelos escuros, intensos olhos azuis, um sorriso lindo, e dono de uma beleza exuberante, capaz de tirar o fôlego de qualquer um.

Um diabo que, de alguma maneira, sei que apenas me trará uma coisa.

Problema.



— Eu atendo! — É o que grito na manhã seguinte, enquanto atravesso o apartamento com duas caixas pesadas nas mãos e ouço o toque incessante da campainha reverberar pelas paredes.

Riley está no seu quarto, arrumando suas coisas enquanto eu travo uma batalha com as dezenas de caixas para desencaixotar, que parecem não acabar nunca. Enxugo o suor da testa com o dorso da mão após pousar as caixas sobre a mesinha ao lado do sofá, me dirigindo à porta. E não me surpreendo ao espiar pelo olho mágico e me deparar com a presença das duas pessoas que estava esperando.

Caden Prescott e Avery Lakeland sorriem para mim assim que abro a porta.

— Bom dia, Crawford! — a atriz cantarola, se aproximando. Ela me abraça, em cumprimento, apertando minhas bochechas em seguida. Sorrio para a minha amiga.

E no instante em que meus olhos se dirigem a Caden novamente, franzo o cenho ao observar o grande objeto retangular que ele tem nas mãos, coberto por um pano branco.

— O que é isso? — questiono, buscando respostas.

Os lábios de Prescott se repuxam de um modo sacana. E de repente sei que o que segura nas mãos, além de ser a tal "surpresa" que disse que tinha para me entregar, também não deve ser algo bom.

— Por que está me olhando com essa cara de desconfiado, Austin? — o idiota do meu melhor amigo pergunta, se aproximando de mim. Em seus olhos, consigo ver que está aprontando algo. — Trouxemos um objeto crucial para a decoração do seu apartamento novo. Tenho certeza de que vai amar. Me agradeça depois.

A risadinha que Avery solta só serve como mais uma prova de que os dois estão zombando da minha cara.

— O que tem debaixo do pano? — insisto, encarando o objeto que Prescott segura.

Ele não responde. Apenas estala a língua no céu da boca, dando de ombros, e então se esquiva ao dizer: — Relaxa, cara! É só um presente.

Semicerro os olhos quando Caden atravessa a porta do apartamento, chegando à sala. Avery vem logo atrás dele, seus olhos esverdeados correndo pelo local, o analisando pela primeira vez.

— Tudo ainda está meio bagunçado — aviso, fechando a porta. Giro nos calcanhares, me virando para os dois. — Não tive tempo para terminar de desencaixotar todas as coisas.

— É um apartamento bem grande para só uma pessoa morar — Avery solta, ainda observando os arredores.

Sendo tomado pelo nervosismo, engulo em seco, sentindo a saliva descer com dificuldade pela garganta. *Se eles ao menos soubessem...*

De repente, Prescott resolve tirar o pano de cima do grande objeto retangular em suas mãos. E quando meus olhos se cravam no que ele estava escondendo durante todo esse tempo, o sentimento que me invade é estranho.

Uma vontade louca de rir, acompanhada com uma pontada de raiva.

— Mas que porra é...

— Surpresa! — Caden grita, erguendo o quadro no alto.

Na pintura, um casal se faz presente. A mulher agarra o cabo de uma faca fortemente, segurando-a bem próxima às costas do marido, pronta para apunhalá-lo.

Fico sem reação por alguns segundos, observando o grande sorriso que se estampa no rosto do meu melhor amigo, feliz por finalmente se livrar da obra que, hoje em dia, não reflete mais o que sua namorada pensava acreditar sobre o amor.

Avery Lakeland e Caden Prescott se conheceram em uma exposição beneficente, no ano passado. Os dois travaram uma batalha por esse quadro, e Avery acabou gastando 80 mil dólares ao comprá-lo. Eles só não imaginavam que cinco meses depois seriam obrigados a embarcar em um relacionamento falso, transformando todo o ódio que sentiam um pelo outro, em amor.

— Vocês só podem estar brincando com a minha cara. — Rio nasalado, chacoalhando a cabeça levemente, sem acreditar.

Caden finge não me ouvir quando ergue a pintura sombria no alto, com as duas mãos. Ele a analisa com cuidado, girando no lugar, checando como ela ficaria pendurada em cada parede.

— Acho que ali, perto da cozinha, fica legal — Prescott solta.

Cacete, ele é mesmo inacreditável!

— Eu não quero essa porcaria na minha casa! — digo, me aproximando do meu melhor amigo. Quando tento pegar o quadro das suas mãos, o idiota o esconde atrás das costas, sorrindo para mim, ciente de que está me irritando.

— Essa “porcaria”, Crawford, custou um rim — ele fala. — E esse quadro é tipo um amuleto da sorte. Estamos te dando, porque, além de combinar perfeitamente com a sua parede branca, queremos te desejar boa sorte na casa nova.

— Ou não lembra que foi por causa dele que Caden e eu nos apaixonamos? — Avery complementa, parando ao lado do seu namorado. A atriz contém uma risada antes de continuar. — É um presente, Austin. Não tem como negar.

Me vendo encurralado, separo os lábios, prestes a repetir pela milésima vez que não quero a pintura da esposa assassina pendurada na

porcaria da minha parede. Mas então, a nova voz que invade a sala me impede, sendo mais rápida.

— O que não tem como negar?

E de repente eu congelo.

Merda.

A figura de uma Riley vestindo seu uniforme de líder de torcida surge atrás dos corpos de Caden e Avery, vinda do corredor. E ainda com os olhos cravados nos meus, Prescott franze o cenho, revelando sua confusão diante da presença repentina de outro alguém no que ele imagina ser apenas o *meu* apartamento.

Assim que ele e Avery giram nos calcanhares, encontrando Riley, fecho os olhos, os apertando e desejando poder desaparecer. E então, o arquejo surpreso e ao mesmo tempo aterrorizado escapa pelos lábios do meu melhor amigo, alcançando meus ouvidos.

— O quê... Que porra está... — A voz de Prescott morre na garganta.

Quando abro os olhos, ele já está virado para mim novamente. E o olhar que dirige em minha direção é confuso, mas também repleto de incredulidade.

Não é preciso que eu seja algum tipo de gênio para saber o que está passando pela cabeça do meu melhor amigo agora.

Caden acha que Riley e eu transamos.

— Ah, oi! — Avery a cumprimenta, sendo simpática, provavelmente pensando que Weston é só mais uma garota com quem passei a noite. Um sorrisinho caloroso toma seus lábios. — Acho que não nos conhecemos ainda. Sou Avery Lakeland.

Riley sorri de volta para ela, dando um breve aceno de cabeça, ainda a passos de distância.

— Riley Weston — se apresenta.

E, simples assim, a expressão que toma o rosto da atriz se transforma por completo, como se apenas neste momento ela se desse conta de quem é a mulher à sua frente. Ou melhor, de quem ela é filha.

Lakeland e Riley nunca se encontraram, mas minha amiga sabe quem ela é. Contei a ela sobre a batida ontem, afinal, mandando uma mensagem que dizia que quem estava atrás do volante do Jeep amarelo era a filha de George Weston.

Os olhos arregalados de Avery correm em minha direção. E seu olhar, somado à expressão petrificada que toma o semblante do seu namorado, me diz que os dois estão implorando por explicações.

Um tanto nervoso, coço a nuca antes de deixar que meus lábios se repuxem em um sorrisinho trêmulo, ciente de que não tenho para onde fugir.

— Então... — começo.

— Puta que pariu, Crawford, George vai cortar o seu pinto fora! — Caden me corta, exclamando. Atordoado, ele se vira de lado, intercalando seus olhos entre Riley e eu, como se tentasse processar o que pensa ter acontecido. — Cacete!

— A gente não transou, tá legal? — solto com urgência, esclarecendo as coisas de uma vez.

Os olhares do casal à minha frente se cravam em mim. E o silêncio abraça o apartamento por completo.

Até Riley Weston começar a gargalhar, permitindo que sua risada doce alcance nossos ouvidos. Entro em um impasse, tentando decidir se me sinto grato por ela estar deixando o clima pesado, que de uma hora para outra se instalou entre nós, mais leve, ou ofendido, pela ideia de ter ido para a cama comigo a fazer rir. Ou melhor, *gargalhar.*

Weston apoia a mão na barriga, sobre o uniforme de torcida, não conseguindo se conter.

— Desculpa — ela pede, enxugando as lágrimas que ameaçam escorrer pelo cantinho dos seus olhos. Sua atenção se foca em Caden quando consegue se acalmar. Seu dedo indicador corre na minha direção. — É sério que pensou que eu e o pateta ali transamos?

— Ei! — exclamo, ofendido.

Riley me ignora, continuando.

— Ele só está me ajudando, me oferecendo um lugar para ficar. — Ela sorri. — Somos colegas de apartamento agora.

E então, Caden se engasga. Meu melhor amigo entrega o quadro para Avery antes de apoiar as mãos nos joelhos, tossindo desesperadamente. Sua namorada se apressa para dar tapinhas em suas costas, tentando ajudá-lo. Quando Prescott se recompõe, me encara de um modo que me chama de imbecil em oitenta línguas diferentes.

Respiro fundo, ciente de que ele não acha que isso foi uma boa ideia. Para ser sincero, nem eu acho.

— Foi um prazer te rever, Caden — Riley diz, com o doce sorriso ainda se fazendo presente em seus lábios. — E foi muito bom te conhecer, Avery. — Pegando sua mochila sobre uma das poltronas da sala, ela a coloca nas costas antes de cruzar o cômodo, se aproximando da porta. — Mas tenho que ir para a universidade. Sintam-se à vontade.

Então, Weston deixa o *nosso* apartamento.

E não me surpreendo quando Prescott trava a mandíbula, me encarando com seus olhos escuros cobertos por uma seriedade jamais vista, e solta: — Você está fodido, Crawford.

Talvez eu esteja mesmo.



George Weston parece ter decidido que odeia a defesa do seu próprio time.

O treino de hoje se estendeu por mais de 40 minutos. Porém apenas para os defensores. Acontece que enquanto o restante dos caras — incluindo Caden — eram dispensados, atravessando o túnel e indo para o vestiário tomar banho, George barrou toda a defesa, nos obrigando a ficar para mais algumas séries.

Ele alegou que estávamos “molengas demais” e continuou com uma carranca estampada em seu rosto durante todo o tempo em que nos assistia fazer repetições.

Quando nos liberou, eu estava pingando de suor. Segui direto para o vestiário, agora quase vazio. E quando pensei que os 40 minutos me ajudariam a me livrar de Caden e todas as milhares de perguntas que flutuaram pelos seus olhos enquanto treinávamos, imaginando que ele já tenha ido embora, percebi que estava completamente enganado ao encontrá-lo sentado em um dos bancos, já vestido com suas roupas casuais.

Os olhos de Prescott correm em minha direção.

Merda.

— Weston pegou pesado com a gente hoje — comento, soltando uma risadinha, tentando desviar do assunto que sei que Caden está doido para

tratar. Os outros defensores do time passam por mim, xingando baixinho, exaustos. Abrindo um dos armários, começo a tirar meus equipamentos, ainda falando com o meu melhor amigo. — George não está com um humor muito bom.

— Imagina só quando ele souber com quem a filha está morando — Caden solta. Meu olhar é atraído para ele como um ímã. A expressão que toma o semblante de Prescott é desafiadora, como se estivesse colocando pressão sobre mim para que eu o explique o que caralhos Riley Weston está fazendo instalada no *meu* apartamento.

— Dá para falar mais baixo? — sussurro, me aproximando dele. Lanço uma breve olhada para trás, observando os caras longe. Um suspiro aliviado me escapa assim que percebo que somos apenas Caden e eu desse lado do vestiário. Passo as mãos nos cabelos, sentindo os fios suados, antes de questioná-lo. — Desembucha. O que quer saber?

— *Hmm*, deixa eu pensar… — Prescott saliva sarcasmo. — Que tal começar me contando como a filha do nosso treinador, também conhecida como a mulher pela qual você cairia facilmente de joelhos, bateu no seu carro e, de repente, virou sua colega de apartamento?

Ainda vestindo boa parte do equipamento, me sento no banco, ao seu lado. Então, soltando um pesado suspiro, começo a falar. O conto tudo. Todos os mínimos detalhes. Desde a semana passada, quando encontrei Riley chorando no bar, até a briga com o treinador, a batida, minha oferta para ajudá-la e seu pedido de manter seu paradeiro em segredo, não dizendo nada ao seu pai. E quando termino, Caden ainda está em silêncio.

— Porra, será que dá para você dizer alguma coisa? — pressiono, impaciente.

O atleta foca seus olhos nos meus antes de separar os lábios, paralisando, como se buscasse as palavras perfeitas para usar. E assim que as encontra, ele as diz. E sua voz, por mais que esteja falando o óbvio, faz um arrepio medonho percorrer minha espinha.

— George Weston vai te matar quando descobrir.



04

RILEY

Após passar mais de cinquenta minutos ouvindo o Sr. Palmer apresentar os novos métodos clássicos da culinária europeia que iremos estudar, me levanto, assim como os outros alunos na sala. Frustrada, depois de ter passado horas com a expectativa de ter pelo menos uma aula prática dessa matéria hoje, guardo o dólmã na mochila.

Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo alto ao sair andando pelos corredores do terceiro andar do prédio, junto com todos os outros estudantes, descendo os lances de escada até finalmente deixar o bloco. Quando volto ao campus da Washington Burney University, não me surpreendo ao ver Ruby e Cooper encostados no corrimão da escada, me esperando. A loira tem a testa franzida, analisando as partituras que segura nas mãos. E Coop veste uma calça de moletom e a jaqueta dos Red Tigers. Seus grossos cabelos molhados revelam que acabou de sair de uma ducha pós-treino.

Hoje é um dos dias em que a minha aula é a última a terminar.

Sempre tive certeza de que queria cursar gastronomia. Desde pequena, quando decidia me aventurar na cozinha, mesmo sem ter ideia do que estava fazendo. Era meu momento de paz. Quando o mundo inteiro e todos os meus problemas eram silenciados.

E o ensino da W.B.U só me fez me apaixonar ainda mais pela coisa. Pode parecer clichê, mas amo a minha universidade. Principalmente por ela ter me feito conhecer pessoas incríveis.

— Boa tarde, *principessa.* — Lançando uma piscadela, é a maneira que Coop encontra para me receber, exagerando no sotaque italiano.

Rio fraquinho ao me aproximar dele. Cooper Buck tem uma avó que veio da Itália. E mesmo sabendo apenas cerca de 5 palavras do idioma, meu melhor amigo adora se gabar por isso.

— Acho que minha mente vai explodir — Ruby diz, segurando as partituras com uma das mãos. Ela usa a outra para coçar a cabeça, nervosa. — Ou vou matar a Sra. Wood antes de deixar a música perfeita para a apresentação de fim de inverno. Juro que estou prestes a surtar!

Buscando acalmá-la, Cooper a segura pelos ombros. Minha melhor amiga arregala os olhos no mesmo instante.

— Ruby, se acalma, tá legal? — Ele a chacoalha levemente, buscando libertá-la da gigantesca onda de preocupação que tomou seu corpo. — Você ainda tem tempo. E vai arrasar naquele palco, como sempre faz.

Sorrio diante da cena. Ruby Pike cursa música. E ela é uma estrela. Tanto tocando piano, quanto cantando. Nunca vi ninguém com uma voz mais doce e bonita do que minha melhor amiga. É como se ela tivesse nascido para isso.

— Certo. — A loira respira fundo, se acalmando. Seus cílios grossos e escuros batem algumas vezes. — Tem razão. Ainda tenho pouco mais de um mês.

— E você vai arrasar — Cooper sopra.

A garganta de Ruby oscila quando ela engole em seco, se obrigando a assentir.

— E eu vou arrasar — repete.

O sorriso que rasga o rosto do atleta à sua frente aquece meu coração.

— Ótimo. — Ele finalmente solta seus ombros, a abraçando pela cintura. Seu olhar corre até mim, que continuo um degrau acima de onde estão. — Topam um almoço pós-surto?

Soltando uma risadinha, não penso duas vezes antes de concordar, me juntando a eles. Cooper se posiciona no nosso meio, passando seu braço forte ao redor da minha cintura também. E enquanto caminhamos pelo campus, a caminho de uma das lanchonetes dentro da universidade, um inevitável sentimento de gratidão me atinge com toda a força do mundo.

Porque não sei o que seria de mim sem esses dois.



O Tommy’s está lotado. Sentada em uma das mesas, guardo nossos lugares enquanto Cooper e Ruby fazem nossos pedidos no balcão, com medo de perdê-los. Universitários passam ao meu lado, levando suas bandejas consigo e se juntando aos seus amigos. O emaranhado de vozes preenche o lugar, quase impedindo que a música baixinha que toca pelo ambiente alcance os ouvidos dos clientes.

A lanchonete fica instalada em frente ao prédio em que acontecem as aulas dos cursos de comunicação, onde Cooper estuda, e vende o melhor hambúrguer com batatas fritas de todo o campus. Por isso, não é nenhuma surpresa que esteja sempre lotada.

Quando nossos pedidos ficam prontos, Coop e Ruby andam em minha direção, segurando as bandejas. Os dois se acomodam na nossa mesa, e a loira me entrega meu hambúrguer e refrigerante.

— A gente ainda não conversou — começa Coop, dando uma mordida na batata solitária em sua mão. Foco meus olhos nele, esperando pelo desenrolar da sua fala. O atleta engole antes de continuar. — Como foi a primeira noite como colega de apartamento oficial do patetão?

Separo os lábios para responder, pronta para morder o riso diante do novo apelido que Austin acabou de ganhar, mas Ruby é mais rápida.

— Você é um tremendo invejoso, sabia disso?

A testa do meu melhor amigo se franze no mesmo instante. Ele enfia mais uma batata na boca.

— Como assim?

Ruby solta uma risadinha antes de explicar.

— O modo como você fala do Austin. É pura inveja.

— Inveja por quê? O cara é um babaca! Você sabe sobre o que ele fez com Claire.

— Ah, Cooper, por favor! Vai me dizer que realmente se acha melhor do que ele? — Ruby solta. Tentando disfarçar o sorriso que ameaça crescer em meus lábios, levo o canudo vermelho do copo de refrigerante até a boca, intercalando os olhos feito uma bolinha de pingue-pongue entre a expressão indignada de Coop e os olhos semicerrados de Ruby. — Você é um dos

maiores galinhas do campus inteiro! É o meu melhor amigo, mas isso é verdade. Só odeia o Austin porque ele foi um idiota com a menina por quem você é apaixonado, e isso te torna cego, impedindo que olhe para o próprio nariz.

— Ei! — o atleta exclama, ofendido. De repente, Coop parece ter esquecido das batatinhas. E o vinco em sua testa está tão forte, que poderia criar uma ruga permanente a qualquer momento. — Quem disse que ainda sou apaixonado pela Claire?

A risada fraca que escapa pelos meus lábios faz com que ele me olhe torto. Ruby aproveita sua distração para se debruçar sobre a mesa e estender o braço, dando um leve tapa na testa do atleta. Ele a encara, meio desconcertado.

— *Hmm*, deixa eu pensar — a loira começa, transbordando sarcasmo. Ela abre um sorriso ao voltar a se sentar corretamente. — Talvez o fato de que você se transforma em um verdadeiro bobo quando ela está por perto?

— Isso é mentira! — indignado, ele retruca de imediato. — Eu sei muito bem como agir na frente de qualquer garota! Não é à toa que tenho fama entre elas.

— Nossa, Coop, como você é modesto — digo, fazendo uma careta.

Meu melhor amigo apenas dá de ombros, voltando a comer suas batatas.

— É a verdade.

Aproveito o que parece ser o fim do assunto para dar a primeira mordida no meu hambúrguer. Ao meu lado, Ruby faz o mesmo.

— Você ainda não falou com a Claire sobre o seu novo colega de apartamento, não é? — A loira quer saber. — Vi que mal a olhou no treino de hoje.

Engolindo, sinto uma pontada de culpa me atingir. Nego com a cabeça.

— Não, não contei. E sei que não estou certa.

A verdade é que Claire Jason e eu não somos exatamente amigas. Apenas colegas. Mas o fato de ela ser uma Red Tiger faz com que eu me sinta uma traidora. Mulheres deveriam apoiar umas às outras, certo? Não dividir um apartamento com o cara que você sabe que foi um babaca com uma conhecida.

Se fosse ao contrário, eu me sentiria mal. Sei que estou sendo hipócrita, mas não é como se eu tivesse outra saída.

— Se ela souber de toda a história, não vai te culpar — Ruby diz, com a voz de quem busca me tranquilizar. Pela sua expressão, consigo ver que nem ela acredita realmente no que está dizendo.

— É, talvez — solto, sem a menor confiança.

O silêncio recai sobre a nossa mesa quando voltamos a comer, mantendo o foco apenas nisso. E quando estou prestes a separar os lábios para comentar sobre a tão aguardada apresentação de fim de inverno de Ruby, a silhueta que enxergo por um dos vidros da lanchonete me faz travar. Do lado de fora, o homem que se aproxima da entrada do local me traz lembranças de momentos que adoraria esquecer.

Quando o perco de vista, sinto a barriga se revirar. E assim que ouço o sino da entrada do Tommy's tilintar, avisando que um novo cliente chegou ao local, fecho os olhos com força, desejando ir parar em outra dimensão.

É quase como se, mesmo de longe, pudesse sentir o perfume enjoativo de Josh Reid.

Merda.

— Juro que às vezes parece que esse babaca tem algum GPS especial que o traz para a nossa direção. — Ouço Ruby dizer, entredentes.

— Por favor, me diga que ele está longe — peço, ainda de olhos fechados. Lidar com meu ex-namorado é a última coisa que preciso no momento.

— Riley... — ela começa a falar, mas então sua voz morre na garganta.

— O que caralhos acha que está fazendo na nossa mesa, Reid? — Cooper brada, sem paciência.

Abro os olhos, sabendo exatamente o que irei encontrar. Josh, parado ao meu lado, sorri para mim, ignorando a raiva do seu capitão. E ele está perto. Extremamente perto.

O enjoo toma meu corpo por inteiro.

— Eu te fiz uma pergunta — Coop insiste, ainda sentado em seu lugar.

Só então, Josh dirige seu olhar a ele. E a expressão debochada em seu rosto é substituída por uma falsa camada de inocência.

— Em minha defesa, não sabia que estavam aqui. — Ele levanta as palmas das mãos no ar, em redenção. — Apenas vim almoçar, encontrei vocês por acaso e resolvi dar um oi.

Os olhos castanhos de Cooper parecem queimar. E a mandíbula travada e os punhos cerrados sobre a mesa, rodeando a bandeja com seu lanche, revelam que ele está se contendo ao máximo para não explodir aqui e agora.

Cooper Buck e Josh Reid eram melhores amigos.

Já perdi as contas de quantas vezes ouvi que "dividir" um melhor amigo com seu namorado nunca é uma boa ideia, pois se um dia vocês terminarem, ele dificilmente ficará sem escolher um lado. E nesta situação, o mais óbvio seria se Coop tivesse escolhido se afastar de mim. Ele e Josh se conhecem há muito tempo. Eram como irmãos. Mas Buck jamais concordaria com as atitudes do Josh. Cooper pode ser um tremendo idiota com as garotas, porém entende a gravidade de uma traição. E odeia Reid pelo que ele fez comigo.

Para ele, é difícil jogar no mesmo time que o cara. Além de *quarterback,* Coop também é capitão dos Red Tigers. E Josh é bom. Muito bom. É um sacrifício para o meu melhor amigo ter que elogiá-lo em meio aos treinos e jogos, quando tudo o que deseja é acertar um soco em seu rosto.

— Sabe como é — Josh continua. Seus olhos azuis, por onde costumava me perder facilmente há algumas semanas, se focam em mim. E um arrepio medonho me percorre. — É difícil me aproximar da Riley. Ela tende a fugir de mim.

Me recusando a me sentir menor que ele, sufoco todos os sentimentos que correm pelo meu corpo. Me obrigo a endireitar a postura e a erguer o queixo, me tornando a Riley Weston que Josh um dia conheceu. Não a fragilizada e machucada por ele, mas a que jamais deixaria qualquer pessoa a olhar nos olhos e continuar falando com outros, como se ela mesma não fosse capaz de responder.

— Acho que "evitando você" seria um termo melhor — digo, mantendo a expressão séria. Um sorrisinho ameaça se curvar nos lábios do meu ex-namorado assim que escuta o tom áspero em minha voz. A raiva que corre em minhas veias aumenta, mas não permito que isso transpareça.

Não o darei o gostinho de iniciar o show que sei que está doido para começar. O conheço bem o suficiente para afirmar que ama chamar atenção.
— Não quero falar com você. Pensei que isso já estivesse bem claro.

Josh suspira, passando uma das mãos nos fios castanhos claros do seu cabelo.

— Você sequer me deixou explicar — ele solta, ameaçando se apoiar na minha cadeira. O impedindo, a arrasto pelo piso, me afastando. Josh franze o cenho no mesmo instante, me encarando como se estivesse ofendido. — O que foi agora, Riley? Não posso mais nem chegar perto de você?

— Você já está perto o suficiente — retruco, cerrando os dentes. Sinto os olhares de Coop e Ruby cravados em nós dois. E uma pontada de gratidão me atinge, por ambos estarem em silêncio. Sei que têm milhares de coisas para dizer ao Reid, mas que sabem que é importante para mim fazer isso sozinha. — É sério, Josh. Dá logo o fora daqui. Nós estamos almoçando, e você não foi convidado.

— Riley… — ele sopra, com uma falsa expressão sofrida. — Já te disse isso antes, mas estar longe de você é algo que me sufoca. Porra, é insuportável, linda. Você nem faz ideia do quanto.

Já sem paciência, me esforço para reunir todos os últimos resquícios de força que me restaram.

— Josh. — Seu nome sai áspero pelos meus lábios. — Não quero repetir. Mandei você ir embora.

Com os lábios separados, ele me encara em silêncio por alguns segundos, como se pensasse no que dizer. Então, quando finalmente parece desistir de insistir, dá um passo cambaleante para trás. Ainda sustentando meu olhar, solta uma risadinha repleta de cinismo.

— Você vai se arrepender por isso, Riley Weston.

Então, Josh dá as costas, saindo da lanchonete em passos largos e raivosos, sem sequer ter comprado algo para almoçar.

E durante todo o período em que passo me forçando a comer o meu hambúrguer, sinto os olhares silenciosos de Ruby e Cooper sobre mim. Mas não os encaro de volta.



05

AUSTIN

As compras do mercado pesam em minhas mãos enquanto empurro a porta com o pé, a fechando após entrar no apartamento. O silêncio o toma por inteiro, e se não fosse pela mochila e a chave extra com um chaveiro escrito "*BAD BITCH CLUB*", deixados sobre uma das poltronas da sala, poderia facilmente pensar que Riley ainda não estivesse aqui.

Deixo as sacolas de compras sobre o balcão de mármore da cozinha, franzindo o cenho assim que um único barulho alcança meus ouvidos. Quando olho para o lado, observando através da porta de vidro que leva à lavanderia, noto que a nossa mais nova máquina de lavar já está fazendo seu papel. Eu a comprei pela internet, assim que me mudei, e ela foi entregue essa tarde. Riley deve ter a visto instalada, quando chegou em casa, e resolveu ser a primeira a usá-la, seguindo a regra que criou e que diz que "cada um de nós lava a sua própria roupa".

O que me lembra que algumas coisas ainda ficaram pendentes.

— Baby Weston — a chamo, elevando o tom de voz, buscando alcançá-la, seja em que cômodo estiver. O apartamento é grande, mas as paredes são finas. Seguro um pote de manteiga, o tirando da sacola. — Precisamos decidir sobre as necessidades básicas da casa. Que dia cada um vai lavar a louça, aspirar o apartamento e essas coisas. As regras que você ditou não diziam nada sobre isso.

Fico à espera de uma resposta, mas o som da máquina de lavar se mistura ao silêncio. Por um instante, franzindo a testa, sinto uma pontada de

preocupação me atingir. Sei que para Riley, estou longe de ser a companhia mais agradável do mundo, mas ela não costuma me ignorar.

Me esforço para terminar de guardar as compras rapidamente, colocando cada coisa em seu devido lugar. Quando enfim o barulho das roupas sendo lavadas cessa, estou fechando um dos armários, e escuto um soluço baixinho, seguido pelo som de alguém fungando.

Buscando verificar o que está acontecendo, deixo a cozinha, seguindo para o corredor. Ainda a passos de distância, observo a porta do quarto de hóspedes entreaberta. O choro que Weston falha ao tentar sufocar alcança meus ouvidos. E de repente não sei o que fazer.

Merda. Odeio quando mulheres choram.

Suspirando, me aproximo da porta. Uso uma mão para bater na madeira antes de empurrá-la de leve, ouvindo o ranger baixinho que ela faz ao se movimentar. Riley está sentada na ponta da cama, de pernas cruzadas. A maquiagem em seu rosto está borrada, com manchas pretas de rímel escorrendo pelos seus olhos, que agora se dirigem a mim. Ela sequer tenta disfarçar sua tristeza, abraçando o próprio corpo enquanto me observa. Um soluço fraco escapa pelos seus lábios.

— Oi. — Me encostando no batente da porta, permito que uma expressão empática tome meu rosto.

— Oi. — A voz de Weston sai fraca demais, trêmula demais.

Meu coração quase se parte diante disso.

— Quer conversar? — questiono, cruzando os braços na altura do peito. — Sei ser um bom ouvinte às vezes.

Riley solta uma risadinha fraca, me encarando antes de levar as mãos aos olhos, os enxugando. O borrão preto abaixo deles se espalha ainda mais, mas não digo nada. A maquiagem borrada é a última coisa com que ela deve se preocupar agora.

— O que foi? — pergunto.

— Não é nada... É só que nunca pensei que sentiria vontade de desabafar justo para você — ela conta, me fazendo rir fraquinho também.

— Bom, agora nós moramos juntos. Meio que temos a obrigação de confiar um no outro. — Dou de ombros. — E se está se sentindo bem para dividir o que quer que esteja acontecendo comigo, estou pronto para ouvir.

Riley não responde de imediato. Como se estivesse tentando decidir por onde começar, seus distantes olhos azuis me encaram e uma expressão pensativa toma seu semblante.

— Eu falei com ele hoje — solta, depois de um tempo. Ainda sentada na cama, endireita a postura, focada em esclarecer. — Com o meu ex. Eu, Coop e a Ruby, minha melhor amiga, fomos almoçar em uma lanchonete do campus e ele apareceu. — A garganta de Riley oscila quando ela engole em seco. Um soluço fraquinho a escapa. — Josh se aproximou da nossa mesa como se nada tivesse acontecido. E talvez eu seja uma idiota por ter dado importância demais para isso, permitindo que meu corpo se sentisse abalado apenas por estar *perto* dele, mas, porra... Esse sentimento de impotência sempre é mais forte do que eu. Josh me torna fraca. E tive que me obrigar a engolir a voz trêmula, endireitar a postura e forçar palavras a saírem pela minha boca. — Suspirando, ela esfrega o rosto com uma das mãos. — Fiquei com medo de não conseguir. Com medo de permitir que ele enxergasse nos meus olhos, mais uma vez, o quanto me destruiu. E me sinto uma tremenda idiota por me permitir ser tão machucada por um único homem. Um que, além de tudo, não vale nada.

A observo com atenção quando olha para o teto, respirando fundo, buscando se concentrar em não chorar novamente.

E tento — juro que tento *de verdade* — pensar em um conselho bom o suficiente para dizer. Se Caden Prescott ou qualquer cara desses romances clichês que existem por aí estivessem no meu lugar, saberiam exatamente o que falar. Mas eu nunca fui bom em dar conselhos. Sempre fui mais do tipo que os escuta com frequência, após fazer alguma merda.

No entanto, a vida me ensinou a melhor forma de fazer uma mulher parar de chorar. E sei que esse momento é um daqueles em que devo apelar para as lições que a convivência com a minha mãe me deixou.

— Sabe qual é a melhor receita para curar um coração partido? — pergunto. Os olhos de Riley correm em minha direção, esperando atentos pelo desenrolar da minha fala. O espaço entre suas sobrancelhas se franze. — Filmes ruins, pipoca e sorvete — digo. E Weston sorri. Sorri de verdade. Um brilho novo passa a tomar conta do seu rosto, como se estivesse animada com a ideia. E por um instante, penso que seu sorriso talvez seja o mais bonito que já vi. Ainda mais quando é dirigido *a mim.* — Sorte sua

que esse “pateta” aqui — aponto para mim mesmo, repetindo o termo que ela usou para me chamar mais cedo, quando Caden e Avery estavam aqui — acabou de voltar do mercado.

— Como sabe que isso ajuda? Diz por experiência própria? É meio difícil acreditar quando sei que Austin Crawford é um dos maiores galinhas de Washington, DC.

— Ei! — exclamo, ofendido. — Não é para tanto, tá legal?

A linha feliz estampada nos lábios de Riley se alarga.

— Estava brincando — ela diz, mas imediatamente volta atrás, se dando conta do que falou. — Quer dizer, não, não estava não. Você é realmente um babaca.

Uma curta risadinha me escapa. Ainda recostado no batente, de braços cruzados, arqueio uma sobrancelha.

— Um babaca que comprou sorvete de pistache.

De forma teatral, Riley força uma expressão boquiaberta. Ela descruza as pernas.

— Sabe de uma coisa, Austin? De repente você acabou de se tornar menos babaca. — Se levanta em um pulo. Um sorrisinho se forma em meus lábios assim que a garota vem em minha direção, parando à minha frente. Seus olhos se cravam nos meus quando ela sopra. — Amo sorvete de pistache.

Então, Riley atravessa a porta do seu mais novo quarto, entrando no corredor. Observo a confortável blusa de mangas cumpridas e o short perigosamente curto que veste para dormir enquanto se afasta, indo em direção à cozinha. E, de repente, distanciar o sorriso que toma meu rosto se torna uma tarefa impossível.

Porque eu, Austin Crawford, consegui fazer Riley Weston parar de chorar.



O filme que escolhemos é incrivelmente terrível.

Enquanto alienígenas e vacas travam uma batalha no espaço, Riley e eu terminamos de devorar nossos potes de sorvete de pistache. O sabor é o meu favorito, e geralmente sou julgado por isso, então é bom estar na

companhia de quem não faz pouco caso dele. As pessoas tendem a me irritar ao julgá-lo. Sério, tipo, como alguém pode odiá-lo?

É simplesmente a oitava maravilha do mundo.

Se recostando no encosto do sofá que ocupamos, Riley ri de uma cena que aparece na tela da tevê. Só quando seus olhos se dirigem até os meus, percebo que já estou a encarando há muito tempo. Limpo a garganta, tentando disfarçar.

— É realmente um filme bem ruim, Crawford — ela solta, a expressão divertida tomando seu rosto. Weston dá mais uma das últimas colheradas no sorvete, pousando o pote em seu colo antes de continuar. — Faz jus ao que disse, sobre a receita para curar corações partidos. — Uma risadinha fraca escapa. *Porra*, ela é linda. Linda para caralho. Mesmo com os olhos ainda um tanto borrados. Ficar assim, tão perto dela, sem poder fazer nada, poderia muito bem me sufocar. — Ainda não me disse como a descobriu.

De repente, uma sensação amarga me invade, trazendo lembranças que adoraria poder esquecer, as afundando em um local sombrio da minha mente, onde visito poucas vezes. Mas infelizmente não é assim que as coisas funcionam.

Me recostando no sofá, tombo a cabeça em uma das almofadas do encosto, passando a encarar o teto. Engulo em seco, sentindo a garganta gelada queimar.

— Já vi minha mãe fazer isso muitas vezes — revelo, ainda sem encará-la. Posso sentir seu olhar sobre mim, atento às minhas palavras. — Ela não sabe escolher muito bem os homens com quem se relaciona.

O silêncio de Riley é toda a resposta que recebo por alguns instantes. A buscando com o olhar, percebo que Weston se sentou de lado, ainda com a cabeça encostada no sofá, e agora tem seus olhos azuis atentos a mim. Uma expressão cansada toma seu rosto.

É adorável. Fodidamente adorável.

— Você a vê com frequência? — ela pergunta. Um leve sorriso, meio sem força, toma meus lábios. — Digo, sei que veio do Canadá. Meu pai ficou extremamente animado com a sua chegada aos Capitals. Falou disso por semanas.

Me permito sorrir também, feliz por ouvir isso. Quando se passa a vida toda lutando por um sonho que muitas vezes parece inalcançável, a sensação de vitória é a mais gratificante possível. E nunca vai embora.

— Não — revelo, murchando minha expressão. A leve curva nos lábios de Riley se desfaz imediatamente, e pelo seu olhar consigo perceber que ela, de alguma forma, sabe que existem turbulências demais na nossa relação de mãe e filho. Bom, Weston não poderia estar mais certa. — Kleah continua no Canadá.

Sentindo o sono chegar, Riley pisca demoradamente, se aninhando ainda mais no encosto do sofá.

— Gostei do nome dela — ela solta. — É forte.

Dentro do peito, meu coração se aperta até quase doer.

— É, também acho — concordo.

Suspiro ao pensar que gostaria muito de que ela fosse forte também.

A sensação amarga que invade minha boca diante do pensamento se sobressai ao sabor doce do sorvete. Pauso o filme quando assisto Riley fechar os olhos, cansada demais para continuar lutando contra o sono. Ao que parece, seu dia foi cheio. E sua cabeça deve estar uma loucura com tudo o que vem acontecendo.

— Acho melhor você ir para a cama, Baby Weston — solto, me levantando. Alcanço o pote vazio de sorvete sobre seu colo, evitando que ele caia e cause um grande estrago, mesmo que quase vazio, graças à mulher sonolenta que deveria estar segurando-o.

Riley sequer abre os olhos ao retrucar: — Já disse para parar de me chamar assim.

Uma risadinha fraca escapa por entre meus lábios.

— Bom, isso é meio difícil quando você está praticamente babando no sofá, assim como um bebê faria.

Weston finalmente separa as pálpebras, me lançando um olhar cansado e entediado ao mesmo tempo, se é que isso é possível. Ela me mostra o dedo do meio, me arrancando uma risada.

— Você é sempre tão amarga? — questiono, ainda parado à sua frente, em tom de brincadeira. A resposta para essa pergunta já se tornou bem clara em minha mente nos últimos dias.

— Só quando estou falando com jogadores de hóquei presunçosos que me dão apelidos — Riley devolve, brincando também. Uma linha feliz toma sua boca.

Ela se levanta, dando um passo em minha direção. Quando tenta pegar o pote de sorvete das minhas mãos, pronta para levá-lo para a cozinha, eu a impeço.

— Pode deixar que eu levo — digo.

Riley hesita, separando os lábios para responder, mas então desiste de protestar. Ela pisca demoradamente, exausta.

Me afasto, indo até a cozinha conjugada à sala. Assim que finalmente me livro dos nossos potes vazios de sorvete, lanço um olhar para trás, por cima do balcão. Meus olhos encontram Riley, agora próxima ao corredor. Ela tem os lábios franzidos, e por um segundo penso estar ficando louco quando percebo suas bochechas começarem a enrubescer, como se estivesse envergonhada pelas palavras que solta em seguida.

— Obrigada, Crawford. — Um tanto desconfortável, sem saber ao certo como agir, ela coça a nuca. — Sabe, por ter me feito parar de chorar.

E assim que Riley dá as costas, um sorriso grande rasga meu rosto. Meu coração se acelera dentro do peito, entrando em um ritmo ridiculamente fora do normal. E me pergunto como pude pensar que ela fosse uma pessoa completamente amarga quando, na realidade, não passa de uma menina machucada, que precisa muito que alguém apenas a estenda a mão.



06

RILEY

Parada em frente ao fogão, usando uma espátula para modelar mais uma panqueca na frigideira, sou atingida pelos fortes raios solares da manhã, que entram pela janela, iluminando o apartamento. O moletom largo que uso transparece exatamente a confusão que está a temperatura em Washington hoje. Ensolarada, mas gelada ao mesmo tempo.

Odeio dias assim.

Na pequena caixa de som que trouxe como companhia, conectada ao meu celular, *What the Hell,* da *'Avril Lavigne'*, toca baixinho. Cantando junto ao refrão, levo um dos dedos até ela, apertando um botão e aumentando o volume.

Enquanto despejo o mel e as frutas vermelhas sobre a pequena pilha de panquecas recém-feitas, a letra da música continua saindo baixinho pelos meus lábios, sendo contagiante. Sorrio diante da tentativa bem-sucedida de fazer um café da manhã legal, finalizando os últimos detalhes na decoração do prato, mesmo que daqui a pouco ela esteja completamente destruída.

A verdade é que não sei muito bem o que me fez acordar animada para cozinhar. Hoje tenho aulas práticas. Não deveria ter feito isso, sabendo que ainda ficaria por horas e horas com a mão na massa durante o decorrer do dia, mas aconteceu.

Quando eu era menor, minha mãe me dizia que eu gostava de cozinhar sempre que estava com o humor alterado, estando nervosa, ansiosa, confusa ou com a mente sobrecarregada. E eu nunca fui contra a sua teoria. Sei que é verdade.

Então, depois do dia de ontem, não me impressiono em ter acordado mais cedo, inspirada para fazer um café da manhã decente, ao invés de comer qualquer coisa já pronta e correr para a universidade. Foi, definitivamente, um dia que sobrecarregou minha mente e permitiu que minhas emoções fossem transformadas com facilidade.

Além disso, Austin foi tão legal comigo na noite de ontem, que pensei que essa pudesse ser uma forma de agradecê-lo.

Para ser sincera, ainda é meio estranho que, de uma hora para a outra, a raiva que sinto dele, causada por tudo que já ouvi a seu respeito, esteja se enfraquecendo pouco a pouco. Mas o que posso fazer? Austin Crawford tem se mostrado extremamente gentil.

Estou na ponta dos pés, alcançando dois pratos em um dos armários altos quando a voz da Avril é pausada. E no instante em que meu cenho se franze, uma nova música passa a sair pela caixa de som. Um toque *muito* conhecido por mim.

Colando os calcanhares de volta ao chão, solto uma curta lufada de ar pelos lábios, deixando os pratos no balcão antes de estender a mão e alcançar meu celular. O nome do meu pai é o que se estampa na tela, logo acima das opções de atender ou recusar a ligação. Não hesito antes de escolher a segunda opção, obrigando o toque irritante que sai pela caixinha cessar. Quando a música de antes volta a sair pela caixinha, meu humor já se transformou. A desligo sem pestanejar, agora desejando silêncio.

Com o coração pesando dentro do peito, me sento no balcão de mármore, pegando um prato e os talheres, me servindo com a primeira panqueca da pilha. Sentindo como se minha cabeça estivesse transbordando pensamentos, sequer consigo aproveitar o sabor doce em minha língua.

Sei que sempre que tenta me ligar, George Weston obriga a si mesmo a deixar o orgulho de lado. Conheço o meu pai bem o suficiente para afirmar que, se pudesse, seria o último a dar o braço a torcer em uma situação como essa. Ele não é um homem que gosta de se arrepender. Muito menos que *mostra* que se arrependeu.

Deve estar preocupado de verdade comigo.

Ao colocar o último pedaço da panqueca na boca, me levanto, indo deixar toda a louça suja na pia. Limpo os lábios com um guardanapo de pano antes de deixar a cozinha, indo até o vidro da sacada. O abro, sentindo

o vento frio me atingir. E então, realizando o que não fazia há algum tempo, enfio a mão no bolso do moletom, retirando dali um isqueiro e um maço de cigarro.

Prendo a droga entre os lábios antes de acendê-la.

Observando uma Washington de cima, agitada em pleno início de dia, dou uma longa tragada, soprando a fumaça para longe em seguida. Comecei a fumar quando meu caminho cruzou com o de Josh, no ano passado. Sequer tinha chegado perto de um cigarro antes de conhecê-lo. Mas quando eu brigava com meus pais, tinha a pressão da universidade sobre meus ombros ou me sentia um lixo por ter tirado uma nota baixa, Reid dizia que a nicotina poderia me "aliviar".

E odeio admitir que ele estava certo. Odeio ter *aprendido* que isso é verdade.

Vindo de longe, o som de uma porta batendo alcança meus ouvidos. Dando mais uma tragada, me viro em direção à sala, não me surpreendendo ao ver meu mais novo colega de apartamento aparecendo no cômodo, vindo do corredor. Tudo em Austin revela que acabou de acordar. Enquanto ele usa apenas uma calça de moletom preta, deixando seu abdômen à mostra, seus cabelos estão desgrenhados, com alguns fios espetados para cima. Os olhos azuis, distantes e sonolentos. E a barba rasa por fazer, em seu rosto, traz um ar ainda mais cansado para toda a expressão.

Porra, amo essa barba.

Austin se vira para mim, franzindo a testa e apertando os olhos, odiando a claridade da manhã.

— Bom dia, bonitinho — desejo, com uma forçada voz animada, afastando o cigarro dos lábios para abrir um grande sorriso. — Espero que não tenha acordado com a minha música. — Crawford murmura algo que não entendo, coçando os olhos. O ignoro. — Eu fiz panquecas!

Ele afasta as mãos do rosto, me observando com uma feição que diz que ainda não está processando completamente o que acontece à sua volta. Austin franze a testa ainda mais, como se notasse algo.

— Não sabia que você fumava — solta, com uma voz extremamente rouca.

Um arrepio percorre meu corpo ao ouvi-la.

— Fumo às vezes. — Dou de ombros, mantendo a droga entre meus dedos. — Sabe, tem momentos em que precisamos nos matar um pouquinho para continuar vivos.

Um sorrisinho triste toma forma em seus lábios. Ele suspira, deslizando as mãos para dentro dos bolsos da calça de moletom que veste.

— Está se sentindo melhor? — É o que questiona. Sem dizer nada, dou um breve aceno de cabeça, sendo sincera. Não estou completamente bem, mas pelo menos não passei a noite chorando. A fina linha que toma a boca de Austin se transforma, se tornando contente. — Isso é bom.

Assinto, voltando o cigarro aos lábios. Sem dizer mais nada, Crawford dá as costas para mim, indo até a cozinha. Seu sorriso se alarga quando ele nota o prato sobre o mármore.

— Uau — diz, analisando a pilha de panquecas. — Estão com uma cara ótima.

Suspirando, solto a fumaça pela boca pela última vez, atirando o cigarro na cestinha de lixo ao meu lado. Volto para a sala, a atravessando, a caminho da cozinha. Pegando meu celular, que tinha deixado sobre o balcão, próximo à pequena caixa de som, observo quando Austin começa a se servir.

E finalmente tomo coragem para dizer o que sei ser necessário.

— Ei — começo, odiando a forma como minha voz sai, trêmula e insegura demais. Pigarreio, tentando disfarçar. Desvio os olhos para o chão, sem a menor vontade de encará-lo, mesmo que possa sentir seu olhar sobre mim. — Obrigada.

Um silêncio ensurdecedor se instala entre nossos corpos por alguns segundos, que mais parecem horas. E me odeio por não conseguir simplesmente agradecê-lo.

Acontece que ao fazer isso, também é como se confessasse, tanto para mim quanto para ele, que o julguei mal durante todo esse tempo. Agora sei que Austin Crawford pode ser um cara legal, ao invés de apenas mais um babaca com síndrome de estrela, que adora usar todas as mulheres que encontra pela frente.

— Pelo quê? — questiona ele.

Quando ergo os olhos, noto um sorriso se fazendo presente em seus lábios. Cruzo os braços no mesmo instante, indignada.

— Você sabe muito bem, Crawford — retruco, o fazendo rir.

— Seria legal se você falasse de novo — ele responde. — Sabe, apenas para mostrar só mais um pouquinho de gratidão. Você pode dizer que eu fui seu salvador na noite passada, que sou gostoso demais, ou algo assim...

— Ou você pode calar a boca e comer logo as panquecas — respondo, abrindo um sorrisinho debochado.

Crawford ri. Sua expressão se transforma em séria de uma hora para a outra, os olhos azuis ainda apontados em minha direção.

— Mas agora é sério, Weston — ele fala. — Fica tranquila. Não precisa agradecer.

Soltando um suspiro um tanto demorado, dou as costas, indo até o sofá. Me sento no móvel, focando os olhos em Austin, deixando o orgulho de lado ao responder: — Preciso, sim. Não tenho sido exatamente gentil com você.

Ele volta a sorrir, dirigindo sua atenção para o prato à sua frente, terminando de montá-lo.

— Suas panquecas também podem servir como um pedido de desculpas por isso, Baby Weston.

Reviro os olhos teatralmente quando Austin se senta em um dos banquinhos do balcão, voltando a me encarar. Ele ri um pouco, segurando os talheres em suas mãos. E quando dá a primeira mordida, levando a massa doce aos lábios, solta um gemido, fechando os olhos em aprovação. Um sorriso rasga meu rosto ao observar suas expressões.

— Caraca, Riley! — solta, arregalando os olhos. — Puta merda, isso aqui está perfeito! — Austin aponta para o seu prato. — Não sabia que cozinhava tão bem.

— Eu faço gastronomia — revelo, achando sua reação engraçada.

— Sério? — Austin parece surpreso. Ele aponta o garfo em minha direção, engolindo mais um pedaço da panqueca. — Isso é bom. Porque eu sou um completo desastre na cozinha.

Solto uma risadinha, o assistindo enquanto volta a devorar a massa. Sentindo o aparelho celular tremer em minhas mãos, viro a tela dele para cima, acendendo-a, notando uma nova mensagem do Coop, avisando que já está me esperando na frente do prédio, pronto para irmos para a W.B.U.

Me levanto do sofá sem hesitar, pegando minha mochila, deixada em uma das poltronas. Os olhos de Austin se voltam para mim mais uma vez.

— Preciso ir. Minha carona chegou — aviso, me aproximando da porta.

O atleta acena com a cabeça, ainda mastigando.

— Tenha um bom dia, Baby Weston.

Sorrio em sua direção ao destrancar a porta, a abrindo.

— Você também. — Quando estou prestes a sair, porém, me lembro de uma informação importante. — Ah, e boa sorte no jogo de hoje! Acaba com aqueles babacas de Nashville.

Em resposta, Crawford sorri.

Então, finalmente deixo o *nosso* apartamento.

E tento ignorar o quanto esse termo soa estranho.



Após falar com a gerente, me afasto de um dos balcões do Forb's, sentindo uma pontada de frustração me atingir.

Nunca pensei que cogitaria trabalhar aqui, mas, pensando bem, seria uma boa opção. Fica próximo da universidade e meus amigos vêm para cá com frequência. Além de que já conheci garotas que foram garçonetes aqui. Sei que o salário é maior do que a média e que os horários, por ser um local frequentado em maioria por universitários, são flexíveis. Conseguir um emprego aqui seria um ótimo começo. Porém, segundo a gerente, eles já têm "gente demais".

Sustento o olhar repleto de expectativa de Coop quando volto a dar meus passos em direção à nossa mesa, composta por ele, Ruby, Ford e Luke — outros jogadores do Red Tigers e amigos próximos de Coop. Quando torço o nariz, indicando que a tentativa de conseguir um trabalho foi falha, a expressão em seu rosto se transforma, perdendo o brilho.

— Eles não estão contratando — revelo, assim que finalmente chego perto do meu melhor amigo. Arrasto a cadeira pelo piso, ouvindo o ranger incômodo que o contato causa, e me sento. — A gerente disse que já tem gente demais na equipe.

Buck me lança um olhar cheio de compaixão.

— Bom, isso é uma pena — solta. Um sorrisinho divertido toma seus lábios. Sigo seu olhar quando correm em direção a uma garçonete, vestindo seu avental azul, com os longos cabelos escuros presos em coque alto e deslizando sobre quatro rodas enquanto se locomove pelas mesas. — Você é uma ótima patinadora.

Soltando uma risada nasalada, dou um fraco soco em um dos seus braços. Cooper sabe que isso é verdade, mas ainda assim jamais vai me deixar esquecer do dia que saímos para patinar e eu levei um tombo feio, ficando com a região acertada contra o gelo roxa por semanas. Com o pai que tenho, foi inevitável que aprendesse a andar sobre patins. Seja no gelo ou fora dele. Com lâminas ou rodas.

— Sabe que isso é verdade, Buck — respondo, convicta.

Dando de ombros, Cooper leva a *long neck,* que tem nas mãos, até os lábios. E o sorrisinho que ele tenta esconder revela que, mais uma vez, só disse aquilo para me irritar.

Como vingança, roubo a bebida de suas mãos, recebendo um olhar indignado. Repetindo seu gesto, dou de ombros, a levando aos lábios.

— Ei, não é para beber tudo! — Coop solta, franzindo o cenho com minha ousadia.

Uma risadinha me escapa quando devolvo a cerveja para ele, encerrando a maldade, enxergando seus ombros tensionados voltarem a relaxar.

— Seu idiota — solto, ainda rindo um pouco. — Está agindo como se essa fosse a última bebida do bar.

O que, definitivamente, está longe de ser verdade. Além do Forb's ser um estabelecimento preparado para receber universitários, estando sempre com o estoque de cervejas baratas abastecido, consigo enxergar pelo menos duas latinhas ou garrafas de vidro em cada mesa. O bar está lotado, o que é algo bem previsível quando se trata de uma noite de jogo. Nas televisões, os comentaristas, vestindo seus ternos, debatem sobre as estatísticas e expectativas pré-jogo. E espalhados pelo lugar, torcedores esperam, ansiosos para verem os atletas entrando no rinque. Alguns vestem *jerseys* vermelhas, com o sobrenome e número do seu jogador favorito estampado nas costas — a maioria escrito "Prescott" — e outros seguram bandeirinhas com o símbolo dos Caps, preparados para torcer. Mas o torcedor que mais

chama a minha atenção é um que está sentado em uma mesa um tanto distante, usando apenas a cabeça do Slapshot, a águia que atua como mascote do time, posando para a foto que uma garota tira dele. Rio nasalado, afastando meu olhar.

O bar está repleto de rostos conhecidos, de pessoas que já cheguei a ver uma ou mais vezes andando pelo campus da W.B.U.

— Merda. — De repente, a voz de Ruby chama minha atenção. Sentada na cadeira do outro lado de Coop, encarando um ponto fixo, Pike parece tensa.

Assim como o garoto que nos separa, deslizo meus olhos em direção ao que pareceu chamar sua atenção. E me afundo um pouco na cadeira ao observar Claire entrando no bar, acompanhada por um cara desconhecido. Meu coração pesa por Coop. Ele tem sua expressão, que até então era leve, transformada no mesmo instante. Seus olhos castanhos se tornam opacos. E o sorrisinho que marcava seus lábios se esvai.

O homem alto e de cabelos escuros, vestindo uma jaqueta do time de futebol americano da Poulis University, ajuda Claire a tirar o casaco assim que a porta de entrada bate, atrás dos dois. A ruiva sorri para ele, movendo os lábios, imagino que em um agradecimento, antes de nos procurar pelo local.

Ao lado de Ruby, Ford se levanta, erguendo um dos braços, facilitando que Claire nos encontre. Ele avisou que tinha a convidado, já que são amigos e cursam a mesma coisa, mas não sabíamos que viria acompanhada.

No instante em que ela e o estudante da Poulis se aproximam e nos cumprimentam com acenos breves e sorrisos, Cooper chama por uma garçonete próxima, que passa ao nosso lado, deslizando em seus patins. Ele pede por mais uma rodada de cerveja, e observo quando trava o maxilar, como se enfrentar esta noite, ao lado da garota que por quem já foi apaixonado — e ainda é, aparentemente — o cobrisse de agonia.

Assim que a garçonete se afasta, separo os lábios, olhando preocupada para o garoto ao meu lado, prestes a perguntá-lo se está bem. Mas os gritos que preenchem o local me impedem, chamando a atenção de todos. Franzo o cenho de início, querendo entender o que está acontecendo.

E no instante em que encontro uma das grandes telas da televisão com os olhos, tudo passa a fazer sentido.

Nela, em meio a luzes vermelhas, os jogadores do Washington Capitals saem do túnel, patinando em fileira para o rinque. Os torcedores presentes na Capital One Arena vão à loucura, e os que assistem do bar também.

Assim como o Nashville Predators, vindo diretamente do Tennessee, os seis jogadores dos Caps se posicionam, ficando cinco na linha e apenas um no gol. É um jogo onde, mesmo contendo apenas seis atletas de cada time no rinque por vez, conta com constantes substituições, intercalando entre titulares e reservas.

O primeiro período começa. E a tensão toma o bar.

Não demora muito para que seja possível perceber que os Preds são quem estão com mais domínio sobre o jogo, de forma geral. Eles conseguem se manter com o *puck* por mais tempo e parecem mais concentrados, com mais garra e energia do que os Capitals.

Um dos jogadores da defesa de Nashville faz um passe que acaba criando um contra-ataque, e sinto meu corpo todo se encher de agonia quando leio o sobrenome de Austin na *jersey,* acima do número 33. À minha volta, as pessoas resmungam e xingam quando Crawford falha ao tentar roubar o disco.

Merda, Austin!

O atacante dos Preds acerta o primeiro gol, enchendo a rede no canto direito.

Um a zero.

A imagem do meu pai, com as mãos na cabeça, altamente frustrado, aparece na tela. E quando sinto vários olhares no bar serem dirigidos a mim, me afundo um pouco na cadeira. Para algumas pessoas por aí, não é novidade que eu seja filha de George Weston.

O restante do primeiro período correu sem gols. E a tensão que toma conta das estrelas dos Caps quando deixam o rinque é nítida em suas expressões.

— Se continuarmos assim, vamos perder feio — Cooper comenta, virando a nova garrafa de cerveja, que a mesma garçonete de antes trouxe, há poucos minutos.

Sendo invadida por um misto de ansiedade e nervosismo, esfrego o rosto com as mãos. Hóquei me deixa pilhada. E não sou uma pessoa que lida bem com derrotas.

— Austin foi muito devagar quando tentou conter Aaron Wilton — penso alto. Os olhares da mesa caem todos sobre mim. — Acho que ele estava olhando para o disco, ao invés de estar focado no jogador. Devia ter ficado atento a quem ele iria entregar o passe.

— Não me lembrava de que os Predators eram tão bons — Blake, o acompanhante de Claire, comenta. Descobri seu nome há pouco tempo, quando ele estava com os olhos vidrados na partida e a ruiva o chamou.

Nego com a cabeça.

— Eles não são. Têm um total de zero Copas Stanley. — Faço o número com a mão. — A culpa é totalmente dos Caps. Não sei ao certo o que aconteceu, mas eles não estão concentrados. Se levarmos em conta o histórico de partidas e as estatísticas, esse jogo já estava ganho.

Quando termino de falar, Blake parece bastante impressionado.

— Uau — ele solta, dando uma risadinha nasalada. — Você não parece com o tipo de pessoa que entende do esporte.

Arregalo um pouco os olhos ao ouvir o que tinha a dizer, sendo pega de surpresa com tamanha ousadia. Então, é a minha vez de rir baixinho. Desvio o olhar, de repente me sentindo incomodada com a presença desse cara.

Não é preciso ser nenhum gênio para entender o que ele quis dizer com essa simples frase. Segundo ele e a maioria da população masculina espalhada por aí, não pareço entender de hóquei porque sou mulher.

Como se percebesse minha mudança de humor, Coop pousa a cerveja sobre a mesa, passando um dos seus braços ao meu redor. Meu melhor amigo abre seu melhor e mais falso sorriso ao se dirigir ao tal Blake.

— Acho que você não faz ideia de quem seja o pai dela, não? — pergunta. Blake nega com a cabeça. Ao seu lado, aparentando estar desconfortável diante da interação dos dois, Claire abaixa o olhar, coçando a própria nuca. Cooper aperta a pressão do seu toque sobre meus ombros, como se em um pedido silencioso para que eu me acalme. — Então também não pode presumir que tipo de “pessoa” ela é ou não.

Simples assim, Blake se cala, desconcertado. Quando Cooper me encara, um sorrisinho se faz presente em seus lábios. E eu sei que o motivo dele não se limita ao fato de que calou o babaca que me irritou, mas que Blake também é o cara que está saindo com a menina que ele gosta.

O segundo período começa. E a tensão volta a preencher o bar por inteiro.

Apenas nos minutos iniciais, já percebo que estamos fodidos. Sequer consigo contar todos os nossos erros.

Dilan Clanton é driblado por um ala, que age como se fosse bater baixo, mas acaba acertando o disco por cobertura.

Merda!

Dois a zero para os Predators.

Sendo o alívio que nossos corações precisam por pelo menos alguns minutos, Caden Prescott se aproxima da rede adversária, dominando o *puck* com uma facilidade admirável. E então, ele marca.

Dois a um.

O bar vai à loucura, comemorando. Gritos, vivas e o tilintar de garrafas se encontrando preenchem o local.

Mas a animação não dura por muito tempo.

Mais uma vez, Austin não consegue conter o avanço de um atacante. E o time de Nashville marca.

Três a um.

O segundo período acaba, e ainda estamos perdendo.

— Porra! — frustrado, se levantando da sua cadeira, Blake grita. — Esse Austin Crawford é mesmo um jogador de merda!

Tentando conter a irritação que parece corroer meu corpo, cerro os punhos sobre a estrutura da mesa. Qual é o problema desse cara, afinal? Crawford pode ter milhares de defeitos, mas é um dos melhores defensores da temporada. Por Deus, todo mundo tem direito a ter um dia ruim!

— Blake, por favor, volte a se sentar.

Aparentando estar sem paciência, Claire cutuca as costas do seu acompanhante, que logo a obedece. A expressão que toma o rosto da ruiva durante a última hora é entediada. E imagino que assistir ao cara que quebrou seu coração jogar, enquanto é xingado pelo outro, com quem está saindo, não deve ser a atividade mais divertida do planeta. Ainda mais que

Blake sequer dá atenção a ela, focado demais em bufar e reclamar de coisas que ele nem ao menos tem um conhecimento vasto.

Ruby inclina o tronco para frente, me encontrando com o olhar, por cima de Cooper. A careta que toma seu rosto revela que, assim como Coop e eu, ela também não foi com a cara do tal do Blake.

— É por isso que eu evito ter contato com qualquer aluno da Poulis — Coop sussurra, nos fazendo rir.

Bebo quase uma *long neck* inteira antes do terceiro período começar, engatando em uma conversa sobre as líderes de torcida e o time do Red Tigers com Coop, Ruby, Ford e Luke. Porém, assim que o último período se inicia, todos nos calamos, focados demais na tela de uma das televisões para continuar conversando.

Enxergando a incerteza nos rostos dos jogadores dos Caps, sinto o corpo todo ser atingido por um misto de adrenalina e ansiedade.

Cresci ouvindo sobre hóquei. Não tinha como ser diferente. Antes de se tornar treinador, meu pai foi um ótimo jogador universitário. Ele era uma estrela. E fez questão de que, assim como na sua, o hóquei também estivesse presente em cada etapa da minha vida, através de histórias, brincadeiras com tacos de plástico cor-de-rosa e vários jogos assistidos, na arena e fora dela.

Então, entendo muito sobre o esporte.

E apesar de saber que ainda estamos na Temporada Regular, também sei que os Caps precisam dar tudo de si, se quiserem mesmo conquistar o troféu no final. Os *Playoffs* começam no início de maio, e temos que dar duro até lá.

Porém, o que está acontecendo nesse jogo é surreal. Sequer parecemos um time profissional.

O último período termina. E, diferente do que imaginei que aconteceria no início, o bar é preenchido pelo silêncio. Não temos motivos para comemorar.

7 para o Nashville Predators, 2 para o Washington Capitals.



Sentada no sofá da sala, sobre minhas próprias pernas, tenho o notebook no colo, aberto em um artigo sobre antropologia e história da alimentação. O texto é longo, e tento me esforçar para absorver o máximo de informação possível, mas falho toda vez que passo das primeiras linhas e meus pensamentos vão para longe, me obrigando a recomeçar a leitura.

O jogo de hoje parece ter sido colado com cola instantânea no meu cérebro, não me permitindo pensar em outra coisa. Assim como a preocupação por Austin não ter chegado em casa ainda.

O time já deveria ter deixado a arena há bastante tempo.

Quase pulando do sofá, levo um susto quando o toque do meu celular invade o silêncio do apartamento. Alcanço o aparelho, imaginando ser uma ligação do meu pai, que pode facilmente ter ficado reflexivo depois da derrota e ter decidido, mais uma vez, tentar me ligar. Mas me surpreendo quando leio o nome de Oscar estampado na tela.

— Que porra de jogo foi esse? — É a maneira como meu quase-irmão encontra para me dizer "oi", assim que atendo a ligação.

O exagerado tom de indignação em sua voz me faz rir.

— Boa noite para você também, Oscar — respondo, sendo obrigada a ensiná-lo boas maneiras. — Ah, eu estou bem, obrigada por perguntar.

Do outro lado da linha, ele suspira.

— Me desculpa — pede. — Mas estou puto para caralho! O que aconteceu hoje, merda? Os Capitals pareciam lesmas naquele gelo.

Fecho a tela do notebook, ainda sobre meu colo. Já entendi que não vou conseguir estudar de maneira nenhuma esta noite.

Prendendo uma das unhas nos dentes, em uma mania idiota que preciso urgentemente parar, escuto todos os resmungos e reclamações de Oscar com atenção. Assim como eu, ele tem propriedade para falar sobre o esporte e apontar os erros dos jogadores.

Oscar Collen e eu crescemos como irmãos. Nossa história é um tanto complicada, mas a verdade é que, no fim, mesmo não possuindo o mesmo sangue que eu correndo pelas veias, ele é parte da minha família.

Ainda na universidade, George Weston descobriu que sua namorada estava grávida. Ele abriu mão de tudo pelo bebê, desistindo inclusive da carreira como jogador. Porém, 3 anos depois, descobriu que o lindo menininho para quem entregou seu coração e prometeu proteger com a

própria vida, se necessário, não era seu filho de verdade. A revelação foi feita pela mãe do Oscar, Miranda Collen, com quem ele não tem mais contato algum hoje em dia.

Mesmo tendo crescido em casas separadas, meu pai fazia questão de se manter presente na vida de Oscar. Após conhecer minha mãe, se casar e me ter como filha, George permaneceu buscando-o nos finais de semana e o convidando para passar alguns dias conosco. E Oscar nunca conheceu seu pai biológico.

Então, nós meio que crescemos juntos.

Hoje em dia, Oscar tem 29 anos, cabelos negros, os braços fechados de tatuagens, é proprietário de uma loja de skates em um dos shoppings da cidade e pai solteiro de uma linda garotinha chamada Helena.

E eu o chamo de irmão.

— George deve estar irritado para caralho — ele solta, após terminar de listar a grande maioria dos erros que os Caps cometeram hoje. — Boa sorte para aguentá-lo.

Me recosto na almofada em minhas costas, encarando o teto. Um leve suspiro escapa pelos meus lábios quando me dou conta de que ainda não contei a ele sobre os recentes acontecimentos em minha vida, após o término com Josh.

Acho que a cabeça de Oscar explodiria se soubesse de tudo de uma só vez.

— Bom, sobre isso... — inicio, decidida a contar apenas o básico por enquanto. — Não preciso de sorte.

— Como assim?

Mordo o lábio inferior, me preparando para iniciar a história, ansiosa pela reação do meu irmão mais velho.

— Eu meio que briguei com o papai e saí de casa — revelo, de uma vez por todas. O silêncio vindo do outro lado da linha me deixa agoniada. Volto a me sentar corretamente, coçando a nuca com a mão livre, pensando em uma frase que possa ter poder o suficiente para amenizar a situação. — Mas não estou sozinha e muito menos sendo imprudente, ok? Estou ficando na casa de um amigo.

— Puta merda, Riley... — ele solta, com uma voz que transborda preocupação. — Por que não me avisou? Você poderia ficar aqui!

Enrugo o nariz antes de responder.

— Não queria atrapalhar.

E é verdade. Além de morar do outro lado da cidade, longe da minha faculdade e de todos os outros lugares que costumam ser os mais visitados por mim, Oscar tem uma rotina diferente da minha. Ele tem uma agenda agitada e não possui muito tempo e nem espaço em sua vida para lidar com os dramas de uma jovem adulta. Conheço seu coração. Sei que jamais negaria caso eu pedisse um lugar para ficar, mas *realmente* não quis atrapalhar.

— Você não iria atrapalhar, Riley — ele mente, ciente de que está fazendo isso. — E sabe que Helena adoraria ter a tia por perto.

Sorrio ao ouvir o nome da minha sobrinha sendo jogado na conversa, sentindo meu coração se apertar um pouco, devido à saudade. Precisamos nos encontrar logo. Separo os lábios, prestes a dizer isso em voz alta, mas então o som de chaves sendo encaixadas na fechadura me interrompe.

Com o corpo entrando em alerta, meus olhos correm até a porta do apartamento, que logo é aberta.

— Oscar, preciso desligar — aviso, com urgência. — Te ligo mais tarde, tudo bem?

E mesmo antes de ouvir sua resposta, encerro a ligação. A figura de um Austin Crawford extremamente esgotado entra no apartamento, cabisbaixo. O assistindo trancar a porta, desço o notebook do meu colo, o deixando de lado.

— Ah, você continua vivo — lamento, forçando um exagerado tom de desapontamento quando os olhos azuis de Crawford vêm de encontro a mim. Longe de estar bem, ele abre um sorrisinho quase imperceptível nos lábios. — Demorou tanto para voltar, que pensei que tivesse morrido.

A curva em sua boca se alarga um pouco mais quando escuta minha provocação.

— Por favor, Riley — começa, indo até a cozinha. Austin deixa suas chaves sobre o balcão de mármore antes de parar em frente à geladeira, a abrindo. — Não finja estar tão desapontada. Assim, vou pensar que não gosta muito de mim.

Varrendo uma mecha teimosa de cabelo para trás da orelha, solto uma risada baixinha.

Crawford bebe uma garrafa d'água inteira, inclinando um pouco a cabeça para trás. Observo quando o plástico se amassa em suas mãos antes de ser atirado no lixo, como uma bola arremessada por um jogador de basquete, acertando a cesta perfeitamente.

— Você assistiu ao jogo? — É o que Crawford questiona, sem rodeios, quando volta a me encarar. Ele dá a volta pelo balcão, retornando à sala.

Sem hesitar, faço que sim com a cabeça.

— Foi uma derrota bem feia. — comento, verdadeira.

Austin franze os lábios, se mostrando realmente chateado.

— Seu pai quer nos matar.

— Tenho certeza que sim. — Uma pesada lufada de ar escapa pela minha boca.

Em silêncio, Crawford continua me encarando por alguns segundos. E assim que separa os lábios e penso que está prestes a fazer um comentário sobre o péssimo desempenho do time no jogo, ele me surpreende ao apenas avisar: — Preciso muito tomar um banho e cair na cama.

Aceno com a cabeça, entendendo perfeitamente. Estou cansada também, e não deve demorar muito até que eu vá me deitar.

— É melhor mesmo. Você deve estar exausto — comento. Austin assente, dando os primeiros passos em direção ao corredor. Sentindo uma informação importante acertar minha cabeça de repente, como se uma bola de boliche fosse arremessada nela, me empertigo no sofá, lembrando de algo que não poderia esquecer de modo algum. — Ah, amanhã vou sair bem cedo. — Austin gira nos calcanhares, se virando para mim ao ouvir a informação. Meus lábios se curvam assim que continuo. — Vou tentar conseguir um emprego.

Ele se força a sorrir também, tentando demonstrar estar feliz pela iniciativa que estou tomando, mesmo que esteja arrasado por dentro. Sei o quanto esses jogadores costumam se cobrar, se sentindo as piores pessoas do universo após ter um desempenho ruim em algum jogo.

— Bom, então boa sorte — ele deseja. Crawford acena com uma das mãos antes de girar nos calcanhares novamente, voltando a seguir na direção do corredor. — Boa noite, Baby Weston. Grita se precisar de algo.

Então, ele some do meu campo de visão. E a tristeza e exaustão que se fazem presentes em sua voz, por mais que ele tente disfarçar, quebram meu coração em milhares de pedaços.



07

AUSTIN

Meus músculos relaxam assim que solto a barra com os pesos no chão, finalizando o exercício.

Parando ao meu lado, após deixar o supino, Caden enxuga o suor que escorre em sua testa com a toalhinha que tem sobre um dos ombros. Dilan e Michael, ao terminar seus minutos de cardio na esteira, se aproximam de nós, com garrafinhas d'água nas mãos.

A academia onde estamos está quase vazia, o que é como um sonho. Mas nem isso é capaz de melhorar nosso humor no dia de hoje. Estamos na merda após o jogo de ontem. Definitivamente.

Durante boa parte do treino, permanecemos em silêncio. Ninguém falou nada. Estávamos ocupados demais repassando todas as péssimas jogadas que fizemos contra os Preds, nos xingando em nossas próprias mentes por desapontar outros de nós e nossos torcedores. Havia muito tempo que não sofríamos uma derrota tão feia.

Hoje de manhã, por alguma razão estúpida, resolvi procurar pelo meu nome na barra de pesquisa do *Twitter,* para saber o que estavam falando. E todos os xingamentos que li, me fizeram me arrepender disso no mesmo instante.

As pessoas conseguem ser maldosas para caralho, algumas vezes.

— Certo, já chega dessa merda. — É o que Michael solta, com um tom de voz impaciente, atraindo nossos olhares. Se recostando contra a parede branca, ele bufa. — Caralho, nossas caras estão tão péssimas, que parece que estamos na porra de um enterro!

— Talvez um de nós possa morrer em breve, assassinado pelo treinador — Dilan comenta, arrancando uma risada baixinha de Caden.

Acho que nunca vi George Weston tão puto quanto na noite passada. Ele parecia prestes a explodir.

Prescott dá uma leve batidinha em meu ombro, dizendo: — Aposto que o defunto será o Austin. — Ergo meus olhos até seu rosto no mesmo instante, um tanto indignado. O sorrisinho provocante que rasga o semblante do meu melhor amigo me dá vontade de chutá-lo. — Sabe, se George descobrir que você e Riley estão juntos...

— Nós não estamos juntos! — exclamo com urgência, elevando o tom de voz mais do que o necessário. Uma mulher que passava atrás de nós para de andar, entrando em alerta ao ouvir meu grito agudo. A encarando, gesticulo com uma das mãos, separando os lábios para pedir desculpas. Quando ela se afasta, volto meus olhos a Caden, que continua com a mesma feição irritante. — Você sabe que Riley só está passando um tempo na minha casa, Prescott. Pare de inventar.

Ele ergue a palma das mãos no alto, se rendendo.

— Tudo bem, se é isso o que você diz, eu acredito.

— Não dou nem duas semanas para vocês se pegarem — Michael emenda, se intrometendo na conversa. Franzo o cenho em sua direção, começando a me irritar. Quando decidi contar a eles sobre minha mais nova colega de apartamento, foi porque confio neles, mas não teria feito isso se soubesse que iriam adorar trazer esse assunto à tona pelo menos três vezes ao dia. Sorrindo, Parker dá de ombros. — Ah, qual é, Austin? Todo mundo sabe que você sempre foi apaixonadinho pela Weston. Não seria nenhuma surpresa se acabassem ficando.

Passo o dorso da mão na testa, enxugando o suor.

Se esses caras ao menos imaginassem o modo como Riley me tratava até recentemente, acompanhado por olhares furiosos e flamejantes, sequer cogitariam essa hipótese.

— Isso não vai acontecer — afirmo, apesar de ser algo que eu queira muito.

Ela é uma das mulheres mais gatas que já conheci. Seria loucura se não a desejasse.

— Aposto que vai — sorrindo, Dilan decide participar da conversa.

— Não, não vai — insisto, suspirando pesadamente. — Nem em um bilhão de anos.

Michael solta uma risadinha, atraindo meus olhos para ele novamente.

— Certo, agora isso acaba de se transformar em uma aposta — ele começa. Preciso usar tudo o que há em mim para não revirar os olhos. O mais novo bebe mais um gole de água antes de continuar. — Se acontecer, Crawford, você terá que pagar uma prenda.

Um risinho indignado me escapa. Quantos anos eles pensam que nós temos, cacete? Oito?

— Não, obrigado — respondo, prestes a me virar e trazer um ponto final ao assunto. Mas então, Caden me impede. Ele para à minha frente, servindo como uma barreira, impedindo minha passagem. — O que foi, Prescott?

A mesma curva irritante de antes toma seus lábios.

— Você já foi mais divertido, sabia? — ele provoca. — Qual é, é só uma brincadeira, Austin!

Suspirando, fecho os olhos por alguns segundos, já cansado desse assunto. Giro nos calcanhares, ficando de frente com Michael e Dilan novamente.

— Tá legal — concordo, mesmo que contra a minha vontade. — Vocês venceram. Se eu e ela nos beijarmos pelo menos uma vez enquanto passa um tempo no meu apartamento, deixo vocês escolherem qualquer prenda idiota para eu pagar.

Os atletas se entreolham, com sorrisinhos marcando os lábios. Conheço Michael o suficiente para saber que já pensou em algo que me fará passar a maior vergonha do século.

Eles voltam a me encarar.

— Falando na sua colega de apartamento, precisamos conhecer sua casa nova, Crawford — Dilan declara.

Ao seu lado, os olhos de Michael ganham um brilho novo, como se o jogador tivesse acabado de ter uma ideia brilhante.

— A gente pode dar uma festa! — ele exclama. Separo os lábios, pronto para dizer que não é uma boa ideia, mas Parker é mais rápido, continuando. — Sabe, essa vai ser uma ótima maneira de alegrar o time depois do jogo de merda de ontem. Todo mundo está um caco.

Mais uma vez, tento falar, mas agora é Caden quem me impede. Dando dois tapinhas de leve nas minhas costas, meu melhor amigo age como se a sugestão de Michael fosse algo que já estivesse resolvido.

— Boa festa para vocês — ele solta. Uma linha feliz toma sua boca. — Eu não vou poder ir. Tenho um encontro com a minha esquentadinha.

— Então é verdade aquele negócio que dizem sobre o amor, não é? — Michael questiona. Ele sorri antes de concluir seu raciocínio. — Ele nos torna mesmo grandes idiotas. Você está até usando um apelido para se referir à Avery!

Uma carranca toma conta do rosto do Caden no mesmo instante. Percebendo, Dilan acerta um peteleco forte na cabeça de Michael, que o encara indignado ao sentir a dor.

— Seu idiota! — Dilan o xinga. — Caden sempre chamou a Avery assim!

Prescott e eu rimos diante da cena. Mas então, mudando de assunto, Parker volta a falar da festa.

— Então está resolvido. Eu levo as cervejas.

Como uma urgência jamais vista, os olhos de Dilan correm em minha direção.

— E me manda seu novo endereço depois, para eu sair espalhando para a galera.

Quando penso em negar, dizendo que essa talvez seja uma péssima ideia, desisto. Austin Crawford ama festas. Não posso mudar quem eu sou ou a minha rotina apenas por ter Riley morando comigo, certo? Não seria uma troca justa.

Além do mais, ela sequer precisa estar presente, se quiser manter nosso segredo a salvo.

Eu só não posso me esquecer de avisá-la.



08

RILEY

Minha cabeça pesa, prestes a explodir.

Estendo um dos braços, segurando a porta do elevador para que Ruby possa atravessá-la, se juntando a mim. Minha melhor amiga, vestindo um suéter preto de gola alta e uma saia branca, inatingida pelo frio, mantém seus olhos verdes repletos de compaixão sobre mim. Suspirando, sentindo uma frustração imensurável corroer todos os músculos do meu ser, paro em frente à fileira de botões metálicos, apertando o do oitavo andar, ansiosa para chegar em casa logo.

Casa. É estranho me referir ao apartamento de Austin dessa maneira.

Mas é o que ele tem se tornado para mim, não? Quer dizer, é onde estou dormindo e onde minhas coisas estão. E esse é o verdadeiro significado da palavra, por mais bizarro que possa ser pensar na circunstância.

Ainda não acredito que estou mesmo morando com Austin Crawford.

— Riley, você está bem? — Ao meu lado, a voz cautelosa de Ruby chama a minha atenção.

Dirijo meus olhos até ela, que me encara como se dissesse um silencioso “sinto muito”. Abro um sorrisinho triste em sua direção, ciente de que é algo que está fora do meu controle.

— Não, mas vou ficar.

Já é noite em Washington, e o dia de hoje poderia facilmente ser considerado um dos mais difíceis da minha vida. Faltei nas aulas para procurar por um emprego e ainda passei horas e horas visitando inúmeras

lanchonetes, bares e restaurantes de bairros próximos. Tudo isso para ser rejeitada em todos eles. Sem exceção.

O que está acontecendo com essa cidade, afinal? Por que, de repente, os estabelecimentos decidiram que não estão contratando?

Sei que após as férias de inverno, que acabaram no início do mês, muitos alunos se transferiram para as universidades da capital e precisaram procurar por um trabalho novo, em busca de se sustentar, mas é ridículo que — de acordo com os gerentes que conversei hoje — os locais que visitei tenham sido as principais procuras por esses jovens.

Respiro fundo, sustentando com os olhos a compaixão que cobre o rosto de Ruby, e declaro: — Eu devia ter começado a procurar emprego no começo do mês.

A expressão da minha amiga se transforma no mesmo instante. Ruby franze a testa.

— Riley, no início de janeiro sua vida ainda não tinha se tornado uma bagunça — ela rebate, dizendo o óbvio. Quando o ano virou, Josh e eu ainda estávamos juntos. Eu ainda morava com meus pais e não conseguia enxergar um mundo onde não conversar com eles todos os dias pudesse ser uma opção. Muito menos pensava em começar a trabalhar. Pousando uma das mãos no meu ombro, a loira me encara com um olhar capaz de acalmar meu coração, mostrando que está aqui por mim. — Não se cobre tanto, Weston. Você vai encontrar um estabelecimento incrível, que estará de braços abertos para te receber como a nova garçonete.

Forço meus lábios a se curvarem levemente, por mais que tudo dentro de mim ainda se encontre um verdadeiro caos.

— Tem razão — respondo, querendo muito acreditar nisso. Porque quando acontecer, poderei pelo menos sentir o peso da preocupação deixar meus ombros. Não por completo, já que ainda estou cercada de problemas, mas pelo menos uma pequena parte dele.

E isso já faz uma grande diferença.

No instante em que o elevador para, finalmente chegando ao oitavo andar, o sorrisinho deixa meus lábios. A expressão que toma meu rosto se transforma por completo assim que escuto a batida abafada de uma música agitada, se tornando confusa. A porta dupla metálica se abre, e Ruby e eu

damos o primeiro passo para o corredor. Então, de repente, meu corpo todo é preenchido por uma raiva imensurável.

Tem uma festa acontecendo na porra da minha casa.

A porta está escancarada, permitindo que feixes de luzes coloridas escapem por ela, vindo de dentro do apartamento até o piso de mármore branco do corredor mal iluminado. Escuto alguns gritos, risadas e vozes se misturando à música, que agora chega aos meus ouvidos de forma perfeita.

Sentindo cada partícula do meu corpo ser preenchida por uma dose generosa de fúria, dou mais um passo à frente, determinada a acabar com essa palhaçada. Mas então, uma mulher alta e morena, vestindo um vestido liso preto, sai pela porta, correndo até o vaso com uma planta decorativa, do outro lado do pequeno corredor. Me impedindo de avançar, Ruby segura meu braço, o apertando com força assim que a mulher se ajoelha, começando a vomitar.

Uma careta se contorce em meu rosto.

Limpando a boca com o dorso da mão, ela sequer parece abalada quando dá meia-volta, retornando ao apartamento, ansiosa para continuar a participar da festa. De repente, ao perceber que seus olhos não vieram de encontro a mim, uma pontada de alívio me atinge.

Não posso ser vista. As pessoas ali dentro com certeza conhecem o Austin. E não tenho dúvidas de que alguns caras dos Caps estão ocupando a minha sala neste instante, com garrafas de bebida nas mãos e, provavelmente, algumas mulheres em seus colos. Não quero correr o risco de ter meu paradeiro chegando aos ouvidos do meu pai. E se não fosse pela moça enjoada, que atrapalhou meus planos de entrar no apartamento em passos furiosos e fazer um escândalo, acabando com a festinha particular do babaca do Crawford, eu teria estragado tudo.

Como foi que esse idiota não me avisou que tinha planos para esta noite? Que falta de respeito do caralho!

— Não sei o que fazer — solto baixinho, cerrando um dos punhos ao lado do corpo. Ainda me segurando, como em um lembrete que me diz para não avançar e cometer alguma burrada, Ruby traz seus olhos até os meus. Ela pisca algumas vezes, aparentando estar extremamente chocada. — Porra, eu realmente não sei o que fazer! Não posso deixar que ele continue com essa festa. Quem ele pensa que é, afinal? Austin não mora mais

sozinho! Não pode continuar agindo como se fosse o único a decidir o que acontece ou não no apartamento!

Digo tudo tão rápido, que fico sem ar.

— Riley, se acalma! — Ruby exclama, me segurando pelos ombros, obrigando meus olhos a se conectarem apenas aos seus. Solto um suspiro trêmulo. Depois do dia de merda que tive, tudo o que mais desejava era chegar na minha casa, com a minha melhor amiga, e ter uma noite de paz, assistindo algum filme ruim até de madrugada. Mas parece que o destino tinha outro plano para mim. Um que consegue me deixar irritada para caralho. Em silêncio, Ruby desvia o olhar pelo corredor vazio. Ela morde o lábio inferior, pensativa, como se analisasse nossas opções. Quando uma ideia parece surgir em sua mente como um estalo, sua atenção se volta ao meu rosto. — Vai para a escada.

Franzo o cenho no mesmo instante, sem entender.

— O quê?

— Vai para a escada — minha melhor amiga responde, determinada a seguir seu plano, seja ele qual for. Quando percebe que a expressão confusa ainda não deixou meu rosto, Ruby suspira, passando a explicar, com as mãos ainda firmes em meus ombros. — Ninguém pode te ver, certo? E sei que quer acabar com essa palhaçada, então irei fazer isso por você. Só... se esconde na escada que eu cuido do resto.

Assentindo, deslizo meus olhos até a pesada porta que leva até o meu esconderijo, no final do corredor, logo em frente ao apartamento do vizinho. Coitado do cara. A música está tão alta, que com certeza está o atrapalhando. Vi ele saindo hoje de manhã, para jogar o lixo. E ele foi educado o suficiente para segurar a porta do elevador para mim. Sabe quanto isso é raro hoje em dia? Se depois desta noite, ainda for gentil comigo, será por algum milagre.

Faço a última troca de olhares com Ruby antes de me afastar dela, atravessando o corredor em passos apressados. Quando passo pelo apartamento onde a festa acontece, permaneço de cabeça baixa, me controlando ao máximo para não dar uma espiada. Fecho a porta corta-fogo quando chego à escada, que logo é iluminada pela luz automática, identificando minha presença.

Encarando a parede branca à minha frente, sou tomada por uma pontada de ansiedade. Passo a roer as unhas de uma das mãos, inquieta.

O que será que Ruby está fazendo?

Sequer tenho tempo de criar teorias quando uma voz, muito conhecida por mim, invade meus ouvidos, se aproximando da escada.

— Ai, porra! — grita Austin. — Você acabou mesmo de me beliscar? Será que dá para me falar pelo menos o seu nome antes de invadir minha casa e sair me arrastando por aí?

Sem pestanejar, abro a porta corta-fogo, me deparando com uma Ruby furiosa segurando o braço de um Austin Crawford atordoado, olhando para ela como se estivesse completamente louca. De repente, todas as peças do quebra-cabeça se juntam em minha mente. E agora, já entendendo o plano de Ruby, não penso duas vezes antes de esticar minha mão e segurar Crawford pela gola da lisa camiseta branca que veste, o puxando para dentro da escada. Seus olhos azuis, um tanto embriagados, se arregalam quando percebem minha presença.

A pesada porta se fecha. E então, estamos sozinhos, com uma Ruby Pike barrando a passagem do nosso esconderijo, do outro lado, se certificando de que ninguém resolva se aproximar ao procurar pelo anfitrião da festa.

Me esforço para fuzilar Crawford com meu olhar mais amedrontador. E pelo modo como sua expressão se transforma, se tornando aterrorizada, sei que sou bem-sucedida.

— Puta merda! — ele exclama, levando as duas mãos à cabeça, como se apenas neste momento se lembrasse da minha existência e do fato de que não me contou sobre seus planos para esta noite no *nosso* apartamento. Um misto de arrependimento e medo ganha vida em seus olhos azuis. Bom, agora já é tarde demais. — Meu Deus! Me desculpa, Riley, eu esqueci de te dizer sobre a festa. Mas o Michael e o Dilan ficaram enchendo minha cabeça com isso o dia inteiro e eu...

Levanto a palma de uma mão no ar, o pedindo para parar. Austin obedece sem nem pensar duas vezes, colando os lábios antes de engolir em seco.

Travando o maxilar, dou alguns passos à frente. E só quando estou perto o suficiente para precisar erguer o queixo, devido à nossa diferença de

altura, no intuito de não perder o contato entre nossos olhos, é que solto, falando lentamente: — Você tem cinco minutos para acabar com essa festa, Crawford. Caso contrário, vou pedir para que a minha amiga entre no apartamento e inicie um escândalo, expulsando todo mundo.

Um tanto desconcertado diante da aproximação exagerada, ele congela por alguns segundos, até finalmente conseguir reunir as forças necessárias para se livrar do transe que o consumiu, acenando levemente com a cabeça, demonstrando ter entendido. Quando me afasto, os músculos do atleta parecem relaxar. Ele suspira pesadamente.

— O relógio já começou a contar, bonitinho. — Abro o meu mais falso sorriso. — *Tic tac, tic tac.*

Então, tão rápido quanto foi puxado para dentro da escada, Crawford a deixa.



De acordo com Ruby, foram necessárias apenas 3 viagens de elevador para que todos os convidados deixassem o oitavo andar. Ela disse que se surpreendeu um pouco quando entrou no apartamento, no intuito de encontrar Austin e o arrastá-lo porta afora, e percebeu que não era uma festa grande.

— Senhor... — segurando a porta da escada para que eu passe, minha amiga começa, cochichando. Com a mão livre, ela finge se abanar. — Não sabia que Austin poderia ser ainda mais bonito pessoalmente.

Finalmente deixando o esconderijo, a lanço um olhar indignado, sem acreditar no que acabei de ouvir.

— Ruby Pike! — a repreendo. — Foca na missão! Esta noite, ele é o inimigo.

A loira sorri, dando de ombros.

— Um inimigo *beeeeem* gostoso.

Reviro os olhos, separando os lábios, prestes a adverti-la novamente, quando sou impedida. Uma voz rouca alcança nossos ouvidos, nos chamando a atenção.

— Sabia que te conhecia de algum lugar — recostado no batente da porta da nossa casa, Austin solta, conversando com Ruby. Uma *long neck*

pela metade está em uma de suas mãos, e a outra está guardada em um dos bolsos da calça de moletom preta que veste. Um sorrisinho rasga seu rosto. — Te vi com Riley no Forb's, em uma noite. Agora entendo o porquê de vocês duas serem amigas. As duas têm facilidade em me encarar como se quisessem me matar.

Completamente tomada pelo impulso, me aproximo dele em passos duros e apressados. Se ainda me restava qualquer resquício de paciência, por menor que fosse, ele morre quando paro em frente a Austin e, por cima dos seus ombros, consigo enxergar a grande bagunça que sua reunião particular causou no apartamento. O encontrando com meus olhos em chamas, espalmo seu peito com as duas mãos. Crawford cambaleia para trás assim que o empurro, tomando cuidado para não derrubar a garrafa de cerveja.

Minha casa está um caos. Com garrafas de bebida vazias por todo canto, um vaso decorativo estraçalhado sobre um tapete e copos de plástico vermelhos jogados pelo chão, parece que um furacão acabou de passar pela sala, que estava completamente arrumada quando saí mais cedo.

Apesar de não chegar sequer aos pés de uma república após uma festa universitária, o apartamento está uma bagunça.

Em uma falha tentativa de me manter no controle, respiro fundo quando dou os primeiros passos para dentro do ambiente. Ruby me segue sem hesitar.

— Presta atenção, Baby Weston... — parado a uma curta distância de nós, Austin tenta começar.

Mas sequer dou chances para que ele continue a falar.

— Não, presta atenção você! — quase grito, completamente fora de mim. É como se a irritação pudesse corroer até as menores partículas do meu corpo. Austin arregala um poucos os olhos ao notar o tom áspero na minha voz. O fuzilo com o olhar, travando a mandíbula antes de continuar. — Deveria ter pelo menos me avisado antes de tomar a decisão de transformar nosso apartamento em uma bagunça completa. — Começo a me aproximar dele em passos curtos, lentamente. Nossos olhares travam uma batalha. — Foi uma extrema falta de consideração. Tanto comigo, como sua colega de apartamento, quanto com o pedido que eu te fiz, para tomar cuidado e não me prender em uma enrascada, que faça com que meu

paradeiro chegue ao ouvido do meu pai. — Volto a parar em sua frente. Seu perfume amadeirado, misturado com o hálito de álcool, invade minhas narinas. E estamos perto. Perigosamente perto. — O que aconteceria se eu entrasse por esta porta e ficasse cara a cara com todos os convidados de hoje, Crawford? Quantos jogadores de hóquei eu iria encontrar? Quantas pessoas com contato direito com o meu pai? Pessoas que sequer me conhecem, que eu ao menos sei se posso confiar!

— Riley, não foi a minha intenção. Eu juro que ia te avisar, e... — ele tenta se explicar novamente, mas suas palavras morrem na garganta. Nervoso, sem saber muito bem como agir, Crawford leva a garrafa em sua mão até os lábios, dando um gole na bebida. Quando a afasta do rosto, ele suspira pesadamente. — Será que a gente pode tentar ter uma conversa civilizada?

Sem acreditar no que estou ouvindo, solto uma risada baixa, repleta de cinismo.

— Ah, então você quer que sejamos civilizados? — Arranco a *long neck* de suas mãos. Austin sequer tenta pegá-la de volta, tomado pela confusão. Erguendo ainda mais o queixo, o lanço uma piscadela. — Eu estou sendo civilizada para caralho!

Sem desviar minha atenção de seus olhos, miro ao lado do seu corpo, na parede atrás de nós, arremessando a garrafa com força. Crawford estremece quando o som do vidro se quebrando em mil pedaços chega aos nossos ouvidos.

Choque toma conta do seu rosto. Mas Crawford não se move. Ele apenas semicerra os olhos, como se não acreditasse no que eu acabei de fazer.

A carga elétrica que circula entre nossos corpos ganha força, se tornando cada vez mais intensa e perigosa. Com o peito subindo e descendo, sinto a adrenalina e a fúria se misturarem em minhas veias e os intensos olhos azuis do atleta puxarem os meus como ímãs extremamente potentes.

Mas então, alguém pigarreia. E nós finalmente nos libertamos das amarras estranhas que nossa discussão criou, controlando nossos corpos.

Girando nos calcanhares, pronta para me deparar com apenas Ruby na sala, me surpreendo quando percebo a presença do Sr. Trevus, o porteiro de

cabelos grisalhos, olhos expressivos e já com uma certa idade. Parado no corredor, do outro lado da porta aberta, ele limpa a garganta novamente, analisando a bagunça que toma conta do apartamento.

— Desculpa atrapalhar a noite de vocês, mas tenho um envelope para entregar — avisa, abrindo um sorriso trêmulo e sem jeito nos lábios. Ando em sua direção, pegando o objeto de suas mãos. Viro o papel branco, o analisando. Ao não encontrar nada escrito, franzo o espaço entre as sobrancelhas, olhando para Trevus como quem aguarda por uma explicação. Aparentando estar um pouco nervoso, e até meio ansioso, o porteiro se apressa a falar. — É uma multa por barulho em excesso. Agora, boa noite para vocês!

Ah, ótimo.

Como se tivesse formigas em suas calças, ele dá as costas, voltando para o elevador em passos apressados.

Cansada de ter minha raiva sendo alimentada cada vez mais, fecho a porta antes de atirar a multa sobre o balcão da cozinha, ao meu lado. Fecho minha mão ao redor do pulso de Ruby, que permaneceu esse tempo todo em silêncio, e sem dizer mais nada, a arrasto comigo em direção ao corredor, a caminho do meu quarto.

Durante o curto trajeto, cruzo meus olhos com os de Crawford pela última vez hoje. Parecendo arrependido, ele engole em seco. E não é preciso que digamos mais uma única palavra sequer. Sabemos muito bem o que acaba de acontecer.

Nesta noite, a bandeira branca erguida entre nós foi modificada, se manchando de tinta preta.



09

AUSTIN

Eu sou um completo imbecil.

A caminho de uma reunião com meu mais novo agente, esse é o único pensamento que martela minha mente enquanto o taxista estaciona em frente ao grande prédio comercial.

Ainda não acredito que esqueci mesmo de avisar Riley sobre a festa de ontem. Fui extremamente idiota, para não dizer irresponsável. E agora, após ter sido obrigado a expulsar todos os meus convidados, ter ouvido Riley Weston gritar comigo e ainda ser ter recebido a multa mais cara da minha vida, também posso adicionar mais uma pessoa à interminável lista de “mulheres que odeiam Austin Crawford”.

Porque não menti quando disse que, assim como Riley, Ruby também me encarava como se quisesse me matar.

Tiro a jaqueta preta que visto ao chegar ao saguão do edifício, deslizando os olhos até o balcão de entrada, onde a recepcionista está posicionada, organizando alguns papéis. Seus cabelos são loiros, os olhos azuis e aparentando estar realmente concentrada, sem desviar a atenção da papelada, a mulher estoura uma grande bola de chiclete em sua boca. Do outro lado do espaço, Gavin, o segurança que já conheço, após tê-lo visto com Caden algumas vezes, se serve com um café de máquina. O homem alto e forte sorri ao notar a minha presença, e eu retribuo.

Esse cara seria capaz de assustar qualquer um que não sabe que seu coração é extremamente bondoso ou que nunca viu a foto que Caden me

mostrou um dia, de Gavin brincando de boneca com as filhas, sentado no tapete da sala.

— Bom dia. — Uma voz desconhecida alcança meus ouvidos, me fisgando para longe dos meus pensamentos. Corro os olhos até o balcão, me deparando com a recepcionista que, do outro lado dele, me encara fixamente. — Em que posso ajudar?

Me aproximo ainda mais dela, que se debruça sobre a estrutura à sua frente.

— Sou Austin Crawford — revelo, começando a explicar o motivo pelo qual estou aqui. — Novo agenciado do Paxton River. Ele e eu temos uma reunião agendada para daqui a dois minutos. Outro atleta também estará presente.

Com uma expressão divertida tomando o rosto, a loira tomba a cabeça para o lado. No crachá metálico pendurado em sua blusa social branca de mangas cumpridas, leio o seu nome. Mandy.

Acho que já ouvi Caden falar sobre ela uma ou duas vezes.

— Seu amigo, Caden Prescott, já está lá em cima — a tal da Mandy revela, ainda debruçada sobre o balcão, com uma postura despreocupada. Outra bola de chiclete estoura em sua boca. Uma ainda maior, desta vez. — Paxton me pediu para te liberar, assim que chegasse. Sabe onde fica o escritório dele?

Confirmo com a cabeça.

Prescott me explicou tudo por mensagem, quase se tornando um mapa ambulante do prédio que ele tanto conhece. Acontece que Paxton River é um dos melhores agentes esportivos do país. E Caden e ele trabalham juntos há alguns meses.

Agora é minha vez de me juntar ao time. Robert, meu antigo agente, era um completo desorganizado, que não levava quase nada à sério. Já estava na hora de me livrar daquele cara.

Agradeço Mandy antes de dar as costas, seguindo em direção à área dos elevadores. Afundo um dedo no botão, o acionando. E quando a caixa metálica chega ao térreo, passo pela pesada porta dupla sem hesitar, iniciando minha subida até o andar onde o escritório de Paxton River se localiza.

No meio do caminho, puxo meu celular para fora do bolso da calça que visto, acendendo a tela para verificar se tenho alguma nova notificação. Me sentindo um idiota ao perceber que fui com esperança de encontrar uma mensagem de Riley, deslizo o celular para dentro do bolso novamente, suspirando de forma pesada.

Sei que, se depender dela, Weston ficará sem conversar comigo pelo máximo de tempo possível.

E não a julgo por isso. Fui um péssimo colega de apartamento.

A porta dupla metálica se abre, e deixo o elevador sem hesitar. Dou alguns passos pelo corredor até parar em frente à porta que Caden disse ser a do escritório do Paxton. Não demora muito para uma mulher baixinha, vestindo um terninho e óculos de grau redondos, me atender. Ela sorri largamente ao ver quem sou.

— Bom dia, Sr. Crawford — deseja, abrindo ainda mais a porta, como em um convite implícito para que eu entre. — O Sr. River e o Sr. Prescott já estão acomodados, à sua espera.

Sorrio para ela em agradecimento, tentando mascarar a gigantesca vontade que toma meu corpo, de fazer uma careta ganhar forma em minha expressão. Odeio ser chamado de “senhor”.

Porra, a verdade é que acho que estou entrando em uma crise de meia-idade precoce. Ainda é surreal pensar que daqui a poucos anos irei chegar aos 30.

Será que já tenho rugas?

Chacoalhando a cabeça, mandando esse pensamento para longe, passo pela sala de espera, indo até a porta indicada pela mulher — que imagino ser a secretária de Paxton. Dou duas leves batidinhas antes de girar a maçaneta, me deparando com Caden e meu mais novo agente sentados à mesa.

Prescott sorri assim que entro na sala, fechando a porta atrás de mim. Com a feição impassível de sempre, exalando frieza, Paxton River se recosta em sua poltrona, me observando com seus olhos azuis enquanto me sento. Seu cabelo loiro está perfeitamente penteado para trás, com a ajuda de algum gel muito potente, e a ruga em sua testa aparenta estar mais marcada do que a última vez que nos encontramos pessoalmente.

Agora acomodado ao lado do meu melhor amigo, abro um grande sorriso nos lábios, batendo uma palma antes de cravar os olhos no nosso agente.

— Então, qual é a boa? — questiono, ansioso para a nossa primeira reunião.

Paxton se endireita na poltrona, nos encarando com seriedade.

— Temos um evento — ele diz.

Franzo o cenho quando percebo que não irá continuar a dar mais detalhes. Esse cara me assusta às vezes, com seu jeito frio e estranho de agir.

— Quando? — Caden pergunta, dando um empurrãozinho.

— Em três meses — revela o agente, finalmente. — Será no final de abril, pouco antes do início dos *playoffs*.

— Certo — Prescott responde, com o cenho um pouco franzindo, e sinto que ele compartilha do mesmo pensamento que eu. Essa é uma época em que deveríamos estar 100% focados no hóquei, sem distrações. — E será aqui em Washington mesmo?

— Não — Paxton responde, simplista. — O evento é em Cancún.

Ao meu lado, Caden se engasga com a própria saliva. Seus olhos um tanto arregalados correm até os meus, permanecendo por alguns segundos, e sua boca se abre, falando com o nosso agente: — Cancún? — meu melhor amigo praticamente berra, tomado pelo choque. — Tipo, no México? Você quer que a gente viaje para o México poucos dias antes dos *playoffs?*

— Isso é loucura! — exclamo, sem entender como Paxton pode estar mesmo sugerindo uma viagem, justo nessa época.

Como se compreendesse nossa preocupação, o agente entrelaça as mãos sobre a mesa. Seu olhar intercala entre Caden e eu.

— Escutem bem — ele inicia, com a mesma voz baixa, porém dura de sempre. — Sei que é uma data péssima, mas é um convite irrecusável. Me ligaram na noite de ontem, nos convidando, e eu simplesmente não tive como negar. É um evento perfeito para a aparição na mídia, além de que é uma honra ter nossos nomes na lista de convidados. Ou vocês querem mesmo que eu ligue para a equipe de Nikolai Ivanov e avise que nós não estamos dispostos a comparecer na festa de aniversário de 63 anos dele?

De repente, é minha vez de engasgar.

Passo a tossir desesperadamente, alcançando o copo de água de Caden sobre a mesa. Ao meu lado, enquanto tomo sua bebida, meu melhor amigo permanece petrificado, com os olhos arregalados e o queixo caído.

Cacete, o que está acontecendo aqui?

— Nikolai Ivanov nos convidou para uma festa? — praticamente berro, em êxtase, quando me recupero. Tusso mais algumas vezes, vendo Paxton assentir. O choque toma meu corpo por inteiro. — Puta que pariu!

Caden finalmente parece voltar à realidade, tão surpreso quanto eu.

— Isso é sério? — ele questiona, com um grande sorriso rasgando o rosto. Seu tom de voz sai mais alto do que o normal, carregado de animação. Quando Paxton suspira, assentindo novamente, os olhos de Prescott correm até mim. E de repente parecemos duas crianças, felizes após ganhar uma pelúcia em uma barriquinha de algum parque. — Caralho!

— Caralho! — repito suas palavras, sem saber ao certo como agir.

Essa é, com certeza, o melhor convite que poderia receber em toda a minha vida.

Nikolai Ivanov é a porra de uma lenda. Dono de cinco títulos da Stanley Cup, de nove prêmios de MVP da temporada, sendo oito consecutivos, e da liderança no ranking de gols, pontos e assistências, o canadense é, sem dúvida nenhuma, o maior jogador da história da NHL.

E ele está nos convidando para uma festa no México. A *sua* festa, em uma das *suas* casas.

— Porra! — exclamo, já perdendo as contas de quantos palavrões soltei nos últimos minutos. Deslizo meus olhos de volta à figura de Paxton. — River, não podemos negar o convite — digo o óbvio. — Acredito que não devemos ser os únicos jogadores da temporada atual que foram convidados por Nikolai. Ele deve ter escolhido uma data que não nos atrapalhe tanto, certo? Podemos ir e voltar sem nos preocupar com o início dos jogos?

Uma dose extra de felicidade toma meu corpo quando Paxton acena com a cabeça, revelando: — Sim, podemos. Vamos de jatinho, e irei organizar nossos horários, para que seja uma viagem rápida, que nos leve ao México apenas para marcar presença no evento. — Mantendo a postura, River limpa a garganta antes de continuar, encarando Caden. — Vocês devem ir acompanhados. Prescott, leve a Avery. — Seus olhos azuis correm

até mim. — E Austin, encontre uma acompanhante. Não pode aparecer sozinho.

Concordo sem hesitar, afirmando que farei isso. E mesmo não tendo ninguém em mente, já que não levo sequer uma única alma-viva para a cama e não flerto há alguns dias, me obrigo a permanecer com um sorriso no rosto.

E daí que a única mulher que estou convivendo no momento está com uma tremenda vontade de me matar? Posso me preocupar com essa história de acompanhante depois.

Agora estou focado demais em aproveitar o momento. E, *porra*, que momento!

Sou completamente louco pelo meu trabalho.



Riley parece realmente focada na missão de me evitar a todo custo.

A noite já cobriu Washington, e Weston tem me ignorado desde que cheguei em casa, depois de ter saído para correr com Caden e Dilan. E isso já faz mais de três horas.

Sentado no sofá, deixo o notebook de lado, ainda com a pesquisa sobre Nikolai Ivanov aberta na tela. O grupo de mensagem com os caras do time foi à loucura nessa tarde, graças ao Michael. Paxton tinha dito para que Caden e eu fossemos discretos quanto ao convite, por mais grandioso que ele seja, mas, ao que parece, o agente de Michael Parker não pediu a mesma coisa, já que meu amigo saiu contando para todo mundo dos Caps sobre a festa, revelando que também foi convidado. Os caras estão com inveja. Sequer tentam esconder.

Quem não estaria, não é mesmo? Ivanov é um fenômeno.

Sentindo a garganta coçar, em um desejo incontrolável de contar a novidade para alguém, lanço um olhar para Riley. Sentada em um dos banquinhos do balcão da cozinha, a garota tem uma expressão concentrada em seu rosto, a coluna torta e os olhos azuis safira grudados na tela do seu notebook. Sobre o mármore do balcão, alguns papéis e uma caneta se fazem presentes.

— Riley... — tento a sorte, começando.

— Não estou falando com você. — Sua resposta vem rápida, ríspida demais. Weston sequer me encara ao se dirigir a mim, ainda focada no notebook.

Engulo em seco, decidindo que, por ora, terei que controlar minha língua e guardar a novidade apenas para mim.

Inquieto, inclino meu tronco para frente, batucando na mesinha de centro com a ponta dos dedos. Mas então, quando a ouço resmungar e ergo meus olhos, a enxergando coçar a nuca, nervosa por alguma razão, sinto uma pontada de curiosidade me atingir.

Em uma naturalidade fingida, me levanto do sofá, indo até a cozinha com o pretexto de apenas beber água. Tentando espiar o que tem na tela do notebook de Riley, agora já atrás dela, alcanço um copo em um armário alto. E estou abrindo a geladeira quando consigo enxergar, por cima dos ombros da garota, o que está pesquisando.

— Pretende trabalhar em alguma lanchonete ou restaurante? — pergunto, entornando a água gelada no copo. Sua pesquisa atual revela que sim, mas não recebo nenhuma resposta. Dou de ombros, fechando a porta da geladeira. Não é como se eu esperasse que fosse diferente. — Sabe, eu conheço alguns lugares que talvez estejam contratando... Já tentou a Bloom Café, em Georgetown? É a lanchonete favorita da Avery.

Mas uma vez, Riley me ignora.

Tentando conter o sorrisinho que ameaça tomar meus lábios, os levo até o copo de vidro, tomando água, mesmo sem sede. Não sei por que, mas nossa dinâmica nova me dá vontade de sorrir.

O que não faz o menor sentido, já que Weston está furiosa comigo. Eu deveria sentir vergonha, ciente de que fui um completo babaca.

Colocando o copo vazio na pia, resolvo deixar a cozinha, após ser ignorado pela milésima vez apenas nas últimas 3 horas. Volto para a sala, sentindo o tédio me corroer. Antes de sentar no sofá, porém, ligo o video game, pegando um dos controles. Sou completamente viciado em jogos, mas nunca tenho muito tempo.

No Canadá, quando era adolescente e não estava com um taco na mão e patins nos pés, fugia do mundo através do video game. Ele, assim como o hóquei, era minha válvula de escape. Quando todos os problemas à minha

volta eram silenciados. Quando conseguia mascarar a realidade que vivia e fingir, pelo menos por algumas horas, que aquela não era a minha vida.

Que eu era um soldado, com escudos e espadas, lutando contra um dragão, ou até mesmo um piloto de carros de corrida, que tinha como missão não sair batendo em tudo que tinha pela frente, até chegar na linha de chegada. Eu tinha um jogo de hóquei, mas não curtia muito. Preferia fazer isso fora das telas, em contato com um rinque de verdade.

Agora acomodado no sofá, com o controle entre as mãos, espero pelo jogo que escolhi carregar. A barrinha se completa aos poucos na tevê, e uma música irritante invade a sala. Assim que o carregamento está prestes a terminar, porém, a tela da televisão fica preta. Franzo o cenho, deslizando minha atenção para longe dela. E no instante em que encontro Riley, parada ao lado do console, com um grande sorriso rasgando seu rosto, entendo tudo.

O fio que ela tirou da tomada é balançado de um lado para o outro em sua mão, assim como as mães tendem a fazer quando se têm filhos viciados e desobedientes.

Sem acreditar no que vejo, me recosto no sofá, soltando uma risada nasalada.

— Você é psicopata. — Chacoalho a cabeça levemente.

Weston não se abala com minhas palavras. Muito pelo contrário. Ela apenas solta o fio no chão, se livrando dele, e dá as costas, saindo em direção ao balcão.

— Prefiro criativa — solta, voltando a se sentar em seu banquinho. Um sorriso ainda se faz presente em seu rosto. — Espero que se lembre disso, na próxima vez que me ver concentrada e resolver fazer barulho.

Bufo, observando Riley voltar a digitar em seu notebook, me obrigando a fazer silêncio após a "quase-bronca" que levei. Quando ela pega seu celular, parecendo digitar um número que copia da tela do computador, algo se aquece no meu coração. Porque Riley Weston fica adorável quando está concentrada, completamente diferente de minutos atrás.

Me pergunto como é possível que alguém seja tão doce e amarga ao mesmo tempo.

— Boa noite, é da Bloom Café? — É o que sua voz questiona, assim que leva o celular a uma das orelhas.

E de repente, ao perceber que ela deixou o orgulho de lado para seguir meu conselho, tenho um sorrisinho incontrolável tomando o rosto.



10

RILEY

O apartamento se encontra em completo silêncio quando me levanto da cama.

A manhã de sábado permite que eu acorde mais tarde, mas acredito que hoje tenha extrapolado no horário. Acontece que, após conseguir uma entrevista de emprego na Bloom Café, que acontecerá na terça-feira, foi quase impossível pegar no sono. Meu corpo estava coberto por uma ansiedade e um nervosismo nunca experimentados antes. Quando consegui dormir, já era no meio da madrugada. Então não me culpo tanto por ter acordado praticamente na hora do almoço.

Esfregando os olhos, sonolenta, saio do meu quarto, chegando ao corredor. Lanço uma rápida espiada para a porta do quarto do Austin, que se encontra completamente aberta. Lá dentro, a cama de casal está arrumada e a persiana levantada, permitindo que a luz do dia entre, clareando o ambiente.

Franzo o cenho ao pensar que talvez ele não esteja em casa. Tudo está silencioso demais.

Quando chego à sala, minha teoria se revela verdadeira. E assim que entro na cozinha, visando abrir a porta da geladeira e pegar um copo de água para matar a sede, e encontro um *Post-it* amarelo colado a ela, entendo tudo.

Porque no *Post-it*, Crawford deixou um recado que revela sobre o seu paradeiro.

Bom dia, Baby Weston.

Enrugo o nariz, em uma careta diante do apelido que tanto odeio.

Recebi uma ligação, dizendo que meu carro já está pronto. Fui buscá-lo. Eles me falaram que seu Jeep fica pronto na semana que vem, então já pode se preparar para dizer adeus às constantes caronas que seus amigos te dão.

Não devo demorar muito para voltar para casa, mas tenho um compromisso e não irei almoçar aí. Pode pedir alguma coisa, se quiser, ou cozinhar algo apenas para você.

Beijos, Austin Crawford.

ps: espero que hoje tenha acordado com menos raiva de mim :)

Reviro os olhos ao ler a frase final, não contendo a risadinha nasalada que me escapa. Esse cara não perde mesmo uma oportunidade para fazer gracinha.

Coloco o copo de água que bebi dentro da pia antes de dar as costas, deixando a cozinha. Sem a menor vontade de preparar algo, decido que irei pedir comida. Faz tanto tempo que estou com vontade de comer pratos mexicanos, que pedir *Taco Bell* hoje seria algo maravilhoso.

Lanço uma rápida olhada para o relógio pregado à parede da sala, ao lado do medonho quadro que Caden deu de presente para Austin. Uma careta toma meu rosto ao observar a mulher assassina, que pretende matar o seu esposo, segurando uma faca próximo às costas dele.

Por que caralhos alguém compraria isso?

Já é meio-dia. Austin deve estar prestes a voltar, já que daqui a pouco vai sair para almoçar.

Coçando os olhos, ainda cansada, pego algumas roupas no meu quarto, me dirigindo até o banheiro em seguida. O jato forte de água morna

que cai sobre meu corpo quando entro no banho, relaxa meus músculos e me desperta um pouco mais.

Já estou vestida, de volta ao corredor, quando o som que retorna a invadir meus ouvidos me faz congelar. A toalha que embrulha meu cabelo parece pesar ainda mais, no topo da cabeça, e meus olhos se arregalam.

Lentamente, giro nos próprios calcanhares, me virando para a porta aberta do banheiro. Lá dentro, as luzes estão apagadas, mas a claridade que invade o apartamento por todas as janelas me permite enxergar claramente o que acabou de ocorrer.

O chuveiro ligou sozinho.

Puta que pariu!

Parada no lugar, tento processar que porra aconteceu, enquanto minha mente começa a criar teorias.

Que não seja um fantasma, que não seja um fantasma...

Outro som me faz pular de susto. Um gritinho incontrolável escapa pelos meus lábios, e meus olhos correm na direção de onde o barulho veio.

Parado em frente à porta do apartamento, Austin me encara com o cenho franzido. A chave de casa se faz presente em sua mão, e ele empurra a porta com o pé, a fechando.

— Está tudo bem? Por que parece que você acabou de ver um fantasma?

Tomo fôlego antes de responder, indo direto ao ponto, levando uma mão ao coração: — O chuveiro abriu sozinho.

A testa do atleta se franze ainda mais, confusão marcando toda a sua expressão.

— Como assim? — É o que pergunta, deixando as chaves sobre o balcão da cozinha antes de se juntar a mim em passos apressados. Crawford não hesita ao entrar no banheiro, acendendo as luzes do ambiente. Ele invade o box, estendendo uma das mãos para fechar o registro do chuveiro. E então, simples assim, o barulho incessante do forte jato de água batendo contra o chão cessa. — Pronto. Deve ter sido algum problema de contato. — Seus olhos azuis me encontram. — Posso dar uma olhada nisso depois do almoço, quando voltar para casa.

— Com quem você vai sair? — pergunto, ainda um tanto assustada.

Não quero ficar sozinha aqui depois do que acabou de acontecer.

— Com os mesmos caras de sempre. — Crawford dá de ombros, voltando a se juntar a mim no corredor. Ele apaga as luzes do banheiro antes de deixá-lo. — Caden, Michael e Dilan. Michael nos convidou para ir em um bar novo, que acabou de ser inaugurado.

Não penso muito antes de separar os lábios, questionando: — Eles sabem do nosso segredo? Sabem que estou morando com você?

Um vinco confuso toma o espaço entre suas sobrancelhas.

— Sim. Por quê?

— Ótimo. Então eu vou com vocês.

— O quê?

— Não vou ficar aqui sozinha depois do que aconteceu!

E então, simples assim, dou as costas, a caminho do meu quarto, pronta para me arrumar para sair. E Austin não diz nada quando o peço para me esperar.



— Não devíamos estar fazendo isso. — É o que o meu colega de apartamento fala, virando o volante e fazendo mais uma curva nas ruas de Washington. Estamos a caminho do bar onde seus amigos esperam por ele, sem saber que decidi ir de última hora. — É arriscado. Não sei se o lugar vai estar cheio, mas alguém pode te ver. E, convenhamos, se George for descobrir que está ficando na minha casa por um tempo, o pior jeito de isso acontecer seria com uma foto nossa vazada, que acabou indo parar em alguma matéria com um título do tipo “Riley Weston e os jogadores do seu pai saem para almoçar juntos! A mulher chegou acompanhada por Austin Crawford”.

— Sei disso — respondo, sentada no banco ao seu lado. — Mas não posso fazer nada. Não ia ficar naquele apartamento sem ninguém, depois de ter presenciado o chuveiro ligando sozinho.

Austin suspira antes de repetir, pela milésima vez nos últimos 5 minutos: — Por Deus, Weston, já disse que foi um problema de contato! Não é como se tivesse uma assombração morando no nosso banheiro.

— Você não sabe! — exclamo de volta, o encarando. — Você joga hóquei, bonitinho, não venha para cima de mim com todo esse papo de

encanador! — Crawford revira os olhos, como se estivesse lidando com uma criança teimosa. Isso só me irrita ainda mais. — Além disso, não parecia nenhum pouco preocupado em manter nosso segredo seguro quando decidiu dar uma festa no apartamento sem me avisar.

— Exatamente! E você quase quebrou uma *long neck* na minha cabeça por isso — ele retruca, chacoalhando a cabeça de leve em negação, os olhos ainda cravados na rua, atentos ao volante. — Não entendo por que está vindo comigo hoje, depois de ter surtado naquela noite, pensando que alguém poderia ter te visto. Está se colocando em risco.

Indignada, solto uma curta risada nasalada.

— Certo. E o que você sugere? Que passemos em uma loja de fantasias e compremos um disfarce para mim? — questiono, sem paciência. Austin traz seus olhos aos meus de forma rápida, um vinco marcando o espaço entre suas sobrancelhas. — Ou minha presença aqui te incomoda tanto, que prefere parar o carro e me pedir para voltar andando para casa?

Ele não responde nada. Ao invés disso, permanece dando atenção à rua à sua frente, fingindo estar completamente focado no trânsito, como se não se desse ao trabalho de me ouvir. Mas sua mandíbula travada indica que escutou bem o que eu tinha a dizer. E que está irritado comigo, assim como estou com ele.

Ótimo.

Quando Crawford encosta o carro, porém, sinto uma pontada de desespero me atingir. *Ele não vai me pedir para sair, vai?*

Seus olhos azuis correm em minha direção, parecendo faiscar.

— Abra o porta-luvas, Weston. — É tudo o que diz, me pegando de surpresa.

— O quê?

Impaciente, Crawford não se dá ao trabalho de repetir. Muito pelo contrário. De forma apressada, ele inclina o corpo em minha direção, esticando um dos braços até abrir o porta-luvas. Espio lá dentro, observando a bagunça de coisas que foram esquecidas.

Uma careta se contorce em meu rosto assim que noto algo que adoraria apagar da minha memória.

— Por que caralhos você guarda a calcinha de alguém no seu porta-luvas? — questiono, com a voz saindo mais alta e aguda do que planejava.

Mais uma vez, Austin não diz nada. Sua mão se remexe lá dentro, à procura de algo. Quando encontra um boné azul surrado dos Caps, com o desenho de uma águia, e um óculos de sol esportivo, com uma armação branca, ele os tira dali no mesmo instante, os colocando sobre o meu colo.

Sua mão bate o porta-luvas sem o menor resquício de delicadeza, o fechando. Um sorrisinho forçado toma seus lábios quando ele traz os olhos de volta aos meus.

— Pronto, Weston. O seu disfarce.

Sequer me esforço para conter a careta que ameaça tomar meu rosto. Sei que talvez esteja sendo chata, mas ficarei completamente ridícula usando essas coisas.

— Obrigada, mas...

Austin arqueia as sobrancelhas, fazendo minha voz morrer na garganta.

— Pensei que não quisesse que te reconhecessem comigo, Riley.

Então, simples assim, ele volta a entregar sua atenção ao volante, dando partida em sua SUV novamente. E soltando um pesado suspiro, me dou por vencida, afundando o boné na cabeça e colocando os óculos.

Sinto vontade de matar Austin quando, pelo canto do olho, noto o idiota morder um sorriso, se divertindo com a minha situação enquanto dirige.

Babaca.



Diferente das áreas que meus colegas da universidade e eu temos o costume de frequentar, o bar que o amigo do Austin escolheu não faz do tipo de ambiente em que as pessoas vão para se embebedar de cerveja. Muito pelo contrário. Apenas pela fachada e pelo pouco que consigo enxergar da área interna através da vidraça, percebo claramente que o local é perfeito para quem gosta de degustar de *drinks* diferenciados e ter uma boa refeição, além de deixar um rim quando for pagar a conta.

O que não deveria ser nenhuma surpresa, já que estou me infiltrando em um almoço com jogadores de hóquei com mais zeros do que jamais terei na vida em suas contas bancárias.

Minha garganta dá um nó diante desse pensamento, e juro que sinto como se um soco fosse acertado no meu estômago, apenas em me imaginar gastando o dinheiro que não tenho.

— Não vou conseguir arcar com o custo deste lugar, Crawford — revelo, ainda parada em frente à entrada. Atrás da porta de vidro, um recepcionista nos analisa, aguardando pelo momento em que vamos resolver passar por ele. — Posso apenas pedir uma água e...

Uma mão calejada me cala ao ser pousada em minhas costas, sobre o simples e curto vestido de cetim preto que escolhi às pressas. É ridículo como o "disfarce" que Austin escolheu conseguiu estragar todo o meu modelito.

Atrás de mim, ainda com a mão em minhas costas, Crawford aproxima os lábios de um dos meus ouvidos, soprando: — Essa deveria ser a menor das suas preocupações, Baby Weston. Ou não se lembra que ser vista comigo estragaria todo o nosso segredinho?

Engulo em seco, odiando o arrepio que sua proximidade me faz sentir. Então, sem que nenhum de nós diga mais nada, Austin faz uma leve pressão em minhas costas, me incentivando a dar os primeiros passos para dentro do bar. Ele me segue sem hesitar.

Um alívio sobrenatural me atinge assim que, ao deslizar os olhos pelo primeiro andar do local, o noto praticamente vazio. Por ter sido inaugurado recentemente, isso me surpreende um pouco. Ainda mais em um sábado.

O recepcionista é extremamente gentil conosco, nos levando ao andar de cima, onde, segundo ele, os meninos "nos esperam".

Já consigo visualizar seus olhares arregalados e expressões assustadas assim que notarem que vim como acompanhante do meu colega de apartamento.

Por algum milagre, o segundo andar do estabelecimento também está quase vazio. Assim que subimos o último degrau da escada, meus olhos encontram uma mesa no fundo, onde Caden Prescott, Dilan Clanton e Michael Parker estão acomodados, rindo de algum assunto. E além dela, apenas outras três estão ocupadas.

Me sentindo extremamente ridícula, afundo o boné dos Capitals na cabeça antes de atravessar o ambiente ao lado de Austin, que agradece o recepcionista ao se aproximar dos seus amigos.

Então, três pares de olhos notam nossa presença. E nenhum deles parece estar focado na chegada de Austin, já que passam a me dar completa atenção.

— Puta que pariu... — Caden é o primeiro a se pronunciar.

— O que é que... — Aparentando estar completamente atordoado, Michael falha ao tentar começar. Ele intercala seus olhos castanhos entre Austin e eu como uma bola de pingue-pongue, sendo rebatida de um lado para o outro em uma partida.

— Merda, Crawford! — Dilan se junta aos amigos, expressando sua indignação.

Ah, ótimo! Pelo visto, todos adoraram me ver aqui.

— Ela insistiu para vir. — É o que o meu colega de apartamento diz, se aproximando dos amigos. Os três se levantam da mesa para cumprimentá-lo, mas permanecem com feições confusas tomando seus semblantes.

Reviro os olhos, puxando uma cadeira para me sentar.

— Teve todo um contexto — explico, lançando um olhar afiado para Austin, que apenas dá de ombros. — Não é como se eu quisesse passar meu sábado almoçando com vocês.

O idiota sorri de forma forçada, dando a volta na mesa para se acomodar ao meu lado. Minha posição me deixa de costas para todas as outras mesas do bar, o que é ótimo para alguém que está tentando se esconder, usando um disfarce que vai além de ridículo.

— Gostei do boné — como se pudesse ler o rumo que meus pensamentos tomam, Michael é irônico. Ele morde um sorriso. — E amei os óculos.

Permito que uma falsa expressão feliz tome meu rosto, respondendo com a voz carregada de sarcasmo: — Ah, que ótimo! Pode ficar com eles depois, quando formos embora.

O atleta gesticula com uma das mãos.

— Quanta generosidade, Riley, mas não é necessário. Eles combinam perfeitamente com o seu vestido caro e o... — Parker dá uma rápida espiada debaixo da mesa — seu salto chique.

Ainda com o sorrisinho fingido tomando os lábios, o mostro o dedo do meio, brincando. Ele apenas ri, se recostando em sua cadeira antes de

levar a taça com o *drink* que pediu há um tempo, já pela metade, aos lábios.

Não conheço Michael muito bem, mas ele sempre me pareceu com o tipo de pessoa que é difícil de odiar. Tendo um rostinho de bebê, Parker é o jogador mais novo do time, com apenas 20 anos. Porém, pelo visto, isso não o impede de beber nos estabelecimentos que frequenta. Talvez seja seu nome conhecido ou suas companhias, mas quando ele pede outra bebida para uma garçonete que passa ao nosso lado, ela o atende sem hesitar.

Dilan e Caden são outros que também nunca tive muita interação. Antes de brigar com meu pai, visitava a Capital One Arena poucas vezes durante os treinos. Nunca tive um contato forte com os jogadores, apesar de saber que todos me conhecem.

Chega a ser cômico que agora, além de estar almoçando com as quatro maiores estrelas dos Caps, também estou morando com uma delas.

Minha vida realmente saiu do eixo nos últimos tempos.

— Então, Riley, como é morar com o Crawford? — É o que Dilan questiona, minutos depois, assim que a garçonete que acabou de anotar nossos pedidos se afasta.

— Estressante — revelo.

Todos na mesa soltam risadinhas, menos Austin. Ele me lança um olhar ofendido.

— Não seja tão malvada, Weston — pede. — Eu te deixei comer meu sorvete de pistache.

O encontro com os olhos, deixando que a feição mais entediada possível tome meu rosto.

— Bom, isso foi antes de você transformar nosso apartamento em um caos, após dar a festinha que, por ironia do destino, esqueceu de me avisar.

Austin separa os lábios, prestes a se defender, quando Dilan é mais rápido.

— Sobre isso... — ele começa, chamando nossa atenção. — Desculpa, Riley, a ideia foi minha e do Michael. — Clanton aponta para o amigo, sentado ao seu lado. A expressão que toma o rosto do seu cúmplice é de quem sabe que fez merda. — Ficamos na cola do Austin o dia todo e ele esqueceu de te avisar sobre nossos planos.

— Eu contei que ela quase quebrou uma *long neck* na minha cabeça por isso? — Crawford pergunta, ainda um tanto embasbacado com a

maneira que reagi naquela noite.

O que posso fazer? Estava furiosa. E com razão.

— Falando nessa noite... — Michael inicia. Um brilho novo toma seu rosto. — Quem é aquela loira gata que entrou como um furacão no apartamento, arrastando Austin para o corredor?

Meus lábios se curvam ao lembrar de uma Ruby furiosa, se aproximando com um Austin resmungão, que alegava que ela estava o beliscando.

— O nome dela é Ruby Pike — revelo, para a felicidade de Michael. — E ela é minha melhor amiga.

— Bom, então a avise que ela conseguiu fazer meu coração bater mais forte — ele conta, me fazendo rir fraquinho. — E que fazia tempo que isso não acontecia.

— Se você não falar, ele vai encontrar um jeito de entrar em contato com ela, de qualquer forma — Caden diz, se infiltrando na conversa.

— Talvez ela possa ser sua acompanhante na festa de aniversário do Nikolai Ivanov, Michael — Dilan brinca, soltando uma risadinha.

E de repente eu congelo. Com o corpo repleto de confusão, meu cenho se franze.

— Como assim? — questiono, extremamente perdida. Todos os olhares da mesa se voltam para mim. Me foco em Michael. — Você foi convidado para a festa do Nikolai Ivanov? Tipo, *o* Nikolai Ivanov?

Com um grande sorriso rasgando o rosto, ele assente.

— Sim. Meu agente me deu a notícia ontem — conta, repleto de empolgação. O espaço entre suas sobrancelhas se franze por um instante, quando uma dúvida parece acertar sua cabeça. — Caden e Austin também foram convidados. Crawford não te contou?

Deslizo meus olhos até Austin, sentado ao meu lado.

— Não. — Sou simplista na resposta.

Esse, com certeza, não é um convite qualquer. E conhecendo Austin, sei que teria gritado aos quatro cantos que a maior lenda da história do hóquei o chamou para um evento.

Ele dá de ombros.

— Eu tentei te contar, mas você disse que não estava falando comigo. Foi pouco tempo antes de tirar meu video game da tomada.

— Caralho, isso é incrível! — exclamo, realmente impressionada. — Parabéns.

Os lábios de Austin se curvam diante da minha fala.

— Obrigado, Baby Weston.

Meu pai deve ter ficado feliz por ter três dos seus jogadores na lista da festa da sua maior obsessão na época da universidade. Quando ainda era um atleta universitário, Nikolai já estava aposentado, mas meu pai vivia me contando que era viciado em assistir as melhores tacadas de Ivanov, em sua época jogando pelo Toronto Maple Leafs. Para falar a verdade, acho que todos os jogadores já chegaram a tê-lo como inspiração um dia.

Porra, o cara possui uma estrela no Hall da Fama no Canadá!

Quando nossos pratos — todos saudáveis — chegam, trazidos pela mesma garçonete que anotou nossos pedidos, estamos completamente perdidos em uma conversa sobre a grande estrela do hóquei. E fica bem claro que, assim como eu, os quatro atletas na mesa também carregam uma enorme admiração por Ivanov.

Os assuntos se desenrolam com facilidade entre nós. E diferente do que pensei que pudesse acontecer, pela falta de proximidade que temos, não me sinto excluída de nada.

Os amigos do Austin são realmente muito legais.

— Acham que temos chances de ganhar o jogo de segunda-feira? — É o que Dilan questiona, se referindo à partida contra o New York Rangers.

— Com certeza — Caden diz, sem hesitar. — Só precisamos de foco.

— E de parar de ficar escondido atrás dos próprios tacos, como no jogo anterior — começo, atraindo todos os olhares para minha direção. — Provavelmente isso é algo que meu pai já falou, ou ainda vai falar, mas o último jogo, contra o Nashville Predators, foi horrível. Perdemos muitas disputas de disco e não trabalhamos a defesa o suficiente. Isso tem que mudar, gente! É da Stanley Cup que estamos falando. Competitividade, vigor, estrutura e consistência, isso vale o troféu.

O silêncio toma a mesa pela primeira vez desde que Austin e eu chegamos. E quando penso que talvez tenha os deixado chateados, sendo intrometida demais, percebo que os quatro atletas ainda me encaram. Expressões um tanto chocadas tomam seus semblantes. E Austin, ao meu

lado, me observa de um jeito diferente, com um certo ar de admiração flutuando em seu olhar.

— Já pensou em tomar o lugar do seu pai, Baby Weston? — É o que ele pergunta após um tempo, com um sorrisinho bobo tomando os lábios. — Você falou de um jeito bonito.

Dou de ombros, minha boca se curvando um pouco.

— Acho que é isso o que acontece quando se cresce com um pai treinador.

Crawford solta uma risadinha, concordando com a cabeça antes de voltar a dar atenção ao frango grelhado em seu prato.

— É, com certeza.

A conversa sobre o próximo jogo se estende por alguns minutos, e fico sabendo que eles viajarão amanhã, rumo à Nova Iorque, para jogar no Madison Square Garden. Em um determinado momento, Austin e eu voltamos a debater sobre o fantasma no nosso chuveiro, e ele me promete que vai ligar para um encanador ainda hoje, resolvendo o problema antes de entrar no avião amanhã.

Quando todos terminamos nossos pratos e Michael pede a conta para dividirmos, me surpreendo ao pensar que o almoço seguiu de forma tranquila. Austin é quem paga a minha parte, e eu apenas agradeço, sem insistir no contrário. Não estou em condições de negar uma ajuda, afinal. E odeio essa sensação.

Nos levantamos da mesa, fazendo as cadeiras rangerem contra o piso, gerando um som irritante. Tomo um leve susto ao me virar e perceber que mais clientes chegaram no local enquanto almoçávamos. Subindo os óculos escuros pelo ossinho do nariz, abaixo a cabeça conforme passamos entre as mesas, a caminho da escada, prontos para irmos embora.

Mas então, tudo acontece muito rápido. E de repente, o caos se instala ao nosso redor.

O som de cacos de vidro se estilhaçando invade meus ouvidos, e o grito agudo de uma mulher reverbera por todas as paredes do segundo andar do bar, chamando a atenção de cada alma-viva aqui presente. Ergo os olhos sem hesitar, a encontrando em uma mesa próxima à parede, sentada em frente a um homem.

A expressão horrorizada toma meu rosto quando percebo o que acabou de acontecer.

Ele quebrou a porra de uma taça de vidro na cabeça dela.

Xingamentos são cuspidos pelo homem, que fica vermelho de raiva e se levanta de sua cadeira de maneira brusca. Quando ele tenta partir para cima dela, porém, a correria toma o segundo andar. Um cara qualquer se levanta de uma mesa próxima a eles, o segurando e o impedindo. Ao meu lado, Austin, Caden, Michael e Dilan se movimentam apressadamente, indo até a mesa. Caden e Dilan ajudam a segurar o babaca, que agora grita e se esperneia de maneira frenética, quase escapando dos braços do homem que foi responsável por contê-lo, segundos atrás. Austin e Michael param em frente à mulher, a ajudando a se levantar.

Há sangue escorrendo pela sua cabeça, traçando uma linha escarlate até o queixo e pingando em sua blusa branca. E ela parece tonta e desnorteada.

Alguns funcionários atravessam o andar, se aproximando da cena. Em um pequeno balcão próximo à parede, um garçom tira um telefone do gancho, o usando para ligar para a polícia.

E só então percebo que estou tremendo, ainda paralisada no lugar, sem saber como reagir. Sem *conseguir* reagir.

Assim como Austin, que de repente afasta suas mãos da mulher, a deixando apenas com Michael e dois funcionários do bar. Ele paralisa no lugar, a encarando fixamente enquanto é cuidada e tentam conter o sangue que escorre por sua cabeça. E então, lágrimas passam a cair pelos seus olhos.

Franzo o cenho no mesmo instante, sendo pega de surpresa diante da sua reação.

— Tirem o Austin daqui! — É o que a voz de Caden grita, totalmente desesperada, se sobressaindo aos berros do rapaz que ele tenta conter e a todos os outros sons gerados pelo caos. — Porra, alguém tira logo o Austin Crawford daqui!

Sem pensar duas vezes, finalmente me movimento. Em passos apressados, me aproximo da cena, parando ao lado de Crawford. O seguro antes que ele caia de joelhos no chão, com lágrimas deslizando pelos seus olhos de forma desesperada.

— Ei — começo, segurando seu rosto com meus dedos trêmulos, o fazendo me encarar. Minha voz sai fraca demais, perturbada demais, mas me esforço para permanecer firme e fazer o que Caden pediu. — Estou aqui, está bem? Estou aqui.

Soluçando, ele me abraça. Afago seus fios de cabelo, encontrando os olhos de Caden, que parece desesperado ao nos observar, ainda segurando o agressor.

— Tira ele daqui. — Consigo ler seus lábios implorando mais uma vez.

Por cima dos ombros de Austin, aceno com a cabeça, afirmando que farei isso. Quebro o abraço, segurando seu rosto, o obrigando a me olhar com atenção. Tento tirar os óculos, visando fazê-lo me encarar sem o disfarce ridículo, mas Crawford segura minha mão, me impedindo ao perceber o que estava fazendo.

— Não. — É o que ele diz, a voz completamente embargada.

Desisto no mesmo instante.

— Onde está a chave do seu carro? — questiono, voltando a segurá-lo com as duas mãos. Sem forças para dizer nada, Crawford apenas pega a chave da SUV de dentro do bolso da calça que veste, a entregando para mim. — Certo. Agora vêm. Vamos sair daqui.

No instante em que nos viramos, porém, o que vejo me faz querer paralisar no lugar. Em um dos cantos do andar em que estamos, um cara está de pé. E em sua mão, há um celular com uma câmera ligada, apontada para nós, gravando toda a gigantesca bagunça. Viro a cabeça no mesmo instante, seguindo em frente, me recusando a me preocupar com isso no momento.

Austin se apoia em mim assim que descemos a escada, rumo à saída. Quando chegamos no primeiro andar, três policiais passam por nós de forma apressada, correndo para o andar de cima.

Deixamos o bar, atravessando a porta para o lado de fora. A brisa de Washington volta a bater contra nossos corpos e Austin se afasta de mim. Tento segurá-lo, mas desisto no instante em que percebo o que está prestes a acontecer, suspirando pesadamente, contendo a vontade de chorar após tudo o que acabamos de presenciar.

Crawford cambaleia até um pequeno monte de moitas, curvando seu tronco. E então, ele vomita.

Me aproximo do seu corpo, afagando suas costas, demostrando que estou aqui. Não sei ao certo o que o fez reagir dessa maneira. Foi um grande baque assistir ao que aconteceu lá em cima, claro, mas Austin parecia disposto a ajudar, assim como seus amigos. Ele até se aproximou da mulher, a ajudando a se levantar da cadeira. Seu choro, misturado aos gritos de Caden, implorando para afastarem seu melhor amigo da cena, me fazem pensar que o acontecimento pode muito bem ter servido de gatilho para que alguma lembrança da vida de Crawford viesse à tona.

Só não sei qual.

— Vamos sair daqui antes que a polícia saia e a rua se transforme em um caos — digo, assim que ele consegue se recompor.

E então, sem mais uma única palavra, voltamos para a sua SUV, prontos para retornar para casa. Mas desta vez, sou eu quem dirijo.



As duas canecas de chocolate quente aquecem minhas mãos quando deixo a cozinha, trinta minutos depois, retornando à sala. Me aproximo de Austin, que sentado no sofá, trás seus olhos até mim.

— Obrigado, Baby Weston — ele agradece assim que o entrego a bebida recém-preparada, ficando com uma caneca para mim. — Pelo chocolate e por... — Uma lufada de ar escapa pelos seus lábios. — Você sabe...

— Não precisa agradecer — me apresso em responder. — E nem precisamos conversar sobre o que aconteceu até você se sentir bem para falar comigo sobre, tá legal?

Ainda fragilizado, ele apenas acena com a cabeça. Me sento ao seu lado, queimando minha língua com a bebida quente ao dar o primeiro gole. Isso não me abala. Encarando um ponto fixo do piso, estou ocupada demais tendo as imagens de tudo o que presenciei voltando a passar pela minha mente como um filme, fazendo meu coração se apertar dentro do peito, quase como se pudesse me sufocar.

Em silêncio, Austin desliza ainda para mais perto de mim, deitando sua cabeça em meu ombro. E o contato, de alguma forma, é reconfortante.

— Espero que aquele babaca tenha o que merece — ele solta, quebrando a quietude que nos abraçou por alguns minutos.

Tomo uma respiração profunda antes de soprar: — Eu também, Crawford, eu também.



PARTE DOIS

MEU SEGREDO FAVORITO

EXCLUSIVO! CONFUSÃO NO JONNA'S BAR, INAUGURADO HÁ UMA SEMANA, EM WASHINGTON, CONTA COM A PRESENÇA DE TRÊS LENDAS DO HÓQUEI.

Por Mia Rivis
Washington News.

Na tarde de ontem, um grande tumulto tomou conta de um dos mais novos bares luxuosos de Washington, D.C. A confusão foi iniciada por um homem de 43 anos, que, em estado de embriaguez, em meio a uma discussão, agrediu sua esposa ao acertá-la com uma taça de vidro na cabeça. Julian Hernandez foi detido por policiais, que chegaram ao local pouco tempo após serem chamados. A vítima, Noella Garcia, foi levada ao Washington Hospital, onde recebeu o tratamento e todos os cuidados necessários.

Em respeito, nossa equipe não a procurou para entrevistá-la.

Esta manhã, graças a um vídeo que repercutiu nas redes sociais, internautas notaram a presença de jogadores do Washington Capitals em meio à confusão. Entre eles, estavam Caden Prescott, Michael Parker e Dilan Clanton. Algumas pessoas afirmam que um vulto que aparece no início do vídeo é o defensor Austin Crawford, acompanhado por uma mulher, mas não há informação nenhuma que comprove essa teoria.

Desejamos toda a força do mundo para Noella Garcia. Saiba que não está sozinha.

AVIÃO DO WASHINGTON CAPITALS ACABA DE LEVANTAR VOO, RUMO A NOVA IORQUE.

Por Osman Louis,
Mais Esporte.

Como estão os corações dos torcedores de Washington neste fim de tarde? Acabamos de receber a notícia que o time de hóquei da capital já está

nos ares, a caminho do jogo de amanhã, contra os Rangers.

Ambos os times estão tendo um ótimo desempenho nesta temporada. Acham que a águia tem chance de derrotar o time da *Big Apple*?

COM UM DESEMPENHO INCRÍVEL, WASHINGTON CAPITALS VENCE NEW YORK RANGERS POR 5x2!

Por Jonas Edward
Just Like That.

Os Caps finalmente se levantaram!

Nesta segunda-feira, após a terrível derrota contra o Nashville Predators, Washington Capitals vence o New York Rangers, no MSG, em Nova Iorque. O desempenho do time foi elogiado pelos comentaristas da partida, que falaram exclusivamente sobre o papel importante que a dupla Caden Prescott e Austin Crawford têm tido nesta temporada.



11

RILEY

O vento gelado de uma terça-feira de manhã bate contra meu rosto quando analiso a fachada da Bloom Café, sendo obrigada a me encolher e abraçar o próprio corpo, mesmo que esteja usando uma pesada jaqueta preta.

A ansiedade preenche cada mínima parte de mim, quase me deixando claustrofóbica, e tenho que me conter ao máximo para não girar nos calcanhares e sair correndo, dando o fora daqui sem olhar para trás.

Preciso desse emprego. E, definitivamente, não sei o que farei caso seja rejeitada.

Tomando uma respiração profunda, tento me acalmar e pensar positivo.

Vai dar tudo certo, Riley. Você é capaz. Sabe disso.

Em minha mão, sinto o celular vibrar. Viro a tela do aparelho para mim, o desbloqueando ao perceber uma nova mensagem.

Um sorrisinho ridículo toma meu rosto assim que noto quem a enviou.

Austin: *Já está na lanchonete?*

Meus dedos parecem congelados pelo frio quando os levo até o teclado, digitando uma resposta.

Eu: *Sim. Parada em frente a ela, tentando criar a coragem necessária para entrar.*

Austin: *Se eu estivesse aí, te empurraria.*

Não consigo conter a fraca risada nasalada que me escapa.

Eu: *Aposto que sim.*

Austin: *Para de besteira e entra logo, Baby Weston! Se não te contratarem, quem vai perder são eles.*

Eu: *Eu também. Ou esqueceu que preciso de dinheiro?*

Austin: *Você encontra outro lugar para trabalhar.*

Eu: *Não é tão simples.*

Austin: *Pelo amor de Deus, será que dá para confiar em si mesma apenas uma vez? Não tem porque te darem um não, Riley. Já deveria saber disso.*

Eu: *Não tenho toda a sua confiança, Crawford.*

Austin: *Deveria ter.*

Eu: *Não sei como.*

Austin: *Te pago um sorvete de pistache quando chegar hoje à noite, se der os primeiros passos para dentro da lanchonete agora e arrasar. Isso é uma promessa.*

Eu: *E se eu não arrasar?*

Austin: *Você vai. E me contará tudo depois.*

Eu: *Tudo bem. Vou entrar.*

Austin: *E arrasar?*

Eu: *E arrasar.*

Austin: *É assim que se fala! Boa sorte, Baby Weston.*

Bloqueio o celular, o deslizando para dentro do um dos bolsos da calça jeans de lavagem escura que uso. Voltando a conectar meus olhos à fachada da lanchonete, me esforço para fazer o que Austin disse, acreditando em mim mesma. Ou, pelo menos, fingindo.

Não o vejo desde domingo, quando embarcou para Nova Iorque. Ele e o time voltam hoje à noite, e parecem radiantes nas redes sociais, após a vitória contra os Rangers. Confesso que cheguei a pensar que o que aconteceu sábado à noite pudesse interferir no desempenho dos quatro jogadores presentes naquele bar, já que todos saímos de lá abalados, mas não foi o que aconteceu. Sei que jogadores profissionais têm a obrigação de deixar seus sentimentos e emoções para fora do gelo, mesmo que às vezes isso seja extremamente complicado. No rinque, eles são máquinas. Animais. Fora dele, voltam a ser quem realmente são.

Não vou mentir e dizer que ler a matéria publicada pela *Washington News*, após o ocorrido no bar, não me tranquilizou. Para mim, não ter sido flagrada no vídeo que aquele cliente inconveniente gravou, é uma coisa boa. O fato de eu morar com Austin, continuar sendo um segredo, e ainda ter essa informação guardada a sete chaves é ótimo. Mas aquela matéria me irritou. Foi ridículo como deram destaque para os jogadores famosos que estavam no local, ao invés de focarem apenas no ocorrido.

Porra, estamos falando de uma mulher que foi agredida pelo marido! Quantas outras estão por aí, enfrentando a mesma coisa?

Quando finalmente entro na lanchonete, minha linha de raciocínio muda por completo, e posso jurar que meus olhos chegam a brilhar, encantados.

O lugar é lindo.

Assim como o bairro onde está localizada, a Bloom Café também é uma lanchonete charmosa, com móveis e decoração em diversas cores alegres e chamativas. As cadeiras com estofados azuis celestes, ocupadas por alguns clientes, são a maior prova disso.

— Bom dia, posso ajudar? — É o que uma mulher de cabelos platinados e os braços fechados de tatuagens questiona, se aproximando de mim. Ela é jovem, aparentando ter aproximadamente a minha idade, e usa um avental lilás, com um bloquinho amarelo e uma caneta enfiados em um pequeno bolso.

Pisco algumas vezes, nervosa, tentando me lembrar de como falar.

— E-eu estou procurando pela Liza, a gerente — finalmente encontro minha voz. — Temos um horário, ela disse que estaria me esperando aqui.

— Ah, claro! — A garçonete sequer hesita antes de se virar, esticando o pescoço para procurar pela sua superiora pelo ambiente. — Ela está em uma das mesas do fundo. — Aponta com o indicador. — Está vendo aquela mulher de terninho vermelho e óculos? — Assinto, apertando os olhos para enxergar. — Bom, é ela.

— Perfeito. — Em agradecimento, abro um sorrisinho nos lábios. — Obrigada.

A garota de cabelos platinados dá de ombros, como se dissesse que não foi nada.

— Sou Anne — se apresenta, estendendo a mão para que eu a cumprimente.

— Riley. — Selo nossos toques.

Ela sorri.

— Boa sorte com a entrevista de emprego — deseja, revelando saber o porquê de eu estar aqui. — Se precisar de alguma coisa, é só falar.

A agradeço antes de vê-la se afastar, indo atender uma mesa. E então, focando meus olhos na mulher sentada no fundo da lanchonete, bebericando uma xícara de chá e com o olhar cravado na tela do celular, respiro fundo pela última vez antes de decidir me aproximar.

E torço para não sair frustrada daqui hoje.



12

AUSTIN

Riley: *Consegui o emprego :)*

Era o que dizia a mensagem que recebi horas atrás, antes mesmo de entrar no avião do time e deixar Nova Iorque. Fiquei feliz pela Riley. Feliz de verdade. Um sorriso me acompanhou durante toda a viagem, rasgando meu rosto. Michael até mesmo estranhou, perguntando se eu estava com câimbra na boca, seja lá o que isso signifique.

Exausto, sinto os músculos relaxarem ao passar pela porta do meu apartamento, me deparando com cada cômodo sendo coberto pelo breu. Franzo o cenho, tateando a parede à procura do interruptor. Uma luz amarelada passa a iluminar a sala.

— Baby Weston? — chamo, estranhando a quietude que preenche nossa casa por completo.

A falta de resposta indica que Riley deve ter saído.

Interessado em saber do seu paradeiro, me livro da mala de rodinhas que carreguei comigo nos últimos dias, a deixando ao lado da porta. Agora com as mãos livres, retiro o celular do bolso da calça, o desbloqueando enquanto ando até a cozinha, necessitado de um copo de água. Envio uma curta mensagem para Riley, parando em frente à geladeira.

Eu: *Cheguei em casa. Cadê você?*

Mas então, quando ergo os olhos para a porta metálica, sou surpreendido ao me deparar com um recado, deixado por ela em um *post-it* amarelo, ao lado do que eu mesmo colei dias atrás, avisando que meu carro estava pronto. Ao que parece, nós dois fomos preguiçosos demais e não o tiramos dali.

O que está escrito no papel me faz sorrir.

Estou na piscina, no terraço.
Riley.

Sem pensar duas vezes, mudo todos os meus planos para esta noite. Os últimos dias foram cansativos para caralho e estava louco para chegar em casa, tomar uma ducha e cair na cama, mas Riley tem um motivo para comemorar esta noite. Então, vou me juntar a ela.

Alcanço um dos altos armários da cozinha, o abrindo em busca de duas taças de vidro. Com elas em mãos, dou alguns passos até parar em frente à nossa pequena adega, escolhendo o vinho mais caro que encontro. Porque um momento especial merece uma bebida ainda mais especial.

Sentindo uma pontada besta de ansiedade atingir meu corpo, dou meia-volta e deixo o apartamento, sem conseguir afastar o sorriso, que, de repente, decidiu fazer morada em meus lábios. E enquanto espero o elevador, meu peito se aquece ao imaginar a expressão realizada que provavelmente tomou o rosto de Riley, assim que recebeu a notícia de que foi contratada.

Nunca duvidei que conseguiria.



As luzes azuis que iluminam a piscina são a primeira coisa que vejo ao passar pela pesada porta que dá acesso ao terraço do prédio. Daqui de cima, a vista é mágica. Ainda mais hoje, que a noite em Washington está linda, e a Lua perfeitamente visível.

Riley é a única pessoa dentro da água, encostada em uma das bordas, ao lado da escadinha metálica. Com a cabeça jogada para trás e de olhos fechados, ela parece em paz. Como se após o acontecimento de hoje, uma grande carga de preocupação fosse afastada de cima dos seus ombros.

Weston só nota minha chegada quando a porta, completamente esquecida por mim, bate, causando um barulho alto. A garota separa as pálpebras, um pouco assustada, se virando em minha direção.

E, *porra*, ela está linda para cacete. Seus cabelos escuros estão molhados, devidamente penteados para trás, e sua boca está mais vermelha do que nunca. Algumas gotas salpicam seu rosto perfeitamente simétrico, e um biquíni preto cobre seu corpo, que, para a minha visão, é distorcido pela água.

Se eu estivesse com uma câmera em mãos agora, esta cena daria uma foto perfeita, digna de capa de revista.

Riley é a mulher mais bonita que já vi na vida. E não tenho nenhuma dúvida disso.

Ainda sentindo a carga elétrica de ter seus olhos em mim, me esforço para abrir um sorriso.

— Oi. — É o que digo ao me aproximar de onde ela está, trazendo o vinho e as taças comigo.

Riley também sorri.

— Oi.

Sem conseguir desviar nossos olhares, deixo o que seguro no piso de madeira, bem próximo à borda da piscina.

— Você está bem? — ela pergunta, movimentando seus braços sob a água.

Faço que sim com a cabeça, ciente de que seu questionamento não se refere apenas ao meu atual estado. Riley viu como fiquei abalado um dia antes da viagem para Nova Iorque, depois do que aconteceu naquele bar. E ainda não conversamos direito sobre isso.

Não sou uma pessoa que tem o costume de perder o controle em situações em que preciso estar centrado e agir rápido para ajudar alguém, mas naquela tarde eu não respondi por mim. Só... deixei que minha mente e o turbilhão de emoções que me preencheram tomassem conta de mim, fazendo com que lágrimas, causadas por um passado traumático, passassem

a cair pelos meus olhos de maneira frenética. E foi horrível. Perdi o controle da respiração e de cada mínima parte de mim, quase caindo de joelhos no chão, se não fosse por Riley.

O que aquela mulher viveu naquele dia, jamais sairá da mente dela. E espero que nunca tenha que passar por nada parecido de novo. E que aquele filho da puta sofra as consequências.

Assim como todos os outros homens que são como ele.

Chacoalhando a cabeça, mando meus pensamentos para longe, impedindo que minha mente me leve para uma viagem sombria e repleta de lembranças que adoraria esquecer. Com os olhos de Riley ainda atentos a mim, agora um pouco mais opacos, como se percebessem a repentina transformação na minha feição, decido impedir que um clima pesado acabe dominando a noite. Ando até uma das espreguiçadeiras, chutando meus tênis para longe e me livrando das meias em seguida. Arranco a camiseta cinza pela cabeça e tiro a calça de moletom preta, ficando só com uma boxer branca.

E então, me viro em direção à minha colega de apartamento, que tem os olhos arregalados diante da minha audácia e um gigante sorriso se fazendo presente em seu rosto.

— Não acredito que você vai entrar só de... — Riley tenta finalizar sua fala, mas não permito. Deixando minhas roupas para trás, jogadas sobre o piso de madeira, saio correndo até a piscina e pulo, respingando água para todos os lados. A pressão invade meus sentidos até que finalmente nado de volta à superfície, emergindo. — Crawford, você ficou maluco?! — É a primeira coisa que escuto. — E se recebermos outra multa, por usar vestimentas inapropriadas para a piscina? Desse jeito, vamos acabar sendo expulsos do prédio!

Rio, coçando meus olhos, já irritados pelo cloro. A risadinha que Riley solta quando volto a encará-la, acompanhada pelo brilho de divertimento que cobre seus olhos, revela que ela está longe de estar irritada comigo. Que por mais que queira sentir a vontade de me xingar e me chamar de imprudente, não consegue, porque está feliz demais para isso.

— Bom, se o porteiro aparecer para me dar uma bronca, eu o mando resolver com a mais nova garçonete da Bloom Café — brinco, erguendo as

mãos na altura do peito, como em redenção. — Aposto que ele ficaria intimidado.

Riley ri fraquinho mais uma vez, empurrando a água para o meu rosto. Cubro os olhos, os protegendo do seu ataque.

— Você é mesmo um idiota. — É o que ela fala, ainda com o brilho em seu olhar.

Dou um passo à frente, me aproximando do seu corpo. E de repente estamos próximos. Próximos demais.

Engulo em seco ao descer meu foco para a sua boca. Como se percebesse onde meus olhos resolveram dar atenção, Riley desfaz o sorriso em seus lábios, mas não se afasta.

— Agora é sério. Parabéns pelo novo emprego — falo, voltando a encarar seu rosto por inteiro.

— Parabéns você, pelo jogo — ela rebate, movimentando seus braços sob a água. — Seu desempenho foi incrível.

Me esforço para disfarçar a reação ridícula do meu coração, que parece derreter dentro do peito, e apenas dou de ombros.

— O time inteiro jogou bem — digo, falando a verdade. Caden estava como um animal naquela noite, e acabou contagiando todos nós. Foram os três períodos mais bonitos da história da minha carreira. — Espero que continuemos assim, sem repetir o que aconteceu naquele jogo contra os Predators.

— Vocês vão — Riley afirma, como se não tivesse sequer uma dúvida. Uma fina linha se curva em meus lábios no mesmo instante. É fofo como ela acredita em nós. — E apesar de, aparentemente, você ter se esquecido do sorvete de pistache que me prometeu, continuarei torcendo por vocês, está bem?

Levo a palma da mão à testa, apenas me lembrando disso agora.

— Merda — resmungo. — Eu esqueci mesmo.

Riley solta uma risadinha, se virando em direção à borda da piscina. Weston dá dois passos até estar praticamente colada a ela.

— Está tudo bem, Crawford, você pelo menos trouxe vinho — diz, enchendo uma taça com a bebida em um tom amarronzado. Então, a estende em minha direção, arqueando as duas sobrancelhas, esperando para que eu a pegue. Com a taça finalmente em mãos, dou o primeiro gole,

assistindo enquanto Riley passa a encher a outra, exatamente igual a que seguro. — Como foi a viagem para Nova Iorque? Fez alguma garota esquecer a calcinha no porta-luvas de algum *Uber?*

Chacoalho a cabeça, soltando uma risada nasalada.

Ainda não acredito que tinha uma calcinha no porta-luvas do meu carro. Ela devia estar lá há um bom tempo, já que nos últimos dias eu meio que virei um celibatário, que não transa e nem ao menos encosta em uma mulher. O pior é que não faço ideia do porquê isso aconteceu. Só sei que está me enlouquecendo.

— Desta vez, não, Baby Weston — revelo, observando Riley se virar inteiramente para mim. Atenta no que digo, ela dá o primeiro gole na taça em sua mão. Dou de ombros. — Mas não foi por falta de oportunidade, sabe? Várias mulheres me deram moral.

Weston se engasga com a bebida, tossindo algumas vezes. Então, explodindo em uma gargalhada, após se recuperar, leva uma das mãos ao peito, como se ele estivesse doendo.

— Meu Deus, Crawford, você se acha tanto! — É o que solta, em meio ao riso.

Franzo o cenho, me sentindo atingido.

— Não me acho, não — rebato. — É a verdade. Não tenho culpa se o poder que tenho sobre as mulheres as fazem derreter por mim.

De maneira teatral, Weston revira os olhos, dando mais um gole no vinho.

— Você se sente um garanhão, não? E é bem iludido se acha que tem mesmo esse efeito sobre *todas* as mulheres.

Dou de ombros, abrindo um sorrisinho nos lábios.

— Eu tenho — afirmo.

Riley solta uma risadinha nasalada, claramente não acreditando em mim.

— Não tem, não.

— Pelo menos sobre a maioria delas.

— Também não.

— E quem te garante isso? — Dando um passo à frente, me aproximo dela, arqueando uma sobrancelha em desafio.

Riley é rápida na resposta.

— Eu mesma — diz, como se tivesse toda a certeza do mundo. — Você não tem poder algum sobre mim.

Ouch. Um soco na cara com certeza doeria menos.

Sem me mostrar abalado, abro um sorriso presunçoso nos lábios, dando mais um passo em sua direção, encurtando a distância que separa nossos corpos. E disposto a mostrá-la que o que pensa pode ser mentira, inclino a cabeça um pouco, esticando um dos braços e varrendo uma mecha teimosa do seu cabelo para trás da orelha.

Weston ri, fechando sua mão no meu pulso, me prendendo com seus dedos e unhas pintadas de preto.

— Por favor, não me diga que colocar o cabelo de uma mulher para trás da orelha dela é o melhor que pode fazer — ela pede, ainda achando graça.

Indignado diante do que escuto, franzo o cenho.

— É um bom começo, está bem? Elas costumam gostar!

Riley revira os olhos mais uma vez, decidindo me soltar. Sem responder nada, ela pega a taça das minhas mãos, se virando para deixá-la sobre a borda da piscina, junto com a sua e a garrafa de vinho.

— O que está fazendo? — questiono, realmente confuso enquanto observo seus movimentos.

Quando volta a me encarar, Riley está sorrindo. E seu sorriso me diz que está prestes a aprontar alguma coisa.

— Vou te mostrar exatamente como ter poder sobre alguém — revela, se aproximando ainda mais de mim.

E ouvir isso é como ser atingido por um balde de água fria.

Um balde de água fria que congela todos os membros do meu corpo, sendo necessário que eu permaneça estático por alguns consideráveis segundos, tentando me recuperar.

De repente, se torna difícil respirar. E quando Weston para à minha frente e aproxima o rosto do meu, quase tocando nossos narizes, sinto que poderia muito bem morrer aqui e agora.

Puta merda...

— O que você vai... — minha voz, já fraca, morre na garganta quando Riley se apoia em meus ombros, dando impulso para envolver

minha cintura com suas pernas. — Caralho... — sopro, arregalando os olhos, sendo pego totalmente de surpresa.

Tudo em mim parece queimar. Porque a porra da Riley Weston está com as pernas ao redor do meu corpo.

Senhor, se isso for um sonho, por favor, não me acorde nunca mais.

Percebendo como mexeu comigo, Weston inclina a cabeça para o lado, ainda com um sorrisinho se fazendo presente em seus lábios. Suas unhas arranham levemente meus ombros, e de repente sou tomado pela confusão, desejando saber se este momento é mesmo real ou apenas um fruto da minha imaginação, que já está bem acostumada a sonhar com a garota à minha frente, apesar de nunca ter considerado que algo real pudesse acontecer entre nós.

Riley é demais para mim. E sempre a vi como alguém inalcançável.

Desço os olhos para o seu colo, salpicado por algumas pintas e gotículas de água. O biquíni preto que usa é simples, mas a deixa ainda mais perfeita. E me permite descobrir a existência de uma tatuagem com o desenho de três borboletas na sua costela.

Quando ela se inclina para frente, aproximando seus lábios da minha orelha, fecho os olhos, na espera de que algo aconteça.

E a realidade é como um ardido tapa na cara.

— Aprendeu, Crawford? — Weston sussurra em meu ouvido. — É assim que se prova ter poder sobre alguém. — Soltando uma risadinha, ela afasta suas pernas de mim, voltando a tocar os pés no piso da piscina.

Fico desconcertado por um momento, me sentindo usado. E só quando a assisto dar as costas, processo o que está acontecendo. Riley acha que me venceu. E ainda não sei por que não a provei do contrário.

Saindo do transe que me consumiu, finalmente me movo. Em apenas um movimento, seguro seu braço, a virando para mim novamente. Sendo pega de surpresa, ela separa os lábios, provavelmente para me xingar, mas sou mais rápido. A impeço de dizer qualquer coisa, colando seu corpo à parede da piscina. Os olhos azuis de Weston se arregalam.

— Que porra acha que está... — ela tenta começar.

— É a minha vez — a corto, mantendo a voz baixa e segura, apesar de sentir meu coração batendo forte dentro do peito. É incrível a forma como meu corpo responde quando estou perto dessa garota. Riley se cala,

fechando os lábios. Percebendo que me encara com atenção, termino meu aviso. — E saiba que agora vou tentar de verdade.

Um tanto contida, ela assente, sem se afastar da parede. E então, eu começo.

Um nervosismo ridículo e jamais sentido antes toma meu corpo quando desço as mãos trêmulas até sua cintura, sob a água. Observo sua garganta oscilar, como se ela tivesse engolido em seco. Conectando meus olhos aos seus, que agora estão acesos, parecendo carregados, faço pressão em sua pele, a apertando levemente com meus dedos. A respiração de Riley falha, e um sorrisinho toma minha boca.

Assim como fez comigo, aproximo meus lábios da sua orelha.

— Precisa entender que não sou do tipo de pessoa que desiste facilmente, Baby Weston — sussurro, mantendo a voz firme.

Quando me afasto e volto a encará-la, seus olhos azuis parecem prestes a faiscar. Mas desta vez, não de raiva.

Subo uma das mãos lentamente pelas suas costas, alcançando seus fios de cabelo molhados. Os junto antes de puxá-los com cuidado, obrigando a garota a inclinar a cabeça para trás. Então, agora com seu pescoço exposto, aproximo meus lábios de sua pele, os deslizando pela região.

Falhando ao tentar se conter, Riley solta um gemido sufocado, e, *porra*, o som é como música para os meus ouvidos.

Um calafrio percorre meu corpo e se instala entre minhas pernas.

Caralho...

De repente, me canso de provocá-la. E tudo que mais desejo é prová-la, tendo seus lábios colados aos meus.

Parecendo ter desistido de fingir que minhas ações não possuem poder sobre si, Riley resmunga em desaprovação quando afasto minha boca do seu pescoço. Solto seu cabelo, permitindo que a garota volte a me encarar nos olhos.

Ela separa os lábios, prestes a dizer algo, mas se cala quando seguro seu queixo com meus dedos, ainda com a outra mão em sua cintura, por baixo da água. Seus olhos cintilam, cobertos de desejo.

— Espero muito que não fique brava pelo que vou fazer agora. — É o que peço, com a voz baixa. Desço meu olhar até sua boca, o prendendo ali.

Riley não responde nada. Sequer tenta.

Então, tomo uma decisão.

Aceitando as vontades do meu corpo e os gritos do meu coração, que me implora para ceder ao desejo arrebatador que me domina, tomo a iniciativa, aproximando nossos rostos. Nossas respirações se misturam quando nossos narizes quase se tocam. Solto o queixo de Riley, deslizando a mão pelo seu corpo, até chegar em sua cintura, onde faço pressão com meus dedos. A puxo para mim, colando nossos corpos até que não haja mais espaço algum entre nós.

— Não vou ficar brava — sopra a sua voz fraca, finalmente.

E isso basta para que eu não espere sequer mais um único segundo. Choco nossos lábios, tomando sua boca na minha. A onda de adrenalina que percorre meu corpo chega sem pudor algum. Desesperada por contato, Riley leva sua mão até minha nuca, e faço disso um convite, abrindo espaço e invadindo sua boca com a língua, aprofundando o beijo.

Porra... Se me perguntarem quantas bocas beijei durante a vida, não saberei responder. Mas o beijo de Riley, com certeza, é o melhor dentre todos que já experimentei.

É como se nos encaixássemos perfeitamente.

Repetindo sua provocação de minutos atrás, Weston envolve minha cintura com suas pernas, e desta vez escorrego minhas mãos até sua bunda, a segurando por ali. Arrasto os dentes sobre seu lábio inferior, o mordendo em seguida. Um gemido baixo escapa de Riley quando volto a distribuir beijos molhados pelo seu pescoço, escorregando para a sua clavícula. Alcanço o alto dos seus seios, onde seu biquíni não cobre, e seu corpo se enrijece, completamente tomado pelo momento. Subindo uma das mãos por suas costas, encontro o laço do seu biquíni, enroscando meus dedos nele, pronto para desfazê-lo.

Antes, porém, encontro os olhos de Riley com os meus. Em seu olhar, vejo uma mistura de luxúria e desejo flutuar. E é a visão mais sexy que já tive na vida. A porra do azul mais lindo do mundo.

Tomando fôlego, me esforço para encontrar minha voz.

— Posso continuar? — É o que pergunto, um tanto ofegante.

Minha colega de apartamento sequer hesita antes de assentir, apressada, me dando permissão para desfazer o laço.

Mas então, o som de uma porta se abrindo alcança meus ouvidos. Riley desce do meu colo em uma velocidade absurda, e assim como ela, corro meu olhar até a entrada do terraço, por onde Sr. Trevus passa, trazendo uma lanterna consigo. O porteiro aponta a luz em nossa direção, nos obrigando a usar as mãos para tapar os olhos, os protegendo.

— Preciso que saiam da piscina. — É o que ele pede. — Já está na hora de fechá-la.

Então, simples assim, meu momento mágico é arruinado por um idoso e as regras do condomínio. E o desapontamento me preenche por inteiro.



13

RILEY

— Eu sabia! Sabia que isso iria acontecer! — É o que uma Ruby em êxtase grita no banco de trás.

Já é quarta-feira e minha melhor amiga e eu estamos no carro de Coop, estacionadas em um posto de gasolina, comendo donuts de mirtilo em meio ao nosso caminho para a universidade.

Resolvendo aproveitar que Coop tinha saído do carro para abastecer, acabei contando a ela sobre o que aconteceu ontem, sentindo que poderia explodir se continuasse guardando aquilo apenas para mim.

Austin Crawford e eu nos beijamos. E pior... eu deixei, gostei e ainda me senti segura ao ser envolvida por ele.

E sendo bem sincera, não sei até onde iríamos se não tivéssemos sido interrompidos pelo porteiro. Meu corpo todo ardia em desejo, silenciando o meu cérebro, que tentava me lembrar de que aquilo tudo estava longe de ser uma boa ideia.

Não devia ter acontecido.

Ele é um dos jogadores do meu pai, quebrou o coração de uma garota da minha equipe de torcida e, além de tudo, é o cara que dorme no quarto ao lado do meu e que come as panquecas que preparo quase todos os dias de manhã.

Austin, definitivamente, não é uma opção.

E isso é errado. Extremamente errado.

Mas então, por que pareceu tão certo ontem à noite? Por que nossos corpos se encaixaram perfeitamente e a química entre nós parecia

transbordar?

— Como isso aconteceu? — exalando animação, Ruby pergunta. Sentada no banco da frente, levo os olhos até o retrovisor, permitindo que uma curva quase sem força tome meus lábios assim que vejo o grande sorriso que se estampa no rosto da loira. Um brilho toma seu olhar, como se o que aconteceu fosse considerado um grandioso evento. — Quem deu o primeiro passo? Quero ouvir todos os mínimos detalhes, Riley!

— Todos os mínimos detalhes de quê? — A voz que volta a invadir o carro me faz paralisar.

Batendo a porta, Cooper se senta no banco do motorista. Assisto enquanto ele afivela o cinto de segurança. Levando as mãos ao volante, meu melhor amigo traz seus olhos curiosos em minha direção. Buck franze o cenho.

— Do que vocês estavam falando?

— Riley beijou o Austin! — grita Ruby, batendo palminhas, genuinamente empolgada.

Merda.

Como era esperado, a reação de Cooper não chega a ser tão positiva quanto a dela. Sequer chega a ser boa, para ser sincera.

O queixo do capitão cai. E ele parece embasbacado, como se estivesse cara a cara com um fantasma.

— O quê? — Sua voz sai aguda, bem mais fina do que o normal. — Como assim? Por que isso aconteceu?

Me sentindo um tanto atordoada, separo os lábios, tentando pensar por onde começar, mas Ruby é mais rápida.

Nunca fui tão grata por ter uma melhor amiga tão intrometida quanto ela neste momento.

— Quer que eu te explique como isso aconteceu? — ela pergunta, soltando uma risadinha. Ruby se inclina para frente, enfiando seu tronco pelos nossos bancos, encontrando Coop com o olhar. — Já viu aquele cara pessoalmente, Buck? Ele é tipo um deus grego. O deus grego do hóquei! Não tem como dizer não para um cara como Austin Crawford. Ele nem se esforça para ser charmoso. É charmoso por natureza.

Uma careta toma o semblante do meu melhor amigo.

— Não gosto desse cara. — É o que ele resmunga, deixando claro o que já nos disse milhares de vezes.

— A gente sabe — Ruby e eu respondemos juntas.

A loira ri baixinho novamente, voltando a se sentar no banco de trás de maneira correta. Sem dizer mais nada, Cooper dá a partida, deixando o posto para voltar a dirigir pelas ruas de Washington.

A carranca que continua em seu rosto me diz que vai demorar um tempo até que ele processe a informação.

Às vezes esse seu jeito me irrita. Coop adora fazer o tipo melhor amigo ciumento. Tanto para mim, quanto para Ruby. Mas comigo tende a ser pior, muitas vezes.

No início da nossa amizade, Pike e eu chegamos a pensar que Buck tinha uma queda por mim, mas tudo não passou de um delírio. Foi Coop que me apresentou ao Josh. E ele sempre nos apoiou muito. Josh, assim como eu, era seu amigo, afinal. O melhor amigo.

Mas as atitudes do meu ex-namorado arruinaram a amizade dos dois.

É assustador como algumas pessoas sequer pensam direito antes de agirem de forma podre e estragarem tudo.

— Estou esperando — Ruby cantarola, cortando o silêncio que preencheu o carro por alguns minutos.

Sem saber do que está falando, franzo o cenho.

— Esperando o quê?

Vinda do banco de trás, sua resposta chega rápida.

— Você começar a me contar os detalhes.

— Ah, não! Pelo amor de Deus! — exclama Coop, resmungando ao girar o volante, fazendo uma curva com o carro. Ele atrai nossos olhares. — Se vocês começarem a conversar sobre o beijo do patetão que partiu o coração da Claire, eu juro que expulso as duas do meu carro.

Solto uma risada fraca, julgando o seu exagero como algo engraçado.

É então que, dando de ombros e resolvendo ignorar a ameaça do meu melhor amigo, passo a contar os detalhes para Ruby, que parece ainda mais animada com o que aconteceu. E os resmungos e bufadas que escapam pelos lábios de Cooper se tornam cada vez mais altos.



O cabeçudo tigre vermelho corre pelo campo, balançando a bandeira com as iniciais da W.B.U, sendo o mascote animado que costuma ser em todos os jogos. Nas arquibancadas, alguns estudantes gritam e filmam a cena com seus celulares, ansiosos para o início da partida.

Uma música alta invade o ambiente, seguida pela voz de Niall, o comentarista de todos os jogos que acontecem na Washington Burney. Seu tom é contagiante e misturado às palhaçadas que nosso mascote faz, ainda em campo, capaz de alegrar quase todas as pessoas.

Menos a mim.

— Que horas são? — É o que pergunto para Ruby, sentindo uma rara inquietude tomar meu corpo, parecendo me deixar com falta de ar dentro do uniforme da equipe de torcida. Bebendo água em sua garrafinha, minha melhor amiga desbloqueia a tela do seu celular, apontando a mesma em minha direção. — Merda — sussurro ao notar que estamos atrasados no planejamento.

Já era para o jogo ter começado. E nossa apresentação já devia ter acontecido há mais de quinze minutos.

Respirando fundo, buscando me acalmar, deslizo os olhos pelas pessoas próximas a nós. As outras meninas da equipe estão a apenas alguns passos de distância, conversando e se aquecendo. Entre elas, está Claire. E a ruiva não parece muito feliz.

Fofocas correm pela universidade. E uma delas diz que ela e Blake, aquele cara insuportável que a acompanhou no bar, terminaram o que sequer começaram direito.

Para Claire, deve ser horrível tê-lo aqui na W.B.U, para jogar contra o nosso time.

Quando enfim encontro quem procurava, saio em passos apressados. A treinadora Hudson traz seus olhos castanhos até mim, notando enquanto me aproximo. Com sua prancheta na mão, cabelos presos em um rabo de cavalo alto e um boné dos Red Tigers, ela sorri para mim, parecendo despreocupada.

— Está pronta, Weston? — É o que me pergunta, assim que paro à sua frente. — Nossa apresentação será em breve. Estou ansiosa para ver

vocês colocando tudo o que treinamos em prática.

Enxergando pura expectativa em seus olhos, me sinto encurralada. Como se estivesse em um beco sem saída. E sei que o que tenho para dizer a deixará extremamente desapontada.

Por isso, decido evitar rodeios, indo direto ao ponto.

— Preciso ir embora.

A mulher franze o cenho, dando um passo para trás, como se tivesse levado um soco no estômago. Com seu semblante sendo tomado por um misto de surpresa e confusão, ela separa os lábios, os fechando logo em seguida, assim que falha ao buscar sua voz.

Merda!

— Eu sinto muito, sra. Hudson, mas nossa apresentação já devia ter acontecido há um bom tempo... — começo a me explicar, tomando o cuidado necessário para não me embaralhar em minhas próprias palavras. — Consegui um novo emprego e começo esta noite. Infelizmente não posso me atrasar.

Ainda paralisada, ela leva os olhos até o relógio em seu pulso, sobre a pele negra, verificando o horário. Quando percebe que estou certa quanto ao atraso na nossa programação, sua expressão se suaviza. A treinadora ergue o olhar até meu rosto novamente, soltando um pesado suspiro.

— Está bem, Riley. Peço para a Ruby ficar no seu lugar esta noite, deixando o dela livre — ela responde, sua voz transbordando desapontamento.

Uma lufada aliviada de ar escapa pelos meus lábios, acompanhada pelas toneladas que parecem serem retiradas dos meus ombros.

— Obrigada — agradeço, a entregando meus pompons vermelhos como sangue.

Preocupada com o tempo, faço menção de me afastar, planejando seguir direto para o vestiário, para pegar minhas coisas e trocar de roupa, mas a voz da treinadora me faz congelar.

— Weston — ela me chama com um tom firme, me fazendo encará-la novamente.

Um arrepio percorre minha espinha assim que noto a expressão séria que toma seu rosto.

— Sim, treinadora?

— Saiba que isso não pode acontecer de novo. — É o que diz. — Como capitã, as Red Tigers devem ser sua prioridade. Se não conseguir encontrar uma maneira de conciliar seu trabalho com nossas apresentações, que sempre correm o risco de atrasar, infelizmente teremos que mudar sua função no time.

De repente, é como se meu coração se partisse em milhares de pedaços dentro do peito.

Amo ser capitã. Só eu sei o quanto lutei por isso e o quanto me senti contente quando conquistei esse posto na equipe. E realmente não quero deixá-lo, mas isso é algo que está fora do meu controle agora.

Ontem, quando Liza me contratou, ela disse que os horários das garçonetes da Bloom Café são voláteis, mudando todos os dias. E os jogos de futebol americano da universidade, onde minha equipe se apresenta, costumam ser no fim da tarde. Não será sempre que irei ter que me ausentar ou não conseguirei ficar até o fim, mas pode acabar acontecendo outras vezes.

É algo fora do meu controle. Por mais que ame a equipe de torcida, não posso me dar ao luxo de perder o emprego.

Estou dependendo dele agora.

Com esse pensamento em mente, encaro a sra. Hudson nos olhos, acenando com a cabeça, tentando passar uma certeza que não tenho. Então, para completar, eu minto.

— Pode ter certeza de que não vai acontecer de novo, treinadora.

E cada sílaba é amarga em minha língua.



Diferente do que era esperado, o fim de tarde na Bloom Café está tranquilo, apenas com algumas mesas sendo ocupadas por famílias ou executivos que andam por aí com seus ternos caros, após terem acabado de sair do trabalho.

Com um sorriso no rosto, me afasto da mesa que atendi, carregando a bandeja vazia comigo, após ter entregado um milkshake de morango para um garotinho com um boné do Homem-Aranha.

— Esses são os piores. — É o que Anne diz, assim que me aproximo do balcão.

Franzindo o cenho, sigo seu olhar, me deparando com sua atenção entregue ao garotinho, que bebe sua bebida tão rápido que poderia muito bem congelar o cérebro.

— Como assim?

— Sabe, esses meninos entre 6 a 10 anos com roupas de super-heróis... — a garçonete continua, tentando fazer sentido. — São todos umas pestes. Sem exceção. — Chacoalho a cabeça, rindo do seu raciocínio. O pior é que é verdade. — Agradeço todos os dias por não ter sido mãe de menino.

Sendo tomada pela surpresa diante da revelação, me viro para ela.

— Você é mãe? — questiono, levantando as sobrancelhas, um tanto impressionada.

Minha colega de trabalho sorri, deixando sua bandeja sobre o balcão. O metal tilinta baixinho ao ir de encontro ao mármore.

— Sim, de uma linda garotinha de 5 anos — ela conta, com uma expressão orgulhosa e que transborda amor. Não consigo conter minha feição embasbacada ao ouvir a idade da menina. Anne parece perceber, pois continua. — Tive a Ellie com 17 anos, se é isso que quer saber. Somos só ela e eu — revela, sem se mostrar abalada. — Meus pais me expulsaram de casa quando contei que estava grávida e, bom... o cara com quem eu me relacionava sumiu da minha vida assim que descobriu que era o pai.

Meu peito se aperta ao ouvir sua história, mesmo que de forma resumida e breve.

— Eu... Eu sinto muito — digo, sequer conseguindo imaginar como foi difícil para uma garota de 17 anos ter que passar por tudo isso sozinha. As pessoas conseguem ser umas merdas às vezes.

Um leve sorriso se curva em seus lábios.

— Não sinta — ela fala, gesticulando com uma das mãos. — Minha filha foi a melhor coisa que já me aconteceu, Riley. E todos que não a consideram bem-vinda neste mundo, não merecem estar nas nossas vidas.

Aceno de leve com a cabeça, abrindo um sorrisinho.

— Está certa.

Sendo chamada por uma mesa, Anne leva os olhos para longe dos meus, pegando sua bandeja antes de dar as costas e sair, pronta para atender mais um cliente.

Enquanto observo a mulher de cabelos platinados se afastar, sinto o celular vibrar dentro do bolso do avental lilás que uso como uniforme. Aproveitando a falta de movimento na lanchonete, tiro o aparelho do bolso, desbloqueando a tela ao notar ser uma mensagem de Ruby.

A captura de tela que ela enviou, porém, me faz franzir o cenho.

Ruby: *Isso é alguma dívida de jogo ou coisa do tipo?*

Solto uma fraca risadinha ao ler sua mensagem. Ainda um tanto confusa, aproximo o celular dos olhos, apenas para me certificar de que o que estou vendo é real, sem ser algo distorcido pela minha imaginação.

É uma foto de Austin, postada há poucos minutos no *Instagram.* Mas, apesar de ter sido tirada no vestiário da arena, a imagem é completamente diferente de qualquer outra que ele já chegou a publicar na rede social.

Porque uma forte camada de maquiagem cobre seu rosto.

E não de uma forma bonita.

Suas bochechas parecem duas maçãs extremamente vermelhas, com toneladas de *blush,* e um batom rosado tinge sua boca enquanto ele faz um biquinho para a *selfie*.

Por incrível que pareça, sua situação sequer chega a ser a parte mais estranha da captura de tela que Ruby me enviou. Esse posto pertence à legenda, que é completamente bizarra ao dizer: *"Podem me culpar por ser um grande beijoqueiro!"*



14

AUSTIN

Eu poderia muito bem matar todos eles.

Não apenas poderia, como sinto que seria exatamente isso que faria se já não estivesse no elevador, subindo para o oitavo andar.

A senhorinha que divide o espaço comigo franze as sobrancelhas ao me encarar, desconfiada, com um olhar cheio de dúvidas, digno de uma pessoa que está voltando para casa, após um dia normal, e encontra com seu vizinho parecendo um palhaço no elevador, com o rosto pintado e bochechas extremamente vermelhas. Ansioso para que a porta dupla à minha frente se abra logo, solto uma respiração profunda, sem conseguir esperar sequer mais um único segundo para dar o fora daqui, fugir do julgamento da minha vizinha e limpar meu rosto com todos os produtos possíveis, até estar normal novamente.

O percurso até o oitavo andar parece demorar anos.

A aflição cresce em meu peito à medida que os números são trocados em câmera lenta no visor, logo acima das fileiras de botões metálicos. E tenho vontade de gritar, coberto pela raiva.

Que aposta de merda! Que amigos de merda!

Michael, Dilan e Caden perderam totalmente a noção ao me obrigarem a fazer essa maquiagem e a postar a foto no *Instagram*, pagando a maior vergonha do século. Meus seguidores estão gargalhando nos comentários, julgando meu ridículo estado atual como o mais engraçado já visto.

Poderia muito bem dizer que adoraria trocar de fãs, se não os amasse tanto.

Quando o elevador finalmente chega ao meu andar, estou me sentindo claustrofóbico, apenas por ter sido bombardeado pelo olhar da senhorinha de cabelos brancos durante todo o percurso. Rodo a chave no dedo antes de encaixá-la na fechadura, girando a maçaneta em seguida, não vendo a hora de correr para o banheiro para lavar o rosto.

Sentada no sofá, com uma das mãos enfiadas dentro de um saco de salgadinhos e com o notebook no colo, Riley desliza os olhos até mim, notando minha presença. Confusão toma seu semblante.

— O que foi que aconteceu com o seu ros...

— Perdi uma aposta — a corto, entrando no apartamento com a maior pressa do mundo. Empurro a porta com o pé, ouvindo quando ela bate.

— Mas por que você... — curiosa, Weston insiste em conseguir respostas.

Atravessando a sala em passos largos, gesticulo com as mãos, sendo mais rápido do que ela.

— Não quero falar sobre isso — revelo com meu tom de voz um pouco ríspido. Percebendo que fui grosseiro com quem não devia, cravo meus pés no lugar, girando nos próprios calcanhares, me virando para encarar minha colega de apartamento. O cenho de Riley está tão franzido, que não me surpreenderia se suas sobrancelhas se colassem permanentemente em suas pálpebras. Solto um pesado suspiro. — Desculpa. Eu só... estou sem paciência — peço, apontando para o meu rosto. — Sabe me dizer se isso aqui sai com água?

Deixando seu notebook e o salgadinho de lado, ela se levanta do sofá em um pulo. Weston se aproxima de mim, parando à minha frente, me surpreendendo ao levar seus dedos até meu queixo, analisando a catástrofe que causaram no meu rosto de perto. Seu perfume doce invade minhas narinas, me inebriando.

E mesmo diante da situação e de toda a raiva que circula meu corpo de forma intensa, não deixo de pensar que Riley está linda para cacete. Ela *é* linda para cacete. Basta apenas respirar.

— Você está parecendo um palhacinho — zomba, rindo fraquinho. Reviro os olhos, cansado de ter pessoas soltando risadas causadas por mim.

Já bastou todos os minutos que passei na arena, sendo zoado pelos caras. Voltando a ficar séria, Riley semicerra os olhos. — O que passaram em você? *Blush* ou *lip tint?*

— Não tenho ideia — respondo, sincero. Uma curta e frustrada lufada de ar escapa pelos meus lábios. — Foi o Caden que levou aquela merda para o treino. Quero matar aquele idiota.

Afastando seu toque do meu queixo, a garota ri novamente.

— Você está ridículo.

— Obrigada por dizer o que eu já sei, Baby Weston. — Forço um sorrisinho irônico.

Riley dá um passo para trás, se afastando, sem desviar seus olhos de mim.

— Não se preocupe — ela diz. — Vamos dar um jeito nisso. Pelo modo como está vermelho, acredito que tenham optado pelo *Lip Tint.* Prescott deve ter usado metade do vidrinho em você.

— Sim, ele me deu um banho com aquela merda — resmungo, sentindo meu sangue ferver só de lembrar de Caden me maquiando. Amo meu melhor amigo, mas no momento eu poderia muito bem esganá-lo.

O idiota passou de todos os limites.

— Vem, vamos tirar! — É o que Riley diz, em uma falha tentativa de se conter e morder um sorriso. Ela gira nos calcanhares, iniciando seu curto caminho até o corredor. — Eu posso te ajudar. Tenho demaquilante no banheiro.

A sigo sem hesitar, me sentindo um pouco mais relaxado por saber que estou prestes a ter meu rosto de volta. Quando chegamos ao banheiro, observo Weston abrir um dos armários, tirando dali o produto e um pequeno pacote com algodões. Ela os deixa sobre a estrutura da pia antes de tomar impulso, se sentando sobre o mármore da mesma.

Os olhos azuis de Riley correm em minha direção, e ela usa uma das mãos para me chamar, pedindo para que eu me aproxime.

Engulo em seco, me sentindo um tanto nervoso de repente, e a obedeço.

— Vai me dizer do que se tratava a aposta? — É o que pergunta enquanto coloca o tal do demaquilante no algodão, com um sorriso divertido tomando seus lábios. Weston aproxima o material branco do meu

rosto, passando a deslizá-lo por minha pele. Sua expressão é concentrada, e de repente estou certo de que poderia muito bem passar horas encarando-a nesta posição, sem me cansar sequer um pouco. Riley sorri, parecendo se lembrar de algo. — Amei a foto que postou no *Instagram,* a propósito.

Me esforçando ao máximo para não me mover, pisco demoradamente, tomando uma respiração profunda.

— Não, não posso dizer.

Weston para seus movimentos, afastando seu toque. O sorriso em sua boca se alarga, e o divertimento flutua por toda a sua expressão.

— Por quê? — É o que quer saber.

— Porque não posso — respondo, simplista. Suspirando de forma pesada, passo a desabafar. — Sabe, está tudo errado! Não era assim que queria que me visse depois da noite de ontem.

— Assim como? De perto? — ela questiona, voltando a aproximar o algodão do meu rosto.

— Não, parecendo a porra de uma boneca de porcelana feita à mão — respondo, a fazendo rir.

— Se serve de consolo, você está fofo.

Uma careta toma meu semblante no mesmo instante.

— Ah, qual é? Isso não é consolo algum — falo, com a voz coberta de indignação. — Não quero te ouvir me chamando de fofo, Baby Weston. Quero que me chame de outra coisa.

Sendo pega de surpresa, Riley arregala um pouco os olhos. Ela afasta o algodão, agora já tingido de vermelho, do meu rosto, e sua expressão muda de repente, murchando, me fazendo questionar se falei algo errado.

Merda.

Weston suspira, prendendo seus olhos aos meus. Seus ombros despencam quando sua postura vacila.

— Eu deveria te odiar — revela, de repente.

Franzo a testa levemente, confuso diante do rumo que nosso diálogo está tomando.

— Por quê?

Riley solta uma pesada lufada de ar pelos lábios, sem quebrar nosso contato visual.

— É a regra de convivência feminina. Você quebrou o coração de uma garota que eu conheço e eu deveria te odiar por isso, mas não consigo — ela explica, a revelação parecendo ter pesado sobre seus ombros durante todo esse tempo. — Porque você está longe de ser uma pessoa detestável.

Um sorrisinho se curva em meus lábios assim que escuto a última parte. Dou de ombros.

— O que posso fazer? — questiono, em um tom brincalhão. — Sabe o que falam... É difícil não ficar caidinha pelos atletas gostosões.

Revirando os olhos de maneira teatral, Weston solta uma risadinha.

— Quem disse que estou caidinha por você, Crawford?

Sem pensar muito, levo minhas mãos à sua cintura, sentindo seu corpo se enrijecer diante do meu toque. A intensidade toma conta dos seus olhos azuis imediatamente, e Riley engole em seco, sendo coberta de nervosismo.

Permitindo que uma fina linha tome meus lábios, inclino a cabeça um pouco para o lado, sem desviar nossos olhos, que parecem estar sendo atraídos por ímãs, incapazes de se desgrudarem. A carga elétrica entre nós é pesada e poderia muito bem acabar com todo o ar do meu corpo.

— E não está? — provoco, soprando baixinho.

Sem saber como reagir, Weston apenas separa os lábios. Desço meus olhos pelo seu rosto, os cravando em sua boca. E inclinando meu tronco para frente, ainda apoiado em sua cintura, engulo em seco, chegando cada vez mais perto.

Quando nossas respirações passam a se misturar, devido à aproximação, fecho os olhos, pronto para tomar seus lábios nos meus.

Mas então, nosso momento é interrompido por uma música alta, que surge de repente.

Me afasto sem hesitar, sendo tomado pelo susto e fisgado de volta à realidade. Riley também parece se assustar, já que não presta muita atenção ao descer do mármore da pia e acaba batendo a cabeça no armário do alto, onde guardamos nossas escovas de dente e mais alguns produtos. Ela resmunga de dor, levando a mão à cabeça, esfregando a região atingida por cima do cabelo. Com uma careta se fazendo presente em seu semblante, Weston desliza a outra mão para dentro do bolso da sua calça de moletom, retirando dali o seu celular.

Ela bufa assim que lê o nome que aparece na tela, o mostrando para mim antes de desligar a ligação, dando um fim à música irritante.

— É o meu pai — diz, mesmo já tendo me mostrado.

Riley guarda o aparelho no bolso, atravessando o banheiro para jogar o algodão na cestinha de lixo, ao lado da privada. Sigo cada um dos seus movimentos com os olhos.

— Ainda não falou com ele depois que brigaram? — questiono.

Ela volta a me encarar.

— Não. E nem pretendo fazer isso tão cedo — esclarece. Um sorrisinho triste se curva em seus lábios, como se pudesse ler a preocupação que flutua pelos meus olhos. Weston volta a se aproximar de mim, pousando sua mão no meu ombro. O contato faz com que um arrepio ridículo percorra meu corpo, e de repente nem parece que eu estava prestes a beijá-la, minutos atrás. Riley muda de assunto. — Pronto, Austin, seu rosto já está normal de novo.

Só então me lembrando disso, desvio minha atenção para o espelho à nossa frente, observando meu reflexo. Sorrio ao notar minha pele livre de maquiagem, passando os dedos pela minha barba por fazer.

— Obrigado, Baby Weston — agradeço, voltando a encarar Riley.

Se afastando, ela apenas gesticula em resposta, como se dissesse que não foi nada.

— Já está tarde. Se eu fosse você, iria descansar — pontua, se aproximando da porta do banheiro.

— Depois — respondo, a seguindo com o olhar. — Ainda tenho que arrumar minha mala. Vamos para Boston amanhã, enfrentar o Bruins.

Um sorrisinho se curva em seus lábios.

— Bom, então boa sorte no jogo — ela deseja, erguendo uma das mãos minimamente no alto, como se torcesse. — Que a águia acabe com aquele urso idiota! — Solto uma risadinha ao ouvir Riley se referindo aos mascotes. Ela dá as costas, atravessando a porta. Porém, quando chega ao corredor, gira nos calcanhares, se virando para mim novamente. Sua testa se franze. — Austin?

— O que foi?

Weston coça a nuca, envergonhada, por algum motivo.

— Qual foi a aposta? — pergunta, determinada a descobrir.

Suspiro, relaxando meus ombros antes de sorrir, finalmente revelando: — Seu beijo era a aposta, Baby Weston. — Por algum milagre, minha voz sai em um tom seguro. — E a perderia se te beijasse — concluo, dando de ombros. — Mas não me arrependo.

Por alguns segundos, a expressão de Riley se transforma, sendo tomada pela surpresa. E penso estar ficando louco quando vejo suas bochechas começarem a enrubescer.

— Ah. — É o que Weston expressa antes de dar as costas e seguir pelo corredor, sumindo do meu campo de visão.

Com um sorriso no rosto, sinto o coração derreter dentro do peito.

Acabei mesmo de deixar Riley Weston sem graça?



15

RILEY

Estacionada em frente ao beco atrás da Bloom Café, aperto os dedos em torno do volante, feliz por ter meu *Jeep* de volta.

Assim como Austin escreveu no *Post-it* amarelo que colou na nossa geladeira dias atrás, recebi uma ligação hoje de manhã, dizendo que meu carro já estava pronto. Saí de casa às pressas, tendo que calçar os tênis no *Uber,* com medo de que não desse tempo de resgatar meu *Jeep* e chegar na universidade antes da primeira aula começar.

Crawford estava sentado em um dos banquinhos do balcão da cozinha quando deixei o apartamento. Sua mala estava próxima à porta, e ele já estava pronto para viajar para Boston. Austin apenas sorriu para mim, se despedindo ao acenar. Em sua mão, já mordido, estava um dos *cupcakes* de banana com farinha de amêndoas que preparei ontem à noite, após a conversa que tivemos no banheiro.

Eu me senti tão nervosa depois de ouvi-lo dizer que não se arrepende de ter me beijado, que segui para a cozinha e comecei a cozinhar sem ao menos perceber. Meus movimentos eram automáticos enquanto minha mente estava à mil, sendo invadida por lembranças de um beijo molhado na piscina, de palavras proferidas e de seu toque pressionando minha cintura.

Ainda não sei exatamente por que meu corpo responde a ele dessa forma. Sempre estou no controle das minhas atitudes, mas com Crawford é diferente. Com ele, cada mínima parte de mim se rende, como se pudesse derreter, e de repente estou preparando *cupcakes* antes de dormir, fazendo

uma bagunça na cozinha e sentindo minhas bochechas queimarem de um modo ridículo.

É patético.

Bato a porta do Jeep após deixá-lo, agora com um cigarro preso entre os lábios. Com a ajuda de um isqueiro, o acendo enquanto me aproximo dos fundos da lanchonete. Um vento frio de fim de tarde sopra meu rosto, levantando meus cabelos no ar.

Me recosto na parede de tijolos avermelhados, dando uma longa tragada, me preparando para passar pela porta da Bloom Café após ter me livrado da droga. Pouco tempo depois, já estou dentro da lanchonete.

Saindo pela porta da cozinha, Anne sorri para mim assim que passo por ela, indo direto para o quartinho onde costumamos deixar nossas coisas. Pego meu avental no armário, guardando o isqueiro e o maço de cigarros quase pela metade.

— Boa tarde. — É o que desejo para a minha colega de trabalho, quando voltamos a nos cruzar, já em frente ao balcão principal, próximo às mesas e a alguns clientes. Com minhas próprias mãos, amarro o avental lilás em volta do corpo, fazendo um laço nas costas.

— Boa tarde, Riley — Anne deseja, já me entregando uma bandeja. Sobre a estrutura, há um copo de milkshake de chocolate e um cachorro-quente que me faz salivar. Estou morrendo de fome. — Este é o pedido da mesa sete — avisa ela. — Como você obviamente já sabe, hoje é noite de jogo. Daqui a pouco este lugar estará lotado e seremos apenas nós duas nesta noite. Espero que esteja pronta para enlouquecer.

— Mais do que pronta — respondo prontamente, arrancando uma risada fraca dos lábios da garçonete.

— Ótimo. — É a última coisa que escuto Anne dizer antes de dar as costas, a caminho da mesa sete.

Com a expressão mais amigável possível tomando meu rosto, coloco a bebida e o cachorro-quente sobre a estrutura de madeira redonda, ocupada por uma adolescente de cabelo cacheado e pele negra retinta. Livros e cadernos estão espalhados pela mesa, e ela sorri para mim assim que a sirvo.

— Sabe que hoje tem jogo dos Capitals, não sabe? — pergunto, apenas para garantir. Se seu plano é estudar, com certeza isso vai ser

impossível aqui.

— Sei, sim — responde, acenando com a cabeça. Ela ajeita os óculos quadrados, fechando uma das mãos em volta do copo de milkshake. — Não vou demorar muito para ir embora.

— Fica tranquila — me apresso em dizer, sorrindo. — É só que vai ser impossível se concentrar nos estudos aqui esta noite. Em qualquer estabelecimento da cidade, para ser sincera.

Ela solta uma risadinha, me agradecendo pelo aviso. Digo que não foi nada antes de me afastar da sua mesa, retornando ao balcão, pronta para pegar outro pedido.

Conforme os minutos passam, clientes vão preenchendo as mesas da lanchonete. A maioria vestidos nas cores vermelho, azul e branco, prontos para torcer pelo time de Washington.

— Espero que Caden tenha acordado pronto para acabar com a raça daqueles babacas hoje. — Ouço uma voz grossa dizer.

Quando me viro, lançando um olhar em direção à porta de entrada, vejo três homens passando por ela. *Jerseys* do time se fazem presente em seus corpos, e eles parecem animados, cheios de energia e esperança para o jogo que acontecerá em breve, transmitido diretamente de Boston.

— Cara, ainda não sei o que estamos fazendo aqui! — diz um deles. Quando ele se vira para falar com os amigos e me permite ler o nome e o número que se estampam atrás da sua camiseta, um sorrisinho impossível de controlar se curva em meus lábios. *Crawford. 33.* — Devíamos ter ido em um bar!

Ah, claro. Sua personalidade obviamente faz jus ao seu jogador favorito.

— Stuart, já disse que minha esposa me proibiu de beber por um mês — um deles rebate enquanto andam em direção à mesa sete, que foi liberada pela estudante há alguns minutos. Nas suas costas, o sobrenome "Prescott" se faz presente, acima do número 13. — Ou assistimos o jogo daqui, ou do sofá da minha casa. Lá não tem álcool para vocês. E sabe muito bem que Martha te mataria se chegasse com mais uma garrafa de tequila ou um *sombrero* mexicano, alegando que é "hora de beber até cair".

— Por que foi mesmo que você se casou? — pergunta o fã do Austin, quando eles finalmente se sentam, se mostrando cada vez mais parecido

com o dono do sobrenome que carrega na camiseta.

— Por amor, seu idiota! — O terceiro cara o acerta um peteleco na nuca, arrancando risadinhas do marido da tal da Martha. O número 88 se estampa no boné afundando em sua cabeça, assim como na *jersey* que veste. É o número de Dilan Clanton. — As pessoas costumam abrir mão de muitas coisas por amor, inclusive do álcool. Você vai entender isso um dia, quando encontrar sua metade da laranja.

— Sabe que se depender de mim isso nunca vai acontecer — Stuart rebate, esfregando a mão na região atingida, em sua nuca. Ele mostra o dedo do meio para o terceiro cara, que apenas ri e desvia o olhar, como se procurasse alguém para atendê-los.

Sem esperar sequer mais um segundo, desisto de assisti-los de longe, me aproximando. Tiro um bloquinho amarelo e uma caneta do bolso do avental, pronta para anotar seus pedidos.

— O que vão querer? — questiono, ainda sorrindo pela dinâmica divertida que se faz presente entre eles. Os três mostram ter personalidades diferentes um do outro, assim como seus jogadores favoritos.

— Qualquer coisa sem ser tequila e um *sombrero* mexicano — o fã do Austin resmunga, meio emburrado, se recostando em sua cadeira e cruzando os braços.

— Não liga para ele — se apressa o com o número do Caden, gesticulando com uma das mãos. — Pode nos trazer uma porção grande de batatas fritas, duas cervejas e uma limonada, por favor?

— Claro. — Assinto no mesmo instante, prendendo a tampinha da caneta entre os dentes para anotar o pedido no bloquinho. Quando termino, me livro do objeto em minha boca, tampando a caneta antes de guardá-la no bolso novamente. Abro um sorrisinho nos lábios. — Gostei dos modelitos.

— Valeu — agradece a cópia do Austin, sem me encarar, ainda emburrado.

— É torcedora dos Caps? — o mesmo cara que fez os pedidos questiona.

Me esforço para fingir normalidade diante da pergunta. É claro que eles não me conhecem. Poucos torcedores sabem quem sou. Alguns me seguem nas redes sociais, mas não é como se eu já tivesse dado mil

entrevistas durante a vida ou saísse por aí com um cartaz que diz “olhe só para mim! Sou a filha do treinador Weston!”.

Com esse pensamento em mente, concordo com a cabeça.

— Com certeza! — exclamo, sorrindo, um tanto nervosa. — Vai Caps!

Quando me afasto da mesa, permito que uma curta risadinha escape pelos meus lábios. Se aqueles caras soubessem quem é o meu colega de apartamento, provavelmente surtariam e chorariam, implorando por um vídeo ou para que eu roube as cuecas favoritas do Austin e os entregue como um presente.

— Eles não fazem ideia de quem você é filha, não é? — questiona Liza, a gerente, assim que me aproximo do balcão.

Sorrio para a minha superiora. Liza é uma das mulheres mais lindas que já vi na vida. E parece muito mais nova do que realmente é. Com os cabelos escuros geralmente presos em um coque e sempre usando um dos seus habituais terninhos, a mulher negra de pele clara exala poder. Mas é um dos seres humanos com o coração mais doce que conheço. Consegui perceber isso no dia da entrevista.

— É melhor assim — respondo, soltando uma risada nasalada.

Deixo a bandeja sobre o mármore do balcão, deslizando os olhos pela lanchonete, que agora já está bem cheia. Anne atende uma mesa, anotando os pedidos em seu bloquinho, e os outros clientes parecem satisfeitos, já que nenhum deles está procurando por nós pelo local.

O vibrar do meu celular, guardado em meu bolso, chama minha atenção. Aproveitando o pequeno descanso, que sei que não durará muito, o tiro do bolso de trás da calça jeans, notando ser uma nova mensagem, enviada por Oscar.

Desbloqueio a tela, lendo o que foi enviado pelo meu irmão.

Oscar: *Riley, será que você consegue buscar a Helena depois do jogo e levá-la para dormir na sua casa hoje? Tenho um encontro e a babá não vai conseguir vir. Te agradeceria pelo resto da vida se quebrasse esse galho para mim.*

Levo os dedos ao teclado, com um sorriso crescendo em meu rosto.

Eu: *Quer dizer que Oscar Collen finalmente vai deixar de ser um solteirão? É lógico que consigo te ajudar, seu idiota. Será um prazer.*

— Riley, preciso de ajuda com a mesa vinte — diz a voz que me fisga de volta à realidade. Ergo a cabeça no mesmo instante, me deparando com uma Anne um tanto apressada à minha frente.

— Ah, sim, claro — respondo antes de deslizar o celular para dentro do bolso novamente, pegando minha bandeja, pronta para continuar trabalhando.



A melhor parte de trabalhar em um local com televisões e que é cercado por torcedores em dia de jogos, é que eu posso os assistir enquanto trabalho, sem ter que me preocupar em perder. E, porra, ainda bem que consegui, porque o jogo de hoje foi surreal.

Foi complicado e senti meu coração ameaçar pular pela boca várias vezes, mas os Caps conseguiram sair com a vitória de 5 a 4, com o último gol feito por Caden. Gritos e vivas preencheram a Bloom Café quando o terceiro período terminou, há duas horas. Eu, movida pela emoção, abracei Anne, que me encarou como se fosse louca.

Ela claramente não é muito fã do esporte.

— O que aconteceu entre você e o vovô? — É o que a voz de Helena pergunta, alcançando meus ouvidos. Movo minha atenção a ela no mesmo instante, franzindo o cenho. A garotinha de 6 anos dá mais uma colherada no seu sorvete de morango antes de concluir o questionamento. — Papai falou que você parou de morar com ele e que agora está morando aqui, com um amigo. Onde o seu amigo está?

Solto uma risadinha ao ouvi-la fazendo mais perguntas. Minha sobrinha faz o tipo de criança curiosa e literalmente não parou de me perguntar coisas desde que a busquei na sua casa, há uma hora.

— Viajando — esclareço, comendo um pouco do meu sorvete também. — E não aconteceu nada entre o vovô e eu — minto. Apesar de não ser de sangue, Helena considera meu pai como o seu avô. Ela cresceu próxima a ele, afinal. Dou de ombros. — Eu apenas decidi me mudar.

Sua resposta é um simples aceno de cabeça. E quando faz isso, suas marias-chiquinhas se movimentam, balançando um pouco.

Estamos sentadas no sofá da sala, assistindo um canal esportivo e devorando sorvetes. O sabor escolhido por mim foi o de pistache, como já era esperado. Depois que Austin prometeu que me compraria um pote, em comemoração ao meu novo emprego, e esqueceu, tive que resolver eu mesma. Estava morrendo de vontade.

Na tevê à nossa frente, comentaristas falam sobre o jogo contra o Bruins, revelando que chegou a hora de um curto bate-papo com o treinador dos Capitals. Meu pai aparece na tela segundos depois, atrás de um microfone, vestindo um dos seus ternos habituais.

Levo a mão ao controle, aumentando o volume da televisão no mesmo instante.

— Foi um bom jogo — George começa, parecendo extremamente centrado. — Podíamos ter feito algumas coisas diferentes, mas no final a vitória foi nossa, então o resultado me deixa satisfeito. O esforço do time está aumentando a cada dia e isso é nítido. Só precisamos nos atentar mais no próximo jogo, consertando alguns erros. Conhecemos a defesa do Boston Bruins e sabíamos que não seria um jogo fácil.

E então, simples assim, ele se levanta. Não é como essas conversas pós-jogo com treinadores durassem muito tempo. Eles precisam se atentar. Se falarem demais, podem acabar revelando alguma dificuldade dentro do time e facilitar com que outras equipes estudem suas fraquezas.

— Será que a gente pode mudar de canal, tia Riley? — Helena pergunta, ao meu lado. Quando a encaro, sua boca está melada de sorvete e ela pisca demoradamente, sonolenta. Um bocejo a escapa. — Você sabe que eu amo o vovô, mas queria assistir algum desenho.

Solto uma risada fraca, me levantando.

— Amanhã, está bem? — Pego o pote, já quase vazio, do seu colo. Aperto sua bochecha antes de me afastar. — Agora vamos escovar os

dentes e dormir. Seu pai vai me matar se souber que te entupi de doce e te deixei ficar acordada até tarde.

Ela abre um sorrisinho.

— Eu posso dormir com você, na sua cama?

— Com toda a certeza do mundo! — cantarolo, indo até a cozinha para deixar os potes e colheres sujas na pia.

Ainda no sofá, Helena solta um gritinho animado, repleto de felicidade.

E sinto meu coração amolecer ao escutá-lo.

Amo essa menina.



16

AUSTIN

Às vezes odeio o quanto Caden consegue ser desorganizado quando se esforça.

Quer dizer, eu já passei um bom tempo na casa do cara. Sei que lá tudo é limpo e arrumado. Mas, sempre que viajamos para algum jogo e ficamos no mesmo quarto de hotel, ele parece se transformar em outra pessoa.

Prescott tem uma regra de não desfazer suas malas. E eu o entendo, de verdade. Com nossas viagens frequentes, é extremamente cansativo ter que ficar pendurando e tirando as roupas do *closet,* mas isso não significa que ele precisa deixá-las jogadas pelo piso do quarto.

Ansioso para chegar em casa, sinto o elevador se movimentar sob meus pés, em meio à sua subida. Sei que ainda estamos no fim da manhã, mas a exaustão domina meu corpo por inteiro. O jogo de ontem à noite foi complicado e cansativo, porém o fato de termos saído com a vitória me tranquiliza.

Observando os números crescerem no visor, próximo à fileira de botões metálicos, solto minha mala de rodinhas. Deslizo a mão para dentro do bolso da calça de moletom que visto, encontrando meu celular.

Um sorriso zombeteiro cresce em meu rosto quando entro nas minhas conversas recentes, procurando o grupo que Avery criou pouco antes de que eu deixasse a casa do seu namorado.

Acontece que quando Caden a levou para a sua casa pela primeira vez, eu estava apenas de cueca. E a atriz deve ter ficado tão traumatizada,

que passou a usar o grupo para avisar que estava indo nos visitar, evitando que uma cena como aquela se repetisse.

Levo os dedos até o teclado, digitando:

Eu: *Passando apenas para avisar que cheguei em casa.*
E que o Caden precisa aprender a fazer menos bagunça.

A resposta da minha quase-cunhada chega no mesmo segundo.

Louca do quadro: *Que bagunça ele fez?*

Sorrio ao ler a forma como salvei seu contato. Brincar com a briga que os dois tiveram por aquele quadro ridículo, quando se conheceram, nunca perde a graça.

Eu: *Só durante o tempo que passamos em Boston, Prescott conseguiu deixar TODAS as roupas jogadas no chão do quarto de hotel. Até as que não usou.*

Louca do quadro: *Ele é muito desorganizado.*

Eu: *Mais do que muito desorganizado.*

Louca do quadro: *Péssimo.*

Eu: *Mais do que péssimo.*

Mordo o sorriso quando vejo que meu melhor amigo está digitando.

Caden: *Ei! Não se esqueçam que vocês dois são duas das pessoas que mais deveriam me amar no mundo, tá legal?*

Louca do quadro: *Te amamos mesmo você sendo desorganizado.*

Eu: *E péssimo.*

Dou uma fraca risada quando Caden envia um *emoji d*e dedo do meio, bloqueando a tela do aparelho e o devolvendo ao meu bolso. Quase que no mesmo instante, o elevador para e a porta dupla à minha frente se abre, me dando visão do oitavo andar.

Solto um longo suspiro ao deixar o espaço, ansioso para chegar em casa, cair na cama e ver Riley. Quero perguntar se ela chegou a assistir o jogo de ontem. E ouvi-la comentando sobre nosso desempenho por horas, se deixar.

Gosto de como ela entende do esporte.

Gosto de tudo nela, para falar a verdade.

Quando encaixo a chave na fechadura do nosso apartamento, porém, a fina voz que escuto me faz paralisar.

— O Sr. Leopoldo está com frio, Princesa Alegria. Você pode pegar algo para cobri-lo, por favor?

O que... Isso foi uma criança?

Ergo meus olhos no mesmo instante, verificando se estou no apartamento certo. Quando leio o número 801 pregado à porta, franzo a testa, quase colando minhas sobrancelhas nas pálpebras. Uma forte onda de confusão me invade.

— Claro, Rainha Doce — responde a voz conhecida, atravessando as paredes e alcançando meus ouvidos. Riley dá uma breve pausa antes de concluir, e imagino que agora esteja de pé, pronta para pegar um cobertor para o tal do Leopoldo, seja ele quem for. — Volto em um instante.

Saindo do transe que me consumiu, finalmente destranco a porta. Arrasto a mala de rodinhas comigo quando dou o primeiro passo para dentro do apartamento.

Dois pares de olhos curiosos correm em minha direção. E sentada sobre o tapete da sala, uma garota de marias-chiquinhas e cabelos escuros como carvão inclina a cabeça, me analisando de cima a baixo. Ao seu redor, alguns ursos de pelúcia estão posicionados em uma roda. Cada um com uma falsa xícara de plástico cor-de-rosa à sua frente, como se estivessem em uma roda do chá.

Fico parado no lugar, tentando entender o que está acontecendo.

Quem é ela?

— Quem é *você*? — a menina questiona, como se pudesse ler meus pensamentos.

Não respondo de imediato, confuso demais para encontrar minha própria voz.

Percebendo minha falta de reação, a garota, que parece ter uns 5 ou 6 anos, permite que sua expressão se transforme. E de repente ela parece furiosa. Um bico se forma em sua boca e um vinco toma o espaço entre suas sobrancelhas. A menina me fuzila com olhos em chamas, fazendo um estranho arrepio percorrer meu corpo.

Ela é assustadora.

— Eu vou gritar — avisa, de repente, me pegando totalmente desprevenido. — Vou gritar e avisar à minha tia que tem um invasor na casa dela e...

— Você chegou cedo. — A voz de Riley invade a sala.

Sentindo o alívio me invadir feito uma forte enxurrada, solto o ar que nem percebi que estava segurando. Meus músculos relaxam quando levo os olhos até a filha do meu treinador, o corpo notando que não estou mais sozinho com a menina que estava me encarando como se pudesse me assassinar.

— É... Conseguimos voltar um pouco antes... — digo, ainda um tanto confuso. Aponto para a menina no tapete, sentada sobre suas próprias pernas. — Quem é ela?

— Meu nome é Helena — a garota diz, com um tom de voz que revela que ficou incomodada por eu ter perguntado seu nome para Riley, quando ela mesma poderia responder. Foco meus olhos em suas marias-chiquinhas, que balançam conforme ela fala. — Tenho 6 anos e dormi aqui hoje.

— Certo... — respondo, ainda um tanto perdido.

De onde essa menina surgiu?

Riley solta uma fraca risada ao atravessar o cômodo, se aproximando da garota. Ela a entrega uma fronha branca de travesseiro e a tal da Helena a usa para cobrir um dos ursos. Ou melhor, para cobrir o *Leopoldo.*

— Austin, essa é a Helena, minha sobrinha — Riley finalmente começa a explicar. Deixando a raiva de lado, a garota sorri para mim enquanto guarda o urso dentro da fronha, como se estivesse "o cobrindo". — Helena, esse é o Austin, o meu colega de apartamento.

Suas sobrancelhas se levantam, entendimento tomando seu semblante.

— Ah, então ele é o seu amigo... Pensei que fosse um invasor — ela comenta, na maior naturalidade do mundo. Riley morde um sorriso, me lançando um rápido olhar e dando de ombros, como se dissesse "a imaginação dela é bem fértil". *É, eu percebi.* — Não sabia que você tinha um amigo tão bonito, tia Riley.

Com uma curva tomando os lábios, chuto a porta atrás de mim com um dos pés, ouvindo o som estrondoso que ela faz ao bater.

— Nem eu sabia que você tinha uma sobrinha tão esperta, *Princesa Alegria* — provoco, enchendo a voz de sarcasmo ao repetir a maneira como Helena chamou a tia, há alguns minutos. Ao que parece, a brincadeira delas consiste em fingir ser de um reino mágico, com princesas e a tal da Rainha Doce.

Riley consegue esconder sua mão da garotinha quando mostra o dedo do meio para mim, me arrancando uma risada fraca.

— Como foi o voo? — questiona, se sentando no chão, em meio à roda com os ursos e as xícaras falsas.

— Bom — respondo, simplista. Entro na cozinha, abrindo a geladeira em busca de uma garrafa de suco. — Mas eu estou morto. Parece que fui pisoteado por uma manada de elefantes.

— Adoro elefantes — comenta Helena, ainda da sala. A lanço um rápido olhar por cima da bancada, vendo que agora está distraída, servindo o chá do Sr. Leopoldo.

Pego um dos copos no armário, o enchendo com o suco de laranja que encontrei.

— Você jogou bem ontem — Riley comenta. — Assisti o jogo enquanto trabalhava. A lanchonete estava uma loucura.

A lanço um sorriso, sentindo meu coração dar um pulinho ridículo de alegria ao ser elogiado por ela.

— Não foi um jogo fácil — revelo, sendo sincero. Viro todo o suco antes de continuar. — Muitas vezes achei que fossemos perder. Mas conseguimos superar a nós mesmos. Ficamos eufóricos para cacete.

— Ei! — Uma voz fina me repreende. Movo minha atenção para Helena, que me encara com a mesma feição furiosa de antes. — Não pode falar esse palavrão! — ela briga. Riley solta uma risadinha fraca, a encarando com um brilho no olhar, como se estivesse orgulhosa por ver a sobrinha me repreendendo. Helena aponta para o sofá ao seu lado. — Vai para o cantinho do pensamento, amigo-da-minha-tia! Cinco minutos de castigo.

Sem saber ao certo como reagir, não me movo. De repente, as duas passam a me fuzilar com o olhar, esperando para que eu obedeça. Em busca de ajuda, foco minha atenção em Riley, que apenas dá de ombros.

— Você ouviu a Rainha Doce — diz ela, se contendo ao máximo para não gargalhar. — Tem que ir para o cantinho do pensamento.

Suspirando, me afasto do balcão.

— Onde é o cantinho do pensamento, vossa majestade? — pergunto para Helena, que volta a sorrir.

— O sofá — ela explica, apontando novamente para o móvel ao seu lado.

Assinto antes de arrastar meus pés pela sala, me aproximando delas. E assim me sento, Helena me surpreende ao me entregar uma xícara cor-de-rosa.

Franzo o cenho no mesmo instante.

— Você já assistiu o filme da *Alice no País das Maravilhas*, Austin? — ela questiona, voltando a se sentar no tapete. Faço que sim, ainda confuso. — Bom, então deve saber que todos precisam respeitar a rainha. Caso contrário, terão suas cabeças cortadas. — Helena me encara de um modo assustador, que me faz engolir em seco. Ela força um sorriso aterrorizante nos lábios. — Hora do chá! — exclama, voltando a servir seus ursos.

Então, ao seu lado, sem conseguir mais se conter, Riley solta uma risada. A encontro com o olhar, movendo os lábios em um pedido de socorro assim que Helena passa a me servir com um chá inexistente e a falar comigo em um forçado sotaque britânico, mas tudo o que Weston faz é dar de ombros e se juntar à sobrinha, entrando na brincadeira.

E é adorável para caralho.



Riley foi levar Helena ao banheiro quando a campainha toca.

Solto a xícara de plástico, que atinge o tapete em um baque surdo, e me levanto do sofá, me aproximando da porta. Encaixando o olhar no olho mágico, verifico quem está do outro lado, com os pés sobre nosso tapete de boas-vindas.

Franzo o cenho ao notar que não conheço o cara. Ele é alto, musculoso e tem grandes tatuagens espalhadas pelo corpo, principalmente nos braços, que estão quase fechados.

É assustador.

Curioso para saber o que está fazendo em frente ao meu apartamento, levo minha mão à maçaneta. A giro, abrindo a porta. E no instante em que seus olhos castanhos vêm ao meu encontro, choque toma o seu semblante.

— Puta merda... — ele murmura, arregalando os olhos.

Forço um sorrisinho, dividido entre tentar ser simpático e o mandar dar logo o fora daqui. Se esse cara for um fã obcecado, assim como minha antiga vizinha era, quero deixar claro que não tolero que invadam minha privacidade. Eu amo meus fãs e torcedores, mas, *porra*, literalmente tive que me mudar depois que deixei que aquela garota tirasse uma foto comigo

naquele dia, após bater na minha porta. Ela passou a morar em frente ao meu apartamento. Perdi as contas de quantas vezes acordei de manhã e a encontrei sentada no corredor, ao lado do meu tapete.

Não tenho paciência para passar por isso de novo. Porém, algo no olhar desse cara me diz que sua surpresa está longe de ser positiva. É como se ele preferisse *não* ter me encontrado aqui.

— Você é Austin Crawford? — questiona, ainda com os olhos arregalados.

— Sim, eu sou? — devolvo, confuso diante do que está acontecendo.

Quem é esse cara, afinal?

Ele me analisa de cima a baixo, completamente em choque.

— E Riley está morando com você?

— Por um tempo — diz a nova voz que invade o cômodo. Um tanto atordoado, giro nos calcanhares, encontrando Riley. Ela deixa o corredor, segurando na mão de Helena, que abre um grande sorriso ao ver o homem parado à minha frente. Weston se aproxima de nós antes de continuar. — Te disse que estava ficando na casa de um amigo, até conseguir juntar um dinheiro para viver sozinha.

A garotinha de 6 anos se afasta da tia, passando ao meu lado antes de se jogar nos braços do nosso mais novo visitante. Ele a pega no colo sem hesitar, deixando um beijo estalado na bochecha da menina antes de voltar a nos encarar. Helena solta uma risadinha.

— Bom, mas você não me disse que esse tal “amigo” era um jogador do Washington Capitals! — o homem exclama, voltando a arquear as duas sobrancelhas.

Riley para ao meu lado, me lançando um sorriso que deixa implícito que quer conversar sozinha com o cara.

Aceno com a cabeça antes de dar as costas. De volta ao tapete, passo a recolher todos os brinquedos de Helena, os guardando dentro de uma mochila lilás, que estava sobre uma das poltronas da sala. Dentro dela, algumas peças de roupas estão dobradas. Pelo visto, as que Helena trouxe para dormir aqui em casa ontem.

— Papai não pode saber. — É o que escuto Riley dizer, não tão baixinho assim. — Prometa que não vai contar, Oscar.

— Ele vai te matar — responde o tal do Oscar, falhando ao manter a voz baixa também.

— Exatamente por isso ele não pode saber — conclui minha colega de apartamento.

Fecho o zíper da mochila após guardar a última xícara de plástico dentro dela. Giro nos calcanhares, me deparando com Riley e o homem à sua frente me encarando. Ergo a mochila no alto, como em um aviso silencioso que diz que todos os brinquedos de Helena foram guardados.

A menininha, ainda no colo do cara que descobri ser seu pai, agora está distraída, contornando um grande dragão tatuado no braço dele com a ponta do dedo.

— Obrigada, Crawford — agradece Riley, se aproximando de mim antes de tomar a mochila das minhas mãos. Ela volta para a porta, entregando os brinquedos de Helena para Oscar.

Ele apenas permite que uma fraca linha tome seus lábios, acenando em agradecimento.

— Obrigado por tomar conta dela — diz, sendo pego de surpresa quando a filha o abraça pelo pescoço. Sorrio ao assistir à cena. Ele parece ser um bom pai. Oscar diminui o tom de voz ao continuar falando com a irmã, provavelmente pensando que não consigo escutá-lo. — E prometo que não direi nada ao George.

— Obrigada — Riley agradece, junto a um suspiro relaxado.

Eles trocam mais algumas palavras antes de se despedirem. Ainda nos braços do pai, Helena ri quando Weston faz cosquinha em sua barriga, depositando um beijo em sua bochecha logo em seguida.

Quando a porta bate, ainda estou parado no mesmo lugar, com as solas dos sapatos sobre o tapete. Riley gira nos calcanhares, se virando para mim. Ela apenas me encara, sem dizer nada. É como se pudesse perceber os milhares de pensamentos que flutuam pelos meus olhos e estivesse à espera de que eu coloque pelo menos algum deles para fora.

— Não sabia que você tinha um irmão. — É a maneira que escolho para abordar o assunto.

— É uma longa história — ela diz, ainda a passos de distância.

Sorrio, pois tenho quase certeza que já sei pelo menos metade dela.

— Aquele é o fruto da gravidez que fez seu pai abandonar o hóquei universitário, não é? — pergunto. O olhar que a mulher dá em minha direção revela que está surpresa por eu saber disso. Dou de ombros. — As fofocas correm soltas pelos Caps.

Ela solta uma risada fraca antes de finalmente sair do lugar, indo até a cozinha. Abre um dos armários, alcançando um pacote fechado de bolacha. E então, ignorando o fato de já estar quase na hora do almoço, Riley se senta em um dos banquinhos do balcão, enfiando a primeira bolacha na boca.

— É... — ela começa, após engolir. — Oscar não tem uma história muito fácil... Ele e eu crescemos juntos, mesmo depois que meu pai descobriu que Oscar não era seu filho de sangue. E com a mãe que ele tem, meu pai foi uma benção na sua vida, mesmo depois de tudo.

— A mãe dele é uma pessoa tão ruim assim? — pergunto, me aproximando dela. Do outro lado do balcão, roubo uma das suas bolachas.

Weston me encara furiosa por alguns seguros, segurando o pacote e o afastando de mim.

— Ela é péssima. Nunca foi uma boa pessoa. Não sei o que meu pai enxergava nela.

— Você chegou a conhecê-la? — questiono, levando a bolacha à boca.

Riley nega com a cabeça.

— Não. Ainda bem.

Sinto meu coração se amolecer um pouco ao lembrar da maneira que Helena reagiu quando viu que Oscar estava em nossa porta. A garota se jogou nos braços dele, como se aquele fosse um lugar seguro, que mesmo após ter passado uma única noite longe, já estava com saudade. Um lar, onde ela não via a hora de retornar.

George deve ter sido um bom pai para Oscar, já que aquela garotinha demonstra amá-lo com toda a força. Ele deve ter aprendido a ser um bom homem com o treinador.

Meu peito se aperta ao pensar como seria se algum dia eu tivesse filhos. Não teria nenhum exemplo. Ninguém para me espelhar. Ninguém para servir de apoio ou me ouvir quando precisasse desabafar ao me questionar se estou ou não fazendo um bom papel ao criar um ser humano.

Chacoalhando a cabeça, me obrigo a mandar esses pensamentos para longe, antes que minha mente me leve para um local obscuro, repleto de lembranças do meu passado e da minha infância, marcada pela falta de uma figura paterna e homens bons.

Quando volto minha atenção para Riley, ela está dando mais uma mordida na bolacha presa entre seus dedos, me encarando com olhos que revelam que sabe muito bem que acabei de dar um breve mergulho para dentro de mim.

Por isso, buscando evitar que qualquer questionamento saia por seus lábios, me afasto do balcão, sendo rápido ao avisar: — Preciso de um banho. A viagem foi exaustiva.

E não olho para trás antes de ir para o corredor, seguindo até o banheiro.



17

RILEY

Com uma grande luva vermelha protegendo minha mão, levo a forma retangular ao forno, o fechando em seguida, permitindo que inicie seu trabalho e asse o jantar.

Meu dia foi estressante. Passei a tarde toda sentada no sofá, com o notebook no colo e um artigo da aula de cozinha nutricional aberto. Para mim, preparar algo para comer neste momento é sinônimo de calmaria.

Me tranquiliza.

Deixo a luva no balcão, livrando minha mão. Em um dos armários no alto, encontro um recipiente grande e bonito o suficiente para abrigar a salada que estou prestes a fazer. No mármore do balcão, uma tábua e alguns legumes e verduras já lavados estão espalhados. Paro em frente a eles, pegando a única faca decente da limitada coleção do Austin.

Estou prestes a cortar os tomates quando sou interrompida pela voz que invade o cômodo.

— Achei que ainda estivesse estudando — Crawford diz, mais rouco do que o normal. Ergo minha atenção a ele, o observando coçar os olhos e bocejar, sonolento. Austin passou a tarde toda no quarto, descansando. Nos cruzamos poucas vezes depois que meu irmão deixou o apartamento, levando Helena embora, mas não trocamos sequer uma única palavra. — Ia te perguntar se queria pedir uma pizza. Estou morrendo de fome.

— Estou fazendo *bruschettas* — revelo, apontando para o forno atrás de mim. — Já estão assando.

Um sorrisinho se estampa em seus lábios, contrastando com a expressão exausta, formada por bochechas vermelhas e amassadas pelas horas de sono que teve durante a tarde.

É extremamente fofo.

— Posso te ajudar? — Crawford questiona, e suas simples palavras fazem com que meu coração bata mais forte, perdendo o compasso. Ele dá de ombros, demonstrando uma timidez que dificilmente aparece. — Já disse que não sou nada bom na cozinha, mas me sentiria a pior pessoa do mundo se te deixasse preparar o jantar sozinha.

Sendo pega de surpresa, demoro alguns segundos para processar a informação e finalmente reagir. Ainda segurando a faca, aceno com a cabeça. Pisco algumas vezes, tentando encontrar minha voz, que parece ter morrido na garganta.

— Você pode... me ajudar a cortar os legumes? — sugiro, mais em um tom de pergunta do que qualquer outra coisa.

Crawford faz que sim antes de se aproximar. Ele para ao meu lado, me lançando um sorrisinho torto antes de pegar a faca da minha mão. Seu perfume amadeirado invade minhas narinas, e juro que minhas pernas chegam a fraquejar.

Acho que tenho um fraco por homens bonitos cozinhando. Ainda mais quando se trata de Austin Crawford. Ou melhor, *principalmente* quando se trata dele.

É quase como se eu pudesse derreter bem aqui, apenas ao encará-lo cortando um maldito pepino.

— Estou fazendo certo?

— Hã? — devolvo, me assustando um pouco ao ouvir sua voz. Arrasto meu olhar para longe do seu braço forte, que é apertado pela curta manga da camiseta cinza extremamente justa.

Amo essa camiseta.

Crawford ri. Uma risada grave e rouca, daquelas que merecem ficar gravadas na mente por muito tempo, permitindo que a ouçamos repetidas vezes.

— Perguntei se estou cortando certo — ele repete, sem saber que ouvi perfeitamente da primeira vez.

Analiso seus movimentos quando rasga o pepino com a faca.

— Tente fazer rodelas mais finas — sugiro. — Fica mais bonito e mais fácil de mastigar.

Ele assente, tentando mais uma vez.

— Assim? — pergunta.

— Quase — respondo, me aproximando ainda mais do seu corpo. Corto toda a distância que existia entre nós, fechando minha mão sobre a sua, ao redor da faca. Um arrepio percorre meu corpo no mesmo instante em que sinto sua pele, meu cérebro se dando conta do que estou fazendo. Encontro Austin com o olhar, e ele já está me encarando. Ele pisca, sendo pego de surpresa. Estamos quase colados um ao outro, e me amaldiçoo mentalmente por sentir o desejo arrebatador de ter suas mãos pelo meu corpo outra vez, pressionando minha cintura, como naquela noite na piscina. Engulo em seco, afastando minha mão da sua. Limpo a garganta, um tanto sem graça. — Tente cortar ainda mais fino. Eu... Eu vou dar uma olhada nas *bruschettas*.

Desesperada para quebrar nosso contato visual, dou as costas, indo até o forno.

Meu corpo todo parece queimar. E isso não tem nada a ver com o fato de estar próxima ao forno, aquecido em 200°.

Não gosto de como tudo em mim responde à presença de Austin. Não é justo com a Claire, muito menos com todas as vezes que ouvi minha colega de equipe desabafar em meio aos treinos, triste pelo jogador de hóquei que quebrou seu coração. Sei que talvez tudo não tenha passado de um mal-entendido entre os dois, mas isso não minimiza o fato de que Claire ficou triste com a situação.

Por muito tempo, pensei que Crawford fosse um babaca. Odeio o fato de que ele se mostrou não ser tal coisa. Seria muito mais fácil detestá-lo se ele fosse mesmo um babaca.

Com a mão de volta à luva vermelha, abro a portinha do forno, alcançando a forma e a retirando dali. A levo até o balcão de mármore, ao lado dos legumes que Crawford continua cortando.

— Nossa — ele murmura, um tanto impressionado ao observar o prato da noite. É simples, mas gostoso. Não queria fazer algo muito demorado. — Isso está com uma cara ótima.

O sorrisinho que se molda em meus lábios é inevitável.

— Espere só até provar.



— A Bloom Café está perdendo tempo em não te contratar como chef. — É o que Austin fala, minutos depois, de boca cheia. Estamos sentados à mesa da sala, degustando o jantar que preparamos enquanto bebemos um bom vinho. A música tranquila, que ele colocou para tocar, preenche o cômodo, alcançando nossos ouvidos. — Isso aqui está delicioso!

Solto uma fraca risada, dando mais uma mordida na *bruschetta* com tomate e muçarela de búfala.

— Ainda não tenho preparo o suficiente para trabalhar em uma cozinha, Crawford — revelo, sendo sincera. Não estou pronta para lidar com a correria e o fato de ter que preparar vários pratos de uma só vez.

— Duvido muito disso — meu colega de apartamento devolve, apontando o garfo em minha direção. — Se consegue liderar uma equipe de torcida universitária, é capaz de fazer tudo, Baby Weston.

Meus lábios são tomados por uma leve curva.

Ele tem um ponto.

— Será que isso é algo de família? — Crawford questiona. Franzo o cenho, sem entender onde quer chegar. — Sabe... esse espírito de liderança. Seu pai é um treinador incrível e você é uma ótima capitã.

— Como sabe que sou uma ótima capitã? — pergunto, rindo um pouco ao notar a certeza em sua voz. Ele nunca presenciou um treino das Red Tigers. Não tem como saber disso.

Crawford apenas dá de ombros.

— Você é Riley Weston — ele aponta, como se a explicação já fosse o suficiente. Quando percebe que a confusão continua se fazendo presente em minha expressão, decide continuar. — Não me parece com o tipo de pessoa que erra ao fazer algo.

Seu pensamento me faz rir.

— Acredite em mim, você se surpreenderia — revelo, falando a verdade. Ter batido no seu carro é a maior prova de que estou longe de ser perfeita em tudo que faço. Levo minha taça de vinho aos lábios antes de continuar, dando um longo gole. — E sobre o espírito de liderança... Talvez

seja mesmo algo de família. Quer dizer, ao contrário do meu pai, não quero seguir na área do esporte, mas acho que ser dona de uma doceria também envolve saber dar ordens, não?

— Uau. Não sabia que queria abrir uma doceria — Crawford revela, parecendo empolgado com a informação.

Sorrio.

— É o meu maior sonho, desde que era pequena — conto, sentindo o coração se amolecer apenas ao pensar em como seria o espaço.

Quando era mais nova, costumava idealizar com um ambiente aconchegante, onde as pessoas poderiam ir após um dia exaustivo de trabalho, para espairecer a cabeça ao aproveitar uma boa sobremesa. Também sonhava em ter uma área apenas com doces para unicórnios, mas a imaginação da minha eu de oito anos não conhecia a palavra *realidade.* Lembro de ter ficado desapontada quando descobri que os mágicos animais com chifres que via nos desenhos não existiam.

Do outro lado da mesa, um sorrisinho toma os lábios do meu colega de apartamento.

— Vai dar certo, Weston — ele garante, com uma esperança que tende a me faltar muitas vezes.

Espero que sim, penso em responder. Mas não tenho tempo.

No mesmo instante, a música que saía pela caixinha de som de Austin acaba e uma nova começa a tocar, chamando a atenção dele. O atleta se levanta da cadeira em um pulo, rindo um pouco antes de parar à minha frente, estendendo sua mão.

— Me concede essa dança, Princesa Alegria?

Solto uma risada nasalada ao ouvir o nome que Helena me deu, enquanto brincávamos, sair pelos seus lábios.

— Por favor, não me dê um apelido novo — peço, segurando sua mão, tomando impulso para me levantar. — Baby Weston já é irritante o suficiente.

Crawford morde um sorriso ao me guiar até o meio da sala, em frente ao sofá. Segurando minha mão firmemente, ele se vira, voltando a me encarar nos olhos. Seus ombros sobem um pouco, despencando logo em seguida.

— A culpa não é minha. Foi sua sobrinha que começou. — Tudo em mim parece queimar quando sinto seu toque em minha cintura. Ele tomba a cabeça, divertimento se fazendo presente em cada mínimo traço da sua expressão. — Aliás, você é a minha Baby Weston e eu sou o seu bonitinho. Nós dois temos apelidos. Estamos quites.

Tento controlar meu coração, que passa a bater mais rápido ao ouvir suas palavras. O refrão de *This Town,* do '*Niall Horan'*, explode pela caixinha, e o sorriso estampado nos lábios de Crawford aumenta. Sem pensar muito no que estou fazendo, coloco minhas mãos ao redor do seu pescoço. E então, começamos a dançar pelo nosso apartamento.

Enquanto um homem extremamente apaixonado canta sobre como tudo o lembra da mulher que ama e de como ainda dançaria com ela, mesmo que o mundo inteiro estivesse assistindo.

A expressão no rosto de Austin se transforma quando ele desce o olhar até meus lábios, o prendendo ali. O arrepio que percorre meu corpo é a mais verdadeira prova de que o jogador à minha frente, com as mãos pressionadas em minha cintura, tem um grande efeito sobre mim. Um efeito que não devia.

Atenta aos seus olhos, deixo que Austin me guie para onde quer que eu me mova, com as mãos firmes em meus quadris.

— Preciso confessar — ele solta, de repente, com a voz mais rouca que o normal. Seu olhar sobe pelo meu rosto, deixando meus lábios ao voltar a me encarar nos olhos. — Tinha medo de você, no início.

Franzo o cenho levemente, sem entender.

— Sério?

Um tanto hesitante, o jogador faz que sim com a cabeça.

— É — sopra. — Quando não te conhecemos, você pode ser um tanto amedrontadora.

— Por quê?

A garganta de Crawford oscila quando ele engole em seco.

— Acho que é porque sua beleza é ofuscante.

Um sorriso impossível de ser contido ganha vida em meus lábios assim que suas palavras alcançam meus ouvidos.

E durante os últimos minutos da música, enquanto sou guiada por um Austin meio desajeitado quando se trata de dança, eu me sinto bem. Bem de

verdade.

Como se, nesta noite, fosse capaz de fazer todos os problemas da minha vida desaparecerem. A briga com meu pai, a falta de dinheiro, o ex-namorado babaca e o medo de não conseguir conciliar a função na equipe de torcida com o trabalho novo.

Como se, apenas durante esta noite, sob o toque do homem que pensei odiar por muito tempo, eu me sentisse imbatível. Capaz de qualquer coisa.



— Está fazendo de novo. — É o que Austin diz, uma hora mais tarde.

Sem entender, franzo o cenho.

— O que?

Um sorriso torto toma seus lábios.

— Está encarando a minha boca de novo — ele revela, com a voz convencida. — E já é a terceira vez. Estou contando.

Lanço uma careta em sua direção, ouvindo quando ele ri baixinho.

Estamos sentados no chão da sacada, ao ar livre, observando o céu noturno e repleto de estrelas. É uma noite bonita na capital, e gosto de assistir o céu. É um dos poucos momentos da vida em que o silêncio deixa de ser desconfortável, nos trazendo paz e muito para refletir. E eu até estaria refletindo, se a presença de Austin não me chamasse tanto a atenção.

Sentado ao meu lado, abraçando suas próprias pernas, meu colega de apartamento está sem camiseta, com seu abdômen à mostra. Seus fios escuros de cabelo se mexem um pouco quando são atingidos pela brisa da noite, e ele, com o olhar de volta ao céu, leva a *long neck* em sua mão aos lábios, dando um demorado gole na cerveja.

Sinto como se pudesse assistir para sempre o movimento que sua garganta faz ao engolir. *Porra, por que é que esse cara consegue tornar tudo tão sexy?*

Não sei dizer ao certo em que momento fomos do vinho para a cerveja. Mas posso afirmar que dançamos por tanto tempo, que meus pés até mesmo chegaram a doer. E quando vi, estávamos aqui, sentados na

sacada, bebendo nossas *long necks* e rindo do que Austin disse, sobre ter ficado com medo de Helena quando entrou no apartamento, mais cedo.

Quando estou com ele, os momentos se tornam leves. E me pego desejando que o tempo pare. Que a cidade toda se cale e que sejamos apenas nós, sem compromissos ou preocupações. Apenas com o agora.

— No que está pensando? — questiono, ainda o encarando, após um bom tempo de silêncio.

Austin não desvia seus olhos das estrelas ao responder: — Em como nada disso parece real.

Sua revelação me deixa confusa.

— Como assim?

Dando mais um gole na cerveja em sua mão, ele finalmente se vira para mim. E quando afasta a garrafa dos lábios, abre um sorriso. Bem de leve, quase imperceptível. Seus olhos se enchem de intensidade antes de continuar.

— Isso aqui. — Crawford aponta para nós dois. Ele solta uma risada nasalada, chacoalhando um pouco a cabeça. — A gente. Nós não parecemos reais.

Franzo o cenho, cada vez mais atingida pela confusão.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que... — Ele se perde em seu próprio raciocínio por um tempo, tentando organizar o pensamento. Quando assim faz, deixa a cerveja de lado, se virando completamente para mim. Seus olhos azuis, um pouco mais escuros do que os meus, são tomados pela seriedade assim que decide continuar. — Imagine algo que passou muito tempo idealizando acontecendo de verdade. Imagine olhar para uma coisa ou pessoa durante vários anos, pensando que talvez aquela seja a mais bonita que já viu, mas sentir que nunca poderá tê-la. Que não é merecedor de tê-la, porque ela com certeza merece alguém melhor do que você. — Ele passa a ponta da língua no lábio inferior, em uma breve pausa. — Agora imagine que depois de ter aceitado a ideia de que ela é inalcançável, de repente o destino faz com que o caminho de vocês se encontre. Que em uma noite, você a encontre dormindo em um Jeep, no meio da rua, e que depois ela bata no seu carro e passe a morar com você. Que você a encontre todos os dias e a irrite ao ponto de fazê-la quase quebrar uma garrafa na sua cabeça e tirar o seu video

game da tomada, mas que a beija e parece que existem fogos de artifícios sendo soltos em sua barriga. — Austin engole em seco, me encarando de uma forma tão intensa, que poderia muito bem despir minha alma. — E agora se imagine sentado na sacada com ela. Na sacada do apartamento que passou a ser *de vocês.* E imagine que tudo o que mais quer é beijá-la *de novo.* — Ele balança a cabeça mais uma vez. — Não parece real, Riley.

Sendo pega de surpresa, tento assimilar cada uma das suas palavras. E elas são muito. Muito para se ouvir de uma só vez.

Por isso, não dou uma resposta à altura. Tudo que faço é dizer uma simples frase. Mas, por algum motivo, ela parece bastar.

Olho no fundo dos olhos de Austin, tomando uma respiração profunda antes de soltar, com a voz um tanto trêmula: — Então beije.

Ele pisca algumas vezes, demorando um pouco para processar minhas palavras. E quando faz, se move rapidamente, se aproximando de mim com uma urgência e desespero que me fazem rir.

Crawford fica de joelhos à minha frente, sem hesitar antes de pegar a *long neck* da minha mão e a colocar no piso, ao nosso lado. Sinto o calor do seu toque quando ele leva seus dedos até o meu queixo e ergo um pouco a cabeça, conectando nossos olhares. Fecho os olhos assim que ele se inclina para frente e passo a sentir sua respiração no meu pescoço.

Levo minha mão ao seu peito exposto pela falta de camiseta, e Austin suspira ao sentir meus dedos na região. Ele cola a testa à minha, e abro os olhos antes de ouvi-lo sussurrar algo que faz meu corpo inteiro se arrepiar.

— Você é o meu segredo favorito, Baby Weston.

Então, simples assim, seus lábios se chocam aos meus.

A onda de calor percorre meu corpo sem pudor algum. As mãos de Austin descem para a minha cintura e deslizo minhas unhas pelo seu abdômen, ouvindo-o suspirar em minha boca antes de invadi-la com sua língua, aprofundando o beijo. Ele faz pressão em minha pele, me puxando para frente e colando nossos peitos, acabando com o pequeno espaço que ainda nos separava.

Desesperados por contato, nos tocamos sem parar. Não impeço quando Crawford desce as mãos para a barra da minha blusa, me ajudando a tirá-la pela cabeça. O curto período em que nossas bocas ficam separadas é como uma grande tortura, que passa quando volto a beijá-lo.

Aos poucos, ele apoia seu peso sobre mim, até eu estar deitada no chão, que é gélido contra as minhas costas, agora desnudas. Seus beijos passam a descer pelo meu pescoço, traçando uma linha molhada até a pele exposta dos meus seios, onde o sutiã não cobre. Austin se afasta ao notar o estilo da peça íntima que uso. É um sutiã preto e transparente que, através do tecido, entrega uma visão perfeita dos meus mamilos.

— *Porra...* — ele sopra, com os olhos brilhando, hipnotizados.

Uma onda de arrepio cruza meu corpo no instante em que seus polegares se esfregam nos pontos já enrijecidos, sobre o tecido. Quero que seu contato seja mais direto. Crawford parece entender o recado quando arqueio um pouco as costas, já que não demora para levar seus dedos ágeis ao fecho do sutiã, o abrindo e me livrando da peça de uma vez por todas.

Em questão de segundos, seus lábios se aproximam da região. Ele lambe um mamilo, o puxando fundo dentro da boca. Sinto um espasmo indo direito para o meio das minhas coxas e envolvo minhas pernas ao seu redor, erguendo o quadril, me apertando contra ele. A ação provoca um gemido baixo em Austin, e de repente esse se torna o meu mais novo som favorito.

— Você não merece que isso seja feito no chão — ele solta, um tanto ofegante, erguendo o queixo para me encarar nos olhos.

— Gosto do chão — respondo, com a voz urgente, necessitada para sentir sua boca em mim novamente. *Em qualquer lugar do meu corpo.*

Austin sorri. E é a porra do sorriso mais sexy que já vi na vida.

— Acredite em mim, com certeza vai gostar mais da minha cama. — É a última coisa que ele fala antes de se levantar, obrigando minhas pernas a se afastarem do seu corpo.

Solto um gritinho surpreso quando ele me pega no colo, me levando nos braços ao atravessar o apartamento. Assim que chegamos ao seu quarto, não perdemos tempo. Crawford me coloca na cama e tiro o short, ficando apenas de calcinha. Ele também se livra da sua calça, restando apenas uma cueca boxer branca. E então, sobe sobre mim, colocando suas mãos e joelhos ao meu redor, se apoiando no colchão.

— Bem melhor, huh? — pergunta, subindo o olhar pelo meu corpo, parando ao chegar no meu rosto.

Me remexo um pouco, assentindo.

Focando seus olhos nos meus, Austin desliza uma das mãos pelo meu corpo, parando ao chegar entre minhas coxas. Solto um gemido sufocado quando ele roça a ponta do dedo em mim, ainda sobre o tecido da calcinha.

Lentamente, Austin aproxima seu rosto do meu pescoço. Um arrepio percorre meu corpo no instante em que sinto sua respiração contra a minha pele, próxima ao meu ouvido.

— Vou repetir a mesma pergunta que te fiz na piscina, Baby Weston — ele avisa, com a voz rouca. Então, ergue o rosto, voltando a fitar meus olhos. Mordo os lábios com força assim que sinto um de seus dedos pressionando meu clitóris. — Posso continuar?

Sem sequer hesitar, faço que sim, incapaz de encontrar minha voz para dizer qualquer coisa. Ele solta uma risada fraca, como se percebesse, e então puxa o elástico da minha calcinha, a tirando.

Austin enfia dois dedos dentro de mim, e meus músculos internos se apertam em torno dele.

Cacete.

Ele me lança um sorriso pervertido, observando minha expressão. Tapo a boca com uma das mãos quando ele tira os dedos e os enfia de novo, fazendo um gemido alto me escapar.

— Não tente se controlar, Baby Weston — pede, afastando minha mão da boca, seus olhos grudados nos meus com uma intensidade jamais vista.

Gemo de novo quando um terceiro dedo entra em ação, se juntando aos outros e se curvando dentro de mim. Minhas pálpebras pesam no mesmo instante. O prazer é insuportável, pulsando em minhas veias. Crawford brinca comigo até eu quase não aguentar mais, sem desviar os olhos do meu rosto por sequer um único segundo. É como se quisesse assistir a cada uma das minhas expressões.

Sinto um vazio momentâneo quando seus dedos saem de mim, mas não dura muito tempo. Ele os leva à boca por um instante, com o olhar cravado ao meu, provando meu gosto antes de dar o próximo passo. Com a respiração descompassada, Austin desce pelo meu corpo, depositando alguns beijinhos em minha barriga no meio do caminho. Ele chega ao meio das minhas pernas e beija minhas duas coxas antes de me separar lentamente com a língua. Me agarrando ao lençol, pressiono meu corpo no

colchão, tentando parar de me contorcer. Um grito alto me escapa quando sua língua corre pelo meu ponto mais sensível.

Puta. Merda.

É a melhor sensação do planeta.

Falho ao tentar me conter, deslizando meu corpo para cima, em uma resposta automática. Crawford precisa agarrar minhas coxas, me puxando de volta para a sua boca.

Sons ofegantes me escapam e fecho os olhos, os sentindo pesar. Estou perdida. Completamente envolta pelo prazer que ele está me provocando.

Solto um gemido de decepção quando o calor desaparece, me obrigando a separar as pálpebras.

— Cacete, calma — Austin diz, se levantando. Ele anda até a cômoda, abrindo algumas gavetas de maneira desesperada até encontrar o que estava procurando. Com os dentes, rasga a embalagem da camisinha em meio ao caminho de volta à cama. Se livra da cueca e fica de joelhos no colchão, colocando o preservativo.

Mordo os lábios, sentindo a ansiedade me invadir ao assistir a cena.

Seus olhos, repletos de luxúria e desejo, me analisam por alguns instantes. Levando a boca para junto da minha, ele me beija com urgência, desesperado. E eu retribuo, beijando-o, tocando-o e arfando como se o mundo tivesse prestes a acabar.

Austin entra em mim, e um gemido alto escapa da minha boca. Levo minhas mãos ao seu cabelo, prendendo seus fios em meus dedos. Ele abraça uma das minhas pernas, a erguendo ao colocá-la em sua cintura. Cada investida provoca uma enxurrada de prazer que se espalha pelo meu corpo.

Ele ergue a cabeça, e tenho certeza de que não vi nada mais sensual do que seus lábios molhados e olhos ardentes.

Com nossos corpos sincronizados, chegamos ao clímax quase ao mesmo tempo. O orgasmo é mil vezes mais intenso do que qualquer outro que já tive. E sei que isso é culpa de Austin e do nosso segredinho, que, querendo ou não, acaba tornando tudo mais divertido e, de certa forma, empolgante. Crawford estremece logo em seguida, seus dedos apertando minha cintura com força.

— Porra… — murmura, ofegante, deixando o queixo cair em meu ombro. Ele traz sua boca até a minha, me dando o último beijo antes de se

levantar e ir para o corredor, se enfiando no banheiro para se livrar da camisinha.

Sorrio ao vê-lo voltar, se jogando na cama de novo, ao meu lado. Austin apoia um dos cotovelos no colchão, descansando o rosto na palma da mão ao me encarar. Uma fina linha toma seus lábios e ele desliza os dedos da mão livre pela minha barriga, me causando um arrepio ao traçar círculos por ali.

— Ei — o chamo, encontrando minha voz pela primeira vez desde que me deitei nesta cama. Seus olhos azuis se focam em meu rosto, atentos. — Acho que você também é o meu segredo favorito.



18

AUSTIN

Não parece real.

Foram essas as palavras que saíram pelos meus lábios na noite de ontem, pouco antes de tudo acontecer.

É engraçado como a vida pode ser uma grande caixinha de surpresa às vezes. Se um tempo atrás alguém tivesse aparecido com uma bola de cristal na minha frente e me mostrado o momento que estou vivendo agora, eu provavelmente teria rido.

Porque parece a porra de um sonho. Um sonho bem louco, onde eu acordo deitado na minha cama, com uma Riley Weston nua ao meu lado, sob as cobertas enquanto dorme calmamente.

Um sonho do qual não quero sair nunca mais.

Com um sorriso impossível de evitar ganhando força em meus lábios, deslizo minha mão até uma das suas pernas, que pesa sobre mim. Arrasto os dedos por ali, em um carinho preguiçoso. O despertador tocou há alguns minutos, mas Weston está tão consumida pelo sono, que sequer percebeu.

Sou atingido por uma pontada de irresponsabilidade quando penso que poderíamos muito bem inventar estarmos doentes, ligando para os nossos trabalhos e dizendo que não conseguiremos aparecer hoje. Assim, não teríamos pressa para sair da cama esta manhã. E poderíamos aproveitar o restante do dia do nosso jeito. Mas, apesar de ser sábado, eu tenho treino. Tenho jogos complicados na semana que vem e não posso me dar ao luxo de não aparecer no rinque hoje. George Weston provavelmente ficaria puto

comigo. Além disso, sua filha acabou de começar em um emprego novo. Não pode ser displicente.

Deslizo os dedos pela perna de Riley uma última vez antes de ela acordar. Minha colega de apartamento leva as mãos aos olhos, os coçando, sonolenta. Ela geme ao levantar um pouco a cabeça, se deitando em meu ombro. Suas pálpebras se separam, revelando o azul mais lindo do mundo.

Gosto de pensar que fui a primeira coisa que seus olhos enxergaram no dia.

— Bom dia, bonitinho — deseja. Sua voz sai rouca e sensual, e meu coração dá um pulo dentro do peito.

Aperto sua coxa, dando um beijo em sua bochecha.

— Dormiu bem?

Riley faz que sim, abrindo um sorrisinho.

— Melhor impossível. — Ela se espreguiça, me fazendo rir. — Que horas são?

— Tem uns dez minutos que o despertador tocou — conto, voltando a deslizar meus dedos por sua coxa, ainda sobre mim. — Não estamos tão atrasados assim.

— Mas ainda assim estamos atrasados. — Ela se senta, afastando a perna de mim. Resmungo quando isso acontece, desejando poder parar o tempo. Riley me dá um selinho rápido antes de jogar as cobertas para o lado, se levantando. — Vou fazer panquecas para o café. Que horas é o seu treino?

Pulo da cama também.

— Eu te ajudo — respondo, começando a procurar minhas roupas pelo chão. Encontro a cueca e a calça de moletom, as pescando com a mão ao me lembrar que já estava sem camiseta ontem, quando começamos a nos agarrar na sacada. — E sobre o treino... Preciso sair de casa daqui a uma hora e meia.

— Certo — Riley solta, já perto da porta. Ela se vira, se agachando para pegar sua calcinha e o shorts no piso, e fico paralisado enquanto me visto porque a bunda dela poderia muito bem ser a oitava maravilha do mundo. — Temos que ser rápidos então, já que só temos um banheiro e precisamos sair de casa praticamente juntos.

Um sorriso pervertido se abre em meus lábios.

— Sabe, a gente bem que podia entrar no chuveiro juntos — sugiro, em um tom de voz repleto de segundas intenções.

Subindo o short pelas suas pernas, Riley arqueia as sobrancelhas em minha direção.

— Isso com certeza não otimizaria o tempo.

Solto uma risada fraca, levantando as palmas das mãos no ar, me rendendo.

— Tem razão. — Me aproximo dela, tocando sua cintura, a puxando para roubar um beijo rápido. — Mas não significa que não possa rolar outro dia, huh?

Tomo a risadinha de Riley como um sim antes de deixar o quarto. Vou direto para a sala, retirando a mesa do jantar de ontem, colocando as louças sujas na pia. Estou no meio do caminho até a sacada quando Riley aparece no meu campo de visão, agora vestindo um top de academia, além das roupas que tirei ontem à noite.

— Geleia de frutas vermelhas ou mel com frutas de verdade? — É o que questiona, se referindo aos adicionais das panquecas que está prestes a preparar.

Dou de ombros.

— Qualquer um. Confio em você.

Ela sorri antes de ir até a cozinha, e eu termino de me dirigir até a sacada. Pesco do chão as *long necks* que estávamos bebendo ontem, agora já quase vazias. Pego a blusa e o sutiã de Riley, também esquecidos sobre o piso. Jogo as garrafas fora e atravesso a cozinha, até a lavanderia, deixando as peças de roupa no cesto.

— O que quer que eu faça? — pergunto ao voltar à cozinha.

Riley está parada em frente ao balcão, próxima ao fogão, misturando a massa das panquecas. Ela me pede para pegar alguns ingredientes e eu obedeço, tentando ser prestativo. Quando liga o fogo, não consigo afastar os olhos dela. Porque vejo que, por menor e menos elaborado que seja o prato que está preparando, seu semblante é tomado de amor. Como se cozinhar fosse sua coisa favorita no mundo todo.

E não tem nada mais bonito e hipnotizante do que ver essa mulher fazendo algo que ama.



O som do chuveiro sendo ligado chega abafado ao alcançar meus ouvidos, indicando que Riley acabou de entrar no banho. Me jogo no sofá, esticando as pernas após ter comido quatro panquecas inteiras. A equipe dos Capitals me mataria se descobrisse que não estou seguindo a dieta à risca. Mas o que posso fazer? Estou morando com uma quase-chef, que prepara os melhores cafés da manhã que já comi e divide a mesma paixão que eu quando se trata de sorvete de pistache.

Eles também me matariam se soubessem que estou morando com ela.

O toque do meu celular preenche a sala, quebrando o silêncio que ocupava o cômodo. Franzindo o cenho, tiro o celular do bolso da calça, o trazendo até em frente aos olhos. Ainda é bem cedo. Ninguém deveria estar me ligando agora e...

Meus pensamentos somem como fumaça pelo ar no instante em que leio o nome do contato da minha mãe, estampado no visor. Algo dentro de mim se apavora, entrando em alerta imediatamente, ciente de que há algo de errado acontecendo. O fuso-horário deixa Vancouver há 3 horas antes de nós. O sol sequer nasceu lá ainda. Por que caralhos minha mãe iria me ligar se ainda é de madrugada?

Ela nunca liga. *Nunca.*

Sem esperar mais um único segundo, deslizo o dedo na tela, atendendo a ligação. Nervoso, engulo em seco ao levar o aparelho a um ouvido. Endireito a postura, tomado de tensão.

— Mãe? — É a forma que encontrou para dizer oi, a urgência comandando meu tom de voz. — Está tudo bem?

No outro lado da linha, ela solta um longo suspiro. Um suspiro pesado, que transparece exaustão.

— Desculpa te ligar, Austin — pede. Tenho vontade de dizer que estou aqui e que pode entrar em contato comigo quando quiser, sem precisar se desculpar, mas mordo a língua, pois ela é mais rápida. — Mas preciso de dinheiro.

Algo em meu peito morre no mesmo instante.

Não me leve a mal, amo a minha mãe. Mas às vezes queria que ela se fizesse um pouco mais presente na minha rotina. Sei que moramos longe e que talvez ela pense que irá me atrapalhar se me telefonar ou mandar mensagens mais vezes, mas isso é o que eu mais desejo. Que s*eja* a minha mãe, mesmo que de longe. Que me pergunte como foram os meus dias, ao invés de apenas me ligar perto do Natal, me convidando para ir para o Canadá e passar a data com ela, na casa onde cresci.

Em um mundo perfeito, Kleah Crawford estaria aqui. Em Washington, comigo. Em um mundo perfeito, ela estaria solteira, livre de qualquer homem e de qualquer nome acrescentado em sua lista de péssimas decisões. Sem qualquer fardo para apenas atrasar a sua vida ou a machucar.

Mas não vivemos em um mundo perfeito.

Uma lufada frustrada de ar escapa pelos meus lábios e levo os dedos até a cabeça, os entrelaçando em meus fios de cabelo, ainda bagunçados.

— Quanto foi que teve que dar a ele agora? — questiono, sentindo o sangue ferver em minhas veias. Sequer preciso citar um único nome, pois Kleah sabe exatamente a quem estou me referindo.

Ela respira fundo antes de responder.

— Foram só... algumas economias. — Sua voz sai envergonhada, apertando meu coração. — Ele estava com dívidas, Austin. Tive que ajudar.

Cerro o punho, com um grito furioso coçando em minha garganta, doido para escapar. Dou tudo de mim ao tentar me controlar.

— Não quero saber para quem ele estava devendo — digo, ríspido. Chacoalho a cabeça, sem acreditar que essa merda está se repetindo de novo. — Você precisa parar de dar dinheiro para esse cara, mãe.

— Eu sei — responde ela, a voz saindo fraca. — E eu vou. Foi a última vez. Prometo.

Suspiro, abrindo a minha mão ao sentir os dedos doerem. Usei muita força ao cerrar o punho.

— De quanto precisa? — pergunto, me odiando por não conseguir acreditar em sua palavra.

Quando se cresce as ouvindo repetidas vezes, fica difícil de crer que são reais. Se torna cansativo. Exaustivo para cacete.

— Não precisa ser muito. Minha conta está praticamente zerada, mas ainda vou receber — ela conta, a vergonha se fazendo presente em sua voz.

A mesma vergonha que já escutei *tantas* vezes. — Me mande o que conseguir, tudo bem?

Mordo a língua ao pensar em insistir para que me diga uma quantia exata. Porra, sou um jogador da NHL. Poderia muito bem enviar rios de dinheiro para minha mãe todos os meses e não sentir sequer o menor arranhão na conta bancária. Mas *não posso.* Não posso porque sei que ela dará cada centavo ao viciado que chama de namorado.

Fecho os olhos, sem forças.

— Tudo bem — sopro, sentindo o peito apertar. — Vou transferir o dinheiro.

— Obrigada, Austin. — Kleah demora alguns segundos até responder, a voz saindo trêmula, como se estivesse se esforçando para não chorar. — Você está bem?

— Estou — digo, mesmo sem ter certeza disso. Essa ligação fez com que um sentimento ruim e amargo se aflorasse dentro de mim.

— Que bom — minha mãe responde, e pela sua voz sou capaz de presumir que deve estar sorrindo. — Vou te deixar em paz. Mais uma vez, muito obrigada. Estou com saudades.

Separo os lábios, prestes a dizer que não desejo que me deixe em paz. Que eu quero que permaneça falando comigo até nos cansarmos, mas não tenho a chance de proferir sequer uma única sílaba, porque Kleah não me dá a chance de falar antes de encerrar a chamada.

Me odeio durante cada minuto que passo no aplicativo do banco, transferindo o dinheiro para a conta da minha mãe. Me odeio porque sei que sou impotente para cacete quando se trata desse assunto. Me odeio por já ter tentado tanto, mas não ter conseguido mudar porra nenhuma. E me odeio ainda mais por, no fundo, me sentir acomodado com o seu relacionamento atual.

E daí que o cara é um viciado, não é mesmo? Pelo menos, diferente de muitos outros que vieram anteriormente, esse não bate nela.

É triste se sentir tranquilo com o mínimo.

Quando bloqueio o celular, o amargor está tomando minha língua por completo. Meu peito está apertado, e minhas mãos um pouco trêmulas, graças à força que faço para manter o choro preso na garganta.

Uma vez, li em algum lugar sobre pessoas que se sentem na obrigação de salvar o mundo. E me questiono se Kleah Crawford é uma delas. Se minha mãe passou a vida toda se envolvendo com homens errados apenas porque acreditava que poderia salvá-los, como algumas protagonistas de filmes e livros de romances.

Mas a vida real não é assim. Ela é incrivelmente dura com os bonzinhos. E nos mostra que seres humanos conseguem ser tremendos filhos da puta ao revelarem quem são de verdade.

Respirando fundo, fecho os olhos com toda a força, sentindo as pálpebras tremerem enquanto me esforço para não chorar. Mentalmente, conto até dez, inspirando e expirando devagar, tentando acalmar meu coração, que parece prestes a pular para fora do peito, de tão acelerado.

Eu detesto toda essa merda. Detesto para caralho.

— Austin? — Escuto Riley chamar. Abro os olhos, já marejados, a encontrando parada em frente ao corredor. Não ouvi quando saiu do banho, mas já está vestida para ir trabalhar, com uma jaqueta preta e uma calça de couro. Weston me encara com o cenho franzido, sua voz saindo em uma mistura perfeita de cautela e confusão. — O que aconteceu?

Fungo antes de responder.

— Minha mãe me ligou.

Ela me encara em silêncio por alguns segundos, como se analisasse a situação. Em seguida, se aproxima de mim em curtos passos, se sentando ao meu lado no sofá. O que é uma péssima ideia, pois no instante em que me puxa para si e me abraça, permitindo que encoste a cabeça em seu ombro, eu desabo.

Que se foda essa merda de autocontrole!

Lágrimas passam a cair por meus olhos. Uma seguida da outra, atingindo sua jaqueta escura. Riley me aperta contra si, e uma onda de gratidão me atinge por tê-la comigo aqui, neste momento, demonstrando se importar, mesmo sem saber sequer o mínimo de toda a história.

— *Shhh* — ela sopra, fazendo um carinho preguiçoso em minhas costas. — Está tudo bem. Tudo bem...

— Kleah queria dinheiro — começo a contar, a voz trêmula e embargada. — O babaca do namorado dela gastou todas as suas economias com drogas. E ela me ligou para pedir que eu transferisse uma quantia para

a sua conta. — Faço uma pausa, respirando fundo, sentindo como se meu próprio coração pudesse me sufocar. — E eu me sinto um merda por não poder ajudar, Riley... Me sinto um merda por estar nadando em rios de dinheiro, enquanto minha mãe sofre ao fazer economias que são gastas por um homem que só serve para atrasar sua vida e complicar tudo. Me sinto um merda por não poder enviar uma quantia maior para ela, pois sei que, mais uma vez, ela dará tudo para ele. — Suspiro pesadamente, meu peito queimando. — E me odeio por não saber como ajudar. Me odeio por já ter tentado tanto, mas nunca ter conseguido convencê-la de que ela não precisa de nenhum desses caras. — Riley me aperta ainda mais contra si quando um soluço me escapa. — Ela não precisa deles...

Por alguns minutos, permito silenciar meu cérebro, que grita com lembranças das quais faria qualquer coisa para esquecer. Acomodado ao redor dos braços de Riley, me obrigo a respirar fundo, controlando as lágrimas que ameaçam cair em uma sequência frenética pelos meus olhos.

— Quer que eu busque um copo de água? — minha colega de apartamento questiona, me fazendo encarar seus olhos.

Me sento no sofá, afastando nossos toques ao negar com a cabeça.

— Estou bem — digo, apesar de nós dois sabermos que isso é mentira. Pelos olhos azuis de Weston, vejo que milhares de dúvidas se embaralham, em um emaranhado confuso. Ciente de que ela não colocará nenhuma delas para fora, decido começar a falar, dando um mergulho profundo no meu passado. Preciso tirar esse peso esmagador das minhas costas. Preciso compartilhar minhas dores com alguém. — Meu pai me abandonou quando eu tinha um ano de idade. — É a maneira que escolho para começar. — Não tenho memórias dele, mas todo mundo sempre me disse que ele era uma pessoa horrível e que minha mãe tinha feito uma péssima escolha ao se casar com ele. Me lembro de não querer acreditar nisso, na infância. Eu tinha esperança de que um dia ele estaria de volta em minha vida. De que um dia, ao acordar, ele apareceria no portão da nossa casa no Canadá, como um super-herói, pronto para nos tirar daquele inferno, causado por outras péssimas escolhas que minha mãe tomou durante a vida. Foram cinco caras durante a minha infância e adolescência. Três deles não a faziam tão mal assim, apesar de nunca terem gostado de mim. Mas os outros dois... Seus nomes eram Finneas e Adam. O

relacionamento com Finneas foi o que durou mais tempo, até ele ser detido após ter ameaçado esfaquear um cara em uma mesa de bar. Depois daquela noite, nós nunca mais o vimos. Ele sumiu do mapa, sem dar notícias.

"Com Adam, as coisas aconteceram mais rápido. E quando ele foi embora, foi apenas porque já estava entediado. Porque bater na minha mãe tinha perdido a graça. Assim como Finneas, acredito eu, já que ele sequer telefonou uma única vez depois que saiu da cadeia. — Uma risadinha fraca e carregada de dor me escapa. Chacoalho a cabeça, ainda sem acreditar em como existem seres humanos tão nojentos e doentios no mundo. Riley permanece me encarando em silêncio, pena tomando toda a sua expressão. — Uma vez, Finneas quebrou um copo na cabeça da minha mãe. E ela sangrou tanto quanto aquela mulher no bar. Quando eu vi aquela cena, Riley, fui teletransportado para anos atrás. No início, eu tentei ajudar. Eu fui, assim como Caden, Michael e Dilan. Mas travei ao enxergar a dor na expressão dela. A mesma dor que vi minha mãe sofrer durante tantos anos. — Dou uma pausa, precisando respirar. — Foi por isso que Prescott começou a gritar, implorando para que alguém me tirasse dali. Ele é o único que sabe sobre a minha história. Bom, pelo menos era, até agora."

Um sorrisinho triste e quase sem força se abre nos lábios da garota à minha frente, como se estivesse grata por confiar meu passado a ela.

— Conforme eu fui crescendo, fui entendendo a gravidade do que estava acontecendo na vida da minha mãe. Às vezes, tinha que proibi-la de se encontrar com caras que sabia que não valiam nada. Quando eu fiz dezoito anos, fiz ela prometer que pararia de conhecer pessoas ruins. Que passaria um tempo sozinha, apenas na minha companhia. Ela cumpriu a promessa. E continuou cumprindo até o ano passado, quando me telefonou para dizer que estava namorando um cara. Eu pesquisei o nome dele no Google e descobri que tinha sido preso duas vezes, após ter sido pego com drogas. Detestei ter que visitá-los no Natal, meses depois. Odiei cada segundo que passei na presença daquele homem. Ele não a trata mal, mas age como um peso em seus ombros, atrasando sua vida e pegando seu dinheiro para se viciar cada vez mais. — Suspiro, levando uma das mãos aos olhos, secando a umidade causada pelas lágrimas que já pararam de cair. — Não sei o que acontece com a minha mãe, nem porque ela sente essa necessidade de "acolher" todos esses caras problemáticos, como se

pudesse salvá-los e fazer deles boas pessoas. Mas o que mais desejo é que entenda que não precisa deles. Que estará melhor sozinha.

Me surpreendo quando Riley me abraça, assim que a última palavra escapa pelos meus lábios. Seu toque é reconfortante, e ela me aperta com força, como se quisesse sugar toda a minha dor.

Quando penso nessa parte da minha vida, o que sinto se iguala a uma faca dilacerando o peito. Bem devagar. Acho que é por esse motivo que nunca converso sobre isso com ninguém. Mas com Riley, me senti pronto para dividir minhas dores. Senti a *necessidade* de fazer isso, como se imaginasse que ela me confortaria.

E não sei muito bem dizer o que isso significa, mas foi exatamente o que aconteceu.

Riley Weston me acalmou.

— Eu sinto muito, Crawford — diz quando retribuo o abraço, a rodeando com meus braços. Ela sussurra a próxima frase. — Obrigada por ter confiado sua história a mim.



Sou o primeiro a chegar na sala de mídia da arena, horas mais tarde.

O treino acabou faz mais de 20 minutos, e os caras ainda estão no vestiário. Quando saí de lá, eles estavam zombando de Dilan, que levou flores para Ellen, a mulher com quem estava saindo, e recebeu um pé na bunda logo em seguida. Ele ficou sem graça para caralho, mas o time todo parecia disposto a continuar rindo da situação.

Neste momento, devem estar levando uma bronca da equipe e de George Weston, pelo atraso.

Acomodado em uma das poltronas, me recosto na almofada em minhas costas, em uma postura relaxada. Aproveito o momento para tirar o celular do bolso da calça, dando a primeira espiada nele desde que o treino se iniciou, horas atrás.

A mensagem que Riley me enviou faz com que um sorrisinho tome meus lábios.

Riley: *Você está melhor? Espero que o que rolou hoje de manhã não tenha estragado seu dia.*

Cacete, como essa mulher consegue ser tão perfeita?

Sentindo meu coração prestes a derreter, levo os dedos até o teclado, digitando.

Eu: *Para ser sincero, o treino foi tão puxado, que nem mesmo consegui lembrar dos meus problemas.*

Mas pensei em você.

O tempo inteiro.

A resposta dela chega poucos segundos depois, me surpreendendo.

Riley: *Hahahaha. Pensou em mim por que viu o meu pai?*

Eu: *KKKK, engraçadinha...*

Pensei em você porque desde ontem à noite, essa é a única coisa que eu faço.

Riley: *Tem certeza de que não foi porque viu o meu pai e a sua queda secreta por ele te lembrou de mim?*

Solto uma risada nasalada, chacoalhando a cabeça.

Eu: *Sim, com certeza deve ter sido por isso. Sempre fui secretamente apaixonado pelo seu pai, né? Isso não é novidade para ninguém. Tenho até um pôster dele no meu quarto, já viu?*

Riley: *O pôster dele assistiu a gente transando?*

Eu: *Lógico! Fica em cima da minha cama, para eu dormir todas as noites sobre os olhos do meu amado treinador Weston. Não acredito que você não viu!!! Vou te mostrar, quando chegar em casa.*

— Por que é que você está sorrindo feito um idiota para o celular? — É o que pergunta a voz que invade a sala. Assustado, ergo os olhos no mesmo instante, encontrando Caden. Meu melhor amigo tem uma expressão desconfiada ao se aproximar. Ele se joga na poltrona ao meu lado. — Com quem está falando?

Em uma falha tentativa de disfarçar, dou de ombros, bloqueando o celular e o guardando no bolso novamente.

— Ninguém importante.

Prescott aperta os olhos em minha direção, como se não acreditasse.

— Certo... — Sua voz exala desconfiança, mas ele chacoalha a cabeça, buscando mudar de assunto. — Tenho que conversar com você sobre uma coisa.

Endireito a postura, o encarando ao entregá-lo toda a minha atenção.

— Sou todo ouvidos.

Caden sorri.

— Você sabe que meu aniversário está chegando, certo? — questiona. Faço que sim. — Então, meus pais estarão viajando e Avery deu a ideia de irmos para a casa do lago onde eles moram, aproveitar o final de semana em Maryland e comemorar o meu aniversário e o Dia de São Valentim. Ela convidou a Raven, sua irmã, e eu decidi chamar você, o Michael e o Dilan.

— Eu topo — respondo, sem sequer hesitar. — Já falou com os caras?

Caden acena brevemente com a cabeça.

— Os dois vão estar ocupados. Dilan disse que está deprimido demais por conta da Ellen e que não quer passar a data com nenhum casal feliz, porque, segundo ele, ficará com vontade de vomitar e morrer. — Solto uma risada fraca ao ouvir Caden contar. — E Michael disse que já tem um compromisso. Ele falou que é com uma mulher. — Caden enruga o nariz, como se estranhasse.

Para ser sincero, é mesmo muito bizarro que Michael Parker saia com uma garota justo no Dia de São Valentim. O cara é uma das pessoas mais antirromânticas que já conheci na vida.

Por um instante, me perco em meus próprios pensamentos, imaginando o que Riley fará nesta data. E a simples ideia de vê-la triste, sentada no sofá, com um pote de sorvete e se lembrando do seu ex-namorado babaca é algo que corta meu coração e me preenche de fúria ao mesmo tempo.

— Você pode levar ela. — É o que Prescott diz.

Volto meus olhos a ele no mesmo instante, franzindo o cenho.

— Hã?

— A Riley, Austin — esclarece, com um sorrisinho provocante estampado em seus lábios. — Acha que eu não sei que tem algo rolando entre vocês? Te maquiei aquele dia, quando a beijou e perdeu aquela aposta ridícula. Além disso, te conheço melhor do que ninguém. Sei que você transou. Seu rosto está com um brilho diferente, que já não aparecia há um bom tempo — Caden provoca, me dando uma cotovelada. — Aquela cara não combinava com você, Crawford.

Sendo pego de surpresa, separo os lábios, pensando no que dizer. Mas então, de repente, vários novos corpos chegam à sala, chamando a atenção de Caden. Desisto de pensar em uma resposta ao observar os jogadores do time preenchendo o espaço, se acomodando em suas poltronas.

E enquanto todos passam a se preparar para assistir aos lances que George irá mostrar no telão, eu só consigo pensar se Riley aceitaria ou não, caso a fizesse o convite. Deve ser melhor do que ficar em casa sozinha, lidando com as próprias lembranças ao ver as postagens que casais felizes farão nas redes sociais, não?

É UM RAIO? UM FOGUETE? NÃO, SÓ A DUPLA CADEN PRESCOTT E AUSTIN CRAWFORD ENTRANDO EM AÇÃO NOVAMENTE!

Por Luke Davis
Washington News

A temporada realmente está sendo muito boa para o time da capital americana! Nesta terça-feira, após um jogo contra o Columbus Blue Jackets, o Washington Capitals chegou a impressionar torcedores espalhados pelo país, graças ao desempenho fenomenal que teve durante a partida.

O time contou com tacadas impecáveis de Caden Prescott para o gol, e a parceria entre o central e o defensor Austin Crawford, número 33, foi nítida, mais uma vez. Não é nenhuma surpresa que quando esses dois estão juntos no gelo, coisas incríveis acontecem. A dupla, unida desde 2018, com certeza já entrou para a história do esporte.

UMA NOVA ERA PARA A ÁGUIA! QUEM É GEORGE WESTON E O QUE ELE TOMA NO CAFÉ DA MANHÃ?

Por April Hannsen
Mais Esporte

O seu olhar diferenciado e as novas táticas colocadas em prática pelo time já são explicações suficientes para o porquê de George Weston ser um dos treinadores mais bem pagos da atualidade.

"Ele tem uma visão única. Parece que estuda cada adversário da maneira mais minuciosa possível, sabendo exatamente quais mudanças os times farão ao enfrentarem o Washington Capitals", disse Jhonny Kenna, um dos comentaristas do jogo de terça-feira, no qual os Caps venceram de 6 a 2 contra o time de Columbus. *"Já o ouviu gritando? É assustador. Muitos*

jogadores oponentes se sentem amedrontados por ele, e o cara nem mesmo está dentro do gelo!”, ele concluiu.

O defensor em destaque do time, Austin Crawford, soltou uma risada fraca quando foi questionado por um entrevistador na saída da Capital One Arena, que contou sobre a fala de Jhonny durante a transmissão.

“Treinador, por favor, não me mate por isso, está bem? Mas às vezes você grita bem alto mesmo... E fica meio vermelho também”, o atleta respondeu, olhando e apontando para a câmera. Ele riu mais uma vez. *“Mas não seriamos nada sem você, e sabe disso. Somos gratos por cada lição.”*

Após isso, Crawford deu as costas, dirigindo a palavra a outro entrevistador.

E aí, qual a sua opinião? É evidente que o bom desempenho dos Capitals também se dá graças ao excelente treinador que têm, certo?

PARA FINALIZAR A SEMANA COM ESTILO, CAPITALS VENCE O LOS ANGELES KINGS POR 4 A 1!

Por Wilson March
Washington News

Nesta sexta-feira, dois times que causaram algumas polêmicas no último ano voltaram a se enfrentar. O capitão do time de Los Angeles, Dax Colton, foi o único dos Kings a pontuar durante os três períodos do jogo, sendo derrotado em sua própria casa.



19

RILEY

Talvez essa tenha sido a decisão mais burra que já tomei na vida.

Apertando os dedos em volta do volante do Jeep, mantenho os olhos na estrada enquanto meu corpo todo é invadido por uma enxurrada de nervosismo, que me diz para virar a direção e fazer o caminho de volta à Washington o quanto antes possível.

Ok, essa *definitivamente* foi a decisão mais burra.

— O que é isso aqui? — É o que Austin pergunta, acomodado ao meu lado. Viro rapidamente a cabeça, deixando que uma risada fraca escape por entre meus lábios no instante em que o encontro com o cenho franzido, analisando um chicote cor-de-rosa. O porta-luvas aberto revela que ele o encontrou ali, enquanto bisbilhotava.

Volto os olhos para a estrada à minha frente, tentando me concentrar.

— Antes que comece a criar suas teorias, isso não é meu — conto, soltando mais uma risadinha. — É da Ruby. E não será e nem foi usado para o que você está pensando. Ela o comprou para uma festa à fantasia que fomos.

— Qual foi a fantasia dela? Sadomasoquista? — Austin questiona, com um tom de voz indignado.

Explodo em uma curta gargalhada.

— *Cowgirl*, seu idiota.

O observo arquear uma das sobrancelhas em minha direção.

— Tem certeza de que isso aqui não é seu? — sonda, erguendo um pouco o chicote no ar. — Sabe, não teria problema nenhum se fosse e... —

Crawford se cala quando o dou um soco no braço, passando a rir em seguida. Ele guarda o chicote de volta no porta-luvas. — Está bem, já entendi...

Chacoalhando a cabeça levemente, volto minha atenção para o volante. Ele é inacreditável.

Um idiota.

Um idiota inacreditável e *dolorosamente atraente.*

É sábado de manhã e estamos no meu Jeep, em meio ao nosso caminho para a casa do lago dos pais de Caden Prescott. Como acabei aqui? Bom, nem eu sei ao certo. Foi uma decisão tomada por impulso.

Faz uma semana desde que Austin e eu fomos para a cama. Depois daquela noite, muita coisa mudou em nossa relação. Eu ainda durmo no meu quarto, mas Crawford se esforça ao máximo para reverter essa decisão e parece achar difícil manter seus lábios longes dos meus por tempo demais.

É estranho, não vou negar. Mas também é bom. Quando estamos juntos, é como se todo o restante fosse apagado. Como se só aquele momento importasse. Porque estar com ele me torna leve, capaz de esquecer de todas as preocupações e problemas, mesmo que por pouco tempo. E sei que precisamos conversar sobre o que está acontecendo, pois, acima de tudo, somos colegas de apartamento e podemos acabar estragando isso a qualquer momento, mas não temos oportunidades para discutir o assunto.

Os últimos dias foram corridos para nós dois, e quando estávamos em casa e tínhamos um tempo livre, escolhemos aproveitá-lo de outras formas. Na grande maioria das vezes, no sofá.

Pela nossa recente falta de diálogo, já que nossas bocas encontraram maneiras bem mais legais de interagirem nessa última semana, Crawford apenas conseguiu me contar sobre seus planos na madrugada de ontem, assim que voltou de Los Angeles. Era quase duas da manhã quando o avião do time pousou em Washington e Austin foi para casa. Ele estava radiante por ter ganhado do time do babaca do Dax Colton. Assim que começou a me contar detalhes sobre a briga que Caden e Dax tiveram no ano passado, criando uma grande polêmica e rendendo cancelamentos no *Twitter*, Crawford disse que a vitória de ontem foi o melhor presente de aniversário antecipado que Caden poderia ganhar. Quando perguntei quando Prescott

fazia aniversário, Austin congelou, como se apenas naquele momento tivesse se lembrado de algo. Algo muito importante, já que logo em seguida soltou um: *"Ai, merda!"*.

Acontece que Crawford esqueceu que ainda não tinha me contado sobre os seus planos para o final de semana. Planos que, aliás, incluem nós dois. E quando me disse sobre a casa do lago, a viagem que Caden estava planejando e citou o Dia de São Valentim, eu falei sim.

Falei sim porque, naquele momento, foi o que me pareceu mais certo. Porque naquele instante, só consegui pensar em como ficaria deprimida se passasse a data sozinha em casa, me lembrando de Josh Reid e de como ele partiu meu coração.

Mas agora, enquanto aperto fortemente meus dedos ao redor do volante e sinto as mãos suarem devido ao nervosismo que me preenche, repenso se fiz a escolha certa.

Acho que não.

— E se não gostarem de mim? — solto sem pensar muito, sentindo os olhos de Austin virem até mim no mesmo instante.

— O quê?

— E se me acharem intrometida demais? — refaço a pergunta, apesar de saber que ouviu muito bem da primeira vez. O lanço um breve olhar antes de voltar a me concentrar na estrada, chacoalhando a cabeça. — Não sou amiga, muito menos próxima do Caden. Talvez não devesse estar vindo.

— Foi ele que te convidou, Riley — Austin conta, tentando me acalmar. — Ele quem me pediu para te chamar. Não precisa ficar insegura quanto a isso. — Um arrepio percorre meu corpo no instante em que sinto seus dedos irem de encontro à minha coxa, onde o tecido do short já não cobre mais. Ele a aperta, chamando meus olhos para si novamente. Um sorrisinho toma seus lábios. — É impossível não gostar de você, Baby Weston.

Sorrio de volta antes de desviar o olhar, sentindo o coração dar um pulo ridículo dentro do peito.

Ainda me impressiono com o quanto pude me enganar em relação a Austin. Às vezes me pergunto se ele não se encaixa na lista das pessoas mais fofas que conheci durante a vida.

O restante do caminho até Maryland é tranquilo, sem muito trânsito. Crawford foi capaz de me distrair ao aumentar o volume do rádio, cantando quase um álbum inteiro da Taylor Swift e errando as letras, apenas sendo bem-sucedido em alguns refrões. Ri quando ele trocou pelo menos uma palavra em cada verso de *All To Well.*

— Você é péssimo — soltei em certo momento, chacoalhando a cabeça, virando o volante para fazer a última curva antes de entrar na cidade.

Austin não respondeu. Ele apenas abriu o porta-luvas, tirando dali o chicote cor-de-rosa e o trazendo de volta ao meu campo de visão. Voltei a rir quando passou a usar o chicote como microfone, se empolgando ao cantar o refrão.

Agora, sinto os olhos brilharem conforme me aproximo da casa dos Prescott, ouvindo a voz robótica do GPS anunciar que chegamos ao nosso destino.

Situada no lago Deep Creek, a construção tem um estilo rupestre. Com dois andares, o telhado com telhas aparentes e em formato de L, varandas que valorizam o andar superior e um deck na lateral, dando caminho direto para o lago, a casa passa um ar harmônico e aconchegante. O tipo de local ideal para uma família feliz passar feriados.

A vizinhança deserta, composta apenas por árvores e alguns cais flutuantes, que atravessam pequenas porções do lago, é extremamente tranquila. O piar audível dos pássaros e as aves aquáticas, que ocupam as regiões mais rasas da água, são algumas provas de como deve ser tranquilo viver em um lugar como este.

— Pode estacionar ali, do lado do carro do Caden — diz Austin, após diminuir o volume da música, que explodia pelo rádio. Ele aponta para a Mercedes cinza que já vi algumas vezes estacionada na arena. Próximo ao veículo esportivo, há outro carro. Provavelmente o da Raven, a irmã da Avery. Crawford comentou que ela também viria, acompanhada do namorado. Assim que estaciono o Jeep, os olhos de Austin se focam nos meus. Um sorrisinho malicioso toma seus lábios. — A gente pode levar?

Franzo a testa.

— O quê?

Horrorizada, quase grito quando ele ergue o chicote no ar.

— O Marcus.

— Você deu um nome para o chicote?

— Sim. Todo mundo precisa de um nome.

— Toda *pessoa* precisa de um nome — corrijo, mordendo meu lábio inferior, reprimindo uma risada.

Austin dá de ombros.

— Eu vou levá-lo — diz, se virando para estender um dos braços, em uma tentativa de alcançar e abrir a porta. O impeço no mesmo instante, puxando o brinquedo cor-de-rosa da sua mão. Crawford me encara como se estivesse ofendido. — Ei!

— Você só pode estar de brincadeira se acha que vou te deixar entrar na casa do seu *melhor amigo* com um brinquedo sexual, não é? — questiono, indignada, tentando mostrar meu ponto. — O que acha que o Caden vai pensar de mim se te ver com isso?

A expressão em seu rosto se transforma totalmente no instante em que minhas palavras alcançam seus ouvidos. Um sorrisinho sujo toma sua boca.

Reviro os olhos, soprando uma lufada pesada de ar pelos lábios, mesmo que tudo dentro de mim esteja implorando para que eu ceda e ria de como o cérebro do Austin funciona.

— Você é...

— Péssimo, eu já sei — ele me corta, repetindo o termo que usei antes de chegarmos em Maryland. — Agora será que podemos descer logo do carro e levar o Marcus para o nosso quarto e...

— Desiste, Crawford — devolvo, jogando o tal do Marcus para o banco de trás. A expressão de Austin murcha assim que percebe que não tem mesmo chances de me convencer. Abro um sorriso em sua direção. — Não vai rolar.

Ouço ele bufar enquanto desafivelo o cinto de segurança.

— Eu te chamaria de chata agora, se você não estivesse tão linda. — É a última coisa que solta antes de descer do carro.

Fico paralisada enquanto o vejo bater a porta, sem saber como reagir diante do elogio. Meu coração derrete, minhas bochechas esquentam e eu me sinto ridícula para caralho.

Qual é o problema desse cara e como ele consegue ter tanto efeito sobre mim?

Chacoalho a cabeça, obrigando meus sentidos a saírem do transe que me consumiu por inteira. Desço do carro, batendo a porta antes de encontrar com Austin, tirando nossas malas dos bancos de trás.

Ele me lança uma piscadela assim que me entrega minha mala, me arrancando uma risadinha. Quando as rodinhas vão de encontro ao chão e puxo a alça para cima, vozes chamam nossa atenção. Assim como Austin, movo meu olhar rapidamente em direção à entrada da casa onde passaremos o final de semana. E saindo pela porta, estão dois casais.

Avery Lakeland e Caden Prescott sorriem ao nos verem, aparentando estar contentes. Raven e Thomas — o nome do cara que descobri ser seu namorado em meio ao caminho para cá — andam logo atrás deles, de mãos dadas.

Me esforço para abrir um sorrisinho amigável nos lábios assim que os quatro passam a se aproximar, mas tenho certeza de que ele acaba saindo trêmulo e nervoso. *Não acredito que estou mesmo me infiltrando em uma viagem de casais, acompanhada do meu colega de apartamento...*

— Que bom que veio! — exclama Avery, me puxando para um abraço caloroso, como se me conhecesse há séculos. Ao nosso lado, Caden cumprimenta Austin com aquele abraço rápido e estranho que os caras costumam dar, acompanhado de tapinhas nas costas. Lakeland se afasta de mim, permitindo que Raven venha me cumprimentar. — Riley, essa é a Raven, minha irmã — a atriz esclarece, nos apresentando. — Raven, essa é a Riley. Ela meio que mora com o Austin.

Rio um pouco ao ouvir a palavra “meio”. Por mais confuso que tudo isso seja, é a verdade, não é? Meu tempo vivendo sob o mesmo teto que Austin está contado. Sempre esteve.

— Quer ajuda para levar as coisas lá para cima? — pergunta Thomas, após sermos devidamente apresentados por sua namorada.

Separo os lábios para negar, dizendo que não é necessário, mas ele sequer me dá a chance de proferir uma única sílaba. Quando percebo, Thomas já deu as costas, seguindo com Raven e Avery em direção à entrada da casa.

— Olha só quem veio! — exclama a voz ao meu lado. Movo meus olhos, os conectando com os de Caden, que carrega um sorriso no rosto. O jogador queridinho do meu pai se aproxima de mim, levando sua grande

mão até meu cabelo, o bagunçando. — George nem sonha que está aqui, não é?

— E se depender de mim, nem vai — emendo, permitindo que uma careta tome meu rosto ao fechar meus dedos sobre os seus, afastando seu toque da minha cabeça.

Ele ri enquanto arrumo meus fios escuros.

— Sabe o que você parece? Uma adolescen...

Prescott é incapaz de terminar sua fala. Pois antes mesmo que complete a palavra, Austin se movimenta como um raio, envolvendo o pescoço do melhor amigo com um dos braços, em um mata-leão, e usando a mão livre para tapar a boca dele.

— *Shhh*, cara, pelo amor de Deus, nunca mais diga isso! — Crawford implora, enquanto segura Caden. Prescott pisca algumas vezes, confuso. Por mais que não possa enxergar a expressão do atleta, Austin resolve esclarecer. — Na última vez que me referi à Riley dessa maneira, ela me olhou como se pudesse soltar laser pelos olhos, cortando meu pau no meio.

Sou incapaz de conter a risadinha que me escapa.

— Talvez eu ainda possa cortar. — Dou de ombros, forçando naturalidade.

Austin me lança um olhar entediado.

— Nós dois sabemos muito bem que não é isso o que você quer, Baby Weston.

Ao escutar a fala do amigo, o rosto de Caden se irrompe em uma careta. Ele começa a se debater, tentando se livrar dos braços de Crawford, que finalmente o solta, rindo fraquinho.

— Já chega! Vocês são estranhos para caralho. — É a primeira coisa que Caden diz antes de respirar fundo, tomando fôlego após ter sido preso pelo melhor amigo. Ele intercala o olhar entre Austin e eu, que mordemos nossos sorrisos, tentando nos conter. — Vamos logo entrar em casa, antes que essa conversa saia ainda mais do controle...

Sem esperar mais um único segundo, Prescott dá as costas, a caminho da entrada da grande construção em um estilo rupestre. Austin e eu rimos baixinho enquanto o seguimos, cansados de nos conter.

— Sabe de uma coisa? — Crawford começa, arrastando sua mala de rodinhas consigo. O lanço um olhar curioso, me arrependendo logo em

seguida, assim que escuto suas palavras. — Ainda dá tempo de voltar para o Jeep e pegar o chicote da Ruby.

Sem hesitar, o acerto um soco no braço, recebendo um olhar indignado em resposta.

— Tá legal, Baby Weston, tá legal... — Austin solta, finalmente se rendendo. — Sem chicotes cor-de-rosa, já entendi!



Horas mais tarde, estou deitada em uma das espreguiçadeiras do deck. Subo os óculos escuros pela ponte do nariz enquanto observo Austin e Caden brincando de lutinha, dentro do lago. Um sorriso se desponta em meus lábios no mesmo instante.

— Eles se tornam duas crianças quando estão juntos. — É o que Avery comenta, acomodada na espreguiçadeira ao meu lado, assistindo à mesma cena que eu.

Solto uma risada fraca, concordando.

Faz um bom tempo que estamos aqui, vestindo nossos biquínis e bebendo nossas gins-tônicas enquanto o sol faz seu trabalho de nos bronzear. Raven e Thomas saíram para uma caminhada, e a mais famosa dupla dos Caps, Caden e Austin, está entretida demais nadando no lago, implicando um com o outro como se fossem irmãos.

Às vezes é isso mesmo que eles parecem ser.

— É fofo — comento, me sentando, ainda observando os dois. Acompanhada de Avery, rio quando Caden consegue derrubar Austin, que se afunda na água por completo.

— Crawford está diferente — ela comenta, assim que ele emerge para a superfície. Franzo o cenho, a encarando confusa. A atriz foca seus olhos em mim, dando de ombros. Uma fina linha toma seus lábios. — Sabe, ele sempre foi... o Austin. — Rio ao ouvir isso. — Mas agora parece diferente, não sei. É como se um brilho novo estivesse tomando conta dele. — Ela dá de ombros mais uma vez. — Acho que a sua presença o faz bem.

Suas palavras me fazem sorrir, na mesma medida que me atingem como um baque surdo. Um choque de realidade. Algo que me diz que,

assim como está sendo para mim, a convivência entre nós também está mudando algo na vida dele.

Somos nossos segredos favoritos, afinal.

— Amor, preciso da minha toalha! — grita uma voz, vinda de longe, chamando nossa atenção. Saindo do lago, Caden sorri para a sua namorada enquanto se aproxima de nós. Ao seu lado, Austin segue seus passos enquanto esfrega o cabelo com uma das mãos, bagunçando os próprios fios escuros em uma tentativa de deixá-los menos encharcados. Gotas de água escorrem pelo seu abdômen exposto, traçando uma linha molhada até a bermuda preta que usa, que também pinga.

O observando, me obrigo a engolir saliva, antes que acabe babando.

Pelo canto do olho, percebo Avery se movimentando, provavelmente pegando a toalha que seu namorado pediu, mas permaneço paralisada. Completamente estática. Sem conseguir desviar o foco do meu colega de apartamento, que parece atrair meus olhos como um maldito ímã. O mais potente dentre todos eles.

Um grande sorriso cresce nos lábios de Crawford no instante em que percebe ter toda a minha atenção. O atleta para à minha frente, roubando a taça da minha mão antes de dar um curto gole. Me pegando de surpresa, ele inclina seu tronco em minha direção, colando nossos lábios em um beijo rápido. Sua boca está gelada, quase congelante, e um choque percorre meu corpo ao senti-la.

Arregalo os olhos quando ouço Caden e Avery soltarem risadinhas atrás de nós, após provavelmente terem assistido à cena.

Merda.

— Austin...

Meu colega de apartamento não se abala. Ainda ostentando um sorrisinho nos lábios, ele toma mais um gole da minha bebida antes de aproximar seus lábios do meu pescoço, sussurrando próximo ao meu ouvido: — Relaxa, linda. — Sua respiração batendo contra a minha pele me causa um arrepio. Uma gota do seu cabelo pinga em meu ombro. Ele ri baixinho, como se percebesse o efeito que sua proximidade tem sobre mim, graças à resposta do meu corpo, que ficou tenso de repente. — Aqui é um campo seguro, pode confiar. Nenhuma notícia escandalosa dizendo que a

filha do treinador Weston foi flagrada beijando o jogador mais gostoso dos Capitals estará circulando pelas redes sociais amanhã, quando acordarmos.

Rindo ao escutar a maneira como se referiu a si mesmo, dou um tapa de leve em seu peitoral, obrigando Austin a se afastar.

Ele dá mais um gole na bebida antes de me devolver. Acabo com ela em poucos segundos.

— Preciso de um banho. — É o que Crawford comenta enquanto se seca com uma toalha. Ele foca seus olhos nos meus antes de continuar. — Sobe comigo?

Faço que sim com a cabeça, me levantando. Pesco a minha toalha, que estava estendida sobre a espreguiçadeira e me viro, na iniciativa de falar para Avery e Caden que estamos entrando na casa, mas desisto quando vejo que os dois estão engatados em uma conversa, sem dar a mínima para o que acontece nos arredores.

— Gosto dela — digo para Austin quando já estamos na sala, subindo as escadas para o andar de cima.

— De quem? — o atleta pergunta, posicionado atrás de mim, com uma das mãos apoiadas em minhas costas enquanto subimos os degraus.

— Da Avery — esclareço. — Caden tem sorte de tê-la.

Crawford sorri assim que chegamos ao corredor.

— Ele tem mesmo.

O quarto que vamos dividir tem um tamanho perfeito para o que precisamos. A suíte não é nem muito apertada, nem muito grande, sendo suficiente para abrigar uma cama de casal ideal para nós dois e um pequeno closet, onde já começamos a guardar nossas coisas.

Quando soube que Austin e eu ficaríamos no mesmo quarto, sequer fiquei incomodada. Acho que já estou acostumada a dividir meu espaço com ele. Moramos juntos, afinal. E já dormimos juntos antes, então, sendo bem sincera, no momento não me importo muito com isso.

Me jogo no colchão assim que Austin vai até o banheiro, levando algumas peças de roupas secas consigo, fechando a porta após atravessá-la.

E suspirando fundo assim que ouço o chuveiro sendo ligado, rio sozinha ao pensar na situação que me enfiei.

Meu colega de apartamento, que eu costumava detestar, e eu, infiltrados em uma viagem de *Valentines Day,* acompanhado de dois casais

perdidamente apaixonados. Consegue ser cômico e ao mesmo tempo trágico.



Estou deitada de bruços na cama, quase pegando no sono quando ouço o fraco ranger da porta do banheiro se abrindo. Soltando uma lufada baixinha de ar pelos lábios, aconchego o rosto no travesseiro, sem forças sequer para abrir os olhos.

Sinto o colchão se afundar um pouco sob meu corpo no instante em que Austin sobe na cama. Ele se deita ao meu lado, onde minha visão não conseguiria alcançar nem mesmo se eu abrisse os olhos, já que meu rosto está virado para o lado contrário. Sonolenta, resmungo quando o sinto levar uma das suas mãos aos meus cabelos, varrendo os fios e deixando minhas costas, que estariam completamente desnudas se não fosse pelo pequeno laço do biquíni preto que uso, inteiramente à mostra.

Crawford deixa um beijo de leve em meu ombro.

— Que horas são? — balbucio, torcendo para que ele fale que já está bem tarde, para que eu possa dormir em paz.

Passei o dia todo no lago e por mais que não tenha entrado de fato na água, estou exausta. Meu nariz e bochecha ardem, graças ao sol, e cada músculo do meu corpo parece implorar para que eu fique aqui na cama e não levante jamais.

— O sol acabou de se pôr — Austin conta, me fazendo murchar. Ele solta uma risadinha, como se percebesse. — Está tão cansada assim?

— Exausta — replico.

O atleta ri mais uma vez, deixando mais um beijo em meu ombro antes de se movimentar. Sinto o colchão afundar novamente sob mim quando Austin se apoia em seus joelhos, posicionando um em cada lado do meu corpo e me prendendo entre suas pernas. Um suspiro trêmulo me escapa no instante em que sinto a ponta calejada dos seus dedos deslizarem em minhas costas, em um carinho lento.

Sem dizer nada, ele sobe o toque até alcançar o laço do meu biquíni. Uma das suas mãos desfaz o nó com a maior facilidade do mundo, afastando as duas tiras do tecido.

Não tento impedi-lo quando seus dedos passam a apertar minha pele, em uma massagem relaxante e deliciosamente provocante ao mesmo tempo, se é que isso é possível. Austin se inclina para frente, depositando alguns beijos em minha nuca. Sorrio contra o travesseiro assim que seu perfume pós-banho invade minhas narinas, mas mordo o lábio inferior ao sentir minha pele se arrepiar quando Crawford passa a traçar um caminho de beijos pelas minhas costas, de maneira lenta, delicada e estimulante.

Sua respiração se torna pesada, e o contato dela contra a minha pele me faz estremecer. Ele solta uma risada fraca, percebendo o efeito que cada um dos seus atos tem sobre mim.

— Acordou, Baby Weston?

Grunhindo, ergo um dos braços, o dando um tapa de leve. O idiota ri novamente, passando a dedicar sua massagem aos meus ombros, os apertando. A sensação de ter os calos dos seus dedos em minha epiderme poderia muito bem ser capaz de me fazer derreter.

Devagar, me remexo um pouco no colchão, carregada de tantas sensações, que poderia muito bem entrar em combustão.

Quando Austin volta a descer os dedos pelas minhas costas, porém, decido que não aguento mais sequer um segundo disso. E estou prestes a me virar, o encarar nos olhos e tomar seus lábios nos meus, em um beijo desesperado, que evocaria ruídos de nós dois, quando o som de alguém batendo à porta me impede.

Crawford xinga baixinho, irritado por terem atrapalhado o nosso momento. Suas mãos param de se dedicar às minhas costas.

— Casal? — grita a pessoa do outro lado.

Austin grunhe.

— O que foi, Caden, porra?

— Estamos saindo em 10 minutos! Se apressem!

Franzo o cenho no mesmo instante, ouvindo o silêncio que se instala entre nosso quarto e o corredor, indicando que Prescott já foi embora. Meu colega de apartamento amarra o meu biquíni antes de se afastar de mim, descendo da cama. Me apoio nos cotovelos, virando o corpo e o encarando. Ele parece desapontado. E bravo. Muito bravo.

— Aonde a gente vai? — pergunto, genuinamente confusa. Sequer sabia que tínhamos algum plano para a noite de hoje.

— Eles querem ir em um parque de diversões — Austin responde, atravessando o cômodo, pegando seus tênis do chão. Ele se vira para mim, focando os olhos nos meus antes de continuar. — Ao que parece, Caden conseguiu fechar o parque só para a gente. Ou seja, ninguém precisa usar disfarces e ficar com medo de ser flagrado e virar fofoca nas redes sociais. — Um sorrisinho se curva em seus lábios. — Nosso segredinho ainda estará a salvo. — Sorrio de volta. Austin se aproxima de mim, se sentando na cama e calçando os sapatos. — Tudo bem para você se nós formos?

Faço que sim no mesmo instante, me sentando também. Deixo um beijo estalado em sua bochecha antes de saltar para longe da cama.

— Vou me arrumar. — É o que eu aviso antes de pegar minhas roupas e me trancar no banheiro.



20

AUSTIN

Cerca de uma hora depois, chegamos ao parque.

O céu já está completamente escuro, iluminado apenas por algumas estrelas e a luz da lua. O local está deserto, contando somente com a presença de alguns poucos funcionários e com todos os brinquedos e atrações com luzes piscantes e coloridas.

Desço do Jeep de Riley após estacioná-lo, a acompanhando até a entrada do parque. Caden está ali, sorrindo para uma atendente como se a conhecesse. Ela sorri de volta e escuto quando diz que estamos liberados para entrar no local.

Meu melhor amigo definitivamente encontrou uma maneira bem diferente de comemorar seu aniversário. Tudo bem que o dia certo é na segunda-feira, mas esta viagem é para isso, não é? Para comemorar mais um ano da sua vida com pessoas que considera importantes nela.

Não quero nem imaginar o quanto Caden gastará esta noite, fechando o parque apenas para nós seis.

Não que isso faça grande diferença em sua conta bancária, de qualquer modo.

Assim que passamos pelo grande portão, entrando oficialmente no parque, sinto o coração se amolecer um pouco ao observar Riley e Avery conversando e rindo juntas. Lakeland é importante para mim. E Riley também está se tornando. Gosto de ver que estão se dando bem.

— Acho que a sua namorada vai roubar a minha — andando ao meu lado, Caden solta, em uma altura segura o suficiente para não alcançar os

ouvidos das duas.

Rolo os olhos antes de encará-lo com uma feição entediada.

— Riley não é minha namorada — digo o óbvio. — E você sabe disso.

Ele apenas sorri, dando de ombros e desviando o olhar, deslizando sua atenção para os brinquedos ao nosso redor. A música animada que explode pelas diferentes caixas de som espalhadas pelo espaço impede que ele fique em completo silêncio, pelo número escasso de clientes aqui esta noite.

Ouço Prescott se animar de repente, apontando para um brinquedo a alguns passos de distância.

— Caraca, um labirinto de espelhos! — Caden exclama, extremamente empolgado. Ele nos encara, nos permitindo notar o grande sorriso que rasga seus lábios. — A gente pode ir?

Rio baixinho ao assistir meu melhor amigo se comportar como uma criança.

Contagiada pela animação do seu namorado, Avery se junta a ele, saltitando. Raven e Thomas, que estavam andando atrás de nós durante todo esse tempo, também parecem empolgados com o brinquedo.

Giro nos calcanhares, encontrando Riley com o olhar. Uma expressão um tanto assustada toma seu rosto, e ela permanece congelada no lugar. Arqueio minhas sobrancelhas em sua direção, em uma pergunta silenciosa.

Minha colega de apartamento encurta a distância que nos separa ao dar dois passos em minha direção, parando ao meu lado.

— Fiquei presa nesse brinquedo quando tinha 6 anos — sussurra, em um segredo. Sua voz sai um tanto envergonhada, como se estivesse com receio do que os outros iriam pensar caso dissesse isso em voz alta. — Não tenho coragem de entrar nele de novo.

Permito que uma fina linha se curve em meus lábios. Buscando tranquilizá-la, encontro sua mão, a tomando na minha. Então, sem dizer nada somente a ela, me viro para os dois casais que nos acompanham, revelando: — Riley e eu vamos em outro brinquedo. — Todos os olhares se dirigem a mim. — Nos encontramos depois, tudo bem?

Os quatro assentem, concordando. Caden segura na mão de Avery, que o xinga assim que ele começa a correr, a arrastando consigo até o

labirinto. Raven e Thomas riem, os seguindo sem hesitar.

— Valeu — Weston solta, assim que volto minha atenção para ela. Um sorrisinho sem graça toma seus lábios. — É meio vergonhoso que uma mulher de 21 anos ainda tenha medo de um brinquedo inofensivo.

Dou de ombros, tentando demonstrar que não me importo com isso.

— Sabe o que é vergonhoso? Um cara de quase 26 anos, com 1.90 de altura e todo musculoso ser obcecado por carrinhos em miniatura.

Riley ri, franzindo o cenho sem entender.

— De quem está falando?

— Do Caden — revelo, rindo também. — Às vezes ele ainda se comporta como uma criança. — Aponto para o labirinto, onde eles já entraram. — Acho que você acabou de ter uma prova disso.

Seus olhos se apertam nos cantos quando outra risada genuína a escapa. E Riley Weston rindo poderia muito bem se tornar meu novo som favorito.

— Onde você quer ir?

— Hã? — questiono, fora de órbita, podendo jurar que meus olhos estão brilhando ao encará-la. Chacoalho a cabeça, voltando à realidade, me sentindo como um idiota por ter me perdido em sua risada.

— Em que brinquedo quer ir, Austin? — repete ela, me puxando pela mão, voltando a andar pelo parque. As luzes coloridas que refletem em seu rosto conseguem deixá-la ainda mais perfeita. — Montanha-russa? Trem fantasma? Roda-gigante?

— Roda-gigante! — exclamo sem hesitar, abrindo um grande sorriso nos lábios. Como se pudesse sentir a empolgação repentina que tomou meu corpo, minha colega de apartamento traz seus olhos até mim. — Sabe o que dizem... É um brinquedo romântico.

— E clichê — Riley complementa, longe de estar tão animada quanto eu.

Dou de ombros, avistando o brinquedo à nossa frente. Sem hesitar, passo a puxar Weston pela mão, nos aproximando dele.

— Nossa relação é clichê, Baby Weston.

Ela sequer tenta constatar. De repente, estamos frente a frente com o controlador do brinquedo. O homem, que aparenta estar na faixa dos 50

anos, sorri ao nos dar passagem. Entro na primeira cabine que encontro, puxando Riley comigo.

Apoiamos as mãos na barra de metal ao nos sentarmos, sentindo a cabine chacoalhar um pouco sob nossos pés. O brinquedo é ativado, iniciando sua primeira volta. Pelas paredes de vidro, à medida que subimos, o parque se torna cada vez menor. *Flashes* de luzes coloridas invadem minha visão.

— Por que acha que somos clichês? — Riley pergunta de repente, inclinada sobre a barra, parecendo fascinada com a paisagem. Seus pensamentos ainda estão presos na conversa que tivemos há poucos minutos.

— Não é óbvio? — questiono, atraindo seu olhar. Ela franze o cenho. Dou de ombros, abrindo um sorrisinho nos lábios. — Você é o meu s*egredo favorito*, Baby Weston. Somos proibidos. Seu pai é meu treinador e me mataria se soubesse que estou te escondendo no meu apartamento e te beijando sempre que tenho a chance. Além disso, se a mídia descobrisse sobre a briga que eu teria com o George...

— Seríamos um escândalo — Riley complementa, seriedade tomando seu rosto.

Faço que sim com a cabeça.

— É um bom *plot* para um livro clichê, não acha? — Me obrigo a sorrir, em uma tentativa de descontrair. A pego de surpresa ao me aproximar, deslizando pelo banco. Posso jurar perceber Riley prender a respiração. — Um clichê bem intenso, onde um parque de diversões se torna exclusivo para os personagens principais e seus amigos, a mocinha tem medo de um brinquedo, eles se afastam do grupo, embarcam em uma roda-gigante sozinhos e se beijam quando a cabine está nas alturas.

— Não sou uma mocinha, Crawford — ela retruca, me fazendo soltar uma risada nasalada.

Riley engole em seco quando levo meus dedos até seu queixo, segurando seu rosto. Deslizo meus olhos até a sua boca, os prendendo ali.

— Não mesmo — sopro, hipnotizado. Hipnotizado pelo modo como sua pele é macia sob meu toque. Como seu perfume é doce ao alcançar minhas narinas. Como sua boca é carnuda, rosada e parece estar me

chamando a todo momento... — Mas adivinha? A cabine está nas alturas, Baby Weston.

E isso basta. Basta para que minha colega de apartamento cole seus lábios aos meus, dando início a um beijo intenso e desesperado. Basta para que o calor se espalhe pelo meu corpo como calda quente, me inebriando com um misto de emoções e sensações.

Basta para que eu perca o fôlego. Como sempre acontece. *Em cada maldito beijo.*

Porque Riley Weston é a minha perdição. A porra do meu vício. O precipício que não me importaria em me jogar.

E se um dia nos tornarmos um escândalo, que ele seja o favorito de muita gente. Porque o meu, com certeza, será.



Apoiando o caderno de capa preta em minhas pernas, me concentro nas palavras que estou escrevendo. O quarto é abraçado pelo breu, e se não fosse pela luz amarelada do abajur na mesa de cabeceira ao meu lado, enxergar seria impossível.

Faz quinze minutos que Riley pegou no sono, encolhida em seu próprio corpo e virada para o lado contrário do meu. E faz dez minutos que estou sentado na cama, segurando uma caneta enquanto transformo meus pensamentos em palavras.

Estou me sentindo um tanto ridículo agora, não vou negar. Mas é como se minha mente pudesse explodir, carregada por um emaranhado confuso de teorias e pensamentos que precisam *desesperadamente* serem organizados e colocados para fora.

E escrever foi a maneira mais fácil que encontrei para fazer isso acontecer.

Preciso entender o que está acontecendo comigo.

— Austin... — Congelo meus movimentos ao ouvir a voz resmungando meu nome.

Riley se mexe sob os cobertores, se virando para mim. Com dificuldade, ela abre os olhos, os apertando logo em seguida devido a claridade do abajur.

Fofa para caralho.

Fecho o caderno sem hesitar.

— Oi?

— O que está fazendo?

Tombo a cabeça para encará-la com atenção.

— Escrevendo.

Ela coça os olhos.

— Sobre o quê?

Permitindo que uma fina linha tome meus lábios, deixo o caderno e a caneta de lado, sobre a mesa da cabeceira. Aproveito para apagar o abajur antes de me deitar. Sob os cobertores, mesmo que o quarto esteja completamente escuro agora, consigo enxergar o rosto de Riley, frente a frente com o meu.

— É segredo, Baby Weston — sussurro.

— Você deveria estar dormindo — ela devolve, no mesmo tom.

— Eu sei.

— Por que estamos sussurrando?

Uma risadinha fraca me escapa.

— Não faço ideia.

Riley ri também, voltando a se mover sob os cobertores. Ela se deita de costas para mim novamente, e a envolvo com meus braços, encaixando e aproximando nossos corpos.

O silêncio toma o quarto por alguns minutos. E quando penso que Weston voltou a dormir, me surpreendo ao escutar sua voz.

— O que está acontecendo entre a gente, Austin?

Franzo o cenho, por mais que ela não possa ver.

— Como assim?

A ouço suspirar profundamente, sentindo seu corpo inspirar e expirar sob meu toque.

— Você sabe... — ela começa. — Estamos prestes a dormir de conchinha.

Demoro alguns segundos para processar suas palavras, pensando em uma resposta. Um clima pesado passa a circular pelo quarto, mas nenhum de nós se mexe.

— Somos amigos coloridos — sopro contra o seu cabelo. — Essas coisas acontecem. Não é nada demais — concluo, mesmo sem ter certeza disso.

Riley demora um pouco para responder, perdida em seus próprios pensamentos. Sou pego de surpresa quando ela se move, se sentando em cima de mim. Weston estende o braço até o abajur, o acendendo novamente.

E quando a luz volta a iluminar o quarto, clareando o seu rosto, engulo em seco, sentindo a garganta queimar de repente. Porque ter a visão de Riley Weston em cima de mim é como a porra de um sonho.

Seu semblante está sério quando ela questiona: — Não vamos nos machucar com toda essa situação, vamos?

Nego com a cabeça, engolindo em seco mais uma vez.

— Não. — A incerteza é amarga em minha língua.

Riley hesita um pouco antes de assentir. O silêncio volta a ocupar o cômodo. Nossos olhares permanecem cravados um no outro, em uma conversa silenciosa. Estamos com medo do que pode acontecer com a gente, diante de tudo o que estamos vivendo, mas nenhum de nós vai dizer isso em voz alta.

Eu não vou dizer isso em voz alta. Porque se falar, o medo se tornará real. E tudo está tão bom assim, que não quero estragar.

Com essa ideia em mente, me esforço para desviar o foco dos nossos pensamentos ao levar minha mão até o seu pescoço, fechando os dedos por ali e a puxando para que fique mais próxima de mim. Trago seu rosto para perto do meu e sorrio contra os seus lábios assim que seu corpo escorrega um pouco, sua bunda se posicionando em cima do meu pau.

— Eu vou te beijar agora. Só avisando mesmo.

Ela sorri de volta.

— Só beijar?

Não respondo. Em vez disso, poupo minhas palavras ao chocar nossos lábios, dando início a um beijo desesperado. Nossas línguas se entrelaçam, e reprimo um gemido quando Riley remexe seus quadris sobre mim, me provocando. Aperto a mão levemente ao redor do seu pescoço, deslizando a outra até a sua bunda.

Sua roupa se limita a uma camiseta larga da minha coleção e a uma calcinha de renda, então não é necessário que eu afaste muitos panos do

caminho até alcançar a sua pele, espalmando meu toque antes de a apertar.

— Passei o dia todo com vontade de fazer isso — sussurro, afastando um pouco os nossos lábios.

Riley não consegue evitar sorrir.

— O quê? Apertar a minha bunda?

— Não *só* isso.

Ela separa os lábios para dizer algo, mas as palavras morrem em sua garganta quando deslizo minha mão para a frente do seu corpo. Até o meio das suas pernas, mais especificamente. Afasto sua calcinha para o lado com os dedos, e Riley solta um gemido em surpresa, elevando um pouco o corpo sobre o meu. Ela morde o lábio inferior quando esfrego seu clitóris com a ponta do dedo e fecha os olhos, impedindo que eu enxergue o prazer que circula por toda aquela imensidão de azul.

— Mas te tocar... Te sentir... Saber que consigo causar em você tudo aquilo que causa em mim...

Sua respiração se torna ofegante quando meu polegar passa a trabalhar mais rápido. Weston se deita sobre mim assim que deslizo meu anelar e o dedo médio pela sua entrada, e cada som que escapa pelos seus lábios, próximos ao meu ouvido, vai como uma onda de prazer, diretamente para o meu pau.

Ainda com a mão ao redor da sua garganta, deito sua cabeça de lado, lambendo seu pescoço, subindo até a sua orelha. Já estou duro para caralho e sei que Riley sente isso, mas o gemido que solta assim que mordisco o lóbulo da sua orelha me causa um prazer de paralisar o cérebro. Um raio de calor atravessa meu corpo quando ela começa a se esfregar sobre a minha mão, necessitada.

— Tira a blusa — mando. — Agora.

Solto seu pescoço para que Weston obedeça e ela não hesita antes de assim fazer. Quando a peça de roupa é jogada para longe e seus seios entram no meu campo de visão, Riley os aproxima do meu rosto. Minha mão continua fazendo o seu trabalho lá embaixo enquanto puxo um dos seus mamilos para dentro da boca. Seus quadris se erguem um pouco quando ela geme.

E, caralho... É a porra do som mais sexy do mundo.

Ela é a mulher mais sexy do mundo.

— Weston? — a chamo, ainda com seu mamilo perto da boca.

— Hã? — O prazer em seu rosto me leva para a beira de um precipício.

— Você é maravilhosa para caralho.

Não saberia colocar em ordem o que acontece em seguida. Quando me dou conta, já estou sem roupa, com uma camisinha protegendo o meu membro e em uma expectativa absurda, à espera de ter Riley sentando em mim.

A seguro com força pela cintura assim que o momento finalmente chega. Com as mãos apoiadas em meu abdômen, ela se ergue e se afunda em mim. Nossos olhos se prendem feito ímãs, e ofego quando ela rebola, sem quebrar o contato visual. Minhas mãos descem para a sua bunda e Riley se inclina um pouco sobre o meu peito, acelerando o movimento.

Sopro um palavrão ao senti-la ir mais rápido, empurrando meu quadril e lutando contra a vontade de fechar os olhos. *Quero assisti-la. Durante todo o tempo.*

Prendo seu cabelo com uma das mãos, em um rabo de cavalo malfeito, e puxo sua cabeça para trás, a obrigando a me olhar nos olhos.

Seus peitos balançam à medida que Riley se movimenta, e a visão é de tirar o fôlego. Ela inclina o tronco ainda mais, aproximando seus lábios dos meus. Aperto sua bunda antes de voltar a segurá-la pela cintura, nossos corpos se chocando em um ritmo frenético. Encontramos dificuldade em tornar esse o melhor beijo do mundo, graças as nossas respirações ofegantes e a todos os gemidos que escapam pelos nossos lábios, mas ainda estamos nos beijando quando Riley goza.

Não demoro muito para acompanhá-la, chegando ao meu clímax em seguida.

Weston desce de cima de mim, se deitando ao meu lado. Hesito um pouco antes de me movimentar, esperando a onda de prazer diminuir. E quando isso acontece, me levanto do colchão rapidamente e me livro da camisinha, a jogando em uma cesta de lixo antes de voltar às pressas para perto de Riley.

Ajeitando minha cabeça no travesseiro, trago Weston para descansar no meu ombro. Ainda em silêncio e um pouco ofegante, ela sorri assim que envolvo seu corpo nu com meu braço. Apago o abajur sobre a mesinha de

cabeceira, trazendo de volta a escuridão que abraçava o cômodo. Um arrepio percorre meu corpo quando Riley começa a fazer um carinho leve em minha barriga, raspando as unhas por ali.

Bocejando, pouco tempo depois, ela se aconchega ainda mais em meus braços.

— Boa noite, bonitinho.

Um sorriso rasga meu rosto ao ouvir sua voz sonolenta.

— Boa noite, Baby Weston.



21

RILEY

Meus olhos ardem quando desperto na manhã seguinte, graças aos fortes raios solares que invadem o quarto pela cortina que esquecemos aberta. O desapontamento me toma por inteira assim que me remexo na cama, notando a falta do corpo musculoso que me envolveu durante toda a noite.

Franzindo o cenho, me viro sob os lençóis, observando o travesseiro amarrotado, onde uma cabeça estava deitada até pouco tempo atrás.

Não tenho ideia de que horas são, mas já deve ser tarde. Austin não acordaria cedo em um domingo.

Estico um dos braços até alcançar meu celular, sobre a mesa de cabeceira ao meu lado. O desconecto do fio do carregador, soprando um palavrão no instante em que percebo que é hora do almoço. Todo mundo já deve ter acordado, menos eu.

Afastando os cobertores antes de me levantar da cama, obrigo meu corpo a ter disposição para ir até o banheiro e colocar uma roupa. Estou em frente à pia, escovando os dentes, quando abro o *Instagram* e começo a ser bombardeada por fotos e textos de casais se declarando. Hoje é o *Valentines Day*. O “dia do romance” nos Estados Unidos.

Bloqueio o aparelho no instante exato em que me dou conta disso.

Sei que a cada dia que passa, tenho pensado menos em Josh e no quanto ele destruiu meu coração. E tenho plena certeza de que minha convivência com Austin é um dos motivos que me ajudam a esquecê-lo.

Então, não quero me lembrar hoje. Não quero passar o dia sofrendo pelo meu ex-namorado babaca. Me *recuso* a fazer isso.

Quando desço as escadas, sou surpreendida ao me deparar com a sala vazia. Sigo as risadas que ouço, vindas da cozinha. Avery e Raven estão paradas em frente ao balcão, onde alguns utensílios e ingredientes estão espalhados. Há farinha por quase todo o mármore, derrubada em meio ao preparo da receita.

— Está tudo bem aqui? — questiono, me contendo para não rir ao observar bagunça.

As duas se viram em minha direção.

— Ah, você acordou! — Avery é a primeira a exclamar. Um sorrisinho nervoso cresce em seus lábios. — Já estávamos quase entrando em desespero.

Me vendo franzir a testa em confusão, Raven é rápida em esclarecer: — Austin disse que você faz gastronomia. — Ela coça a cabeça, um tanto sem graça. — E a gente meio que queimou o bolo surpresa que estávamos fazendo para o Caden. Mesmo que não seja o dia oficial, resolvemos comemorar hoje, já que amanhã é segunda-feira e não teremos tempo.

— Se você puder dar uma mãozinha... — sua irmã deixa no ar.

— Claro! — Me empertigo no mesmo instante, disposta a ajudar. Me aproximo das duas, observando o que fizeram até agora. A massa da sobremesa está pronta, posicionada sobre o balcão, ainda dentro da forma. E seria eufemismo se eu dissesse que ela está queimada. Parece um carvão. Encontro as meninas com o olhar. — Ainda temos mais ingredientes, certo? — Elas fazem que sim com a cabeça. Sem hesitar, arregaço as mangas do meu suéter, pronta para iniciar os trabalhos. Abro um sorrisinho, ainda as encarando. — Vamos fazer outro bolo.

As duas sequer contestam. Quando me dou por mim, estamos trabalhando juntas, medindo a quantidade dos ingredientes e preparando a massa. Avery me conta que estamos com um pouco de pressa, pois Austin e Thomas foram correr com o Caden, dando tempo necessário para elas fazerem o bolo sem que ele desconfiasse de nada.

Agora ciente do porquê de Austin não estar na cama quando acordei, tiro meu celular do bolso da calça preta que uso, deixando Avery e Raven com a mão na massa.

Desbloqueio a tela, entrando na minha conversa com Austin.

Eu: *As meninas tiveram um problema com o bolo. Estamos fazendo outro. Consegue enrolar um pouco aí? Pelo menos uns 20 minutos.*

A resposta dele chega logo em seguida, me surpreendendo.

Austin: *Consigo.*
Sabia que estava linda quando saí mais cedo? Foi uma tortura não poder te acordar só para te beijar. É estranho para caralho como você consegue ser a única pessoa no mundo que mesmo dormindo continua perfeita.

Solto uma risada nasalada, guardando o celular de volta no bolso, sem tempo para responder. Volto a me aproximar do balcão, observando a mistura, ainda dentro da batedeira. Raven me entrega uma forma. Minutos depois, já estamos colocando a massa no forno.

As duas irmãs fazem um high-five, ao mesmo tempo orgulhosas e aliviadas. Quando as palmas das suas mãos se viram para mim, bato a minha na delas também.

— Agora temos que arrumar a bagunça. — É Avery quem fala.

Com um rápido trabalho em equipe, somos capazes de deixar a cozinha impecável em apenas alguns minutos. Sem conseguir ficar em silêncio por um segundo sequer, conversamos durante o tempo todo. Me surpreendo ao não ficar mal, ouvindo as duas contarem que têm planos com seus namorados hoje à noite.

Eu deveria estar chateada, certo? Deveria sentir pelo menos um incômodo no peito, imaginando como seria o dia de hoje se eu ainda estivesse com Josh. Mas nada disso acontece. Muito pelo contrário. A ideia de estar com Austin, sozinha nesta casa gigante, é animadora.

É empolgante.

Sou pega de surpresa quando o toque do meu celular invade a cozinha, alcançando meus ouvidos. Peço licença para Raven e Avery antes de dar as costas, deixando a cozinha enquanto tiro o aparelho do bolso. Assim que leio o nome da Ruby, estampado na tela, subo as escadas correndo, ansiosa para falar com a minha melhor amiga. Fecho a porta do quarto antes de me jogar na cama, levando os dedos à tela, finalmente aceitando a chamada de vídeo.

A figura de uma Ruby sorridente aparece no visor, e aceno para ela, que retribui mandando um beijinho.

— Quero saber o que aconteceu no parque. — É a maneira que ela encontra de iniciar a conversa, se jogando em sua cama também, como se quisesse dar completa atenção a esse assunto.

Solto uma risadinha. Ontem, antes de sairmos, mandei uma mensagem para Ruby, falando sobre o lugar em que estávamos indo. Ela me fez prometer que contaria tudo depois. E pelo visto, decidiu cobrar.

— Austin me beijou na roda-gigante. — Resolvo ir direto ao ponto, arrancando o band-aid de uma só vez.

Minha melhor amiga leva a mão à boca no mesmo instante, a tapando em um completo estado de choque. Rio mais uma vez. Não é como se Ruby esperasse por nada diferente disso, mas ainda assim consegue ter as melhores reações.

Acho que se Austin e eu fossemos um casal, ela seria a nossa maior fã. Já é, mesmo agora, que o que existe entre nós não chega nem perto de ser algo sério.

— E foi bom? — Ruby quer saber.

Dou de ombros, ainda com um sorrisinho nos lábios.

— Sempre é bom.

— Ele tem mesmo cara de quem beija bem. — Sua fala me faz rir de novo. — Vocês têm algum plano para hoje? Vão sair para algum lugar?

Enrugo o nariz, rolando na cama. Agora de barriga para cima, estico os braços para o alto, segurando o celular em frente ao meu rosto, tomando o cuidado necessário para continuar com a câmera apontada para mim.

— Não, nenhum — revelo. A expressão de Ruby murcha no mesmo instante. — Avery e Raven vão sair com os seus namorados hoje à noite, e

Crawford e eu vamos ficar aqui.

— Que merda — Ruby lamenta.

— É, mas não faria sentido se fizéssemos algo hoje. Não é como se o que existe entre nós estivesse caminhando para algum lugar.

Ela arqueia as sobrancelhas, aproximando seu rosto da câmera.

— E o que vocês têm?

Dou de ombros, me lembrando da conversa que tive com Austin ontem à noite.

— Uma amizade colorida. Nada demais.

— Ah, claro... — Ruby solta, salivando ironia. — Afinal, ser a amiga colorida de um dos jogadores mais gatos da NHL não é nada demais.

Rio nasalado, chacoalhando a cabeça levemente. Ela é impossível...

— E você? — pergunto, mudando de assunto. — Quais são os planos para hoje? Filmes clichês e potes de sorvete com as meninas da irmandade?

As bochechas da minha melhor amiga se enrubescem assim que é questionada. Sua expressão se transforma, se tornando um tanto envergonhada. Ruby se senta na cama, encolhendo suas pernas e apoiando o celular nelas.

— Então... — ela começa. — Eu meio que tenho um encontro hoje.

Quase engasgo, me sentando na cama sem hesitar.

— Um encontro? Com quem?

Ruby separa os lábios, prestes a responder, mas o som da maçaneta sendo girada, acompanhado pelo ardido ranger de uma porta se abrindo invade meu quarto. Me viro para ela, vendo quando Austin a atravessa. Ele está sem camisa, com o abdômen à mostra. Seu cabelo está encharcado, e gotas de suor deslizam pelo seu peito e barriga.

Gostoso. Para. Caralho.

— Quer saber, Pike? — solto, voltando a atenção para o celular em minhas mãos. Ruby me encara com um sorriso nos lábios, ciente de que não estou mais sozinha no quarto. Ela ouviu a porta se abrindo, afinal. — Espera eu chegar! Quero saber de todos os mínimos detalhes e isso, com certeza, não é algo para contar por telefone.

Ela concorda, se segurando para não rir ao perceber que de repente estou com pressa. Nos despedimos de maneira rápida, com beijos soltos no ar e “eu te amo".

Quando bloqueio o celular e volto a dirigir minha atenção a Austin, ele já está próximo da cama. A porta atrás de si está fechada, e um sorriso se curva em sua boca.

— Bom dia, Baby Weston — deseja, inclinando o tronco para frente, me dando um beijo rápido. Fecho os olhos ao sentir seus lábios contra os meus, mesmo que por alguns poucos segundos. — Dormiu bem?

De repente, um sorrisinho impossível de ser evitado rasga meu semblante.

— Aham. E você?

— Também. — Austin tenta subir no colchão, mas o impeço no mesmo instante, espalmando minhas mãos em seu peito, o segurando. Sua feição se torna indignada. — O que foi?

— Crawford, você está todo suado!

Ele acha graça.

— Ah, qual é? Sei que não se importa de verdade com isso.

Levantando as sobrancelhas, o encaro com a expressão mais séria que sou capaz de ostentar.

— Eu me importo, sim.

Ele sorri de canto, descendo suas mãos até a minha cintura. A leve pressão dos seus dedos, mesmo sobre o suéter que visto, faz um arrepio percorrer meu corpo.

— Então vem tomar um banho comigo. — Austin me puxa, me colocando de pé, à sua frente.

Uma risadinha me escapa no meio do caminho, mas a engulo no instante em que sinto sua respiração se aproximando do meu pescoço. Crawford morde o lóbulo da minha orelha, e prendo o ar que soltava, sentindo meu coração se acelerar dentro do peito.

Preciso reunir todas as minhas forças para negar o seu convite.

— Não posso — digo, por mais que seja extremamente tentador.

Ele se afasta, me encarando nos olhos. Seu olhar é tão intenso, que sinto como se pudesse me perder nele a qualquer instante. Devia ser proibido um ser humano conseguir olhar para o outro da maneira que Crawford faz agora. Ou da maneira que ele sempre faz, para ser sincera. Porque seus olhos revelam tudo o que preenche seu corpo quando me

encara. Toda a energia carregada, o desejo, luxúria e fogo. As mesmas coisas que sinto quando estamos juntos. O mesmo que estou sentindo agora.

— Por quê? — questiona baixinho.

Engulo em seco, demorando um pouco até encontrar minha voz, que parece ter morrido na garganta.

— Tenho que tirar o bolo do forno daqui a pouco, antes que ele queime. — Minha revelação faz Austin rir. Dou um tapa de leve em seu ombro. — Estou falando sério!

— Eu sei! — devolve ele. — Mas Avery e Raven também podem cuidar disso, linda. E sei que você é a chef da casa e tal, mas elas sabem tirar um bolo do forno. Não são tão lerdas assim.

Cruzo os braços, mordendo um sorriso. Ele nem faz ideia...

— Elas queimaram o primeiro bolo, Austin — revelo. Deslizo os olhos pelo seu abdômen exposto. — Além disso, se os namorados delas chegaram aqui no mesmo estado que você chegou, a última coisa que devem estar pensando agora é no forno.

Ele ri, pressionando minha cintura mais uma vez.

— E você, mesmo tendo o homem mais gostoso da casa bem na sua frente, quase implorando para que tome banho com ele, ainda assim se lembra do maldito bolo.

Reviro os olhos de maneira teatral. Se existe um ego maior do que o de Austin Crawford espalhado pelo mundo, não quero conhecê-lo jamais.

Fecho minhas mãos sobre seus dedos, afastando seu toque do meu corpo. Forço um sorriso nos lábios, o encarando no fundo dos olhos.

— Sou uma confeiteira, bonitinho. Impedir que um bolo seja queimado, para mim, é uma tarefa que merece ser levada à sério.

E então, mesmo com todos os protestos, finalmente me desvencilho das suas mãos, atravessando o quarto e girando a maçaneta da porta. Rio ao chegar ao corredor, repassando a conversa que acabamos de ter em minha mente.

Crawford é péssimo...

Minha teoria se revela verdadeira quando desço as escadas até o andar de baixo, encontrando a sala e a cozinha vazias. Não há sinal de Avery ou Raven.

E sou eu quem tenho que impedir o desastre de mais um bolo sendo destruído pelas duas hoje.



Caden abre um sorriso de orelha a orelha assim que Avery se aproxima da mesa, trazendo consigo o bolo com a cobertura de chocolate branco que preparei, quando consegui me livrar de um Austin tentador e impedir que o doce se transformasse em carvão dentro do forno.

— Surpresa! — ela grita, colocando o bolo sobre a estrutura da mesa, onde alguns copos sujos estão. Acabamos de almoçar. Nem deu tempo de tirar a mesa por completo antes de Avery aparecer, ansiosa para mostrar ao namorado o que planejamos. Ela usou um fósforo para acender as duas velas douradas sobre o bolo. Juntas, elas formam o número 26. Caden a puxa pela cintura, fazendo com que se sente em seu colo. A atriz solta uma risadinha, recebendo um beijo estalado na bochecha. — Precisa fazer um pedido, Prescott.

O central do Washington Capitals fica em silêncio por alguns segundos, apenas encarando sua namorada. Então, ele pega a mão dela, a guiando até a tatuagem em seu pescoço. Caden é conhecido por ter os anos *1997* e *2018* tatuados na garganta. O significado que eles carregam nunca foi revelado para a mídia, mas Avery parece saber, já que no instante em que toca a tatuagem, seus olhos se enchem de lágrimas.

Prescott sorri, finalmente soprando e apagando as velas.

Eles são fofos. Fofos para caralho.

— Ei! — grita uma voz, chamando a atenção de todos nós. Thomas está com um celular na mão, com a câmera aberta. Ele estende o braço para o alto, se esforçando para conseguir enquadrar todos nós. Raven está ao seu lado, já em sua pose. — Sorriam!

Fico tensa de repente, percebendo o que está acontecendo. Se essa foto vazar, eu...

Meus pensamentos somem como fumaça pelos ares no instante em que um braço rodeia minha cintura. Austin ostenta um sorrisinho, me encarando.

— Não precisa se preocupar — ele sussurra, próximo ao meu ouvido. — Aqui é um campo seguro, lembra?

Sequer tenho tempo para responder. No instante em que separo os lábios, Thomas grita mais uma vez, avisando que vai tirar a foto. Sob o toque do meu proibido colega de apartamento e amigo colorido, sorrio para a câmera.

Pouco tempo depois, já estamos devorando o bolo que as meninas e eu preparamos. Em um determinado momento, Avery mexe os lábios, soprando um silencioso "obrigada" para mim. Em resposta, gesticulo, como se dissesse que não foi nada. Que não precisa agradecer.

É impossível evitar sorrir quando vejo Austin e Caden tirando uma *selfie*, com a cobertura do bolo pincelada em seus narizes. Crawford é quem segura o celular, e os dois riem ao fazerem suas poses. Vendo assim, de perto, fica mais do que claro o porquê de serem conhecidos como "a dupla dos Caps". Porque tanto dentro, quanto fora do gelo, os dois se completam.

E tenho certeza de que para Austin, Caden é tipo uma Ruby. Uma alma-gêmea sem ser em um quesito romântico.

E encontrar alguém assim hoje em dia é algo difícil para cacete.



Como nos foi avisado, na noite de domingo, a casa é inteiramente minha e do Austin.

Os dois casais que nos acompanham na viagem saíram há aproximadamente meia-hora, antes de eu entrar no banho. Eles estavam lindos. E mesmo que estivessem indo para lugares diferentes, suas roupas eram igualmente formais e chiques.

Após secar meu cabelo, saio do banheiro. Pego um moletom cinza e grosso que trouxe na mala, o vestindo sobre o sutiã de renda e um short curto preto.

Deixo o quarto logo em seguida, descendo as escadas até o primeiro andar, à procura de Austin. Franzo o cenho quando não o encontro na sala, deslizando os olhos pelo cômodo, me deparando com a porta completamente aberta. A brisa fresca da noite me atinge à medida que me aproximo dela, a atravessando.

Crawford está sentado no deck, em frente ao lago. Com as pernas esticadas e as palmas das mãos apoiadas na estrutura de madeira abaixo de si, ele parece pensativo, encarando a escuridão que cobre a água à sua

frente, iluminada apenas em alguns pontos, graças às luzes da parte externa da casa dos Prescott. Ao me aproximar dele, noto um caderninho de capa preta fechado ao seu lado, sobre o piso. O mesmo caderninho em que ele estava escrevendo ontem à noite, depois que chegamos do parque.

Me pergunto o que há escrito dentro dele.

Em silêncio, me sento ao lado de Austin. Só então percebendo a minha presença, o atleta olha para mim, abrindo um sorrisinho nos lábios antes de voltar a encarar o horizonte, perdido em sua própria mente e pensamentos.

— No que está pensando? — questiono, sem afastar meus olhos do seu rosto.

— Em você. Sempre. Às vezes pelada, às vezes não.

Sua resposta me faz rir. Dou um tapa de leve em seu braço, o obrigando a voltar a me encarar. Divertimento flutua por toda a sua expressão.

— Estou falando sério, Crawford! — exclamo, sem conseguir afastar o sorriso do rosto. — Sei que tem algo acontecendo dentro da sua cabeça. Você parecia concentrado.

Ele crispa o nariz, dando de ombros logo em seguida.

— Não é nada demais — diz, mentindo descaradamente. Pelo meu semblante, deve perceber que não acredito em suas palavras, pois solta um longo suspiro, se rendendo. — Você vai me achar um idiota se eu falar.

— Prometo que não vou — me adianto em responder, sendo sincera. Austin arqueia uma sobrancelha, como se duvidasse. — Estou falando sério. Não vou te julgar.

Em silêncio, ele desvia o olhar, voltando a encarar o lago. Crawford encolhe as pernas, as abraçando antes de respirar fundo, se preparando para começar a me dizer o que se passa em sua cabeça.

— É besteira, Riley... Eu só... Só estava pensando em como cada um de nós é insignificante. Em como *eu* sou insignificante, para ser mais exato.

Franzo o cenho, sem entender.

— Como assim?

Ele dá de ombros, suspirando mais uma vez. Já perdi as contas de quantos suspiros Austin soltou desde que me sentei aqui.

— Quando entrei para o hóquei profissional e comecei a ser mais reconhecido, ouvi diversas histórias de famosos que cresceram sem contato com algum membro da família, mas que esse membro o procurou quando descobriu que agora ele tinha fama e dinheiro. — O atleta faz uma pausa, perdido no mergulho profundo que deu dentro de si mesmo. Seus olhos azuis se voltam a mim. — Eu sei que meu pai não é uma boa pessoa. Sei *de verdade*. Cresci ouvindo o quanto ele era podre e tinha sido a primeira "péssima escolha" da vida da minha mãe. Mas às vezes, me pego pensando no que aconteceria se ele resolvesse me procurar. — Austin engole em seco, como se as palavras que acabou de soltar fossem capazes de fazê-lo engasgar. Ele ri sem humor antes do que diz em seguida. — Acho que eu abriria a porta da minha casa para ele, Riley. Mesmo depois de tudo, eu abriria e...

— O perdoaria? — questiono, percebendo que ele não sabe ao certo como concluir seu pensamento.

— Não sei. — Austin solta outra risadinha amarga, desviando o olhar mais uma vez. Ele dá de ombros, transparecendo sua confusão. — Problemas com o pai é um lance incrivelmente fodido. — Mordo a língua assim que penso em responder que eu entendo. Porque, *não*, eu não entendo. Minha briga com George sequer chega aos pés da realidade de Austin com seu pai. — Às vezes, acho que o odeio. Mas ainda assim, o quero por perto. É estranho para cacete, para dizer o mínimo. É como se, dentro de mim, na parte em que deveria ter sido moldada por uma figura paterna, eu estivesse vazio. Completamente escuro. E ela clamasse por ele, mesmo que em silêncio.

Sua revelação me atinge como um baque. Um baque de algo que sei que jamais irei viver. Porque mesmo que eu esteja furiosa com o meu pai agora, sei que se precisar de algo, poderei contar com ele. Que George me atenderia no primeiro toque ou pedido de socorro.

— E por que acha que isso te torna irrelevante? — É o que resolvo perguntar, um tanto perdida quanto a isso.

Austin inspira e expira devagar, se virando para mim. Ele ri mais uma vez, e sinto vontade de abraçá-lo ao notar a melancolia se fazendo presente no som que tanto amo.

— Eu tenho fãs, Baby Weston — começa. — Tenho torcedores espalhados pelo mundo, que vibram ao me assistir jogar. Tenho pessoas que carregam uma paixão platônica gigantesca por mim. Pessoas que nem mesmo conheço. *Porra*, já tive até uma vizinha *stalker* maluca! Eu saio para almoçar, ocorre uma agressão contra uma mulher no local, e a mídia se foca no fato de que eu possivelmente estava lá, sem nem mesmo ter certeza! Pessoas pedem para tirar fotos comigo, carregam cartazes com meu nome, comentam milhares de vezes em minhas fotos nas redes sociais a cada dia... Tudo isso me faz parecer grande, não? — Ele dá uma pausa. Em seu olhar, a dor flutua. Uma dor que faz meu peito apertar tanto, que poderia muito bem me sufocar. Os olhos de Austin se tornam marejados. — Mas se eu fosse assim tão grande, meu pai tentaria me contactar. Se eu fosse tão grande, minha mãe voltaria a me ligar para perguntar como foi o meu dia, ao invés de se envergonhar de me pedir ajuda e pensar que está sempre me atrapalhando. Se eu fosse tão...

— Austin — o corto, tomando suas mãos um tanto trêmulas nas minhas. Ele fecha os olhos, tentando conter as lágrimas que parecem prestes a escapar a qualquer momento. — Me escuta — peço, o fazendo voltar a me encarar. Tomo fôlego antes de continuar. — Você é grande para caralho. É gigante. E está longe de ser insignificante. Porque alguém que é insignificante, jamais estaria na posição em que você está. Jamais estaria jogando para um time que vale bilhões de dólares, ao lado de um melhor amigo que se importa verdadeiramente com você. Jamais teria tantos fãs, que se espelham em quem você é e que desfilam por aí com seu número e sobrenome nas costas em dia de jogos. — Dou uma breve pausa, chacoalhando a cabeça, sem acreditar que ele pensa mesmo isso de si mesmo. — Você pode achar isso, Crawford, mas saiba que existe alguém por aí que ouviu uma música e se lembrou de você. Alguém que sorriu em um momento difícil porque lembrou de uma memória com você. Alguém que se ama um pouco mais hoje em dia, porque você elogiou. Até mesmo alguém que parou de chorar pelo ex-namorado porque comeu sorvete de pistache e assistiu a um filme horrível com você. — Ele solta uma risadinha fraca quando ouve a última frase, se recordando. Sorrio, sentindo meu peito mais leve diante do som genuíno. Solto uma de suas mãos, subindo meu toque até a sua nuca. O encaro no fundo dos olhos, desejando que preste

atenção em minhas próximas palavras. — Nunca pense que não tem influência sobre as pessoas. A imensidão do mundo não diminui quem você é. Nem para mim, nem para ninguém. E tenho pena de quem não te conhece de verdade. Porque você é um ser humano incrível, e alguém se sente mais feliz porque você existe.

Eu sou esse alguém, é o que penso em dizer, mas mordo a língua, guardando a informação apenas para mim.

Austin permanece em silêncio, com o olhar vidrado no meu. Ele separa os lábios, como se fosse responder algo, mas logo os fecha novamente, desistindo. Seus olhos deslizam para a minha boca, fazendo meus batimentos cardíacos acelerarem e meu corpo todo entrar em um estado de alerta, ciente do que acontecerá em seguida.

Quando Crawford toma minha boca na sua, porém, eu não me impressiono. Não me impressiono porque já aprendi a desvendá-lo. Sei o significado de cada olhar que me dá. Sei quando seus olhos escondem um segredo, quando parecem exaustos e quando mostram que querem me devorar.

Pois agora, eu o conheço. O conheço *de verdade.* E o considero um ser humano incrível.

Porque quando tudo em minha vida estava fora do eixo, ele apareceu. E o simples fato de existir foi como mágica para o meu interior, varrendo para longe toda a mágoa e resquícios de um coração partido.

E serei para sempre grata por isso.



22

RILEY

They don't know about us, do '*One Direction'*, é a música que explode pelo rádio assim que deixamos Maryland, no dia seguinte. Agora sentada no banco do carona, tenho vontade de rir quando observo Austin, que dirige meu Jeep tranquilamente, usando seus óculos escuros para proteger os olhos do sol da manhã. É cômico que estejamos na situação atual, voltando para Washington para que ele possa passar mais uma semana encontrando meu pai todos os dias, enquanto ouvimos uma música que diz sobre um relacionamento secreto, em que ninguém sabe de nada do que o casal faz.

Se o One Direction ainda estivesse junto, eu procuraria os integrantes da banda e os questionaria se a inspiração para a letra veio da minha vida.

Chamando nossa atenção, a Mercedes cinza de Caden passa como um raio ao lado do meu Jeep, o atravessando. Austin buzina, e Prescott abaixa o vidro no meio do caminho, gritando ao enfiar a cabeça para fora.

Crawford e eu rimos ao assistir a cena.

Caden está feliz hoje. Acho que ele gosta de fazer aniversário.

— Vocês dois parecem irmãos, sabia? — comento, observando o veículo esportivo se acelerar à nossa frente, se tornando cada vez menor e mais distante. O carro de Raven está atrás de nós, e já não temos mais visão dele.

Um sorrisinho se repuxa nos lábios de Austin.

— Caden é meio que o meu irmão mesmo. — Ele dá de ombros. — Nunca tive uma amizade que chegasse aos pés da nossa. Sei que posso

confiar nele. Não importa a situação. — Seu rosto se vira brevemente para mim, voltando para a estrada no segundo seguinte. — E ele pode contar comigo também. Para tudo.

Dentro do peito, meu coração se amolece um pouco ao escutar suas palavras. Caden e Austin tiveram sorte de se encontrarem. Tiveram sorte de terem parado no mesmo time e se conhecido, criando um laço tão profundo e lindo como o de hoje em dia.

— Ele é tipo a minha Ruby — Crawford solta, ainda sorrindo. Permito que meus lábios se curvem também, pois foi exatamente isso que eu pensei ontem enquanto observava os dois com a cobertura do bolo nos narizes. — Aposto que ele me mandaria ficar escondido dentro de uma escada e acabaria com uma festa para mim, se necessário.

Rio com a lembrança.

— Você mereceu!

Ele ri também, me olhando brevemente.

— Eu sei! Mas a parte boa daquela noite foi que você estava gata para caralho, furiosa comigo enquanto atirava aquela garrafa na parede.

Rolo os olhos.

— Você sempre diz que estou gata para caralho, mesmo que eu esteja espumando de raiva.

Austin dá de ombros, voltando o foco para o volante. Uma fina linha brinca em seus lábios.

— O que posso fazer? É a verdade.

Chacoalho a cabeça, soltando uma risada nasalada.

Gosto desse clima leve que habita entre a gente. É bom. E nunca vai embora. Mesmo depois da conversa que tivemos ontem à noite, quando Crawford abriu seu coração e quase chorou diante dos meus olhos mais uma vez, não demorou muito para que passássemos a gargalhar das suas gracinhas. Ficamos no deck por várias horas, apenas conversando. Quando percebi, já estava deitada em seu colo, recebendo um carinho no cabelo, quase pegando no sono. Só não dormi porque tive que me sentar bruscamente quando Austin trouxe o assunto do chicote cor-de-rosa à tona novamente, não podendo perder a oportunidade de lançá-lo um olhar afiado.

Com o objeto em mente, me remexo no meu assento, esticando meu tronco e meu braço, pegando o chicote de Ruby, que ainda estava jogado nos bancos de trás.

Crawford se anima ao me ver com ele.

— Mudou de ideia em relação ao Marcus?

— Não, e nem vou — respondo no mesmo instante, abrindo o porta-luvas à minha frente e guardando o objeto inanimado em um local protegido dos olhos e gracinhas de Austin. — Vou devolvê-lo à Ruby ainda hoje.

— Vai encontrá-la ela hoje?

Assinto, batendo o porta-luvas, o fechando.

— Sim. Ela, Cooper e eu vamos ao shopping comprar as fantasias para a festa de amanhã.

O olhar de Austin recai sobre mim no instante em que escuta minhas palavras. Por mais que ele esteja usando óculos escuros, consigo perceber quando franze o cenho.

— Vocês têm uma festa amanhã?

— Aham. Na república onde Coop mora. — Agora é a minha vez de ficar confusa. — Eu não te falei?

— Não. — Ele volta os olhos para a estrada, ficando em silêncio logo em seguida.

— Ah. — É o que me limito a responder.

— Já pensou na fantasia que vai usar? — Crawford pergunta após um tempo, e algo em mim se tranquiliza ao perceber que o fato de eu sair para uma festa não o incomoda. Não deveria mesmo, já que não temos nada. Mas é impossível pensar que se Austin fosse Josh e estivéssemos em uma "amizade colorida", como ele e eu estamos, Josh não iria gostar nenhum pouco dessa notícia.

Às vezes me pergunto por que aceitei mesmo namorar com aquele cara. Como pude me apaixonar por alguém como ele? Como pude não enxergar todos os sinais que me diziam que aquela era uma grande enrascada?

— Ainda não — revelo, após um tempo. A mera lembrança da existência de Josh Reid faz com que um amargor tome minha língua. — Ruby e eu queremos tentar usar fantasias combinando, mas duvido que

Cooper aceitaria. Para falar a verdade, duvido que ele aceitaria usar uma fantasia. Acho que, no fim, meu melhor amigo vai acabar indo fantasiado de si mesmo.

Austin ri ao meu lado.

— Se eu tivesse a sua idade, seria bem ousado na minha escolha.

— Você é só seis anos mais velho — o lembro, rindo também. — E eu serei. Pode deixar.

Ele me lança um sorrisinho orgulhoso. Do tipo que diz "essa é a minha garota!". E diante desse pensamento, me encolho um pouco no banco, sentindo o coração amolecer dentro do peito.



Acordo desnorteada, com uma mão pesada me chacoalhando pelo ombro.

— Riley, o seu celular...

— Hã? — questiono, completamente perdida.

— Seu celular está tocando — Austin revela, ainda focado na direção.

Perdida no tempo, lanço um rápido olhar para o vidro do carro, notando que já estamos quase chegando em Washington. Não acredito que fui mesmo capaz de dormir em uma viagem tão rápida.

Ainda sonolenta, pego meu celular, o retirando da bolsa. E quando leio o número que se estampa no visor, eu congelo.

É o meu pai.

Talvez seja por culpa do sono, mas não nego a ligação de imediato. Apenas permaneço encarando o aparelho em minhas mãos, em um completo silêncio, o sentindo vibrar e tocar sobre minha pele.

— Não vai atender? — notando minha hesitação, Austin pergunta.

Pisco algumas vezes, sem conseguir afastar o olhar do celular, pensando no que fazer.

— Não sei.

Me lembro da conversa que Crawford e eu tivemos ontem à noite. Me lembro de ter pensado que se um dia eu o ligasse precisando de ajuda, meu pai me atenderia no primeiro toque. Que estaria ali por mim, mesmo que nossa relação estivesse difícil e conturbada.

E se ele estiver precisando de mim agora? Simplesmente não é certo que eu continue a negar suas ligações. É injusto.

— Crawford — chamo o atleta ao meu lado, sem afastar meus olhos do aparelho em minhas mãos. — Preciso que faça silêncio nos próximos minutos, tudo bem?

Não espero sua resposta. Quando sinto seu olhar confuso sobre mim, já atendi a chamada e estou levando o celular ao ouvido.

Meu corpo todo fica tenso.

— Oi, pai — minha voz sai trêmula, e posso jurar ouvir Austin engasgar ao meu lado, só agora se dando conta do que está acontecendo. O lanço um olhar afiado, o obrigando a se recompor.

— Riley? Meu Deus... — sopra a voz do outro lado da linha, um tanto surpresa, como se não estivesse esperando que eu atendesse. Não é como se eu tivesse dado a ele motivos para acreditar que isso aconteceria, afinal. George Weston fica em silêncio por alguns segundos, incerto sobre como continuar com a conversa. — Como você está?

Respiro fundo antes de responder.

— Bem, mas com um pouco de pressa — minto, forçando a voz a sair doce e leve. Posso até ter atendido, mas não quero que essa conversa se estenda. Ainda estou magoada. — E você?

— Estou bem também — ele diz, junto a um suspiro aliviado. Sua risadinha fraca alcança meus ouvidos. — Cansado e na correria, como sempre. Tem assistido aos jogos?

— Quase todos — revelo, sendo sincera. — Vocês estão indo bem.

Meu pai solta uma risadinha sufocada.

— Estamos mesmo! Caden Prescott e Austin Crawford estão sendo as lendas desta temporada. Acredita que eles e Michael Parker foram convidados para a festa de aniversário de Nikolai Ivanov? É um reconhecimento impressionante!

Fico ainda mais tensa, lançando um olhar para o jogador ao meu lado, como em um pedido silencioso de socorro.

— Não brinca! — exclamo, me esforçando na atuação. George realmente não faz ideia do que está acontecendo em minha vida. — Isso é incrível!

— Pois é — responde ele. — Fiquei muito feliz quando me contaram. Os outros caras do time ficaram morrendo de inveja.

— Eu imagino.

— E como você está? Sua mãe e eu estávamos desesperados por notícias suas. Ela me disse que está ficando na irmandade, junto com a Ruby.

Mordo a língua ao pensar em soltar um palavrão. No fundo, eu sabia que Susan diria ao meu pai sobre a mentira que a contei. Minha mãe deve ter ficado com pena ao ver ele buscando por notícias minhas.

O que me impressiona é o fato de que George Weston ainda não foi lá me procurar. Talvez ele finalmente esteja se dando conta de que odeio quando me trata feito criança e não me dá espaço.

— Eu estou bem. As meninas daqui são bem legais — minto descaradamente, me esforçando para parecer genuína e convincente. — Inclusive, preciso desligar... Temos uma reunião marcada para agora, antes do horário das aulas.

— Ah, claro! — meu pai solta. Ele suspira mais uma vez. O tipo de suspiro relaxado que as pessoas costumam dar quando uma grande preocupação deixa seus ombros. — Eu entendo. Foi bom falar com você, Riley. Espero que esteja bem.

— Pode ter certeza de que estou.

— Amo você — ele sopra.

E então, é a minha vez de suspirar.

— Também te amo, pai.

Quando a ligação é encerrada, meu coração está acelerado. Em silêncio, encaro a tela acesa do celular por alguns segundos, pensando na conversa que acabamos de ter. Mordo o lábio inferior, me contendo para não chorar.

— Ei, Baby Weston — chama a voz ao meu lado. Quando o encaro, Austin tem um sorrisinho estampado nos lábios. — Estou orgulhoso.



23

AUSTIN

Sinto vontade de gritar quando a mensagem “VOCÊ FALHOU” aparece piscando na tela, em letras grandes e vermelhas. Frustrado, jogo o controle do video game para o lado, pensando que poderia muito bem quebrá-lo, devido ao tamanho da raiva que estou sentindo por esse jogo impossível.

Faz 10 dias que estou tentando passar do nível 43. Dez dias infernais em que não consigo fazer o E.T pular a porra da rocha sem cair na lava e morrer de um jeito ridículo. E só hoje, já faz 2 horas que estou aqui, sentado com a bunda colada no sofá, morrendo repetidamente enquanto Riley e Ruby se arrumam para a festa que têm em alguns minutos.

A música irritante do jogo continua a alcançar meus ouvidos, me dando vontade de levantar do sofá e desligar a televisão, descontando toda a fúria que toma meu corpo ao apertar o botão com toda a força. E estou quase fazendo isso, quando a movimentação no corredor chama a minha atenção.

Ruby é a primeira a chegar à sala. A loira está linda, com sua fantasia de fada. Um arco de flores cor-de-rosa se faz presente em sua cabeça, e as botas de cano longo em seus pés, a saia curta e brilhante, a pequena asa em suas costas e o *cropped* justo que veste são todos no mesmo tom, combinando entre si e trazendo um ar incrivelmente harmônico para a fantasia.

Assim como acontece com a de Riley, que tira meu fôlego ao entrar em meu campo de visão, vindo logo atrás da amiga.

Cacete... Sei que sempre digo que ela está gata para caralho, mas acho que nunca a vi tão linda quanto agora. E isso deveria ser impossível, já que essa mulher está simplesmente perfeita em todos os momentos. Basta apenas respirar.

Vestindo a mesma fantasia que sua melhor amiga, só que em tons roxos, sua tatuagem na costela fica à mostra. Seu cabelo, enrolado nas pontas, cai como cascatas escuras, emoldurando seu rosto.

E de repente não consigo mais respirar. De repente, estou hipnotizado.

Completamente e desesperadamente louco por ela.

— Gostou? — É o que a minha colega de apartamento pergunta, sentindo meu olhar sobre si. Ela abre um sorriso, dando uma voltinha, me permitindo analisá-la por completo.

— Puta que pariu... — sopro, incapaz de encontrar outras palavras para expressar minha opinião. Perfeita é pouco para definir Riley Weston agora.

Ela costuma usar preto quase sempre e, definitivamente, é a sua cor, mas vê-la de roxo é como uma perdição.

O sorriso de Riley aumenta assim que ela dá as costas, seguindo com Ruby até a cozinha para beber água. Escuto as duas conversando por alto, captando quando Weston começa a contar sobre a conversa que teve com seu pai ontem, enquanto voltávamos para Washington.

Tenho certeza de que foi por conta daquela ligação que o treinador não foi capaz de parar de sorrir nos treinos. Tanto no de ontem, quanto no de hoje. Acho que Riley tê-lo atendido encheu o coração dele de esperança.

Suspirando, passo a encarar o controle jogado ao meu lado, sobre uma almofada do sofá. *É hora de conseguir passar essa merda de fase,* penso, estendendo a mão para pegá-lo.

Mas então, o que escuto me faz paralisar.

— Como assim você está ficando com Michael Parker? — grita a voz de Riley, completamente em choque.

Ergo meus olhos no mesmo instante, confuso para caralho ao encarar as duas amigas, que ainda bebem água na cozinha. Um misto de surpresa e incredulidade toma o semblante de Riley, e Ruby tem suas bochechas vermelhas de vergonha.

O quê?

— O quê? — praticamente berro, incapaz de me conter. A atenção das duas se volta para mim. Quase engasgo, tendo que tossir algumas vezes até me recompor. — Foi com você que Michael saiu ontem?

Em dúvida se deve se sentir culpada ou não, Ruby dá de ombros.

— Foi? — Sua resposta sai mais uma pergunta do que qualquer outra coisa.

— Puta que pariu! — exclamo, sem acreditar.

Compartilhando do mesmo sentimento que eu, Riley passa a rir, incrédula.

— Você passou mesmo o Dia de São Valentim com Michael Parker? — questiona, apenas para ter certeza.

Sua melhor amiga faz que sim com a cabeça, as sobrancelhas levantadas em confusão.

— A gente já está conversando há um tempo. Ele me mandou mensagem no insta e a gente saiu algumas vezes... Tem algum problema nisso?

Minha colega de apartamento nega no mesmo instante, erguendo as palmas das mãos no ar, se rendendo.

— Nenhum. Eu só... estou surpresa.

— Nós estamos — emendo, atraindo o olhar confuso de Ruby para mim. Torço a boca, pensando na maneira mais sutil para dizer que meu amigo é um tremendo galinha. — Michael não faz muito do tipo que gosta de relacionamentos.

Ruby dá de ombros, se mostrando inabalável.

— Bom, vai ver ele mudou — sugere.

Concordo com a cabeça, mesmo considerando isso um tanto difícil. No dia em que nosso chuveiro ligou sozinho e Riley decidiu ir almoçar comigo e os caras, Michael disse que Ruby fez o coração dele bater mais forte. E isso pode ter acontecido mesmo, já que a garota é muito bonita, mas ainda acho quase impossível que Parker se apaixone por alguém um dia.

Digo isso com propriedade. Afinal, meu nome circula por aí acompanhado de adjetivos que giram em torno de “galinha”, “escroto” e “babaca”.

Enquanto Riley resolve dar um fim ao assunto, pedindo para Ruby ir chamar o elevador, eu pego meu celular. Rapidamente, entro na minha

conversa com Michael, o mandando uma mensagem que diz: *"espero que esteja na academia da arena amanhã, Parker. Precisamos conversar"*.

Me despeço da Ruby com um aceno antes de vê-la deixar o apartamento. No mesmo instante, Riley resolve se aproximar de mim. Meu coração erra uma passada quando Weston se inclina, selando nossos lábios em um beijo rápido.

Envolvo seu pulso com uma das mãos antes que ela se afaste, a analisando.

Linda para caralho.

Riley franze o cenho.

— O que foi?

De repente, minha língua se embola e minha mente se torna uma loucura. Uma mistura perfeita de confusão, insegurança e até mesmo medo.

O que existe entre nós é estranho. Sei que em nenhum momento determinamos que somos exclusivos, mas não fiquei com ninguém desde que a beijei pela primeira vez. Ou melhor, desde que a encontrei na rua naquela noite, dormindo dentro do seu Jeep.

Nunca pensei que pudesse tê-la. E agora que tenho, apenas tenho olhos para ela. E me mata essa incerteza que me faz questionar se ela apenas tem olhos para mim também.

Encarando seu rosto fixamente, limpo a garganta, sem coragem de trazer à tona o que se passa em minha cabeça. Forço meus lábios a se curvarem em um sorrisinho, chacoalhando a cabeça.

— Nada. Só tome cuidado, tá? A gente sabe como esses universitários são... Me liga se precisar de alguma coisa.

Riley sorri de volta.

— Pode deixar — ela diz. — Nós vamos beber, então eu volto de Uber. — Assinto, sem dizer nada. Prendo a respiração quando ela se inclina para perto de mim novamente, aproximando os lábios do meu ouvido. Sua respiração contra a minha pele me faz arrepiar. — Espero que esteja acordado quando eu voltar, Crawford. — É a última coisa que sussurra antes de se afastar.

Um sorriso sujo toma meu rosto quando entendo o significado por trás das suas palavras. E de repente, enquanto a observo passar pela porta e ir embora, me sinto mais calmo.

Mas só um pouco.



24

RILEY

Quando chegamos à república, somos recebidas por três caras vestidos de *Teletubbies*, que fumam maconha próximos à entrada. O vermelho acena para nós, e Ruby e eu retribuímos, nos contendo ao máximo para não rir.

— Eles foram um tanto inovadores na escolha das fantasias — sopra minha melhor amiga, assim que nos afastamos.

Eu finalmente me permito soltar uma risada.

— Aquilo ali acabaria com a infância de qualquer criança.

A música alta explode pela casa de dois andares, animando toda a multidão de universitários, que dança, canta e bebe por todos os cantos. Há casais se pegando em todos os lugares que olho, seja nas paredes, cadeiras, balcões e até mesmo no chão. Causada pela fumaça dos cigarros, uma fraca neblina toma o ar, onde a concentração de pessoas é maior. De longe, avisto algumas meninas da minha equipe de torcida. Conversando com elas, estão alguns reservas do Red Tigers. Não há sinal de Cooper.

Estou prestes a arrastar os olhos por todo o caos que circula o primeiro andar, em busca no meu melhor amigo, quando Ruby fecha sua mão sobre a minha, me puxando a caminho da cozinha. Nos enfiamos entre o mar de universitários até alcançar o cômodo. Pike apanha duas *long necks* do balcão, abrindo uma delas com o dente antes de cuspir a tampinha e me entregar.

Sorrio para ela em agradecimento.

— Acha que Coop veio fantasiado? — questiono, verdadeiramente na dúvida.

Ontem, quando nós três fomos ao shopping, ele não parecia estar empolgado com o fato de ter que usar fantasia, mas acabou escolhendo uma simples, de caveira. Nos disse que a irmã de Ford iria ajudá-lo na pintura de rosto.

Ruby dá de ombros.

— Espero que sim. — Ela aponta para Ford e Luke, que estão conversando com duas garotas, em frente à porta que dá entrada na cozinha. Os dois dos cinco moradores da casa vestem as jaquetas do Red Tigers. — Porque realmente não vejo sentido em dar uma festa à fantasia e não se esforçar.

Solto uma risada fraquinha, concordando com a cabeça.

Quase bebi minha garrafa inteira quando a música é trocada por uma mais agitada, que parece estar entre a lista das favoritas de Ruby, já que minha melhor amiga solta um gritinho eufórico antes de me puxar para fora da cozinha. Ela me arrasta até a multidão de convidados. Rimos, dançamos e terminamos nossas bebidas ao som da batida animada, sendo praticamente encurraladas pelas pessoas, que nos cercam por todos os lados.

Próxima a nós, uma garota de cabelos azuis e vestida de pirata quase cai no chão, já completamente bêbada. Suas amigas a seguram, evitando um desastre.

— Vamos tirá-la daqui antes que a confusão comece — fala uma delas, a levando para longe da multidão em seguida.

Franzo o cenho, sem entender o que quis dizer. Ruby me cutuca no instante exato em que a música fica mais baixa e gritos e assobios passam a preencher o primeiro andar da casa.

— Parece que Cooper Buck vai fazer a entrada dele — avisa ela.

Rio baixinho, já sabendo o que isso significa. E quando vejo os grandalhões do time de futebol americano da Washington Burney entrando em fila, carregando Cooper no alto, como se ele fosse uma espécie de Regina George naquela cena icônica de *Garotas Malvadas*, me permito gargalhar. Meu melhor amigo acena para seus convidados enquanto os jogadores gritam o nome do capitão, o tratando como se fosse a porra de um deus.

Para a minha surpresa, ele está mesmo fantasiado de caveira. E a maquiagem artística em seu rosto ficou perfeita, destacando a sua beleza.

Os gritos aumentam quando Luke e Ford colocam Coop no chão, próximo a um grande barril de cerveja. Meu melhor amigo finge se alongar, fazendo algumas pessoas rirem antes de ser virado de ponta-cabeça, segurado pelas pernas por seus dois colegas de time.

Palmas, assobios e vivas ecoam pela sala, alguns sendo soltos por mim, que não consigo parar de rir ao encarar a cena. Quando Cooper volta ao chão, abre um sorrisinho presunçoso nos lábios, erguendo os braços ao ser aclamado por seus fãs.

E o que acontece em seguida é muito rápido. Em um segundo, uma Claire Jason vestida de coelhinha entra no meu campo de visão. E assim como Ruby, arregalo os olhos no instante em que a ruiva se joga nos braços do atleta, que logo a envolve e toma seus lábios em um beijo profundo, na frente de todos os convidados.

— Puta que pariu... — Ruby sopra, ao meu lado.

— O que foi que a gente perdeu? — emendo, boquiaberta, completamente estática e mais confusa do que nunca.



A verdade é que eles combinam.

Enquanto dou mais um gole no meu milésimo drink da noite e observo meu melhor amigo e minha colega de equipe juntos a meros dois passos de distância, esse é o único pensamento que se faz presente em minha cabeça, agora já um tanto alterada e desnorteada.

Cooper sorri assim que Claire pede licença, o entregando seu copo antes de explicar que precisa ir ao banheiro. Ela passa por Ruby e eu, se enfiando na multidão, nos deixando sozinhos.

— Vai, desembucha — Ruby aproveita o momento para pressioná-lo. Por algum motivo, isso me faz rir e quase me desequilibro. Preciso apoiar uma das mãos no ombro da loira ao meu lado para não cair. Ela não parece notar. — O que aconteceu? Como você e a Claire acabaram assim?

— E por que não nos contou nada? — questiono logo em cima, franzindo as sobrancelhas, fingindo estar furiosa.

Ok, talvez eu esteja bêbada.

Cooper dá de ombros, sem conseguir afastar o sorrisinho de bobo apaixonado que molda seus lábios.

— Não contei porque não deu tempo — esclarece ele. — Claire me procurou antes da festa, para conversarmos. Eu meio que me declarei... E quando vi, estávamos nos beijando.

Rio quando o observo coçar a nuca, um tanto envergonhado. Dou um passo à frente, esticando meu braço e apertando uma de suas bochechas. Cooper franze o cenho, me encarando como se eu fosse louca. Quando afasto meus dedos do seu rosto, eles estão sujos de branco, graças à maquiagem artística que cobre sua pele. Os encaro fixamente por alguns segundos.

Quase tropeço ao dar as costas, tentando voltar para perto de Ruby, mas meu melhor amigo me segura a tempo.

— Quanto foi que ela bebeu, Pike? — questiona ele, um tanto preocupado ao manter o braço firme ao redor da minha cintura.

Sua voz me faz rir.

Ok, eu *definitivamente e*stou bêbada.

Ruby não tem a chance de responder. Uma das suas colegas da irmandade aparece antes mesmo que ela possa separar os lábios, a puxando até o canto da sala, onde outras meninas as esperam. Minha melhor amiga me lança um olhar desesperado, como se não soubesse o que fazer. Mas então, logo em seguida, Amery Willians, a líder da Kappa Beta Zhu, começa a conversar com ela, a obrigando a afastar seus olhos de mim.

— Por que convidou a garota que contribuiu para que os chifres crescessem em minha cabeça para a sua festa? — pergunto a Coop, ainda sentindo seu braço ao meu redor, me segurando.

— Não sou o único que mora aqui, esqueceu? — ele devolve, me virando para si, com um cuidado excessivo, como se eu pudesse quebrar a qualquer instante. Ou cair. Acho que seu medo é que eu caia. — O quanto você bebeu, Riley?

— Só um pouquinho — minto, sinalizando com a mão livre.

Tento levar meu copo de volta aos lábios, mas ele me impede ao segurar meu pulso.

— Já chega por hoje — Coop fala, tomando meu drink para si. Firmo os pés no chão quando ele me solta, determinado a segurar meu copo e o de Claire. O *quarterback* olha para os lados, como se buscasse por algo. — Ali. Senta ali naquele sofá.

— Por quê? — questiono, encarando o móvel desocupado.

— Porque você está bêbada e eu vou buscar uma água para você — ele esclarece, me guiando mesmo sem usar as mãos. Seus passos largos atrás de mim me fazem seguir para onde quer que eu vá.

Me sento no maldito sofá, resmungando.

— Você está parecendo o meu pai!

— E você está agindo exatamente como uma criança birrenta e teimosa — Cooper devolve, sorrindo. — Agora espera aqui que eu já volto.

Com a visão turva, observo suas costas largas se afastarem, contendo um grunhido. Impaciente, me remexo sobre a almofada que estou sentada, angustiada por ter que ficar aqui, sem fazer nada. Cantarolo o refrão junto à música que explode pela festa enquanto abro a bolsinha que carrego comigo, pegando meu celular.

Não hesito antes de abrir minha conversa com Austin, permitindo que um biquinho triste tome meus lábios. A vontade de chorar que sinto enquanto digito uma mensagem é só mais uma prova de que estou bêbada para caralho.

O álcool me faz ser 8 ou 80. Ou fico insuportavelmente feliz, ou fodidamente chata e chorona.

Acho que já sei como estou agora.

Eu: *Queria que estivesse aqui.*

A resposta dele chega logo em seguida, acompanhada de uma foto sua sentado no sofá da nossa sala, devorando um pacote de salgadinho enquanto assiste a um filme.

Austin: *Estar no mesmo ambiente que universitários que apenas me lembrarão do quanto estou ficando velho? Passo. Prefiro a companhia das comédias do Adam Sandler.*

Eu: *Então queria estar aí com você.*

Austin: *Adoraria que estivesse aqui comigo. Tô com saudade de te beijar.*

Eu: *Faz menos de 3 horas que você me beijou, Crawford.*

Austin: *Isso é muito tempo. Minha boca é dependente quando se trata da sua.*

Solto uma risada fraca ao ler suas palavras.

Eu: *Você é um idiota.*

Austin: *Um idiota bem gostoso.*

Eu: *É, é mesmo.*

Mordendo o lábio inferior, bloqueio a tela do celular, o guardando de volta na bolsa. Deslizo os olhos pela multidão que preenche a república, à

procura de Cooper.

De repente, escuto uma voz que me faz pular de susto.

— Oi. — É o que diz um cara aleatório, se sentando ao meu lado. Seus cabelos castanhos são longos e ele está fantasiado de gênio da lâmpada, com seu abdômen à mostra. Um sorrisinho cafajeste toma seus lábios. É lindo, bem lindo, mas não consegue me despertar interesse algum. — Você é Riley Weston, não é?

Faço que sim com a cabeça, franzindo o cenho.

— Então, eu queria saber se...

Se torna impossível prestar atenção em suas palavras. Posso arriscar dizer que sua frase se resume a ir comigo para um lugar mais reservado, em uma clara tentativa de grudar sua boca na minha, mas não tenho certeza. Porque de repente, o enjoo que toma meu corpo é tão forte, que é como se ofuscasse todos os meus sentidos. Sou obrigada a me levantar, levando uma das mãos à barriga, tentando respirar.

E então, mais uma vez nesta noite, o que acontece a seguir vem sem aviso, me pegando de surpresa. Quando olho para o lado, o cabeçudo tigre vermelho está correndo em minha direção. E em questão de apenas um segundo, o mascote dos Red Tigers me levanta, me jogando por cima do seu ombro.

Pessoas riem enquanto ele passa a correr comigo pela festa, me deixando cada vez mais enjoada. Meu corpo luta para colocar todo o álcool ingerido nas últimas horas para fora, mas eu tento impedi-lo. Seguro o vômito na garganta, acertando as costas do tigre com minha bolsa repetidas vezes, em uma tentativa de fazê-lo se tocar e finalmente me largar no chão.

Mas isso não acontece. Bom, pelo menos não de imediato. E quando o mascote finalmente me coloca no chão, não consigo me sentir aliviada.

Muito pelo contrário. Me sinto *desesperada*.

Porque de repente, a festa inteira está congelada. E o olhar de cada convidado está vidrado em um ponto específico. Vidrado na maldita porta. Na porta onde, sorrindo, como se fosse bem-vindo aqui, está Josh Reid.

Os olhos castanhos do meu ex-namorado me encontram, e de repente penso que vou desmaiar.

— Que porra você está fazendo aqui? — O silêncio das pessoas é tão absurdo, que a voz grave e furiosa de Cooper é ouvida por todos, se

misturando à música, que agora sai um pouco mais baixa pelas caixas de som.

Não fico para ver a confusão. Nem para ouvir os gritos.

Assim que o caos se instala no primeiro andar da república, eu dou as costas, lutando contra a tontura e o enjoo, que tentam me derrubar enquanto subo as escadas. Abro a porta do primeiro banheiro que encontro, no corredor, sequer hesitando antes de cair de joelhos no chão, em frente à privada, finalmente colocando tudo para fora. Só paro de vomitar para mandar uma mensagem rápida para Austin, o pedindo para vir me buscar. Sequer tenho tempo de bloquear o celular antes de voltar a me debruçar sobre a privada, vomitando de novo.

O aparelho cai no chão, minha visão escurece, e de repente, enquanto escuto os gritos vindos do andar de baixo e o estrondo de algum objeto se quebrando, acho que há lágrimas escorrendo pelos meus olhos.

Mas não sei ao certo. *Porra.*

— *Shhh*. — O chiado doce de alguém alcança meus ouvidos. Sinto mãos tocando meus ombros, segurando meus cabelos enquanto permaneço debruçada sobre a privada, tentando respirar fundo. — Fica calma, fica calma...

Me esforço para reconhecer a voz, mas não consigo, pois suas frases não passam de sussurros.

— Meu celular... — sopro, sem forças.

Pela visão que tenho do piso sob mim, vejo quando uma mão delicada e com unhas pintadas de vermelho resgata o aparelho com a tela desbloqueada. Sinto um alívio repentino me atingir ao me dar conta de que estou com uma mulher, e não com qualquer cara que poderia muito bem se aproveitar da minha atual situação.

Mas essa sensação não dura muito tempo.

Porque erguendo a cabeça, me deparo com olhos verdes que me fazem querer morrer.

— Ponto. Enviei sua localização atual para Austin Crawford. — É o que Claire diz.

Puta.

Que.

Pariu.

No momento em que nossos olhares se cruzam, me dou conta do que está acontecendo e um filme começa a rodar em minha mente. Minha colega de equipe sustenta um sorrisinho nos lábios, pousando meu celular sobre o mármore da pia, após ter lido o nome de Austin no contato. Após ter lido o nome do homem que diz que a machucou tanto.

— Claire, eu posso explicar... — Tento continuar, sem fôlego e com a voz completamente embargada, mas falho. Volto o rosto para a privada, sentindo a barriga se embrulhar mais uma vez, esperando o momento em que meu corpo resolverá colocar tudo para fora novamente.

— Não precisa, Riley. Foque em ficar bem, tá legal? — ela diz, se afastando de mim. Olhando para o chão, observo quando Claire se aproxima da porta, gritando as palavras seguintes com o máximo de potência na voz. — Alguém pode, por favor, me trazer um copo de água? Tem uma pessoa passando mal no banheiro!

Inspiro e expiro demoradamente quando volto a sentir suas mãos em meu cabelo, os segurando caso eu acabe vomitando novamente.

— O Coop...

— Ele está bem — Claire esclarece, me acalmando. — Entrou em uma briga com Josh, mas os caras do time conseguiram impedir a tempo de um grande desastre. Reid foi expulso da casa e Cooper está com a Ruby, lá embaixo. Te vi subindo a escada. Bastou um único olhar desesperado da sua melhor amiga para que eu viesse atrás de você.

— Obrigada — sopro.

— Não precisa agradecer — ela devolve.

Mas eu preciso. Sei que sim.



25

AUSTIN

Quando o GPS me avisa que cheguei em frente à república e estaciono meu carro, franzo o cenho pela falta de movimentação e dos poucos veículos estacionados na rua. Desço da minha SUV, deslizando os olhos pela entrada da grande casa de dois andares. Há copos vermelhos de plásticos espalhados por todos os cantos, poluindo a grama. Alguns estão pisoteados, outros parecem intactos. Nenhuma música alcança meus ouvidos, e não há uma única alma acordada. Apenas um cara apagado de sono, deitado no banco em frente à casa.

Não sei ao certo o que rolou, mas a festa com certeza já chegou ao fim, mesmo que ainda esteja cedo.

Meu corpo todo é movido pela preocupação enquanto ando até o gramado. Riley não me chamaria aqui por nada. Sei que algo aconteceu.

Sem pensar muito, dou alguns passos até me aproximar do bêbado desmaiado, estendendo minha mão para roubar sua máscara. Ela é dourada, tem alguns detalhes em preto e cobre seu rosto por inteiro. Não sei de onde é, mas deve completar a fantasia que o universitário devia estar usando, antes de tirá-la e expor seu tanquinho.

Escondo meu rosto com ela antes de empurrar a porta, entrando na casa.

Todas as luzes estão acesas. O cheiro de cigarro impregna o ar, há garrafas de vidro e copos espalhados por todos os cantos, e os barris de cerveja já estão quase vazios. Assim como a república em si, que conta com

pouquíssimos convidados, mas que com certeza estava preenchida por inteira até poucos minutos atrás.

Tomo um susto ao tentar dar mais um passo, sendo impedido por um cara ruivo, de óculos quadrados e muitas sardas, fantasiado de tigre vermelho. A grande cabeça da fantasia está presa embaixo do seu braço, deixando seu rosto à mostra. Ele deve ser o mascote dos Red Tigers.

— Chegou tarde, cara — o ruivo avisa, com um tom de voz frustrado e um tanto ofegante. — A festa acabou. Rolou uma briga e os caras da república expulsaram todo mundo.

Ele passa por mim, em uma tentativa de se aproximar da porta, mas sou rápido o bastante para segurar seu braço. O ruivo volta a me encarar.

Ainda escondido atrás da máscara, limpo a garganta.

— Sabe me dizer onde Riley Weston está? Vim buscá-la.

Ele fica em silêncio por alguns segundos, como se estivesse pensando. E quando franze levemente o cenho, negando com a cabeça, sinto como se o sangue que corre pelas minhas veias se tornasse mais veloz. Tudo em mim fica tenso, preocupado demais.

— Não faço ideia — revela o tigre. — Mas Cooper Buck e Ruby Pike estão na cozinha. Eles devem saber.

Não fico para vê-lo ir embora. Apenas agradeço e dou as costas, entrando na casa com um desespero avassalador, fora do normal. Atravesso a sala em passos apressados, tendo de desviar de vários copos, algumas poças de bebida que foram derrubadas e de um outro cara desmaiado, caído no chão.

Ao chegar na cozinha, meus olhos encontram Ruby e Cooper, e algo dentro de mim se acalma um pouco. Bem pouco mesmo. Quase nada.

Mas essa sensação morre no instante em que percebo que a loira tem um saco de ervilhas congeladas nas mãos. E que o aproxima do olho roxo de Cooper.

Meu coração acelera até quase doer.

— Sabem onde Riley está? — É o que pergunto, sem hesitar sequer um único segundo, a voz saindo urgente, desesperada.

Sentada no chão, em frente ao balcão e ao lado do seu melhor amigo, Ruby traz seu olhar até mim. Ela me analisa em silêncio, desconfiada, descendo seus olhos pela minha roupa. E quando finalmente percebe que

ainda é a mesma camiseta branca e calça de moletom que eu estava usando mais cedo e se dá conta de quem sou por trás da máscara, sua expressão se suaviza.

— No banheiro. No segundo andar.

Como um raio, volto para a sala, subindo os degraus de forma tão apressada que poderia muito bem cair. Chego ao corredor, olhando para todos os lados, à procura da porta do banheiro. A primeira maçaneta que giro me leva a um quarto, onde sou recebido com xingamentos e gritos vindos de um casal seminu, que se agarrava antes de ser interrompido por mim. Fecho a porta sem hesitar, berrando um pedido de desculpas.

Paro em frente a uma segunda porta, já entreaberta. A empurro sem dizer nada, sentindo uma enxurrada de calmaria me atingir assim que Riley é a primeira coisa que vejo. Ela está debruçada sobre a tampa da privada, dormindo e claramente bêbada, mas pelo menos está salva e *bem.* Sem nenhum arranhão ou olho roxo, diferente do seu melhor amigo.

— Meu Deus... — É o que sopro, dando os primeiros passos para dentro do banheiro.

De repente, a voz que ouço me faz congelar.

— Ela dormiu há alguns minutos.

Lentamente, giro a cabeça, encontrando uma ruiva conhecida por mim, sentada no chão, a alguns passos de distância da porta. Sequer tenho tempo para processar o que está acontecendo quando uma Claire Jason vestida de coelhinha se levanta, se aproximando de mim. Ela estende a mão, me entregando o celular de Riley.

O aparelho que, com o cenho franzido, percebo que está desbloqueado.

Merda.

— Austin Crawford. — Sua voz atrai meus olhos de volta ao seu rosto. Sua feição é indecifrável, e um arrepio percorre meu corpo no instante em que me dou conta disso. *Ela pode estar puta para caralho comigo ainda. Ou não dar mais a mínima para a situação mal resolvida na qual nos enfiamos.* — Pelo pouco que te conheço, sei que ama ser reconhecido por onde passa. E por estar usando uma máscara que esconde seu rosto por inteiro e pelo fato de ter vindo resgatar a filha do seu treinador, imagino que esteja tentando se esconder de todos nesta casa. —

Não sei como responder. Abro e fecho a boca algumas vezes, ainda sentindo cada músculo do meu corpo coberto de choque, cada mínima parte paralisada. Quase pulo de susto quando Claire se aproxima ainda mais de mim e pousa a mão no meu ombro. Os olhos da ruiva recaem sobre Riley, ainda dormindo, debruçada sobre a tampa da privada. — Cuida dela, tá legal? Ela bebeu muito. Não está bem. E se te chamou, foi porque confia em você.

Riley Weston confia em mim. Mesmo surpreso diante de uma Claire Jason que não se aproveitou do momento para me xingar pelo que acredita que fiz a ela, esse é o único pensamento que toma minha mente. Riley *confia* em mim.

Não hesito antes de me afastar da ruiva, indo até minha colega de apartamento. Me agacho ao lado de Riley, fazendo um breve carinho em seus cabelos antes de finalmente pegá-la no colo, tentando ao máximo ser cuidadoso.

Antes que eu possa deixar o banheiro com Weston nos braços, porém, a voz de Claire chama a minha atenção novamente.

— Fica tranquilo, Crawford. — É o que ela solta, segurando a porta para nós. Em sua voz, não há remorso algum. Apenas preocupação com sua capitã de equipe. — O segredo de vocês está a salvo comigo.

Me esforço para abrir um sorrisinho agradecido em sua direção.

— Obrigado, Claire.

A vejo retribuir o gesto antes de finalmente deixar o banheiro, com uma garçonete apagada em meus braços.

Desço a escada com cuidado, voltando à sala. Ruby e Cooper estão no sofá agora. E além do saco de ervilhas congeladas no olho, o capitão também tem um no punho, que está vermelho e machucado.

Quem será que Cooper socou? E quem fez isso com o seu olho?

Encaro a garota dorminhoca em meus braços, decidindo que amanhã ela terá muito para me contar.

— Riley está bem? — Ruby questiona, preocupada. Ela se levanta do sofá em um pulo, se aproximando de nós.

Faço que sim com a cabeça.

— Está. Vou levá-la para casa agora. Quer uma carona?

Ela nega no mesmo instante, apontando para o melhor amigo, ainda no sofá. Cooper sequer parece se importar com a minha presença em sua casa, apesar de sempre fazer questão de deixar claro o quanto me odeia. Hoje ele parece… agradecido por eu ter vindo. Além de estar claramente puto com o que ocorreu aqui esta noite, seja lá o que tenha sido.

— Vou ficar um pouco mais, esperando o valentão ali se acalmar. — É o que Ruby diz. — Posso voltar de *Uber* para casa. Fica tranquilo.

— Certo.

Me despeço dos dois, recebendo apenas um grunhido de Cooper em resposta. E quando deixo a república, tendo que desviar de copos vermelhos de plástico a cada passo que dou, carregando uma estudante de 21 anos nos braços, tomo uma decisão. *A partir de hoje, odeio festas universitárias.*



Quando a porta dupla do elevador se abre, o deixo sem hesitar. A luz automática do corredor se acende quando dou os primeiros passos a caminho do meu apartamento, carregando Riley nos braços. Destrancar a porta é difícil, e sopro um xingamento quando a garota escorrega um pouco em minhas mãos, quase caindo no chão.

— Porra, Riley! — sussurro para mim mesmo, ciente de que ela está apagada. E bêbada. Muito bêbada. Caso contrário, seria impossível não ter acordado enquanto a colocava e a tirava do carro, como se fosse uma boneca frágil e feita de vidro, capaz de quebrar a qualquer instante.

Chuto a porta com o pé, ouvindo o estrondo de quando ela bate atrás de nós. Uso meu cotovelo para apertar o interruptor, iluminando a sala. E é só quando escuto a reclamação que me dou conta de que acabei de bater a cabeça de Riley na parede.

— Ai! — É o que ela solta, ainda em meus braços.

— Desculpa — peço baixinho, indo até o corredor. Antes de deixar a sala, porém, me livro da máscara que roubei para entrar na festa, a jogando sobre a poltrona.

Empurro a porta do seu quarto com o pé, entrando com ela no cômodo. Com cuidado, a deito em sua cama. Weston sequer hesita antes de se acomodar, ainda de olhos fechados, completamente tomada pelo cansaço da bebedeira.

Afasto os cobertores antes de parar em frente aos seus pés, determinado a tirar suas botas e a deixar mais confortável para descansar em paz. Mas quando tento puxar o calçado roxo do primeiro pé, falho miseravelmente.

Tem a porra de um laço! Um laço que eu não vi.

— Caralho, Austin! — resmunga Weston, se remexendo no colchão. Sua voz sai em uma mistura perfeita de rouquidão, exaustão e irritação. — Está me machucando.

— Desculpa — peço pela segunda vez nos últimos dois minutos, comprimindo os lábios em seguida.

Agora com a mão mais leve, desfaço o laço, finalmente conseguindo livrar um dos seus pés da bota apertada.

— Você bateu minha cabeça na parede e quase arrancou minha perna fora — acusa a versão bêbada da minha colega de apartamento. Um sorrisinho toma meus lábios. — Definitivamente não está sendo a minha pessoa favorita hoje, bonitinho.

Soltando uma risadinha, a livro da outra bota.

Meu coração se aquece assim que observo Riley se virar de lado no colchão, pronta para voltar a dormir. Dou a volta na cama, parando ao lado da sua cabeça. E inclinando meu tronco para frente, deixo um beijo no topo do seu cabelo.

— Eu não sou a sua pessoa favorita em nenhum dia. — É o que sussurro antes de me afastar.

O silêncio está tomando o quarto por inteiro quando me aproximo da parede, afundando a ponta do meu dedo no interruptor. A luz se apaga e se torna impossível enxergar a presença exausta de Riley Weston em sua cama, mas sua voz faz um trabalho perfeito ao alcançar meus ouvidos em meio à penumbra.

— Boa noite, bonitinho. — É o que ela balbucia.

Um sorriso incontrolável se molda em meus lábios.

— Boa noite, Baby Weston.

E então, simples assim, eu deixo o cômodo.



26

AUSTIN

O aroma de canela circula pelo apartamento, na manhã seguinte.

Fecho a porta do meu quarto após deixá-lo, já vestido para ir à academia da arena com Michael, antes do treino opcional. O cheiro único se torna mais forte à medida que atravesso o corredor, chegando à sala.

Riley está sentada em um dos banquinhos em frente ao balcão da cozinha. A maquiagem de ontem à noite ainda tinge seu rosto, borrada e manchada em vários pontos. Seus olhos parecem caídos, exaustos. E eu poderia muito bem dizer que ela está péssima, mas seria a mais sincera mentira.

Riley Weston não conseguiria ficar feia nem se tentasse.

Um resmungo a escapa assim que seus olhos me encontram.

— Acho que exagerei um pouco ontem...

Dando os últimos passos em sua direção, sorrio, arqueando uma sobrancelha.

— Acha?

Ela choraminga, escondendo seu rosto com as mãos. Paro ao seu lado, beijando o topo da sua cabeça, onde fios de cabelos exageradamente pretos se encontram em um emaranhado bagunçado. Ao me afastar, franzo o cenho ao notar o que ela está vestindo.

— Essa camiseta é minha?

— Sim — Riley solta, voltando a me olhar. Meu coração dá um pulo patético assim que o pensamento de que Weston escolheu usar uma peça de roupa minha por livre e espontânea vontade atravessa minha mente. Ela dá

de ombros. — Acordei com a fantasia de ontem e, por algum motivo, vim direto para a sala. Minha cabeça estava doendo demais para pensar no que estava fazendo e a sua camiseta foi a primeira coisa que encontrei, jogada na poltrona. Espero que não se importe.

— Nem um pouco. — A encarando fixamente, permito que um sorrisinho se forme em meus lábios. Lanço uma piscadela. — Gosto de te ver com a minha camiseta. Ainda mais se me disser que não tem nada por baixo dela além da sua calcinha.

Rio assim que Riley acerta um tapa em meu ombro, desviando do segundo, que tenta dar logo em seguida.

— Você é péssimo, Crawford — solta ela, me olhando indignada enquanto chacoalha a cabeça em negação.

Não afasto o sorriso do rosto durante todo o curto percurso que faço até a geladeira, em busca de algo para comer de café da manhã. No instante em que a abro, porém, o que encontro me faz franzir o cenho. O aroma de canela se torna ainda mais intenso, alcançando minhas narinas de forma direta.

— Isso aqui são *cinnamon rolls?* — pergunto, um tanto impressionado.

Como Riley pôde ter paciência para cozinhar de ressaca?

— Sim — responde ela. Pegando a vasilha com uma das mãos, eu a encaro. Weston dá de ombros. — Tenho mania de cozinhar quando estou na merda.

Levanto as sobrancelhas, rindo um pouco.

— Trata isso como se fosse um momento terapêutico?

Riley crispa o nariz.

— Algo assim.

Intrigado por descobrir algo novo sobre ela, pouso a vasilha com os pães doces sobre o balcão. Pesco um deles, o levando à boca sem hesitar. E como já era o esperado por mim, o sabor é divino para cacete.

Fecho os olhos, soltando um gemido de aprovação.

Riley é realmente incrível na cozinha.

— Por favor, não se esqueça de mim quando se tornar uma confeiteira famosa — brinco, puxando um dos banquinhos para me sentar ao seu lado.

Dando outra mordida no doce de canela, ouço quando ela solta uma risadinha.

— Está tão bom assim?

— Está perfeito para caralho — respondo, de boca cheia. Ela ri mais uma vez. — Você não comeu?

— Não consegui. Ainda estou enjoada.

Devolvo metade do pão doce para a vasilha, focando os olhos na mulher ao meu lado. Um pouco incomodado com a distância que nos separa, estendo meu braço, puxando seu banco para mais perto do meu. Riley é pega de surpresa, piscando algumas vezes e apoiando sua mão no meu ombro, em uma tentativa de evitar se desequilibrar.

— Precisamos conversar sobre ontem... — É a maneira que resolvo começar. Quando me deitei na noite passada, milhares de dúvidas e questionamentos cruzaram minha mente. Quero saber o que aconteceu. Por que o olho do Cooper estava roxo? Por que Claire estava no banheiro com a Riley, ao invés da Ruby? Por que não havia quase ninguém na república quando cheguei? Engulo essas perguntas, escolhendo a que engloba todas elas. — O que aconteceu naquela festa, Baby Weston?

Riley suspira, se empertigando no assento.

— Eu bebi muito. — É como ela escolhe começar. — Em certo momento, Cooper percebeu que eu já estava alterada e tirou o copo da minha mão, me levando até um sofá. Ele me pediu para ficar sentada lá, enquanto buscava uma água para mim. E eu fiquei. Tanto que foi naquele momento que te mandei aquelas mensagens, confessando que queria que estivesse lá. — Riley faz uma pausa, suas bochechas se enrubescendo com a lembrança. Um sorrisinho impossível de ser evitado se repuxa em meus lábios. — Acontece que o Tigre Vermelho, que é o mascote dos Red Tigers, me encontrou e me pegou no colo, passando a correr comigo pela festa. Meu estômago se embrulhou ainda mais e me debati, implorando para que ele me colocasse de volta no chão. Só que quando isso aconteceu, não foi porque eu havia pedido. Muito pelo contrário. O mascote parecia disposto a continuar com aquela brincadeira ridícula. E não tenho dúvidas de que teria continuado, caso Josh Reid não tivesse aparecido.

Travo o maxilar no mesmo instante, sentindo o corpo todo ficar tenso ao ouvir o nome do seu ex-namorado. Cerro o punho ao lado do corpo,

tentando me controlar para não deixar meu mal-estar aparente.

Odeio esse cara.

— Josh foi convidado? — questiono, a voz mais rouca do que o normal.

Riley nega com a cabeça no mesmo instante.

— Não. Longe disso. Ele apareceu porque ama chamar atenção. Reid sabia que não era bem-vindo ali. Aquela é a casa onde Cooper mora, afinal. — Weston inspira profundamente, soltando o ar de um modo trêmulo, que revela muito bem que a presença de Josh a incomodou profundamente. — Eu estava passando muito mal. Me lembro de ouvir a voz irritada de Cooper gritar, mas não fiquei para ver o que aconteceria depois. Subi as escadas de forma apressada, entrando no primeiro banheiro que encontrei. Claire apareceu logo em seguida, me ajudando. Foi ela que mandou a mensagem para você.

Riley se encolhe um pouco ao dizer a última frase.

— Eu sei — revelo, observando a surpresa tomar o semblante da garota à minha frente. — Claire ainda estava no banheiro quando eu cheguei para te buscar. A gente conversou.

— Acha que ela me odeia? — Em um misto de preocupação e insegurança, Riley morde o cantinho do lábio inferior.

Nego no mesmo instante, sendo sincero.

— Não. Por incrível que pareça, acho que ela nem *me* odeia mais — conto, dando de ombros. — Ou talvez estivesse tão preocupada com você, que conversou comigo normalmente, sem me encarar como se quisesse ter uma faca nas mãos para cortar o meu pau. — A risadinha que consigo arrancar da garganta de Riley faz meu dia por completo, mesmo ainda sendo bem cedo. — De qualquer forma, a noite terminou bem, mesmo depois de tudo. Claire disse que guardará nosso segredo, e eu usei uma máscara para entrar na república, então ninguém além de vocês duas, Ruby e Cooper sabem que eu estive lá.

— Você chegou a ver como o Coop estava? Acordei com uma mensagem da Ruby hoje de manhã, me pedindo para dar notícias e dizendo que Buck saiu no soco com o Josh, antes dos outros caras do time interferirem e expulsarem o Reid da casa.

Ah, isso explica tudo.

— Ele estava com um olho roxo e os nós dos dedos machucados — revelo, para o espanto da Riley, que fica boquiaberta no mesmo instante. — Ao que parece, Josh apanhou feio, mas seu melhor amigo também.

Weston salta para longe do banquinho, preocupada.

— Vou ligar para ele — solta, parando ao meu lado. Sou surpreendido no instante em que a sinto estalar um beijo em minha bochecha, sussurrando em seguida. — Obrigada por ter ido me buscar, Crawford.

Sorrio, encarando seus olhos. Levo uma das mãos à sua cintura, firmando meus dedos na região, coberta pela *minha* camiseta.

— Vou parecer um cara de quase 30 anos se disser que agora acho que odeio essas festas universitárias?

Divertimento flutua em seu olhar.

— Você *é* um cara de quase 30 anos, Austin.

Enrugo o nariz em uma careta.

— Bom, mas eu não pareço tão velho assim. Tenho que aprender a disfarçar.

Riley ri, mas o som morre em sua garganta assim que a puxo ainda mais para perto, colando nossos corpos. Ela tenta se afastar, mas a impeço, mantendo o braço ao redor da sua cintura.

— Eu devo estar com cheiro de vômito. — É o que solta, me fazendo rir.

— Não mais, mas ontem você estava, sim.

Sua sobrancelha se arqueia em minha direção.

— E mesmo assim você me resgatou?

Permitindo que um leve sorriso tome meus lábios, assinto.

— Linda, eu te resgataria mesmo que estivesse coberta de xixi de cachorro.

Explodindo em uma curta risada, Weston inclina a cabeça para trás. Seus olhos azuis cintilam, e eu juro que observá-la assim, descontraída, poderia muito bem se tornar o meu passatempo favorito no mundo todo.

— Uau — sopra ela, salivando ironia. — Que romântico.

Dou de ombros antes de a lançar uma piscadela.

— Sei que sou.

Quando Riley finalmente consegue se afastar de mim, ainda está sorrindo. Ela deixa a cozinha, entrando na sala. Volto a encarar a vasilha

com os doces de canela à minha frente, soltando um suspiro pesado. Se a nutricionista do time soubesse que esse é o meu café da manhã de hoje, muito provavelmente me daria uma bronca.

Só neste momento me dando conta de que estou atrasado para encontrar Michael na academia da arena, me levanto do banquinho no mesmo instante, pegando um dos pães doces com a ajuda de guardanapo de papel em seguida.

— Riley — a chamo a tempo de vê-la entrando no corredor que leva aos nossos quartos. Seus olhos correm em minha direção, atentos. — Estou indo na academia com o Michael. Depois vamos para o treino. Temos um jogo em Seattle amanhã, e, apesar do treino ser optativo, seu pai pediu para que todos estivéssemos presentes.

— Certo — responde ela, abrindo um sorrisinho. — Bom dia para você.

Sem conseguir me conter, corro em sua direção, a rodeando em meus braços, em um abraço apertado. Um grande sorriso me acompanha durante todo o percurso e o pão doce de canela que seguro quase cai no chão no meio do caminho, mas consigo impedi-lo a tempo. Presa em meu toque, Weston solta uma risadinha.

— Eu preciso de um banho, Crawford — ela resmunga. — Estou fedendo a cigarro. Não deveria estar me abraçando.

— Deveria, sim — devolvo, a soltando. — E abraçaria mais, se não estivesse atrasado.

Ela ri de novo assim que a mando um beijo no ar, me afastando. Dou as costas, me aproximando da porta. E assim que giro a maçaneta, me lembro de um pedido que preciso fazer.

— Baby Weston? — a chamo, girando nos calcanhares e me virando para ela.

— Hã?

— Por favor, tente ficar longe de bebidas alcoólicas hoje.



Odeio fazer atividades aeróbicas na academia, apesar de entender que é importante. Para mim, não tem graça nenhuma. Prefiro mil vezes correr

ao ar livre a em cima de uma esteira e se pudesse escolher, viria para este lugar apenas para fazer musculação.

Mas não tenho opinião sobre o meu treino. E muito menos sou eu quem monto ele.

— Acha que temos chances em Seattle amanhã? — É o que Michael Parker questiona, ofegante.

A academia da Capital One Arena está vazia, apenas ocupada por mim e pelo asa direita ao meu lado, que também anda sobre a sua esteira. Solto uma lufada de ar por entre os lábios, sem acreditar que ele está mesmo me perguntando isso.

— É óbvio que temos! — exclamo, sem nem ao menos precisar pensar duas vezes. — Já esqueceu de como foram os nossos últimos jogos, Parker? Estamos detonando. Os Kraken não devem nem estar com esperança de uma possível vitória para o lado deles.

Michael solta uma risadinha, mas não responde nada, deixando o assunto morrer.

Meu coração está acelerado graças ao exercício quando foco meus olhos no meu amigo e colega de time. E de repente, a imagem de Parker e Ruby juntos toma minha mente. Ainda não conversei com ele sobre isso, mas minha garganta está coçando para tocar no assunto desde que chegamos à arena, cerca de uma hora atrás.

Conheço Michael. E me sinto péssimo por pensar assim, mas as grandes de ele quebrar o coração da Ruby são gritantes.

— Então... — começo a sondar, diminuindo o ritmo no painel da esteira. Quando volto meu olhar a Parker, ele já está me encarando. — Como foi o seu *Valentine's Day*? Não conversamos sobre isso ainda.

Um sorriso toma seus lábios.

— Foi bom. Muito bom.

— Caden me disse que você saiu com uma garota. — Tento ser direto, me esforçando para fingir que sei muito menos do que *verdadeiramente* sei. — Foi bom? Você não me disse nada.

Os olhos de Michael ganham um brilho novo, como se a lembrança o enchesse de felicidade. Me controlo para não franzir o cenho ao observá-lo assim, todo bobinho.

É estranho para cacete.

— Foi. Ela é incrível.

Sem paciência para continuar com rodeios, decido ir direto ao ponto.

— Sei que está saindo com Ruby Pike, Parker.

A expressão no rosto de Michael se transforma no mesmo instante, sendo coberta de confusão.

— O quê? Como?

— Ela estava lá em casa ontem. Ouvi a indignação de Riley e quase me engasguei quando descobri.

Ele solta um longo suspiro, levando a ponta de um dos dedos até o botão vermelho à sua frente, parando a esteira. Imito seu gesto, saltando para longe do aparelho que usava.

— Olha, cara... — Michael começa, soando sério. Seus olhos fuzilam os meus, como se temesse passar menos credibilidade ao desviá-los. — Eu gosto da Ruby. Gosto muito. Muito mesmo. E sei o que você vai falar... Sei que, como é o maior cadelinha da Riley, vai me pedir para...

— Ei! Eu não sou cadelinha de ninguém — o interrompo, indignado.

Michael solta uma risadinha, sem me levar à sério. Permito que uma carranca tome meu rosto no mesmo instante.

— Enfim, o que estou querendo dizer é que se o seu medo é que eu machuque a Ruby, pode ficar tranquilo. — Ele dá de ombros. E por algum motivo, vejo sinceridade em cada uma das suas palavras. — Não sou perfeito, Crawford. Nem você. Mas aposto que também se esforça para não ser um tremendo babaca com a Baby Weston. Sei que nessa altura do campeonato, se ela te odiasse, você se odiaria também. E é exatamente assim que me sinto com a Ruby. Não nos conhecemos há muito tempo, mas com ela tudo é diferente. É como se...

— Como se ela te fizesse sentir a melhor versão de si mesmo — ao perceber a dificuldade de Michael para encontrar palavras boas o bastante para se expressar, completo, pensativo. Meu tom de voz sai mais baixo do que o habitual. Porque é exatamente assim que me sinto quando estou com Riley.

O jogador sorri, se aproximando de mim. Parker pousa uma de suas mãos sobre o meu ombro, a fechando e fazendo uma pequena pressão em minha pele.

— Exatamente — sopra ele, soltando uma risadinha logo em seguida, achando graça de algo. — Quem diria que nós dois nos apaixonaríamos um dia, hein? — Tento processar suas palavras, mas congelo. *Apaixonado? Eu não estou...* O pensamento some como fumaça pelos ares no instante em que Michael dá tapinhas em minhas costas. — Daqui a alguns dias, Ruby vai fazer uma apresentação de fim de inverno no auditório da Washington Burney. Vem comigo. É óbvio que Riley também vai estar lá, e vocês podem aproveitar da situação para ficarem juntos em público, sem se preocupar em serem vistos. Ela será apenas uma universitária, que vai prestigiar a melhor amiga, e você será o meu acompanhante da noite. — Michael bate nas minhas costas mais algumas vezes, mantendo um sorriso no rosto. — E aí? O que me diz?

Ainda um tanto desnorteado, graças ao papo de "estar apaixonado", demoro alguns segundos para processar suas palavras. E quando finalmente consigo separar os lábios, torço para não me arrepender da minha resposta.

Pois, tomando uma respiração profunda, digo: — Tudo bem. Eu topo.



27

RILEY

O treinador Barnes lança um olhar sério para Cooper e Josh quando os dois entram com o time no campo da W.B.U.

Hoje é o terceiro dia desde a confusão na festa da república. Cooper me contou que ele tentou esconder a briga do treinador, mas foi impossível. Todos os alunos estão falando. Além de Josh e ele serem os únicos jogadores do Red Tigers com um olho roxo. O Sr. Barnes iria perceber, mesmo se a Washington Burney inteira se juntasse para deixar tudo sob os panos e evitar uma possível bronca para os dois atletas. Fred Barnes não é burro. Conhece seus jogadores.

De longe, cercada pelas garotas da minha equipe de torcida, pompons e uniformes em branco e vermelho, franzo o cenho ao observar o treinador Barnes conversando com Josh. O jogo de hoje é contra a Georgetown University, e enquanto todos os atletas se posicionam em seus devidos lugares, Josh fica para trás, sendo orientado a se juntar aos nossos reservas.

Reid não fica nenhum pouco feliz com isso, bufando após tirar o capacete. Ele chuta a grama sintética antes de se aproximar do restante do time, no banco.

— O treinador deve estar mais furioso com ele do que com Cooper. — Ouço a voz de Claire dizer, assim que a garota para ao meu lado.

A lanço um olhar, tendo que afastá-lo logo em seguida, quando é Ruby quem começa a falar. Minha melhor amiga está perfeita, com os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo alto e linhas de tinta vermelha manchando as bochechas.

— Acho que não. — Ela enruga o nariz, ao meu outro lado. — Ele apenas sabe que Cooper é insubstituível em campo, diferente do Josh. Reid pode ser bom, mas não chega aos pés do nosso capitão. E saber disso deve enchê-lo de raiva.

Solto uma risadinha, ciente de que essa é a mais pura verdade.

— Sinceramente, Riley, não sei como você foi capaz de se apaixonar por Josh — Claire comenta, na maior naturalidade do mundo. Ela faz uma careta ao me encarar. — Vocês dois não combinam nenhum pouco.

Dou de ombros, sem conseguir afastar um sorriso do rosto, julgando a minha própria história de relacionamento falho como engraçada.

— Pelo visto, Josh concordava com você, já que não pensou duas vezes antes de me trair.

A ruiva revira os olhos, levando um dos dedos para a boca em seguida, colocando a língua para fora e fingindo que vai vomitar. Solto uma risadinha ao ver a cena.

Quando o jogo começa e os atletas passam a lutar para ver quem chega mais vezes na *endzone* do adversário, sinto meu coração mais leve. Depois que Claire descobriu sobre Austin e eu na festa da república, pensei que ela ficaria furiosa comigo. Mas pelo visto, não foi isso o que aconteceu.

A lanço um breve olhar, a observando assistir o jogo, gritando o nome do Cooper. Seus olhos brilham, como se houvesse admiração de verdade flutuando por eles.

É quase como se ela não desse a mínima para a recém-descoberta. Ou estivesse focada demais em suas prioridades, decidida a não deixar nada a atrapalhar pelo caminho.

Como se agora Cooper Buck fosse uma das suas prioridades.

Sorrio diante desse pensamento, voltando a atenção ao jogo. Meu melhor amigo merece ser feliz. E sei que desde que apareceu em sua vida, Claire fez seu coração bater mais forte.

Assim como minhas colegas de equipe, passo a gritar e a torcer pelo nosso time. Gosto de futebol americano, mas não sou apaixonada, como acontece com o hóquei. Apesar de ser o principal esporte dos Estados Unidos, ele ainda é um pouco sem graça aos meus olhos. Não me traz a mesma adrenalina de assistir caras patinando sobre o gelo, quase se matando para acertar o disco na rede do gol.

É diferente. Bem diferente.

Na noite de ontem, por exemplo, enquanto assistia ao jogo dos Capitals contra o Seattle Kraken, sentia que meu coração estava prestes a pular pela boca. E quando ganhamos e a câmera se focou em Caden e Austin comemorando juntos, em um abraço, fui inundada por uma enxurrada de alívio. Soltei o ar que nem percebi que estava segurando.

Ontem de manhã, antes de ir para Seattle, Austin me garantiu que seria um jogo fácil. Mas não foi bem assim. O time adversário estava bem mais agressivo do que o normal, e nossa vitória foi sofrida.

— Riley — ainda ao meu lado, me fisgando para longe dos meus pensamentos, a voz de Ruby me chama. A encaro, encontrando seu rosto um pouco apreensivo. Seu olhar aponta para um ponto fixo ao longe, e assim que o sigo, um arrepio percorre a minha espinha. Sentado no banco, Josh Reid tem seus olhos castanhos fixos em mim. E seu semblante está longe de ser considerado normal. É como se, por algum motivo, Josh estivesse furioso. — Ele parece obcecado.

As palavras de Ruby me fazem travar. E durante o restante do jogo, apesar de ainda conseguir sentir o olhar do meu ex-namorado me fuzilando a cada instante, me esforço para camuflar o incômodo que isso me causa. Abro um sorriso no rosto e torço pela vitória dos Red Tigers, assim como uma boa capitã faria. Mesmo isso sendo difícil para caralho.



Tiro o avental da Bloom Café às pressas quando chego em casa, à noite. Austin estará aqui em cerca de uma hora e preciso estudar antes disso, se quiser ficar tranquila com ele, apenas preocupada em ouvir tudo o que tem para me contar sobre o jogo de ontem.

Pego um copo de suco de laranja na cozinha antes de seguir até o meu quarto, onde me livro da roupa que fui trabalhar. Visto um moletom preto e um shorts jeans, seguindo para a pequena mesa de canto, onde meu computador e alguns cadernos e livros estão.

Antes de começar a estudar, porém, silencio o meu celular, que passou a tarde toda recebendo notificações. Depois da vitória dos Red Tigers no jogo de hoje, minha universidade foi à loucura. Literalmente todos os grupos de mensagens dos alunos foram preenchidos por

enxurradas de comemorações, fotos e ofensas para a Georgetown University.

Vai ser impossível me concentrar com ele apitando no mínimo uma vez a cada minuto.

Antes de bloquear a tela, porém, envio uma curta mensagem para Austin, avisando que já estou em casa. Não me surpreendo quando ela não chega a ele. Crawford está no avião do time, voltando para Washington, D.C.

Prendendo o cabelo em um rabo de cavalo alto, passo a me focar nas anotações que fiz durante as aulas. Demoro um bom tempo para me organizar antes de começar a estudar de verdade. Com o computador ligado, analiso alguns *slides* que meu professor de cozinha nutricional passou, resumindo o mais importante.

Me perco no tempo. Sequer vejo os minutos passarem, tão concentrada que poderia me esquecer de tudo ao meu redor. Bom, de *quase* tudo. Porque na hora que o som da porta principal do apartamento sendo aberta alcança meus ouvidos, volto à realidade subitamente, dando um salto para longe da cadeira.

E acabei de dar o primeiro passo para o corredor quando a figura de um Austin igualmente apressada barra meu caminho. Ele abre um sorriso largo ao me ver, e eu retribuo, me jogando em seus braços, como se fizesse meses que não nos víamos, e não apenas um dia.

E ao ter seu toque sobre mim e seu corpo colado ao meu, me sinto de volta em casa. O que é estranho, considerando que não fui eu quem saí daqui.

— Você está com cheiro de...

— Café? — indago, me afastando minimamente para encará-lo nos olhos. Austin faz que sim com a cabeça. Solto uma risadinha. — Derrubei um saco inteiro no chão da cozinha da Bloom Café hoje. Estamos servindo um doce novo, que apelidamos criativamente de "brigadeiro de café", porque é um brigadeiro com... Ah, você entendeu!

Ele ri, entrelaçando suas mãos atrás da minha cintura, ainda me rodeando com seus braços.

— Sabia que eu gosto de café?

Uma linha fina e impossível de ser contida toma meus lábios.

— Jura?

— Uhum. Muito.

A voz dele faz minha pele formigar. Seus dedos pressionam minha cintura, e no instante em que ele se inclina um pouco, quebrando a diferença de altura existente entre nós e aproximando seu rosto do meu, é como se borboletas ganhassem vida em minha barriga.

— Se lembra quando disse que estava com saudade de te beijar? Estou assim agora. Só que pior. E você fica linda para caralho de cabelo preso. — São as últimas coisas que Austin solta antes de tomar meus lábios nos seus.

Sou pega de surpresa, mas não demoro muito para fechar os olhos, focando em ter sua boca na minha.

De início, é um beijo calmo, mas logo se torna intenso, urgente demais. Quando apoio meus braços em seus ombros e enfio meus dedos em seus cabelos, Crawford solta o som mais sensual que já ouvi. Um ruído grave e rouco. Ondas de calor percorrem meu corpo no mesmo instante, formigando a pontinha dos meus seios e descendo um pouco mais.

Seus lábios quentes se afastam dos meus, escorregando até o meu pescoço, onde, com a boca parcialmente aberta, ele traça um caminho de beijos molhados até a minha clavícula. Sinto o leve empurrão que me dá, pressionando minha cintura, e ofego assim que minhas costas vão de encontro à parede gelada do corredor.

Suas mãos deslizam pelo meu quadril, entrando por baixo do pesado moletom que uso, tateando de leve a parte de baixo dos meus seios. Um gemido sufocado me escapa. Ao perceber que estou sem sutiã, Austin congela. Ele passa a ponta da língua no lábio inferior, me encarando com seus olhos azuis em chamas, faiscando desejo.

Engulo em seco, sentindo o peso do seu olhar sobre mim.

— Crawford...

— Cama?

— Por favor. — Minha voz sai quase como um sopro, fraca demais.

E quando vejo, nós dois estamos entrando no meu quarto. Nos tocando sem parar, desesperados por contato. Eu me agarro a ele, viciada em ter seu corpo contra o meu. Austin me guia até a cama, e separo nossos lábios apenas para me livrar do moletom. Aproveito também para tirar o

short, ficando apenas de calcinha. Quando me deito no colchão e ele se posiciona em cima de mim, voltando a mover sua boca sobre a minha, é com uma intensidade que acaba com o fôlego dos meus pulmões.

Porra. Poderia ficar aqui para sempre.

Esqueço quem sou quando suas mãos tocam meus seios, os apertando devagar. Gemo quando Austin volta seus lábios para o meu pescoço, distribuindo beijos pela região. E ofego ao sentir a ponta calejada dos seus dedos rasparem meus mamilos enrijecidos.

Puta. Merda.

Quando ele desce mais um pouco, chupando um dos meus seios, posso jurar que minha visão fica preta por alguns segundos, meus sentidos sendo engolidos pelo prazer. Ouço um zíper sendo aberto, e quase pulo de susto assim que Crawford alcança minha mão com a sua, descendo até a sua calça. Ele ergue o queixo, encontrando meus olhos com os seus. E naquela imensidão de azul, um questionamento silencioso está implícito. Ele só precisa da minha permissão.

Sem hesitar, faço que sim com a cabeça, incapaz de proferir qualquer palavra neste momento. Crawford enfim leva minha mão para dentro da sua cueca, e sinto meu corpo todo formigar quando o assisto fechar os olhos e separar os lábios, soprando um gemido baixo, que vem do fundo da garganta.

— Porra, Riley...

Enquanto o acaricio, decido que essa é a minha visão favorita no mundo todo. Seu rosto. Bem assim.

As mãos de Austin retornam para o meu corpo, e não saberia colocar em ordem o que acontece em seguida. Quando me dou conta, já estou sem calcinha. E Crawford está me tocando. Com a mão livre, puxo sua cabeça para mim e choco nossos lábios, abrindo a boca para receber sua língua.

O modo como ele acaricia meu clitóris é impressionante. É como se soubesse exatamente a velocidade que deve usar e quanta pressão deve fazer. Quando dois dos seus dedos entram em mim, fecho os olhos, arquejando. Preciso separar minha boca da sua por um tempo, tomando ar. Seus olhos azuis permanecem fitando meu rosto, e os ruídos que escapam pela sua garganta enquanto o acaricio poderiam muito bem ser a minha perdição.

Sem aviso, Austin afasta a minha mão de dentro da sua calça. Um vazio me toma assim que seus dedos me deixam, mas logo sou preenchida por uma ansiedade fora do comum. O assisto escorregar pelo colchão, traçando uma linha de beijos da minha barriga até o ponto entre minhas pernas. Suas mãos passam pelas minhas panturrilhas e agarram minhas coxas com força, as separando ainda mais. Quando enfim sinto sua língua me tocar, correndo pelo meu clitóris, grito com a onda de prazer que invade meu corpo.

E, puta que pariu... Austin sabe *exatamente* como fazer.

O prazer ardente se acumula entre minhas pernas, fazendo meu corpo todo tremer. Sons ofegantes escapam por entre meus lábios, e deslizo uma das mãos até os cabelos de Austin, os agarrando.

— Caralho... — sopra ele, baixinho. — Você é deliciosa, Baby Weston.

Sequer tenho tempo para processar suas palavras. Porque antes que eu possa fazer isso, percebo que Austin está *se tocando*. Sua mão se move rapidamente dentro da cueca, ocupando o lugar da minha, que fazia a mesma coisa há alguns minutos.

Ainda sendo levada à loucura ao sentir sua língua entre minhas pernas, agora chupando meu clitóris, o ouço ofegar com dificuldade.

E isso basta. Com o orgasmo se espalhando pelo meu corpo em ondas elétricas e intensas, meus músculos estremecem e vejo estrelas através das pálpebras fechadas.

Melhor. Colega de apartamento. De todos.



28

AUSTIN

O auditório da Washington Burney é um dos maiores que já vi.

Michael e eu estamos nos bastidores, acompanhando Riley e Cooper, que se esforçam ao máximo para acalmar uma Ruby com falta de ar e prestes a surtar. No palco à nossa frente, uma dupla de garotas está cantando *Bohemian Rhapsody,* do *'Queen'*, e o fôlego delas é de impressionar. Usando vestidos brancos combinando, elas dançam e trocam de lugar enquanto performam, em uma sincronia perfeita. Fica mais do que claro para todo mundo que ensaiaram milhares de vezes até deixar tudo no ritmo.

Faz quase uma hora que Michael e eu chegamos na universidade, atraindo vários olhares curiosos e tirando algumas fotos com fãs em meio ao caminho até o auditório, que ainda estava iluminado pelas luzes amarelas, com as cortinas fechadas e preenchido por uma música baixinha e irritante. E assim que encontramos Riley, ela se mostrou extremamente apreensiva, nos puxando até o camarim onde Ruby estava.

Quando entramos na sala, Cooper estava ao lado da loira. Ele revirou os olhos ao notar a minha presença e isso, por algum motivo, me fez rir. Não sei o porquê, mas às vezes sinto que Cooper Buck não me odeia mais, como costumava odiar. Ele até que gosta de mim. Mas jamais vai admitir isso.

Riley ajudou Ruby a finalizar a maquiagem enquanto Cooper repetia diversas vezes que ela tinha ensaiado e que estava pronta, se esforçando para transmitir certeza na voz. Michael e eu ficamos no canto do cômodo, sem saber muito o que fazer. Pelo olhar do meu amigo, vi que ele se sentiu

culpado por isso. Culpado por não saber como ajudar ao ver a garota que gosta — e possivelmente a única que já gostou de verdade na vida — insegura daquele jeito. Mas quando Weston finalmente finalizou a maquiagem em Ruby, Michael se aproximou dela. E juro por Deus que a expressão no rosto da loira mudou apenas por estar perto dele. Foi como se ela se acalmasse, mesmo que minimamente.

Michael conseguiu distrair Ruby por pouco tempo, até ela ser chamada para o palco. E então acabamos aqui, escondidos nos bastidores enquanto esperamos as duas garotas terminarem de se apresentar e nos preparamos para assistir Ruby cantando.

Isso não demora muito para acontecer. Em um instante, palmas explodem por todos os cantos e as duas universitárias deixam o palco, passando por nós ao entrarem nos bastidores. E no outro, uma mulher que imagino ser a professora de Ruby dá um empurrãozinho, como se avisasse que é hora de entrar em cena. Alguém anuncia no microfone que Pike é a última apresentação da noite.

Um silêncio ensurdecedor preenche o auditório enquanto Ruby se posiciona atrás do piano. Ela se senta no banquinho, estendendo um dos braços para alterar a altura do microfone, o deixando no mesmo nível da sua boca. Assisto quando inspira e expira profundamente, tomando cuidado para não soltar o ar no microfone.

E então, a magia acontece. Os dedos de Ruby são delicados ao irem de encontro às teclas do piano, tocando os acordes de abertura de *People Watching,* do *'Conan Gray'*. E quando sua voz finalmente sai, afinada e potente na medida certa, sinto os pelos do meu braço se arrepiarem. Porque... *Uau.* Ruby Pike é incrível para caralho.

Os holofotes focam nela, iluminando seu longo vestido azul e seu cabelo loiro, que cai ao redor do seu rosto como cascatas, o emoldurando. E permanecendo encarando-a maravilhado, me questiono por que caralhos essa mulher parecia prestes a ter um ataque cardíaco há alguns minutos. Ruby tem uma das vozes mais bonitas que já ouvi em toda a minha vida. E definitivamente não sou o único a pensar isso. Porque no instante em que encaro Cooper, Riley e Michael, os três estão com seus olhos vidrados na estudante de música. Riley e Cooper a encaram de um modo que transborda

orgulho. Já Michael, a olha com olhos que gritam *"eu estou apaixonado para cacete"*. E eu sorrio, pois nunca o vi assim.

Deve ser bom não precisar mascarar seus sentimentos. Desde que cheguei na universidade, Riley falou o mínimo possível comigo. Evitamos estar próximos, mesmo que estivéssemos apenas diante da presença dos nossos amigos no camarim. Qualquer um poderia entrar lá. Qualquer professor. E entendo que Riley deseja esconder nossa proximidade, com medo de que alguém acabe descobrindo sobre nós e ligando os pontos em relação ao seu paradeiro.

Mas queria poder beijá-la ou ao menos segurar sua mão em um local público. Na frente de qualquer pessoa que não saiba do nosso segredo. De qualquer pessoa *mesmo.*

Porque estou cansado de escondê-la.

Agora com os olhos vidrados em Riley, que permanece a alguns passos de distância de mim, sinto o coração se apertar assim que ouço a letra que sai pelos lábios de Ruby. A letra que diz sobre um cara que um dia se apaixonará sem cautela, mas que, por agora, está apenas observando pessoas.

E percebo que eu sou esse cara.

Porque no instante em que a música acaba e Ruby se levanta, se afastando do piano de forma apressada antes de se aproximar de nós e puxar Michael pelo colarinho, o arrastando com ela para o palco, um choque de realidade toma meu corpo. E o baque se intensifica ainda mais quando a assisto esmagar seus lábios aos dele, em frente à plateia. Em frente às centenas de pessoas aqui presentes, que gritam e aplaudem de pé.

Eu quero isso, é o que penso.

Assim que deslizo meu olhar de volta à Riley, ela já está me encarando, como se soubesse o que se passa em minha mente agora. E pelos seus olhos azuis, é como se um pedido de desculpas cintilasse.



EXCLUSIVO! MICHAEL PARKER FOI FLAGRADO AOS BEIJOS COM LOIRA DESCONHECIDA NO PALCO DA WASHINGTON BURNEY UNIVERSITY!

Por Mia Rivis Washington News

No fim da tarde de hoje, nossa equipe recebeu uma foto de um estudante anônimo, que dizia estar na plateia do auditório da Washington Burney University, no evento de fim de inverno. Na imagem, um casal estava aos beijos, no palco montado dentro da universidade. E ao ler a mensagem que o anônimo enviou, percebemos que se tratava de Michael Parker, um dos jogadores do Washington Capitals.

O estudante se referiu à loira da foto como Ruby Pike e nos contou que Austin Crawford foi visto pelo campus da W.B.U, pouco antes das apresentações começarem. Ao que parece, ele estava acompanhando o amigo, que foi presenciar a apresentação de Ruby.

Será que temos um novo casal no Washington Capitals?

Às vezes me assusto com o quanto a mídia pode ser rápida.

Faz uma hora desde que Riley e eu chegamos no apartamento. Ela veio com seu Jeep, e eu com a minha SUV, evitando deixar qualquer pista da nossa proximidade ao deixar a universidade. E agora estamos sentados no sofá, devorando a pizza de calabresa que pedimos, enquanto *Gente Grande* passa na televisão à nossa frente.

Sua perna está sobre a minha, e meus dedos fazem um carinho preguiçoso em sua coxa. Por mais que os olhos de Riley estejam focados na tevê, sei que sua mente se encontra uma confusão, com um turbilhão de pensamentos se fazendo presente dentro dela. Com o tempo, aprendi a decifrar seu olhar. E o que compõe seu rosto agora é vago demais, desconcentrado demais.

Levo minha mão à boca, terminando o pedaço de pizza que devorei em menos de dois minutos. Mantendo o foco em Riley, engulo antes de a chamar.

— Baby Weston? — Seus olhos correm até mim imediatamente. Ela arqueia uma sobrancelha. Sorrio, pois até quando tenta ser séria, Riley ainda consegue ser fofa para caralho. — Está tudo bem? Você parecia meio distante...

Ela faz que sim com a cabeça, falhando ao tentar me convencer.

— Só estou cansada. O dia na Bloom Café foi cheio hoje.

Semicerro os olhos em sua direção, ainda acariciando sua coxa.

— Não acredito em você.

Por algum motivo, isso a faz soltar uma risada fraca. Riley devolve seu pedaço de pizza pela metade para dentro da caixa, que deixamos aberta sobre a mesinha de centro. Em seguida, ela desliza pelo sofá, se aproximando de mim. Levanto um pouco o braço para que ela se acomode, encostando a cabeça no meu peito. Weston ergue o queixo, me encontrando com seus perfeitos olhos azuis.

— Posso te fazer uma pergunta, Crawford?

— Claro.

— Promete que vai ser sincero?

Sorrio para ela, levando minha mão para perto da sua, estendendo meu mindinho. Ouço a curta risadinha sufocada que Riley solta ao entrelaçar nossos dedos.

— Promessa de dedinho.

Ela não volta a me encarar, mas sinto quando seu corpo relaxa ainda mais sobre o meu. Weston respira fundo, como se tomasse coragem.

— Você se incomoda comigo?

Franzo o cenho no mesmo instante, sem entender de onde isso veio.

— *O quê?* — Minha voz sai mais aguda do que o normal, indignada. De onde Riley tirou isso, caralho?

A envolvo com meu braço, sentindo seu corpo murchar sobre meu toque.

— Não sei. — Ela dá de ombros. — É que hoje, no auditório, você... — Weston faz uma pausa, suspirando, tomando tempo para pensar nas palavras que vai usar. E quando ela volta a falar, cada sílaba sai rapidamente pelos seus lábios. — No auditório, depois da apresentação da Ruby, quando ela e Michael se beijaram na frente de todo mundo... Você se sentiu mal por isso? Se sentiu mal por não podermos fazer isso também? Por termos que

nos esconder, evitar estar perto um do outro em público e voltar em carros diferentes, mesmo que estejamos indo para o *mesmo* lugar*?* Porque depois daquela apresentação, comecei a refletir se não sou um peso para você. Se não estou te impedindo de seguir a vida, roubando seu espaço e dormindo no seu apartamento sem pagar um único centavo das contas. Se você não seria mais feliz se pudesse voltar a trazer mulheres para a sua casa e agarrá-las em público, sem se preocupar comigo ou com o que eu vou...

Riley só para de falar quando uso uma das minhas mãos para tapar a sua boca. Ela se contorce sob o meu toque, infeliz com a interrupção.

— Weston, pelo amor de Deus! — exclamo, perplexo com todas as baboseiras que acabei de escutar agora. — Você sequer está se ouvindo? Tudo o que falou foi ridículo. — Afasto minha mão da sua boca assim que Riley tenta me morder. Rio um pouco, mas minha risada morre na garganta quando ela se movimenta sob meus braços, se virando para me encarar. A expressão em seu rosto deixa bem claro que odiou a forma como eu a calei. Mas não me importo. Agora é a minha vez de falar. Levo os dedos da mão-quase-mordida para seu queixo, o segurando de leve, a fazendo me encarar nos olhos. Quero que preste atenção no que tenho a dizer. — Eu adoraria poder te beijar em público, sim, mas *só* você. Não quero outras mulheres. Não penso mais em outras mulheres. *Só* em você. Desde o maldito dia em que bateu no meu carro. Tudo tem sido sobre você e apenas você. E, puta merda, Baby Weston, você está longe de ser um peso para mim.. — Solto uma curta risada sufocada, porque ela pensar assim é ridículo para caralho. — Não faz ideia de como é bom chegar em casa e te encontrar. De como é bom dividir *cada e*spaço desse apartamento com você... Não faz ideia *mesmo.* — Acaricio sua pele com a ponta dos dedos, a observando me encarar com atenção. Uma leve linha feliz se curva em seus lábios. — Eu adoro a sua companhia. *Porra, a*doro todos os minutos do meu dia em que estamos juntos. Cada maldito segundo.

Riley agarra meu pulso, se derretendo um pouco sobre o meu toque, com um sorrisinho bobo presente em seu rosto. E é adorável para caralho.

Weston cola nossos lábios em um selinho rápido e preciso me conter para não a segurar pelo pescoço e puxá-la para um beijo de verdade, que fará com que entenda de uma vez por todas que ela *não* é um peso na minha

vida. Que está muito longe disso. Porque tudo melhorou quando encontrei Riley Weston dormindo naquele maldito Jeep em meio àquela madrugada.

— Tenho uma confissão a fazer — Riley solta, próxima ao meu rosto. Desconfiado, arqueio uma sobrancelha, arrancando dela uma risadinha. — É sério. Você precisa levar em consideração que eu estava entediada e...

— Fala logo.

Ela ri mais uma vez, se dando por vencida.

— Certo. Então... Enquanto você estava em Seattle, eu liguei aquele jogo que você é viciado e passei de fase. — Ela morde o lábio inferior, como se temesse a minha reação. E tudo o que eu faço é piscar. Repetidas vezes. Completamente em choque. Mas que porra... — Isso fere o seu ego?

Uma gargalhada me escapa assim que ouço sua pergunta. Foco meu olhar no seu, sendo completamente sincero na resposta.

— Linda, se você ao menos tivesse ideia de quanto tempo gastei tentando passar aquela merda, estaria surpresa. — Riley sorri, parecendo aliviada. Fecho minha mão em sua garganta, a puxando para outro selinho. Ela mal se afastou quando sussurro. — Além disso, isso apenas te torna ainda mais gostosa aos meus olhos.

Weston se envergonha um pouco, pegando de volta seu pedaço de pizza na caixa. Quando volta a deitar a cabeça no meu peito, dou um beijo no topo do seu cabelo, sem conseguir afastar o sorriso do rosto.

Porque eu poderia pensar em mil maneiras diferentes de passar a noite de hoje com Riley, mas nenhuma delas chegaria aos pés da que está realmente acontecendo.

Ela é única. E cada momento com ela também.

E agora entendo que aquilo que dizem sobre o amor, sobre ele nos atingir de forma sorrateira, da maneira mais inesperada e improvável possível, é verdade. Porque Riley Weston já foi o meu improvável. E cá estamos nós.

E não sei mais se estou apaixonado, como Michael disse ontem, quando estávamos na academia. Acho que vai além disso. Que é mais forte que isso.

Acho que talvez eu a ame.



Quando o filme termina, Weston está dormindo. O ronco baixinho que escapa pelos seus lábios me faz morder o lábio para segurar um sorriso, e pego o meu celular para gravá-la, me negando a perder a oportunidade.

Com cuidado, me levanto do sofá e a pego no colo, a segurando pelas costas e coxas. Sua cabeça tomba em meu ombro, e aproveito a oportunidade para deixar um beijo em sua testa.

Riley não acorda até chegarmos em seu quarto. Quando a coloco na cama, porém, ela resmunga, se mexendo. Sua mão se fecha em meu pulso, e o que sai da sua boca é baixinho.

— Austin — ela me chama.

Congelo no lugar, ao lado do seu colchão. Uso o polegar da minha outra mão para fazer carinho na sua, que ainda prende o meu pulso.

— Oi, linda?

Riley finalmente abre os olhos. Ela boceja, sonolenta. E então sorri.

— Na noite da festa da república, quando chegamos em casa, você também me carregou no colo e disse que não era a minha pessoa favorita em nenhum dia... — Tenho vontade de rir com a lembrança. Riley boceja mais uma vez antes de concluir seu raciocínio. — Bom, você estava errado. — Suas palavras me pegam de surpresa, e de repente meu coração se encontra derretido. Riley puxa sua mão para longe da minha. — Porque você é a minha pessoa favorita, bonitinho.

E antes mesmo que eu possa ter pelo menos três segundos para processar suas palavras, Weston já se virou de lado no colchão, ficando de costas para mim. Fico parado no lugar, sem reação. Minutos depois, quando ela já está roncando baixinho de novo, eu ainda não me movi. Não me movi porque ainda estou tentando encaixar tudo o que aconteceu nesta noite na minha cabeça.

Foi a primeira vez que conversamos sobre nossos sentimentos em relação a esse relacionamento estranho que temos. Foi… diferente. E extremamente bom ao mesmo tempo.

Quando finalmente consigo sair do lugar e ir até o interruptor na parede, ao lado da porta, foco meus olhos em Riley pela última vez hoje.

E então, percebo. Percebo que ela, além de ser o meu *segredo* favorito, também é a minha *pessoa* favorita. E é bom saber que também sou a sua.



29

AUSTIN

Quando deixo o banheiro após tomar banho, na manhã seguinte, sou surpreendido ao sentir um aroma de baunilha flutuando pelo ar, alcançando minhas narinas.

Franzo o cenho ao pensar na pessoa que está preparando a receita, seja ela qual for.

Está cedo. Mais cedo do que Riley e eu estamos acostumados a acordar. Tenho que estar no avião do time em menos de uma hora, mas ela não me disse ter nenhum compromisso além dos de sempre, já acomodados em sua rotina.

Quando chego à cozinha, ela está inclinada em frente ao forno, com uma grande e grossa luva vermelha cobrindo uma das mãos.

— O que está assando? — pergunto, a assustando. Rio ao ver Riley pular de susto, se virando para mim em seguida.

Seu cabelo se encontra bagunçado, suas bochechas amassadas e ela ainda está vestida com o mesmo pijama da noite passada. Um short de malha curto e uma camiseta larga, que simplesmente decidiu roubar do meu guarda-roupa.

— Biscoitos da sorte. — Weston abre um sorrisinho meigo, já recuperada do susto. — Para o seu jogo de hoje.

Meu coração se aquece no mesmo instante. Sem me conter, dou a volta no balcão, me aproximando de Riley. A agarro pela cintura, a puxando para um selinho rápido de agradecimento.

Puta merda. Como alguém consegue ser tão perfeita?

Quando movo meu olhar para a portinha do forno, agora aberta, solto uma risadinha, voltando minha atenção para Riley.

— Isso são cookies, linda.

Ela dá de ombros, me roubando outro selinho.

— Cookies da sorte — esclarece, com uma linha fina se curvando em seus lábios. — Fiz com farinha de amêndoas, chocolate amargo e uma dose extra de proteína. É o tipo de doce que a nutricionista do time ficaria feliz de te ver comendo.

Acho graça, varrendo uma mecha teimosa do seu cabelo para trás da sua orelha.

— Está com um cheiro ótimo. Posso levar alguns para o avião?

— Com certeza! — Riley exclama.

Sorrio em agradecimento, tomando seus lábios nos meus mais uma vez.

— Preciso terminar de me arrumar e sair. Não posso me atrasar — digo, mantendo as mãos firmes em sua cintura. Uma fraca risada sobe pela minha garganta no instante em que me dou conta de uma coisa. — Por favor, me diga que não acordou mais cedo apenas para fazer cookies da sorte para mim.

Ela se encolhe sob o meu toque, um tanto envergonhada.

— É... — começa, com as bochechas levemente vermelhas de vergonha. — Foi isso mesmo o que aconteceu. — Quando a lanço um olhar indignado, Weston se apressa em continuar. — Mas foi só porque eu sei que suas viagens vão demorar mais do que o habitual agora. Queria me despedir direito.

A puxo para outro beijo, sentindo meu peito arder. *Porra*, vou morrer de saudade dessa garota.

Quando volto para o corredor, indo até o meu quarto, é impossível não pensar em inventar uma desculpa qualquer, apenas para não ter que viajar com o time hoje. Algum reserva poderia muito bem entrar no meu lugar. Estamos no topo da tabela, e um jogo ou outro não fará muita diferença. Mas, por mais que a ideia de continuar perto de Riley nos próximos dias seja tentadora, não posso fazer isso. Tenho um compromisso com o time. É o meu trabalho. E com o fim da temporada regular cada vez

mais próximo, tenho que dar o meu máximo. Quero conquistar a Stanley Cup, afinal.

Abro meu guarda-roupa, escolhendo um largo moletom preto com capuz e o vestindo em seguida, sobre a camiseta confortável que coloquei após o banho. Calço as meias e os tênis antes de terminar de guardar algumas coisas na mala, fechando o zíper dela logo em seguida. Passo meu perfume favorito, o enfiando dentro da mochila que também vou levar comigo. E quando termino tudo, ficando completamente pronto para sair, arrasto a mala de rodinhas e levo a mochila nas costas, de volta à sala.

Riley está sentada no sofá, me esperando. Ela se levanta assim que me vê, me entregando um saco com os cookies da sorte dentro dele.

Um sorrisinho impossível de ser contido toma meus lábios.

— Obrigado, Baby Weston.

Quando me inclino para beijá-la, porém, Riley se esquiva. Franzo o cenho, sem entender.

— Tem mais uma coisa — esclarece ela, erguendo um pouco a mão, onde uma fitinha lilás é segurada. A confusão que toma meu corpo se intensifica ainda mais. Weston sorri. — Vi isso em um filme uma vez e pensei que, sei lá, talvez pudesse ser legal... — Sua voz sai meiga e envergonhada, e meu coração dá um salto no mesmo instante. — É a fita de um dos meus aventais na Bloom Café. Ela rasgou ontem e eu a cortei. — Riley dá de ombros, segurando a minha mão, a puxando em sua direção. Quando começa a amarrar a fitinha em volta do meu pulso, entendo tudo. E o sorriso que toma meus lábios é tão grande, que fico com medo da minha mandíbula se romper. Weston foca seus olhos azuis nos meus. — É bobo, eu sei... Mas é só para te desejar boa sorte. E te fazer lembrar de mim, caso pense que não vai dar conta em meio a algum jogo. Porque vou estar torcendo por você, mesmo que de longe. — Continuo apenas encarando-a, completamente maravilhado. Riley sorri. — Queria poder te assistir jogar de perto.

Meu peito derrete na mesma medida que se aperta. E então, antes de ir embora, eu a puxo para mim mais uma vez. Meus dedos fazem pressão em sua cintura, e meu batimento cardíaco se transforma por estar tão próximo a ela, entrando em disparada. Pode passar o tempo que for, meu

corpo sempre reagirá à presença de Riley Weston da maneira mais boba possível.

Quando as palavras escapam pelos meus lábios, sorrir é inevitável.

— Linda, não preciso de uma fitinha para me lembrar de você. Essa é a única coisa que tenho feito nos últimos meses.



Jogar contra o Toronto Maple Leafs sempre me deixa com um frio diferente na barriga. Estamos na Scotiabank Arena, em Toronto, no Canadá. E talvez seja porque cresci sendo um torcedor fanático do time e me inspirando nos jogadores que já o representaram — como o gigante Nikolai Ivanov —, mas enquanto patinamos para dentro do gelo e ouvimos os gritos da multidão nas arquibancadas, me sinto maravilhado.

Porra, eu amo o meu trabalho!

— Crawford, foque no Anthony Samson e no Brian Winters. — É o toque que Caden me dá ao patinar por mim. — É importante nos atentarmos aos melhores jogadores deles.

Faço que sim com a cabeça, ciente disso. O treinador Weston fez questão de repetir esses nomes durante as últimas reuniões que tivemos na sala de mídia. Os Leafs em geral são incrivelmente bons, mas Anthony e Brian são nossas principais ameaças esta noite. Além de Benjamin Harris, a porra do goleiro que mais parece um muro do que qualquer outra coisa.

O início da partida é favorável.

Michael consegue arremessar o disco na rede adversária com poucos minutos de jogo e nós conseguimos manter Toronto fora da nossa área durante a maior parte do primeiro período. Até que falhamos. Dilan faz uma burrada ao abrir para Anthony Samson, que voa em direção ao gol como um foguete. Nosso goleiro não é bem-sucedido ao tentar conter o disco, e o central do Toronto marca.

Os gritos e assobios que vem dos torcedores são muito mais altos do que quando o ponto foi nosso. Estamos no Canadá, afinal. E esta arena é a casa deles.

O restante do período segue sem pontos. Quando somos dispensados, indo para o vestiário, o nervosismo de George Weston é evidente, por mais

que o jogo esteja empatado. Ele grita algumas palavras duras, chamando a atenção de alguns jogadores. De Dilan, principalmente.

Amo o cara, mas ele vacilou feio. E sei que agora se culpa por isso.

— O que vocês querem, porra? — grita George Weston. — Voltar para os Estados Unidos sentindo o peso de uma derrota nas costas? — Todos nós respondemos que não, em uníssono. Bebo mais um gole da minha garrafa de água, sentindo a garganta queimar devido ao esforço que é estar no gelo. — É da Stanley Cup que estamos falando, cacete! Competitividade, vigor, estrutura e consistência, isso vale o troféu.

De repente, o time todo está de pé, gritando palavras positivas e dando energia uns aos outros. E eu continuo sentado, com o cenho franzido e um sorrisinho idiota estampado no rosto. A frase que George acabou de dizer foi exatamente a mesma que escutei sair pelos lábios de Riley, há um tempo, quando ela foi almoçar comigo e os caras.

Lançando um olhar para o meu pulso, onde sei que, por baixo da *jersey,* há uma fitinha lilás, me pergunto se minha colega de apartamento não aprendeu aquilo com o pai.

Quando o segundo período começa, repetimos o mesmo que aconteceu no primeiro. Logo nos minutos iniciais, marcamos. Dessa vez, é graças ao Caden. Comemoro com meu melhor amigo antes de voltarmos a dar total foco ao *puck.* A mudança na atitude do nosso time é evidente e claramente sentida pelos adversários, que se sentem mais pressionados. Eles se esforçam para mudar o jogo, sendo mais agressivos, mas Dilan e eu mostramos o porquê de estarmos aqui, jogando na liga profissional. Nossa defesa é incrível e impedimos o Toronto de marcar.

O terceiro período segue perfeitamente bem. Dois gols nossos, e um do Toronto, graças a uma falha do goleiro.

Quando ouço o apito final soar, respiro fundo, processando os números estampados no placar. Um sorriso de orelha a orelha ganha vida em meu rosto.

Quatro a dois. Mais uma vitória para o Washington Capitals.



— Não acredito que estamos mesmo bebendo drinks sem álcool. — É o que um Michael indignado sussurra, baixinho o suficiente para que

apenas eu ouça. Engulo uma risada no mesmo instante, me contendo ao máximo para não gargalhar.

Estamos em um bar renomado de Toronto. Depois do jogo, Dilan deu a ideia de sairmos para comemorar a vitória, aproveitando a oportunidade para reunir o time em um momento descontraído, em que podemos apenas conversar, sem nos preocupar com táticas adversárias, tacadas ensaiadas e a tão temida tabela da temporada. Alguns jogadores negaram, dizendo preferir ir para o hotel descansar, mas a maioria aceitou. Inclusive o treinador Weston, que é o grande responsável por nossos drinks sem álcool.

Não temos nenhum jogo amanhã, mas tenho certeza de que nenhum de nós está desejando receber um olhar afiado de George, apenas por sentir bebidas descendo queimando a garganta.

O clima que toma a grande mesa é leve. Os caras riem, brindam, beliscam os aperitivos que pedimos e falam sobre suas vidas. A parte delas que *não* envolve o esporte. O que é bom, porque acabo descobrindo coisas que nem imaginava sobre aqueles que não sou muito próximo. Como Frankin Pallmer, nosso goleiro substituto. Jogo com o cara desde que entrei no time e só hoje descobri que ele tem duas filhas gêmeas. Ou como Greg Thompson, por exemplo. Nunca imaginei que ele fosse casado.

— Aproveitando que entramos no assunto de relacionamentos... — A voz grossa do treinador nos faz calar a boca. George pigarreia, deslizando seus olhos até Michael, que sentado ao meu lado, se encolhe um pouco na cadeira. Preciso morder um sorriso e me esforçar para manter a risada na garganta. Sei *exatamente* qual assunto Weston irá trazer à tona. Michael também, já que pelo seu olhar, noto uma considerável camada de desespero cintilar. — Parabéns, Parker. Vi a matéria sobre o seu relacionamento com Ruby Pike. — George faz uma breve pausa. E aposto que esses três segundos de intervalo se tornam os piores da vida de Michael. — Você deve saber que Ruby é a melhor amiga da minha filha. Portanto, tente não quebrar o coração da garota. Ela é importante para Riley, então também é importante para mim. As duas não se desgrudam. Até moram juntas.

Um calafrio atravessa meu corpo no instante em que ouço suas últimas palavras. Coço a garganta e me endireito na cadeira, tentando demonstrar naturalidade. Do outro lado da mesa, sentado próximo ao treinador, Caden me lança um olhar um tanto desesperado, mas ninguém

parece perceber. Todos estão focados demais em Michael. E na sua falta de resposta.

Chuto a canela do asa direita por baixo da mesa, o fazendo estremecer, como se voltasse à realidade e percebesse que precisa falar alguma coisa.

— Ah, sim... Claro, treinador. Não vou fazer nenhuma merda.

Sua voz trêmula e nervosa faz com que a mesa exploda em gargalhadas. Até mesmo George ri um pouco, sem conseguir se controlar.

Minha barriga está doendo quando sinto meu celular vibrar, no bolso da calça de moletom. O pego no mesmo instante, torcendo para ser Riley. Não vou conseguir atendê-la agora, mas é bom saber que ela se preocupou em me ligar para me parabenizar pela vitória. Quando viro a tela do aparelho para cima e leio o nome do contato, porém, sou surpreendido ao notar que não é ela, mas sim a minha mãe.

Sem hesitar, atendo a ligação, levando o aparelho à orelha.

— Alô, mãe? — Tapo o outro ouvido com a mão, tentando amenizar o barulho do bar e as gargalhadas e piadinhas que continuam rolando na nossa mesa. — Estou meio ocupado agora, talvez não consiga te ouvir muito bem. Aconteceu alguma coisa?

Mesmo com todos os sons externos, seu choro desesperado é perfeitamente audível. Assim como suas palavras, que me atingem com o mesmo poder de uma bigorna sendo jogada sobre os ombros.

— *Ele* foi embora, Austin. E eu perdi tudo.



PARTE TRÊS

COMO TUDO DESANDOU



30

RILEY

Sopro a fumaça do cigarro pelos lábios, passando a droga para Claire, em seguida. Com a cabeça deitada nas pernas dela, Cooper faz uma careta, soltando um som enojado. Ruby ri da reação do capitão, se sentando ao meu lado.

Estamos no topo das arquibancadas vazias do campo de futebol americano. O treino das líderes terminou há alguns minutos, e Cooper está matando aula ao nos fazer companhia, enquanto o restante das meninas da equipe está no vestiário. Os uniformes suados em nossos corpos são a mais verdadeira prova de que deveríamos estar lá também.

Mas precisava de um tempo sozinha. Mal consegui me concentrar no treino, de tão cheia que a minha cabeça tem estado nos últimos dias. Claire e Ruby pareceram notar, já que, ao contrário do que era desejado por mim, me impediram de ficar apenas na minha própria companhia. Elas estão preocupadas comigo.

Eu também estou, para ser sincera. Preocupada e com medo de ter feito alguma besteira que justifica a repentina mudança no comportamento de Austin comigo.

— Ei, Weston. — A voz de Coop me chama. Giro a cabeça, encontrando seus olhos. Ele franze os lábios, ainda deitado nas pernas da sua ficante, ou seja lá o que Claire e ele são. — Desembucha. Faz dois dias que você está com essa mesma cara.

Tento me fazer de desentendida.

— Que cara?

— De merda.

Sua sinceridade me faz rir, mas logo a graça acaba. Pego o cigarro das mãos de Claire, dando mais uma tragada, tomando tempo. Suspiro antes de começar a falar.

— Austin está estranho. Desde o jogo em Toronto, quando eles ainda estavam no Canadá. Algumas horas depois, eu mandei uma mensagem, o parabenizando pela vitória, e ele nem respondeu. — Dou uma pausa, lutando contra todas as milhares de perguntas que se embaralham em minha mente. — Desde então, tem sido extremamente seco comigo. E sendo bem sincera, não faço ideia do que pode ter acontecido, ou do que eu posso ter feito. Nós estávamos bem há cinco dias, antes de ele ir viajar. Estávamos ótimos, para falar a verdade. — Uma risada sem humor escapa pelos meus lábios. — Nunca estivemos tão bem.

A expressão que toma o rosto dos meus amigos é pensativa.

Cooper é o primeiro a falar.

— Quando ele volta?

Me encolho um pouco.

— Hoje à noite. O time foi para Nashville, para o jogo de ontem.

— Talvez ele esteja seco porque está cansado — sugere Ruby, dando de ombros. Seu olhar deixa claro que nem ela acredita nisso.

— Ou na correria... — Claire emenda, se juntando à tentativa de me tranquilizar.

Sorrio para as duas, grata por isso.

Tive uma conversa muito sincera com Claire nesta semana. Contei sobre todos os motivos que me levaram a morar com Crawford e o porquê de mantermos nossa proximidade em segredo. A pedi desculpas por tê-la "traído", já que sempre soube do seu passado com o defensor. Ela me falou para desencanar e sorriu, me abraçando e dizendo que estava feliz por me ouvir dizendo que minha relação com Austin é *diferente.* E que ele me mostrou ser alguém que jamais pensei que fosse.

— Para de sofrer com antecipação e espera ele chegar para conversarem, Riley — Cooper sugere, se sentando. — Ficar criando centenas de teorias e acreditando que a culpa é sua só vai piorar as coisas.

Concordo com a cabeça, desviando o olhar para encarar meus próprios pés.

E então, decido qual será a primeira coisa que vou perguntar para Austin assim que ele chegar em casa.



Horas mais tarde, estou esparramada no sofá da sala, encarando o teto, com o celular apoiado na barriga. A calmaria do apartamento não ameniza a preocupação e a ansiedade que dominam minha mente.

Austin já deveria estar aqui. E observar o tempo passar, sem receber nenhuma notícia dele, é um tanto desesperador.

Crawford é uma das pessoas mais leves que conheço. Ele é tranquilo, sem neuras. E é isso o que me preocupa agora. Porque se tudo estivesse normal entre nós, ele não passaria cinco dias sem me enviar sequer uma única gracinha ou cantada barata por mensagem.

É como ele é. Simples assim.

Sinto o celular vibrar sobre a barriga e me sento no mesmo instante, desesperada ao pensar ser Crawford entrando em contato, buscando explicar o motivo do seu atraso. A pontada de desapontamento me atinge com força quando leio o nome do meu irmão na notificação da mensagem. Soltando um suspiro, desbloqueio a tela para responder.

Oscar: *Sei que talvez vá ficar brava comigo por estar me metendo, mas falei com George hoje. Ele me disse que você ligou para ele. Estava feliz demais por isso, Riley. Ele pode ter um coração de pedra muitas vezes, mas é seu pai. E te ama para caralho, não se esqueça disso. Sei que o que aconteceu entre vocês te machucou, mas não acha que já está na hora de resolver as coisas? Você pode tentar visitá-lo na arena. Ele vai ficar contente.*

Eu: *Estava pensando nisso essa semana. Vou encontrar um jeito de conversar com ele e a minha mãe. Também estou com saudade.*

Oscar: *Ótimo. Me mantenha atualizado.*

Mal acabei de ler o que Oscar escreveu quando o som de chaves sendo encaixadas na fechadura alcança meus ouvidos. Bloqueio o celular no mesmo instante, o deixando de lado.

A porta se abre, e um Austin silencioso a atravessa, a fechando em seguida. Carregando uma mala de rodinhas e uma mochila consigo, Crawford vai até a ilha da cozinha, onde as deixa. Ele sequer me encara durante o percurso, e minha preocupação se intensifica. Porém, quando toma uma respiração profunda e finalmente se vira para mim, meu coração se parte.

Em seus olhos, a dor é nítida. Seus ombros despencam, acompanhando as lágrimas que passam a cair pelo seu rosto. E tudo nele indica que está aliviado, ao mesmo tempo que destruído.

Aliviado por chegar em casa e finalmente poder desabar.

Franzo o cenho, paralisada no lugar, sem saber como agir. E quando Austin se aproxima de mim, se sentando ao meu lado e deitando sua cabeça em meu ombro, eu o envolvo com os braços, sussurrando para que se acalme.

É a segunda vez que o consolo enquanto chora em meus braços nesse mesmo sofá. A diferença é que agora, não faço ideia do porquê. E que o que aconteceu, seja lá o que tenha sido, influenciou o seu comportamento por completo, o transformando em uma pessoa fria e distante nos últimos dias.

— Minha mãe está vindo para os Estados Unidos.

A forma como Austin escolhe para iniciar a conversa me faz congelar.

— O quê? — pergunto em um sopro, sendo pega de surpresa.

Seu choro é silencioso, mas posso sentir lágrimas molhando a manga da minha blusa. O aperto mais contra mim, desejando poder sugar toda a sua dor.

E eu aqui pensando que o problema era o nosso relacionamento... Me sinto patética agora.

— Depois do jogo em Toronto, fomos comemorar em um bar — inicia ele, fungando em meio às palavras. Sua cabeça se ergue e seus olhos azuis se focam nos meus. — Minha mãe me ligou naquela noite,

desesperada. Ela me contou que perdeu tudo, até mesmo a nossa casa. Não me deu detalhes de como aconteceu, mas disse que foi culpa do babaca do Bob Jacob.

A raiva na voz de Austin ao falar o nome do cara é tanta, que poderia muito bem fazer qualquer um estremecer.

Franzo o cenho levemente, perdida.

— Bob Jacob?

— É, o namorado viciado dela. Ele provavelmente se envolveu em alguma merda, fodendo com tudo. — Austin respira fundo, fechando os olhos. Suas pálpebras tremem enquanto tenta se acalmar, sendo engolido por um misto de fúria e tristeza. Quando volta a me encarar, solta uma risadinha desacreditada, completamente sem humor. — Kleah estava triste porque Bob foi embora sem se despedir, Riley. Minha mãe estava *triste,* porque aquele filho da puta a *enganou* e *acabou* com a sua vida antes de ir embora.

Estremeço quando ele se afasta dos meus braços, inclinando o tronco e batendo fortemente com o punho na mesa de centro, em frente ao sofá.

O corpo de Austin se move quando ele volta a chorar, escondendo o rosto no meio das mãos. E eu me sinto a pior pessoa do mundo por não ser capaz de ajudá-lo. Nunca vivi ou presenciei alguém passando por uma história como a de Kleah Crawford. Já conheci mulheres que carregavam uma forte dependência emocional por um parceiro, mas nunca foi nesse nível. Elas não se colocavam em enrascadas ao escolher namorados apenas porque achavam que poderiam salvá-los. E se aconteceu, foi apenas uma ou duas vezes. Não durante a vida toda.

Isso é triste para caralho.

— Onde a sua mãe está agora? — pergunto quando percebo que Austin se acalmou um pouco, mantendo a voz baixa. Em uma tentativa de demonstrar apoio, pouso minha mão em suas costas.

— Ainda em Vancouver, em um hotel que reservei para ela — responde a sua voz trêmula.

— E quando ela vem para cá?

Sinto seu corpo se movimentar, acompanhando o suspiro pesado que escapa pelos seus lábios.

— Daqui a poucos dias. Já comprei a passagem.

Assinto quando ele volta a erguer os olhos, me encontrando com aquela imensidão de azul. Uso o polegar para secar uma lágrima na sua bochecha, e Austin solta uma risadinha fraca, apesar da carga pesada que a situação atual carrega.

— Você deve estar me achando patético...

— O quê? É lógico que não! — respondo de imediato, o impedindo de pensar assim por mais um único segundo sequer. Seguro seu rosto entre as mãos. — Eu imagino como tudo isso deve doer para caralho, bonitinho. De verdade. Não posso dizer que entendo, mas posso imaginar.

Um sorrisinho repleto de pesar toma meus lábios. Os olhos de Austin permanecem fitando os meus, com uma intensidade sem medida.

— E eu sinto muito — sopro, me controlando para não começar a chorar também. — Mas estou aqui, Crawford. Por você e para você. Sempre que precisar.

Ele sorri, tomando meus lábios nos seus. O beijo é salgado, mas tem gosto de casa.

Nunca notei o que acontece quando entendemos pela primeira vez que amamos alguém. Na minha vida, o termo "eu te amo" sempre saiu pelos meus lábios de forma espontânea. Algumas vezes, nem foi verdadeiro. Mas com Austin, eu noto. E é exatamente neste momento, com seus lábios nos meus, logo após ouvir seu desabafo, secar suas lágrimas e ter passado dias preocupada com ele, que eu entendo.

Eu o amo. O amo para caralho.



Quando acordo na manhã seguinte, estou sozinha na cama. Não faço ideia de que horas são, mas o sábado e a falta de compromisso me permitem ignorar esse fato.

Afasto o pesado edredom do meu corpo, me espreguiçando antes de saltar para longe do colchão de Austin. Foi uma noite turbulenta, com direito a choro, sorvete de pistache, muitos beijos e uma das melhores fodas da minha vida — o que explica eu ter acordado apenas de calcinha.

Antes de deixar o quarto, abro uma das portas do guarda-roupa de Austin, pegando a primeira camiseta que encontro, a vestindo sem hesitar.

Quando chego à sala, ele está sentado no sofá, calçando os tênis para ir para o treino. Um sorriso rasga seu rosto assim que nota a minha presença, e seus olhos deslizam pelo meu corpo.

— Acho que acabei de perder outra camiseta, não é?

Dou de ombros, rindo um pouco.

— Talvez.

Suas mãos agarram a minha cintura assim que me aproximo, parando entre suas pernas.

— Já está indo para a arena? — Austin faz que sim com a cabeça. — Dá tempo de eu tomar um banho rápido antes de você sair? Queria tomar meu café da manhã junto com você.

O sorriso em seu rosto se alarga.

— Dá, sim.

— Ótimo. — Me inclinando, beijo o topo da sua cabeça. Me afasto dele, dando os primeiros passos até o banheiro. — Prometo ser rápida.

A risadinha que Austin solta em resposta deixa implícito que ele duvida muito disso, mas ignoro, entrando no banheiro. Mal fechei a porta quando ouço a campainha tocar. Franzo o cenho, imaginando quem pode estar aqui a essa hora da manhã.

A porta se abre. E alguns poucos segundos passam antes de ela se fechar de novo.

Dou de ombros, pensando que talvez tenha sido apenas o porteiro. Mas quando já estou nua, prestes a entrar no box e ligar o registro do chuveiro, a mesma coisa se repete.

A porta abre. E logo em seguida, se fecha. A batida é bruta desta vez, causando um estrondo.

Tomada pela confusão, me enrolo em uma toalha antes de deixar o banheiro, espiando do corredor. E assim que faço isso, sou tomada por uma forte pontada de desapontamento, que se espalha por todo o meu corpo.

Porque Austin Crawford não está mais aqui.



31

AUSTIN

Minhas mãos estão tremendo quando entro na minha SUV, me sentando em frente ao volante. Foco em respirar fundo, sentindo como se estivesse à beira de um ataque de pânico. Encaro o envelope entre meus dedos, e uma onda de desespero avassaladora me invade.

Quando o porteiro tocou a campainha e eu me levantei para atendê-lo, jamais imaginei que receberia uma encomenda tão ruim. O agradeci antes de fechar a porta, o desejando um bom dia. Pensei que fosse uma carta de algum fã, que conseguiu encontrar meu endereço. Mas para a minha surpresa, quando abri o envelope, o conteúdo que havia dentro dele me fez querer gritar.

Primeiro observei cada uma das fotos. As imagens que continham registros meus e de Riley em vários momentos. Na maioria delas, estávamos saindo ou entrando na garagem do prédio. Ela estava dirigindo o Jeep, e eu o meu carro. As outras foram tiradas no período da noite, em frente à república em que Cooper mora, no dia da festa à fantasia. Em algumas, estou sozinho, deixando a SUV. Ainda não tinha roubado a máscara, então meu rosto estava completamente à mostra. Não sou descuidado. Me lembro de ter olhado antes de sair para a rua, procurando por alguém que pudesse me flagrar. Só não imaginava que teria uma pessoa escondida dentro de um dos carros. Muito menos que ela iria me fotografar, finalizando seu lindo portfólio com uma foto minha, colocando uma Riley bêbada no banco de trás do meu carro.

Depois, em um completo estado de paralisia, li os primeiros parágrafos da carta, que veio para acompanhar o que é claramente uma ameaça, feita por alguém que descobriu nosso segredo.

E a sensação foi de estar despencando.

Porque como se o plano ridículo para me assustar não bastasse, o que havia escrito nas primeiras linhas daquela folha foi capaz de abrir uma grande e profunda ferida no meu peito. Ainda mais porque *sei* que cada uma daquelas palavras carrega seu quê de verdade.

Me trancando dentro do meu carro, rasgo o envelope. Algumas fotos caem, se espalhando por todos os lados. As ignoro, pegando a maldita carta.

E quando volto a ler, a sensação é de ter alguém apertando meus pulmões. À medida que as palavras vão passando pelos meus olhos, a entrada do ar pelas minhas vias aéreas se torna cada vez mais inaceitável. Travo o maxilar com força, deslizando uma das mãos trêmulas até o joelho, o apertando com a ponta dos dedos, sobre o tecido da calça, sentindo toda a dor e ardência que isso causa.

Março de 2023.

Aposto que não esperava por essa, não é?

Chega a ser cômico lembrar de que você passou mesmo todo esse tempo acreditando que estava obtendo sucesso ao esconder uma garota fragilizada no seu apartamento. Pensou mesmo que ninguém iria descobrir, Crawford? Que se safaria dessa?

Olhe só para você... O pobre menino com a família destruída, que cresceu cercado por homens altamente problemáticos, acreditando mesmo que conseguirá fazer Riley Weston feliz algum dia. Você ao menos sabe por onde começar? Sabe como ser um bom parceiro, namorado ou um bom marido, no futuro? Seu pai te mostrou a receita antes de te abandonar ou foram os namorados da sua mãe, que foram capazes de te ensinar isso enquanto estavam batendo nela*?*

Porque, sinceramente, depois de tudo o que ouvi de um tio que é policial em Vancouver e que checou os registros da sua família, não me

impressiono em saber que você passou toda a sua vida sendo um grande filho da puta com as mulheres. Acredita mesmo que agora as coisas serão diferentes? O que irá mudar, Austin? Você ainda é a mesma pessoa. Quanto tempo acha que vai demorar até destruir o coração da Riley?

Ela ao menos sabe da história da sua mãe? Ao menos sabe que está fazendo exatamente *a mesma coisa que Kleah tanto gosta de fazer? Que está tentando te "salvar", após anos sendo um babaca com todas as garotas com quem se envolvia. Ela sabe, Crawford?*

Aposto que não.

Aposto que nem você tinha enxergado as coisas por esse ponto de vista até agora. Mas acredite, é exatamente isso que está acontecendo.

Você é um merda, assim como o seu querido pai. Assim como Finneas, Adam, Bob Jacob e todos os outros caras nojentos que vieram antes ou depois deles. Afinal, por que seria diferente? Esses homens são os seus exemplos, certo? Os únicos que passaram pela sua vida. Os que te viram crescer, mesmo que por um curto período de tempo, até estragarem a vida da sua mãe um pouco mais e se mandarem.

E nós conhecemos bem o fim dessa história, não? Kleah sempre se fode. Sozinha.

É isso o que você quer para a Riley? Que ela acabe como a sua mãe, depois de ter passado anos aguentando as merdas que você com certeza *vai fazer?*

Se gosta tanto dela ao ponto de manter um relacionamento secreto, Austin, aposto que sua resposta é não.

Então, é melhor que acabe com essa merda de uma vez e se afaste dela, para o seu próprio bem. Antes que eu faça sua história chegar nos ouvidos de George Weston e ele acabe afastando sua linda filhinha de você e de todos os seus perigos à força.

Ah, e não se esqueça! Estou te observando. Você tem até o fim do mês.

A carta cai no chão do carro quando chego ao ponto final. Não sei dizer ao certo em que momento comecei a chorar, mas sinto as lágrimas

escorregarem pelas laterais do meu rosto enquanto busco desesperadamente por oxigênio e aperto meu joelho com ainda mais força.

Abro a boca, tentando puxar o ar, mas é impossível. Nada acontece. Ainda parece que estou sufocando.

Meu coração se aperta até doer, entrando em um ritmo acelerado e desesperado. Há um grito preso na minha garganta, mas não conseguiria soltá-lo nem se quisesse.

Não
tenho
ar.

Porra.

Caralho...

Bato a parte de trás da cabeça contra o encosto do banco, a pressionando ali. Levo uma das mãos trêmulas até a boca, a apertando contra ela enquanto fecho os olhos com força, desejando poder desaparecer. Os soluços que escapam pelos meus lábios saem abafados.

Não sou como eles...

Não sou, eu não...

Sou?

Abro os olhos. E de repente o carro parece mais apertado, as paredes prestes a me engolir. Cada vez mais sufocado, levo a mão até a maçaneta, a puxando antes de abrir a porta e descer do veículo.

A garagem está escura e deserta, por mais que já seja de manhã. E quando sinto uma lufada de ar batendo contra o meu rosto, fecho os olhos, me concentrando na sensação de tê-la contra a minha pele.

Ainda estou chorando quando meus pulmões se enchem de ar e o ritmo do meu coração se acalma.



32

RILEY

Um segurança me acompanha enquanto caminho pela Capital One Arena, horas mais tarde. Disse para Oscar que viria conversar com o meu pai, em uma tentativa de consertar as coisas entre nós, e tenho que cumprir a minha palavra.

A última vez que estive aqui foi no ano passado. Nem acredito que já estou indo para o terceiro mês sem falar direito com meus pais. Ainda não perdoei George completamente, mas sinto que, assim como eu, ele também está disposto a deixar o orgulho de lado e manter uma conversa civilizada, consertando nossas indiferenças.

Vou me esforçar para tentar entendê-lo, mas preciso que faça o mesmo.

Quando chego na grade do rinque, o segurança finalmente me deixa seguir meu caminho sozinha. Deslizo os olhos pelos atletas dos Caps, que patinam pelo gelo e treinam suas tacadas para o gol. Vejo Caden, Dilan, Michael e todos os outros jogadores, mas não encontro Austin.

Franzo o cenho no mesmo instante, confusa. Quando ele deixou o apartamento hoje de manhã, pensei que fosse por conta de uma emergência. Que estivesse atrasado para vir à arena e apenas tivesse se dado conta disso naquele momento, após me dizer que tomaríamos café da manhã juntos.

Mas, pelo visto, não foi bem isso o que aconteceu.

— Riley? — A voz que escuto me faz paralisar.

Giro nos calcanhares, encontrando meu pai com o olhar. Ele está sentado em um dos primeiros assentos da arquibancada, com uma prancheta

nas mãos. George leva as mãos até os óculos quadrados que usa apenas para ler, os afastando do rosto, como se buscasse se certificar de que eu estou mesmo aqui e não sou uma alucinação que sua teimosia na frequente falta de uso dos óculos criou.

Sorrio para ele, meio sem graça. É a primeira vez que nos encontramos desde o dia que saí de casa sem dar explicações.

George se levanta, deixando a prancheta e o óculos de grau no assento.

— O que faz aqui?

Inquieta, balanço nos próprios calcanhares. O som de vozes e dos tacos e lâminas dos patins raspando contra o gelo, vindos do treino dos jogadores, é a única coisa que nos impede de ouvir um completo silêncio por alguns segundos, até eu finalmente tomar coragem para falar.

— Vim te ver — solto, com a voz saindo mais fraca do que o habitual. George falha ao tentar disfarçar o grande sorriso que toma seus lábios. Dou de ombros. — Oscar falou comigo ontem à noite. Ele disse que seria legal se eu te fizesse uma visita. Sabe, nós dois temos algumas coisas para resolver...

Meu pai muda de expressão no mesmo instante. Ele pigarreia e seu semblante se torna sério.

— Tem razão. — George coça a cabeça, como sempre faz quando está nervoso ou pensativo. No momento, acredito que seja por conta dos dois. — Vamos embarcar para mais alguns jogos amanhã, mas o que acha de marcarmos um jantar lá em casa, quando eu voltar?

O termo “casa” não parece mais certo para me referir ao lugar onde eu morava com ele e a mamãe. Chega a ser bizarro como as coisas mudaram nos últimos meses.

Guardando esse pensamento apenas para mim, faço que sim com a cabeça, curvando meus lábios em um leve sorriso.

— Por mim, seria ótimo.

— Então está combinado! — Meu pai não consegue esconder sua felicidade ao tirar o celular do bolso da calça, desbloqueando a tela. — Já vou até mesmo mandar uma mensagem para a sua mãe. Tenho certeza de que ela vai fazer aquela torta de amora que você tanto gosta. — Seus olhos se voltam para o meu rosto quando ele dá uma pausa, franzindo levemente a

testa, onde uma ruga fixa já se faz presente. — Ainda é a sua favorita, certo?

Sua preocupação me faz rir um pouco.

— Claro. Uma pessoa não muda tanto assim em apenas alguns meses. A torta de amora da mamãe é tipo a minha religião.

Ele também ri, teclando o aviso para Susan. Aproveito o momento para desviar minha atenção de volta ao rinque.

Austin não está *mesmo* em nenhum lugar.

Quando encontro Caden com o olhar, ele também está me encarando. Seu capacete está em sua mão, me permitindo enxergar a expressão confusa que toma seu rosto com facilidade. Prescott deve estar se perguntando o porquê de eu estar aqui. Ou o porquê de o seu melhor amigo *não* estar.

— Pai? — Me viro para George novamente. Ele afasta o olhar do celular, me encarando. Uma das suas sobrancelhas se levanta um pouco. — O treino de hoje é optativo?

— Não. Por quê?

Dou de ombros, tentando demonstrar indiferença.

— Vi que todos os seus melhores jogadores estão aqui, mas não encontrei o Crawford. Então pensei que...

— Ele teve um problema. — Fecho a boca no instante em que a voz do meu pai alcança meus ouvidos. — Parece que estava passando mal, ou coisa do tipo. Preciso que ele esteja bem para a viagem de amanhã à noite, então permiti que não viesse hoje. Ele deve ficar o dia todo em casa.

Assinto, buscando encobrir a grande camada de preocupação que me invade.

Austin pode estar em qualquer outro lugar, mas, com certeza, não está em casa.

Finjo que checo o horário no fino relógio no meu pulso, criando uma desculpa para sair daqui.

— Preciso ir embora — minto, erguendo o olhar até o meu pai novamente. — As meninas da irmandade marcaram uma reunião. Sabe como é, sou uma membra nova. Não posso me atrasar.

— Claro, claro! — ele exclama, entendendo completamente. O mesmo sorrisinho de antes volta a ganhar vida em seus lábios. — Espero que esteja se dando bem com suas novas colegas de casa.

Forço um sorriso, fazendo que sim com a cabeça.

— Estamos ótimas.

Se eu tivesse que me tornar qualquer personagem de desenho animado depois desta tarde, com certeza viraria o pinóquio.

— Isso é bom — comenta o meu pai. Sou surpreendida quando ele dá um passo na minha direção, quebrando a distância entre nós. George hesita um pouco antes de me abraçar, um tanto sem jeito. Retribuo o gesto assim que seus braços me envolvem. — Eu te amo, filha. Fiquei feliz que veio aqui hoje.

Fecho os olhos, respirando fundo.

— Também te amo, pai.



Fazia muito tempo que não me sentia tão angustiada assim.

Da última vez que aconteceu, eu estava no ensino médio. Um garoto da minha sala me puxou para o quartinho do zelador e começamos a nos agarrar. Ele estava tirando a minha blusa quando a porta se abriu e fomos flagrados pelo zelador. Me lembro de roer todas as unhas das minhas mãos enquanto esperava pelos meus pais, sentada em uma daquelas cadeiras de plástico desconfortáveis das diretorias. O garoto que me beijou foi obrigado a manter uma distância considerável de mim, aguardando pelos seus avós no outro lado da sala. Naquela época, eu era obcecada por batom vermelho sangue, e dava para ver que tinham algumas manchas ao redor da boca dele.

Mas nem mesmo aquele dia se compara ao que estou sentindo agora.

Já passa das dez da noite, e Austin não respondeu nenhuma das mensagens que o mandei durante todo o dia de hoje. Lá fora, uma tempestade está caindo. E não ter ideia de onde ele possa estar, me faz beirar ao desespero.

Troquei algumas mensagens com Caden, mais cedo. Ele disse que estava no mercado, com a Avery, mas que nem ela e nem ele sabiam de nada. O pedi para me avisar, caso recebesse alguma notícia do seu melhor amigo, e Prescott prometeu que faria.

Sentada no sofá, tento manter meus olhos e mente focados no filme de comédia que passa na tevê, mas é impossível. Frustrada, procuro pelo

controle, desligando a televisão assim que o encontro.

Meu celular apita, e dou um pulo, correndo pela sala até chegar à uma tomada na parede, onde ele está carregando. Me agacho no chão para pegá-lo, e então meu coração dá um pulo assim que leio o nome de Austin na notificação, finalmente respondendo a todas as dezenas de mensagens que mandei durante o dia.

Austin: *Desculpa só responder agora, acabei ficando sem bateria. Meu dia foi cansativo. Vou dormir na casa do Caden, está bem? Tenho algumas roupas aqui ainda. Espero que tenha uma boa noite.*

Engulo saliva, fazendo a minha frustração descer pela garganta, junto a ela. Por que seu dia foi cansativo se ele nem ao menos foi para o treino? Porra, por que não voltou para o apartamento, onde disse ao meu pai que iria passar o dia todo, repousando?

Tem alguma coisa *muito e*rrada. E não vou descansar até descobrir o que é.



33

AUSTIN

O capuz encharcado do meu moletom dificulta a água que cai do céu de ter um contato direto com meu rosto. O rugido dos constantes trovões e o clarão dos raios sequer me assustam ou me fazem estremecer.

Estou sentado na calçada, em frente à casa do Caden. E enquanto espero meu melhor amigo chegar, sinto como se meu corpo estivesse morto. Nem mesmo a água gelada tem efeito sobre mim. Não sinto *nada*. Apenas um vazio imensurável.

Não faço ideia de que horas são. Para ser sincero, não me lembro de o tempo ter passado tão rápido. Sequer percebi escurecer. Fui completamente inútil desde que desliguei meu celular, enfiei todas aquelas fotos e a merda daquela carta de volta no envelope, as escondi no porta-luvas do meu carro e passei o dia todo dirigindo sem rumo por Washington.

Não comi nada. Não bebi nada. Apenas me odiei. Por todos os malditos segundos.

E ainda estou me odiando agora.

Me sinto patético por não ter ninguém para recorrer em situações de merda além do Caden. Porra, eu o amo. O amo para caralho. Ele é o meu melhor amigo. Mas quanto a vida de uma pessoa precisa ser fodida para ela não ter nem um único familiar para a abraçar e dizer que tudo ficará bem?

Não tenho família nos Estados Unidos. Mas contar com alguém do meu sangue também não seria possível se eu ainda estivesse no Canadá.

Porque o que estava escrito naquela carta era verdade. Cresci rodeado de pessoas ferradas.

Não tenho ninguém.

Ao longe, enxergo as luzes de um farol se aproximando. Não me mexo enquanto a Mercedes cinza de Caden passa pela rua, parando ao meu lado antes de entrar na garagem ao ar livre. Tudo que faço é girar a cabeça, observando quando o carro é desligado e a porta do outro lado é aberta. Caden desce do veículo, trazendo consigo um guarda-chuva. Seus pés cravam no chão no instante em que me encara e sua expressão se transforma assim que se dá conta de quem sou.

— Austin? — A surpresa se faz presente no seu tom de voz. — Caralho, você está todo molhado!

Não respondo. Finalmente passando a sentir frio, abraço meu próprio corpo. Meu queixo começa a tremer. Ou talvez já estivesse tremendo antes. Não sei ao certo.

Prescott franze o cenho diante da minha falta de explicações. Ele desliza os olhos pela rua, os focando na minha SUV, estacionada do outro lado. Quando sua atenção se volta para mim, porém, há compaixão em seus olhos. É como se ele soubesse que estou na merda, mesmo sem que eu tenha dito nada. Afinal, quem em sã consciência preferiria passar horas sob a chuva do que ficar protegido dentro do seu próprio carro?

Caden solta um longo suspiro, ainda parado a alguns passos de distância.

— Espera um minuto — pede ele, completando a volta que estava dando em seu carro.

Prescott abre a porta do passageiro, se certificando de usar o guarda-chuva quando Avery sai do carro. Os olhos verdes da atriz me encontram e uma expressão surpresa toma seu rosto.

— Pega. — Ouço Caden dizer, a entregando o guarda-chuva. — Vou ver como ele está. Nós já entramos. Pode deixar que descarrego as compras depois.

Avery assente, aceitando o guarda-chuva antes de se virar e seguir em direção à entrada da casa. Ela não se opõe e nem tenta intervir. Sabe que há algo errado. Está enxergando a situação patética na qual me encontro, afinal.

Quando Prescott se senta ao meu lado, ele já está encharcado.

— Não deveria estar aqui — solta, encolhendo as pernas. — Não pode ficar resfriado para a viagem de amanhã.

Dou de ombros, longe de estar me importando com isso no momento.

— Você também está tomando chuva.

Prescott solta uma risadinha rouca.

— Tem razão.

O silêncio se instala entre nós. Não digo nada, porque não sei muito bem por onde começar, então Caden se antecipa.

— Por onde andou? Por que não foi ao treino?

— Não estava com cabeça.

— Ah — ele solta, voltando a ficar calado em seguida. — Riley foi para a arena hoje.

Entro em alerta no mesmo instante, o encarando com atenção.

— Ela foi me procurar?

Meu melhor amigo dá de ombros.

— Não sei. Mas falei com ela faz pouco tempo. Ela disse que foi conversar com o pai.

Dentro do peito, meu coração dá um salto. Quer dizer que Riley finalmente está disposta a resolver seu conflito com o treinador?

— Eles marcaram um jantar. George estava sorridente para caralho quando ela foi embora.

Sorrio, porque, mesmo que tudo esteja uma merda, é impossível não ficar feliz ao ouvir uma notícia como essa. Riley tem um pai. Um pai que se importa. Por mais chateada que tenha ficado com ele, é bom que ela deixe o orgulho de lado e tente resolver as coisas. George sente a sua falta. Nunca tentou esconder isso.

— Vai me contar o que aconteceu? — Caden questiona.

Engulo em seco, desviando o olhar. Chuto uma pedrinha de concreto, observando enquanto ela rola pela rua molhada, se perdendo na escuridão. Não me lembrava de a iluminação dos postes deste bairro serem tão ruins.

— Não sei.

Ouço ele respirar fundo.

— Não quer voltar para o seu apartamento, não é?

Quando não respondo, Prescott se levanta. Ergo a cabeça para encará-lo, aceitando sua mão quando ele a estende em minha direção, me ajudando

a fazer o mesmo.

— Pode ficar no sofá. O quarto de hóspedes está em reforma. Vou levar alguns cobertores e um travesseiro para você. Tem algumas roupas suas aqui também, assim como uma escova de dente extra.

O agradeço antes de segui-lo até a entrada da casa. Prescott fecha a mão sobre a maçaneta, mas antes de girá-la, porém, ele se vira para mim, me encarando.

— Austin?

— Hã?

— Sabe que é extremamente bem-vindo aqui. Mas se até a hora de dormir você não enviar pelo menos uma única mensagem para Riley, contando onde está, vou fazer questão de te chutar para fora da minha casa.

EXCLUSIVO! “PÉ NA ESTRADA” E LÂMINAS NO GELO!

Por Osman Louis
Mais esporte

Os jogadores do Washington Capitals embarcaram hoje para o Arizona, para iniciar mais uma série de jogos. A primeira partida acontecerá amanhã, na Mullett Arena, e será contra o Arizona Coyotes.

Pelo calendário da equipe, os atletas apenas estarão de volta à capital do país na semana que vem.

E aí, fãs da águia? Ansiosos para assistir os Caps detonando nos próximos dias?

EXTRA, EXTRA! EQUIPE DO ARIZONA DETONA UM DOS TIMES COM MELHOR DESEMPENHO NA TEMPORADA ATUAL, CHOCANDO OS FÃS ESPALHADOS PELO MUNDO.

Por Simon Theodore
Hocckey.com

Não, vocês não leram errado.

Para a surpresa dos torcedores do time da capital, o Arizona Coyotes finalizou a noite de hoje com uma vitória de 4 a 3 sobre o time de Washington, chocando até mesmo os comentaristas.

“Olha, Maycon, sabemos que todos os times que competem na Liga Nacional são diferenciados e incrivelmente bons, mas o que aconteceu hoje aqui foi de impressionar”, disse Matthew Alvez, um dos narradores da partida.

Maycon o respondeu dizendo que os Capitals estavam irreconhecíveis, acrescentando: “Austin Crawford foi a maior vergonha da noite. É impossível que um dos melhores defensores da temporada tenha

mesmo tido um desempenho tão péssimo em um jogo contra um time distante na tabela.”

Nas redes sociais, internautas concordaram, criticando o camisa 33, que realmente não estava em um dos seus melhores dias.

Será que finalmente chegou o momento de George Weston jogar um balde de água fria na cabeça dos seus jogadores? Sabemos que eles estão no topo, mas não podem se acomodar. É da Stanley Cup que estamos falando, afinal.



34

RILEY

O silêncio que recai sobre o Forb's quando o jogo que passa na televisão chega ao fim é assustador.

Torcedores vestidos em uma mistura de vermelho, branco e azul preenchem todas as mesas do local. A animação, gritos e sorrisos que se espalharam pelo ambiente quando o primeiro período começou e Caden Prescott conseguiu levar o disco à rede, logo nos minutos iniciais, agora foi substituída por expressões tristes, bufadas e muita, mas *muita* raiva. Porque o que os comentaristas disseram é verdade.

Os Capitals foram uma vergonha para o hóquei na noite de hoje.

Não apenas Austin, que parecia outra pessoa no gelo, mas o time no geral. Foram erros tão estúpidos, que só de assistir me dava vontade de gritar. O nervosismo no meu corpo foi tanto, que nem mesmo consegui comemorar os outros dois gols que fizemos, tentando virar o placar logo no fim do terceiro período. Neste momento, Austin estava fora do gelo, sentado no banco, junto com outros reservas. Meu pai deve ter ficado tão puto com ele, que resolveu substituí-lo por Jeff Rhanson, que, por incrível que pareça, conseguiu ser melhor do que a grande estrela da defesa do time.

Foi uma noite de tragédias. E nosso azar era tanto, que até mesmo o nosso goleiro estava descontrolado. Seus braços e pernas pareciam gelatinas, incapazes de conter aqueles cinco pontos horríveis que o time do Arizona conseguiu fazer.

Foi vergonhoso para cacete. E extremamente difícil de assistir.

— Vocês sabem que eu não entendo quase nada de hóquei, mas... *Uau.* Aquilo ali foi um tremendo show de horrores. — É o que Ruby diz, atraindo a atenção de todos na nossa mesa.

Estamos reunidos em seis pessoas. Ela, Claire, Cooper, Ford, Luke e eu. Já perdi as contas de quantas garrafas de cerveja pedimos. A sensação que tive foi que quanto mais nervosa me sentia, mais eu bebia. O que explica o meu estado um pouco embriagado agora.

— Não acredito que perdi meu tempo assistindo a esse jogo — Ford resmunga, se recostando na cadeira. Ele bufa, passando a mão nos cabelos loiros.

— Deveríamos ter ido à festa do Brad — Luke emenda, tão insatisfeito quanto todos nós.

Me encolho um pouco, tentando imaginar como deve estar o clima no vestiário onde os Caps estão agora. Eles devem estar devastados. Conheço meu pai. Sei que vai discursar, pegando no pé e citando o erro de cada um. E como sua cabeça deve estar esquentada agora, duvido que fará isso de um jeito pacífico, mantendo o tom de voz baixo. George Weston com certeza está puto para caralho. Que treinador não estaria, afinal? Qualquer um consegue ver o que acabou de acontecer. Até mesmo Ruby disse. Foi um *show de horrores.*

Parecia que tinham encontrado clones dos nossos jogadores por aí e os colocado no rinque, dizendo: "Vá! Jogue hóquei, mesmo que não tenha a menor ideia de como fazer isso."

— Até eu teria me saído melhor do que Austin Crawford hoje — Cooper solta. Levo minha atenção até ele no mesmo instante. Sentindo o peso do meu olhar sobre si, Buck dá de ombros. — Parecia que ele estava no mundo da Lua.

— Meu pai comentou algo sobre ele estar com problemas na família — minto descaradamente diante da presença de Ford e Luke na mesa. — Deve ter sido isso.

Para ser sincera, não faço ideia do que realmente aconteceu. Quando Austin e eu conversamos sobre a vinda da sua mãe para os Estados Unidos, ele desabou. Sua dor estava nítida nos seus olhos e em todas as lágrimas que derramou. Mas no fim, Crawford se acalmou. E quando acordamos na manhã seguinte, tudo estava normal entre a gente.

Até ele ir embora, faltar no treino e me mandar aquela mensagem, me contando sobre a sua estranha decisão de dormir no Caden, sequer me explicando o motivo disso.

Sei que está acontecendo uma grande reviravolta na sua vida, mas ainda estou preocupada com a possibilidade de ter algo a mais o angustiando. Será que Austin me contou mesmo tudo o que aconteceu? Em alguns momentos, até cheguei a pensar na possibilidade de o problema ser eu. De eu ter feito algo de errado ou o machucado de alguma forma. Mas não consegui pensar em nada. Estávamos tão bem nos últimos dias, que tudo o que está acontecendo agora não faz sentido nenhum na minha cabeça.

As peças simplesmente não se encaixam.

— Topam mais uma rodada de cerveja? — Ouço Claire perguntar.

Todos se animam, concordando. Menos eu. As garçonetes patinam entre as mesas, apressadas para conseguir atender todos os clientes, que resolveram fazer seus pedidos ao mesmo tempo, graças ao fim do jogo. Enquanto Cooper tenta chamar a atenção de uma delas, a solicitando em nossa mesa, eu pego o meu celular.

Desbloqueio a tela antes de entrar nas minhas conversas recentes, descendo os olhos até encontrar o contato do Austin.

Eu: *Assisti ao jogo. Sinto muito pela derrota. Você está bem?*

Para a minha surpresa, os três pontinhos que indicam que Austin está digitando aparecem poucos segundos depois.

Austin: *Sim, estou.*

E como todas as outras mensagens que trocamos nos últimos dias, essa é igualmente fria, além de mentirosa.



35

AUSTIN

Quando volto à Washington na semana seguinte, Riley e eu estamos distantes.

O avião do time pousou ontem à noite, e quando cheguei em casa, Weston estava no sofá. Seus cabelos pretos estavam presos em rabo de cavalo alto, o notebook estava posicionado no seu colo, havia livros, cadernos e folhas avulsas espalhados por toda a sala, e ela sequer me olhou.

Ela. Sequer. Me. Olhou.

Sei que isso tudo é culpa minha. Sei que tenho sido um grande babaca nos últimos dias, ignorando suas ligações e respondendo suas mensagens da maneira mais fria possível. Mas simplesmente não consigo tirar as palavras daquela carta da cabeça. *Porra.* É difícil para caralho. Meu rendimento nos últimos jogos foi péssimo, e nem é preciso que eu seja um gênio para entender o porquê.

Dentro de mim, tudo se encontra uma tremenda bagunça. E como se não bastasse, sei que, graças ao que vai acontecer hoje, tudo apenas piorará.

Após o que foi provavelmente o banho mais demorado da minha vida, deixo o banheiro. Meu corpo todo está tenso, e uma ansiedade sobrenatural toma conta de cada mínima parte minha.

— Sabe onde está a chave da minha SUV? — pergunto para Riley assim que chego na sala. É a primeira vez que falo com ela desde que cheguei, na noite de ontem. Weston está no sofá, com o computador no seu colo e exatamente na mesma posição de ontem. Seus olhos azuis correm na

minha direção, me analisando em silêncio. — Preciso dela para buscar a minha mãe no aeroporto. Ela chega daqui a pouco.

Riley entra em alerta, surpresa tomando todo o seu corpo. Ela franze levemente o cenho na minha direção.

— O que foi que você falou?

Franzo a testa de volta, estranhando o seu comportamento.

— Preciso buscar Kleah no aeroporto. Ela chega hoje, eu te di...

— Não, você não me disse. — Weston me corta, ríspida na resposta. Uma risadinha ácida escapa pelos seus lábios assim que ela deixa o notebook de lado. — Inclusive, se tem algo que você *não* tem feito nos últimos dias é me dizer as coisas. Ou até mesmo *falar* comigo.

Tomo uma respiração profunda, a encarando. Riley está furiosa. E sei que tem razão.

— Sinto muito — peço. — No meio da confusão dos treinos e jogos, eu devo ter esquecido.

Ou talvez tenha me forçado a esquecer.

Seus olhos me fitam enquanto soltam faíscas. Ela trava o maxilar, engolindo em seco antes de se levantar. Sem dizer nada, Weston se aproxima do móvel da televisão. Ela abre uma gaveta, tirando dali um pequeno pote de cristal, onde consigo enxergar todas as nossas chaves.

Após pegar a da minha SUV e guardar o cristal novamente, Riley se vira para mim. Seu olhar não se afasta do meu até ela chegar em frente à porta, desviando a atenção para a maçaneta.

— Vamos, Crawford.

Fico confuso imediatamente.

— Para onde?

Weston abre a porta, saindo para o corredor. Quando ela responde, ainda estou dentro do apartamento, com os pés cravados no mesmo lugar, tentando entender o que está acontecendo. Sua voz chega com eco aos meus ouvidos.

— Para o aeroporto, buscar a sua mãe. Eu vou com você.

E sequer tenho tempo para processar suas palavras quando ouço a porta do elevador se abrir, ao longe.



O silêncio que nos acompanhou durante o caminho até o aeroporto foi tão ensurdecedor, que quando finalmente estaciono o carro, um suspiro de alívio me escapa.

Odeio isso. *Porra,* odeio para cacete. Riley e eu não parecemos mais as mesmas pessoas. Estamos tão estranhos que sequer conseguimos trocar uma palavra, mesmo que os dois estejam presos dentro de um carro silencioso por vários minutos.

É bizarro como um simples instante pode mudar tudo. E como aqueles segundos em que passei abrindo aquele maldito envelope conseguiram *mesmo* destruir o que tínhamos, apesar de Riley ao menos sonhar com a existência daquela carta.

A observo enquanto tiro meu cinto. Weston está virada para a janela, com a cabeça recostada no banco, observando algumas pessoas deixarem o aeroporto, com suas malas e estilos de turista. Meu coração se aperta apenas de imaginar o que deve estar se passando em sua mente agora. Uma vez, Riley me perguntou se eu me incomodava com ela. Se a sua constante presença na minha rotina era um fardo para mim, já que eu não podia beijá-la em público ou sair com outras mulheres. Eu agi como se ouvir aquilo fosse a coisa mais absurda do mundo todo. Porque realmente foi. E dói imaginar que ela pode estar com esse mesmo pensamento neste momento. Dói imaginar que esteja duvidando da minha palavra.

Me dilacera pensar que talvez eu tenha dado motivos para isso, agindo como um babaca distante desde que as palavras daquela maldita carta conseguiram corroer meu cérebro e me causaram um ataque de pânico.

Riley não merece nada disso. Nem eu, para ser honesto. Porque eu a amo, e estou perdido para caralho em relação a como agir nesta situação.

A pessoa que me mandou a carta, seja ela quem for, fez questão de deixar claro que tenho até o fim de março para resolver tudo e me afastar dela. O problema é que já chegamos no fim de março.

— Crawford? — Sua voz me faz congelar.

— Hã?

— O voo da sua mãe já chegou — me lembra ela, como se, mesmo sem me olhar, pudesse perceber que estou com a cabeça longe, perdido em meus próprios pensamentos.

— Ah, verdade. — Me apresso para abrir a porta ao meu lado.

Salto para fora do veículo, sendo atingido pela brisa fresca da tarde de Washington. Enquanto dou a volta no carro e sigo para a porta automática, sinto os olhos de Riley me seguindo. O interior do aeroporto está frio, graças ao ar-condicionado. Preciso pedir informações para algumas pessoas, que me ajudam sem titubear. E assim que finalmente chego ao portão por onde minha mãe sairá, após pegar sua mala, estou suando como se estivesse dentro de um forno, depois de jogar hóquei por 5 horas consecutivas. E tenho certeza de que não é pela corrida que tive que dar para chegar aqui, mas pelo nervosismo avassalador que corrói todo o meu corpo neste momento.

Estou prestes a ver a minha mãe pela primeira vez desde o Natal. As pessoas com famílias normais, estariam felizes por poder finalmente matar a saudade. Já eu, estou desesperado. Para caralho.

Acho que inclusive estou prestes a enlouquecer um pouquinho.

— Ei, você é aquele cara do gelo? — A voz fina vem seguida de um puxão na minha calça. Preciso segurar o elástico para ela não descer. Escorrego meu olhar confuso até um garotinho de aproximadamente cinco anos, que me encara com seus redondos olhos cinzas, como se estivesse maravilhado. — Eu te vi na *televião*! Dois homens estavam falando mal de você.

Por algum motivo, isso me acalma.

— Se diz televisão — o corrijo, sorrindo levemente. — E, sim, era eu mesmo. Aqueles caras são comentaristas, e naquela noite eu meio que estava merecendo tudo o que disseram.

— Até quando falaram que você foi a vergonha da noite? — Ele parece meio confuso com a informação.

— Até quando falaram isso.

— Meu pai me diz que a gente não pode aceitar que falem mal da gente.

— Ah, é?

— Sim. Se ele fosse você, provavelmente teria dado um soco naqueles dois comen... Comen...

— Comentaristas — completo para ele, recebendo um grande sorriso em resposta.

— Isso.

Solto uma risada baixinha.

— Bom, mas eu não posso bater neles. Aquilo lá é o nosso trabalho.

O garoto dá de ombros. Seus cabelos castanhos se movimentam um pouco, acompanhando o ato.

— Meu pai já bateu em um cara do trabalho. Meu pai já bateu em muita gente, para falar a verdade.

Sendo surpreendido pela informação, preciso controlar a minha expressão, impedindo que ela seja tomada pelo choque.

— Ah, é? — Dou uma olhada ao redor. Há pessoas com plaquinhas nas mãos, esperando pela multidão de gente que sairá em apenas alguns minutos. — E quem é o seu pai?

— Ele não está aqui. Estou com a minha vó. — O menino aponta para uma senhora sentada em uma das cadeiras, quase dormindo.

Meu Deus, quem deixa um garoto andar sozinho por um aeroporto e dorme ao invés de ficar de olho nele?

— E onde ele está?

— De castigo, naquela máquina que torna as pessoas melhores. — A informação sai dos seus lábios na maior naturalidade do mundo, e sinto o peito apertar ao perceber que sua família provavelmente inventou uma história bonita em torno da palavra "cadeia", apenas para salvá-lo da sua triste realidade. — Ele ainda vai passar *muuuuuito* tempo lá.

— Sinto muito. — Minha voz sai baixa e engulo em seco de maneira automática.

— Por quê? — O menino continua sorrindo. — Ele vai virar uma pessoa melhor. Temos que ficar felizes!

Me forço a sorrir também, apesar de estar dilacerado por dentro.

Ele tem muito de mim, quando tinha a sua idade. Essa esperança e ingenuidade. O fato de pensar que o pai voltará e estará melhor... Acho que é o que toda criança abandonada pensa, no fim das contas.

— Quem você está esperando? — Mudo de assunto.

— A minha mãe. Ela está chegando da Austrália.

— Você é de lá?

Ele assente.

— Nasci lá, mas moro aqui desde que tinha um ano. Meu pai ainda está lá. Minha mãe foi visitá-lo.

Meu peito se aperta no mesmo instante.

— Eles ainda estão juntos? — pergunto, torcendo para que a resposta seja não. O mundo não precisa de mais crianças crescendo cercadas por homens ruins. Eu sou a prova viva disso.

O menino dá de ombros.

— Acho que não. — Ele enruga no nariz, incerto. — Minha vó diz que é complicado...

Me obrigo a sorrir, trazendo uma leveza falsa à conversa.

— Imagino que sim.

— E você? Quem está esperando? É alguém da *televião*?

De repente, meu sorriso se torna genuíno, se alargando um pouco.

— Se diz televisão — o corrijo novamente. — E também estou esperando a minha mãe.

Ele parece se empolgar.

— Mães são legais, não são?

Concordo com a cabeça.

— São, sim.

Ele dá um pulinho, revelando ser incapaz de conseguir ficar parado por muito tempo. E quando começa a rodopiar, eu rio.

— Você tem pai? — o garoto pergunta, ainda girando sem parar.

— Tenho, mas não sei onde ele está.

— Talvez ele esteja de castigo no lugar mágico também, assim como o meu.

Suas palavras me atingem como um soco, fazendo meu interior doer. Meus olhos ficam marejados, mas sou rápido ao esfregá-los, os enxugando.

— É, talvez.

A porta dupla à nossa frente se abre de forma automática, permitindo que alguns passageiros a atravessem. O menino para de rodopiar no mesmo instante, focando os olhos na saída. Eu sigo o seu olhar, e de repente me

sinto como se ele fosse a minha versão mais nova, porém em uma realidade distinta.

Meu coração parou de bater tão rápido, comparado a como estava quando cheguei aqui. E não estou mais tão ofegante e suado. De alguma forma, o menininho me acalmou.

O fluxo de pessoas só aumenta conforme os minutos passam. E quando o garoto que nem mesmo sei como se chama sai correndo em direção à uma mulher loira, sou obrigado a enxugar os olhos de novo, evitando chorar. Ela solta as malas no chão, se ajoelhando para abraçá-lo, e ele se joga em seus braços. Tenho que virar de costas para impedir que as lágrimas teimosas continuem a querer se formar em meus olhos.

Mães são legais, não são? Foi o que ele me perguntou. É bom saber que pelo menos tem alguém para contar.

— Austin? — A voz que ouço me faz paralisar por alguns segundos.

Fecho os olhos, respirando fundo antes de tomar a coragem necessária para me virar. E quando separo as pálpebras, enxergando quem está parada bem na minha frente, já não consigo mais me conter. Desabando em lágrimas, prendo minha mãe nos braços, em um abraço repleto de uma mistura perfeita e alívio e uma saudade sem medida.

Porque ela está bem. *Porra,* ela está bem.

Passei todos esses últimos dias imaginando como ela estaria quando nos encontrássemos. E prometi para mim mesmo que se Kleah aparecesse na minha frente com qualquer sinal roxo no corpo, eu iria até Vancouver, caçaria Bob Jacob e o esmurraria com as minhas próprias mãos. Sei que ele não tem um histórico agressivo e que — segundo ela — nunca sequer levantou um dedo para acertá-la, mas quando se cresce em uma casa onde se escuta os gritos da sua própria mãe diariamente, é normal que sempre esperemos o pior dos seus companheiros.

Mas, *cacete...* Ela parece bem. *Graças a Deus, ela parece bem.*

— Oi, filho. — A voz de Kleah é o combustível que meu corpo precisa para produzir mais lágrimas.

Elas escorrem pelos meus olhos. Uma após a outra. Aperto a minha mãe ainda mais contra mim, desejando poder congelar esse momento. Desejando poder protegê-la do mundo e de todas as maldades existentes nele. Revivendo aquele sonho estupido que tinha quando era criança,

pensando que poderia me tornar um super-herói a qualquer momento, apenas para me vingar e ensinar uma lição para todos os seus namorados.

Eu quero ser o seu super-herói, Kleah Crawford. Mas preciso que você queira ser salva.

— Meu Deus, que saudade — minha mãe sopra contra o meu pescoço, grudada a mim. Suas palavras saem carregadas por uma mistura de sentimentos. — Que saudade...

Quando nos afastamos um pouco, noto seu rosto coberto de lágrimas. Sorrio para ela, recebendo um sorriso de volta.

— Ei, cara do gelo e da *televião*! — Ouço alguém gritar. Movo meus olhos até o mesmo garotinho de antes, que agora está no colo da mulher loira que o vi abraçar. Há felicidade por todo o seu semblante. — Mães são legais, não são?



36

RILEY

Quando Austin guarda a mala da sua mãe no porta-malas e abre a porta dos bancos de trás para que ela entre, estou me sentindo à beira do desespero.

Acho que nunca fiquei mais perdida em toda a minha vida. Gostaria de saber onde estava com a cabeça quando decidi que viria para o aeroporto, junto a Austin. Minha raiva foi tanta por ele ter esquecido de me avisar que Kleah chegava hoje, que simplesmente agi por impulso e quis me vingar, de alguma forma. Ele não esperava que eu viesse. Então, eu vim. Mas acho que estou me arrependendo profundamente disso.

Com o olhar focado no retrovisor interno, observo Kleah se sentar no banco de trás. Ela sorri para mim, me cumprimentando. E quando sorrio de volta, acho que não estou respirando.

Ela é linda. Muito mais linda do que eu imaginei. Seus cabelos pretos, exatamente como os do filho, são ondulados nas pontas, os olhos têm um azul diferente e encantador e a pele sem maquiagem revela que ou ela deve ter uma rotina de cuidados muito rígida, ou apenas tirou a sorte de não ter espinhas, rugas ou cravos.

Agora consigo entender de onde veio a beleza de outro mundo do seu filho.

Austin abre a porta, se sentando no banco em frente ao volante. Seus olhos estão um pouco vermelhos, dando indícios de que estava chorando. Preciso me conter ao máximo para não o abraçar.

Odeio como tudo entre nós está estranho. Odeio para caralho.

— Mãe, essa é a Riley, ela é... — Afivelando seu cinto de segurança, ele começa a falar naturalmente, até que se perde ao não saber como se referir a mim.

Forço um sorriso, me virando para o banco de trás.

— Sou a mulher que está passando um tempo no apartamento do seu filho.

— Ah, então vocês moram juntos? — Kleah se anima com a informação.

— Sim — Austin responde.

— Por pouco tempo. — Faço questão de frisar, sendo séria na resposta.

Ao meu lado, sinto o peso do seu olhar sobre mim, mas o ignoro totalmente ao voltar a encarar a minha janela. Não sei se a resposta que dei o incomoda, mas é a realidade. Além disso, por que deveria incomodá-lo? Ninguém quer morar sob o mesmo teto que alguém com quem nem mesmo conversa.

Austin deveria estar se perguntando o porquê de eu ainda não ter adiantado a minha mudança, já que agora tenho condições, graças ao meu trabalho na Bloom Café. E para ser sincera, não faço ideia. Acho que uma parte de mim, a parte mais boba e apaixonada de todas, ainda tem esperança de que esse clima estranho que se instalou entre nós dois acabe.

Ainda tem esperança de que voltemos a ser o que éramos antes.

— Sabe o caminho do hotel de cabeça? — É o que a mãe do Austin pergunta, do banco de trás.

Ele assente sem hesitar, arrumando o retrovisor.

— Fica perto do nosso apartamento. Fiz questão de escolher um lugar próximo.

E então, arranca com o carro.

O trajeto até o hotel onde Kleah vai se hospedar é tranquilo. Os dois conversam durante o tempo todo, e ela não parece estar se culpando por ser o “peso” que uma vez Austin me disse que ela acreditava ser. Ele falou que sua mãe sempre pensava que estava o incomodando, mas hoje ela está falante, contando sobre todos os detalhes da viagem e dizendo que vai fazer questão de ir assistir ao próximo jogo na arena.

O clima que se instala no carro é gostoso, e é impossível afastar o sorrisinho que toma meu rosto ao ouvir a conversa dos dois.

Kleah é forte. Espero que ela saiba disso. E torço muito para que consiga reinventar sua história, agora em Washington, ao lado de um filho que a ama com todas as suas forças. E que faria o possível e impossível para vê-la feliz.

O hotel que Austin escolheu para a sua mãe é um dos melhores da cidade. E quando estacionamos em frente a ele, Kleah se despede de mim enquanto ele sai do carro.

— Vocês não são apenas colegas de apartamento, são? — ela me pergunta, desconfiada. Sua mão está sobre a minha, apoiada no meu banco. Tento me fazer de desentendida. — Vejo como ele te olha, Riley. E como você se esforça para não sorrir todas as vezes que o encara e vê que *ele e*stá sorrindo. — Ela dá uma pausa. — Sei que isso é genuíno porque... ninguém nunca me olhou dessa forma.

Engulo em seco, sentindo a informação me atingir como um baque.

— Meu filho é um bom homem. Às vezes penso que talvez ele pode não ter se dado conta disso ainda, mas ele é muito melhor do que a maioria das pessoas neste mundo — continua ela. — Austin é diferente. Desde pequenininho. Ele vale a pena. E se te olha da maneira que olha, é porque você também vale.

Kleah para de falar no instante em que ouvimos o som do porta-malas sendo aberto. Uma linha fina toma seus lábios e ela aperta a minha mão.

— Foi muito bom te conhecer, Riley. Quando eu tiver meu próprio apartamento, vou te chamar para tomar um chá, mas espero vê-la ainda antes disso.

Sorrio, sentindo o peito derreter.

— Será um prazer.

Então, Kleah Crawford sai do carro. E enquanto a assisto ir com Austin até a recepção do hotel, faço um pedido silencioso, torcendo para que o dia de hoje tenha um significado importante em sua vida. O significado de uma folha em branco, pronta para ser preenchida por uma nova história.



— Já começou a procurar por um apartamento novo?

Foi o que Austin me perguntou há alguns segundos, assim que estacionou seu carro na vaga, logo atrás do meu. E é por conta dessa junção de palavras, que estou o encarando boquiaberta, completamente incapaz de encontrar a minha voz.

Sentindo o poder dos meus olhos o fuzilando, ele desliga o carro antes de me encarar de volta, dando de ombros.

— Fez tanta questão de deixar claro para a minha mãe que está morando comigo "por pouco tempo", que pensei que já estivesse procurando por um lugar novo para se mudar.

Rio sem humor, sem acreditar que estou ouvindo isso.

— Você me pediu para procurar? — questiono, um pouco mais ríspida do que o normal. — Porque pelo que eu me lembre, na última vez em que conversamos sobre eu morar aqui, você disse que eu estava louca em pensar que estava te incomodando.

Ele não responde. Escolhe permanecer em silêncio enquanto encosta a cabeça no encosto do seu banco e fecha os olhos, suspirando, como se estivesse mentalmente sem forças para lidar com uma discussão agora.

Respiro fundo, tentando me acalmar. Quando volto a falar, minha voz está mais calma, mas meu interior continua repleto de adrenalina.

— Não precisamos conversar sobre isso agora, Crawford — revelo, tirando o meu cinto. Me viro, levando minha mão até a maçaneta da porta ao meu lado. — Sua mãe acabou de voltar. Tente lidar com uma situação de cada vez. Comece pelas suas prioridades.

Abro a porta no instante em que as palavras acabam de sair pelos meus lábios, mas sou impedida de descer do carro assim que uma mão se move rapidamente e me segura pelo braço. Volto o corpo todo para dentro do veículo, e o meu celular acaba escorregando por minhas mãos. Deslizo meu olhar para Austin, que me encara com uma intensidade sem fim correndo pelo azul dos seus olhos.

A intensidade que conheço bem. E que é capaz de fazer meu corpo todo se arrepiar.

— Você é uma das minhas prioridades, Riley — ele solta, a voz em uma mistura ofegante de urgência e medo. — Porra, você está em um dos primeiros lugares dessa lista.

Engulo em seco, me controlando ao máximo para não deixar que lágrimas passem a se formar nos meus olhos. Porque dói. Isso tudo dói para caralho.

— Não é o que tem parecido, Crawford... — respondo em um tom fraco demais.

Ele solta meu braço, bufando enquanto esfrega o rosto com as mãos, como se algo estivesse o incomodando profundamente. Algo que não pudesse me dizer.

— Olha, está tudo bem — minto, me inclinando para a frente. Estendendo o braço, busco alcançar meu celular, que atingiu o chão há alguns segundos. — Vamos focar em uma coisa de cada vez, Crawford. Primeiro, cuide da sua mãe. Depois, conversamos e resolvemos o que vai acontecer com a gente.

Quando encontro o aparelho e subo o tronco para me sentar corretamente, porém, acabo dando uma cabeçada no porta-luvas. A portinha se abre no mesmo instante, e Austin se move como um raio, sequer se preocupando em me perguntar se estou bem antes de fechá-la com força.

Franzo o cenho ao encará-lo, estranhando o seu comportamento.

— O que foi isso? — questiono, sabendo que há algo errado.

Austin suspira, voltando a encostar a cabeça no seu banco. Ciente de que não vou deixá-lo em paz até ver o que tanto quer esconder, ele desiste sem nem ao menos tentar me conter.

— Merda... — murmura, sem forças.

Levo os dedos até a trava do porta-luvas, a puxando e abrindo a portinha. Lá dentro, alguns documentos e manuais se fazem presente, próximos a um envelope. Franzo a testa ao pegar a embalagem na mão, sendo coberta de confusão.

— O que é isso, Crawford?

Analiso primeiro as fotos que estavam guardadas dentro dele, sentindo meu coração entrar em disparada. *Puta que pariu.* Quem quer que tenha as tirado, é completamente louco. Quando minhas mãos pegam a carta e deslizo os olhos pelas primeiras linhas, um misto de sentimentos me

invade. O primeiro é choque. Depois, raiva. Logo em seguida, fúria. E o último, tristeza.

Me sinto triste por pensar que Austin pode mesmo ter acreditado em cada uma dessas palavras. Devastada por imaginar que essa carta apareceu em um momento difícil para ele, logo quando descobriu que o ex-namorado da sua mãe tinha a feito perder tudo, e teve um impacto maior em sua mente, infiltrando seu cérebro mais facilmente. Mas, mais do que tudo, me sinto péssima por saber que talvez tenha ficado estranho comigo por pensar que não é o suficiente para mim, quando na realidade é mais do que eu sempre tive.

Na infância, eu sonhava em ser uma princesa que um dia seria capaz de encontrar o seu príncipe encantado. Sonhava com um amor simples, mas que acelerasse meu coração e me fizesse sentir única. E é assim que me sinto quando estou com Crawford. Ele realizou esse meu sonho bobo.

Porque Austin entrou de cabeça na minha vida, e me fez questionar o porquê de eu já ter aceitado menos do que o mundo. Menos do que eu realmente mereço.

Ainda em silêncio, volto meus olhos de volta para as fotos, as analisando com mais calma. E no instante em que entendo tudo, um riso sem humor escapa pelos meus lábios.

Deslizo minha atenção para Austin, que permaneceu me observando por todo esse tempo, sem me dizer uma palavra. Ele está ansioso, apertando o joelho com uma das mãos. Seus olhos azuis me encaram com medo, e sou capaz de notar quando se tornam marejados.

Ele não sabe o que vai acontecer agora. Não sabe se vou concordar com as palavras que acabei de ler nessa maldita carta. Está incerto e temendo que tudo aquilo tenha feito sentido na minha mente e que agora nossa história chegue a um ponto final, exatamente como a pessoa desprezível que escreveu todas aquelas baboseiras gostaria que acontecesse.

Ele parece obcecado, foi o que Ruby me disse sobre Josh Reid uma vez. Agora percebo que estava certa.

Josh sempre teve um ego com a capacidade de ser facilmente ferido. Ele se sente o rei do mundo. Deve estar se mordendo desde que descobriu sobre Austin e eu.

Respirando fundo, tento me acalmar antes de começar a falar.

— Por favor, me diga que não acreditou nas palavras que meu ex-namorado traidor escreveu aqui. — Levanto a carta no ar.

Austin pisca, sendo pego de surpresa. Ele separa os lábios, mas logo os fecha, sem saber o que dizer. Parece atordoado, e não o julgo. Ele não tinha como saber que foi Josh quem fez a ameaça.

Sem esperar sequer mais um segundo, desbloqueio meu celular. Entro no Instagram, indo direto para o perfil de Josh, abrindo na sua última postagem. Com a outra mão, pego uma das fotos que estavam dentro do envelope. Foco meu olhar em Austin, que ainda se encontra completamente confuso.

— Está vendo essa manchinha aqui? — Aponto para a pequena mancha preta no centro da foto impressa. Crawford franze o cenho, assentindo. Deixo a imagem de lado, agora me focando na que se estampa na tela do meu celular. Nela, Josh está com o uniforme dos Red Tigers e as bochechas pintadas de tinta preta. Quando dou zoom na mesma mancha, Austin entende tudo, sua expressão se transformando no mesmo instante. — Ele vivia reclamando desse problema na sua câmera, quando ainda namorávamos. Ficou assim depois que seu celular caiu no chão, uma vez.

Crawford solta um longo suspiro, tentando assimilar a recente descoberta. Ele se recosta no seu banco, em um completo silêncio.

Solto uma risadinha, porque toda essa situação é ridícula para cacete.

— Puta merda, Austin Crawford! — exclamo, atraindo seus olhos para mim. — Como você pode ser tão bonitinho, mas tão burro ao mesmo tempo?

Sua testa se franze.

— O que quer dizer com isso? Não tinha como eu saber que era o Josh esse tempo todo e...

Me viro no meu assento, segurando sua mão nas minhas. A mesma mão que apertava seu joelho há alguns minutos, em um ato que exalava ansiedade. Austin se cala no mesmo instante, me encarando no fundo dos olhos. Em seu olhar, há arrependimento e dúvida. Arrependimento por ter se afastado de mim nos últimos dias, graças a Josh Reid. E dúvida por ainda não saber se acredita em tudo o que estava escrito naquela carta ou não.

— Quero dizer que todas as palavras escritas naquela carta sobre você são mentira. — É a maneira que escolho começar, tomando o cuidado de

não afastar meus olhos dos seus. Desejo que veja a verdade em meu olhar. — Quero dizer que você é uma das melhores pessoas que já conheci. Que não consigo ficar longe de você. Que *não quero* ficar longe de você. — Dou uma pausa, apertando sua mão levemente com as minhas. — Quero dizer que depois que te conheci de verdade, a vida passou a ser tão perfeita, que me questionei o porquê de já ter acreditado que merecia menos do que o mundo. Que sou completamente apaixonada pelo som da sua risada e por como seus olhos brilham quando diz o meu nome. Quero dizer que estar com você me traz a sensação de estar em casa. Uma paz inexplicável. E que é como se cada mínima parte do meu corpo tivesse se apaixonado por cada detalhe seu.

Respiro fundo, tomando a coragem necessária para dizer aquilo que esteve entalado na minha garganta durante esses últimos tempos.

— Porque é a verdade, Austin. — Minha voz sai como em um sopro, fraca demais. — A Riley que bateu no seu carro com certeza não acreditaria, mas estou brutalmente apaixonada por você. Por cada parte sua. Até as mais presunçosas e vaidosas.

A expressão de surpresa que tomou o semblante de Crawford enquanto ouvia minhas palavras é transformada quando uma risadinha fraca escapa pelos seus lábios. Ele afasta a mão das minhas, subindo até a lateral do meu rosto, onde varre uma mecha teimosa do meu cabelo para trás da orelha.

E de repente percebo que me enganei ao dizer o que disse minutos antes do nosso primeiro beijo na piscina. Esse seu gesto tem, sim, um poder absurdo sobre mim. Tudo o que faz tem, para ser sincera.

O sorrisinho em seus lábios morre aos poucos assim que analisa minha expressão em silêncio, perdido em seus próprios pensamentos.

— Riley, eu... — Uma lufada de ar escapa pela sua boca. Austin afasta seu toque do meu rosto, meio hesitante. — Josh tem razão. Não sei como funciona essa coisa de amar alguém. Não sei como ser um bom namorado. Preciso de reparos. Já agi como um babaca várias vezes durante a vida. E jamais desejarei que você seja como a minha mãe, que se sente na obrigação de consertar cada homem que chega no seu caminho e faz seu coração bater mais forte.

Suas palavras fazem meu peito se apertar. Me obrigo a sorrir um pouco, mascarando o baque que elas têm sobre mim.

— Você não é mais um babaca. E não precisa ser consertado.

Austin suspira, desviando o olhar.

— Não pode ter certeza disso, Baby Weston.

Seguro sua mão novamente, o obrigando a me encarar.

— Eu posso, Crawford — garanto, limpando a garganta em seguida. — Porque alguém que não sabe como amar e que precisa ser consertado não escreve coisas do tipo: *Riley Weston tem 21 anos, um péssimo senso de direção, o sorriso mais bonito da porra do mundo e um corpo esculpido pelos deuses. E eu sempre soube que acabaria me apaixonando por ela.*

Ele pisca ao ouvir suas próprias palavras deixando meus lábios, totalmente surpreso.

— O que..

— Li o seu caderninho. — Sou sincera, dando de ombros. — Não me orgulho disso, mas você estava viajando, sem falar direito comigo e... eu deixei a curiosidade falar mais alto. E ainda bem que fiz isso. Porque agora sei que o que sinto por você é recíproco. E não importa o quanto queira negar ou o quanto se esforce para acreditar nas palavras de Josh, elas continuarão sendo mentiras. Porque um cara que escreve tudo aquilo em segredo, é um cara bom. E você é bom para mim. Mil vezes mais do que bom o suficiente.

Austin apenas me encara por alguns instantes. Ele não diz nada. E estou prestes a desistir de tentar convencê-lo de que nada do que colocou na sua cabeça é real, quando sou surpreendida por ele, que choca seus lábios aos meus.

O beijo é calmo, e ao mesmo tempo ardente. Minhas mãos sobem para a sua nuca quando sua língua pede passagem por entre meus lábios, aprofundando o contato. E, *porra,* ninguém nem imagina o quanto senti falta disso. Falta dele. De nós dois.

Austin segura meu rosto ao se afastar um pouco. Ele encara meus olhos, respirando ofegante.

— Puta merda, Baby Weston — sopra baixinho, sorrindo. — Eu sou completamente louco por você.

Solto uma risadinha, sentindo meu coração se expandir de amor.

— Sabia que fica gata para caralho quando tenta me convencer de algo? Juro. É surreal.

Rio mais uma vez.

— Você sempre diz que estou gata para caralho.

Ele dá de ombros, sorrindo.

— Porque sempre é verdade.

Colo nossos lábios novamente, agora em um beijo rápido. Mal nos afastamos quando sua voz volta a invadir meus ouvidos.

— E agora, o que vamos fazer? Você leu a ameaça...

Dou de ombros, tentando demonstrar que nada disso me abala. Se o mundo quiser saber que Riley Weston e Austin Crawford são reais, que se foda! Chegou a hora.

— Vamos mostrar para Josh Reid que não temos medo dele — afirmo. Austin franze o cenho, sem saber como faremos isso. Com um largo sorriso tomando meus lábios, me inclino um pouco, deitando minha cabeça em seu peito. Ele me envolve com seus braços. — Espero que esteja pronto para mais um jantar na casa dos Weston.



PARTE QUATRO

"OI, SOGRINHO"



37

AUSTIN

— Acho que estou prestes a ter um ataque cardíaco.

A frase que sai pelos meus lábios faz Riley rir, me obrigando a lançar um olhar incrédulo em sua direção. Ela dá de ombros ao sentir o peso dos meus olhos sobre si, a julgando por estar achando graça de um momento da minha vida que ficarei frente a frente com a morte. Frente a frente com George Weston. Enquanto conto a ele sobre o verdadeiro paradeiro da sua filha nos últimos meses: o meu apartamento.

Ou seja, estou fodido para caralho.

— Desculpa, bonitinho, mas é engraçado.

Me viro no banco do carona do seu Jeep, ficando de frente para ela. Acabamos de estacionar na rua da casa dos seus pais, e meu coração está tão acelerado, que não duvido que resolva parar de bater de repente. Riley me contou que foi procurar por George na arena, quando faltei ao treino. Ela disse que eles marcaram um jantar, então, ao que parece, eu meio que serei a visita surpresa da noite.

— O que é engraçado? — Meu tom de voz exala desespero. — Sabe o que vai acontecer quando tocarmos aquela campainha e o treinador me ver? Ele vai arrancar o meu pau fora! Vai triturar o Baby-Austin!

Riley gargalha, se inclinando sobre o volante do seu carro, sem conseguir se controlar.

— Por favor, jamais chame o seu pau assim de novo.

— Vou tentar.

— Obrigada.

— Não precisa se preocupar. Depois de hoje nem vou mesmo ter um pau para chamar de qualquer coisa.

Ela ri mais uma vez, chacoalhando a cabeça em negação.

— Será que dá para você ser um pouquinho mais positivo?

— Como? — Minha voz sai mais aguda e fina do que o normal. — Você conhece o seu pai! Ele foi atrás do ex-namorado que te traiu apenas para brigar com ele. Imagina o que fará quando souber que *eu,* o jogador que *ele* treina, escondi *você* no meu apartamento por todo esse tempo? George vai surtar!

Riley revira os olhos teatralmente, sem conseguir afastar um sorrisinho do rosto.

— Você não me escondeu, Crawford. Eu te pedi para manter nosso convívio em segredo.

— É a mesma coisa!

— Não é, não — rebate ela. — E, diferente do Josh, você apenas me ajudou, não me machucou em nenhum momento.

Arqueio uma sobrancelha em sua direção. E lendo o que está implícito no meu rosto, Riley respira fundo.

— O que aconteceu com a gente foi um mal-entendido. Você sabe disso. Estava pensando que me ajudaria se acabasse se afastando de mim, e isso apenas piorou toda a situação.

Suspirando, concordo com a cabeça. Desvio o olhar, o focando na janela ao meu lado, enxergando o que há além do vidro. O céu ainda está claro, graças ao Sol, que não terminou de se pôr, mas, mesmo iluminada, a casa dos Weston parece aterrorizante.

Meu Deus... O que um ser humano idiota como eu não faz por amor?

— Ei. — Sinto quando a mão de Riley se fecha ao redor do meu pulso. Corro os olhos até o seu rosto no mesmo instante, a encarando. Um sorrisinho repleto de empatia se curva em seus lábios. — Vai dar tudo certo. Vamos fazer dar certo. E o Baby-Austin ainda estará intacto quando sairmos daqui.

Sorrio, levantando as sobrancelhas.

— Pensei que não gostasse do apelido que dei ao meu pau.

Riley ri.

— Acredite, eu odeio. — Ela dá de ombros. — Falei apenas para aliviar o clima.

Ainda com sua mão ao redor do meu pulso, me inclino em sua direção, colando meus lábios aos seus. Quando o beijo é quebrado, a dou vários selinhos, um em seguida do outro.

— Caso eu saia desse jantar sem vida, quero que se lembre do gosto do meu beijo.

Weston ri, juntando nossos lábios mais uma vez.

— Não esqueceria nem se tentasse. — Sua fala me faz sorrir. Riley ergue meu pulso no alto, lançando um olhar para a fitinha que prendeu ali há algumas semanas. Ela sorri para mim. — Você ainda está usando.

Meu coração se amolece um pouco.

— É claro, linda. Usei por todo esse tempo.

A expressão que toma seu semblante ao ouvir minha confissão é adorável. Fodidamente adorável.

No instante em que nos afastamos, ela se vira, levando seus dedos até a maçaneta da porta. Congelo no mesmo instante. *Caralho, isso está mesmo acontecendo...*

— É agora ou nunca — sopra ela, descendo do Jeep.

Suspiro, mais tenso do que nunca, imitando seus movimentos e abrindo a minha porta também. Assim que desço do veículo e começo a segui-la até a casa da sua família, poucos metros à frente, meu celular vibra no bolso da minha calça. O pego, utilizando o fato de checar a notificação como um possível calmante para o meu corpo.

Mas me arrependo no mesmo instante.

Michael *te adicionou ao grupo* ***"Oi, sogrinho"***
Michael *adicionou* ***Caden*** ***Michael*** *adicionou* ***Dilan***

Dilan: *Aposto 50 dólares que o treinador vai jogar um copo de vidro na cabeça do Austin até o fim do jantar.*

Caden: *Ou bater na bunda dele com um taco velho de hóquei.*

Michael: *Ou mandar logo um socão no nariz.*

Pisco algumas vezes, sem acreditar no que estou lendo. Quem precisa de inimigos quando se tem esse trio como seus melhores amigos, não é mesmo?

Eu: *Nossa, gente, muito obrigado por todo esse maravilhoso apoio!*

Michael: *Imagina, cara, nem precisa agradecer! Estamos aqui para isso.*

Caden: *Somos um time.*

Dilan: *Como carne e unha.*

Caden: *Isso mesmo.*

Dilan: *Estamos torcendo por você.*

Michael: *Claro. Vai, Austin!!!!*

Dilan: *UHULLLL!!!*

Revirando os olhos, solto uma risada fraca. Guardo o celular de volta no bolso da calça, já em frente à porta da casa. Riley gira nos calcanhares, me lançando um olhar silencioso, mas cheio de significados.

E no instante em que ela aproxima a mão da estrutura de madeira e penso que irá bater na porta, sou surpreendido ao assisti-la girar a maçaneta.

Ela. Gira. A. Maçaneta.

Não sei por que me surpreendo com isso. É a casa dos seus pais, afinal. Mas achei que ainda teria um tempinho para me preparar psicologicamente para o que está por vir.

Pensei que ainda teria mais alguns minutos para distrair meu corpo da tremenda vontade que estou sentindo de sair correndo.

— Chegamos! — berra Riley, abrindo a porta.

Merda, merda, merda! É isso, Austin. Não tem mais para onde correr. É agora ou nunca.

— Sinto muito, Baby-Austin... — sussurro para o meu pau, feito um idiota.

— Ah, querida! — grita uma voz ao longe. Um alívio sobrenatural preenche meu corpo assim que me dou conta que é Susan, e não George. — Que bom que você veio. O jantar já está pronto. Estou assando aquela torta de...

Ela para de falar no instante em que chega à sala e seus olhos se focam em mim. Congelo no lugar, sorrindo feito um idiota para a mãe da Riley, sem saber como agir. Meu sorriso deve estar medonho para caralho, largo demais.

Porra.

— Austin Crawford? — A voz de Susan sai aguda, carregada de confusão.

De algum modo, meu sorriso se torna ainda maior. Tão grande, que fico com medo do meu maxilar trincar.

Sinto Riley segurar a minha mão, parando ao meu lado. Por mais que esteja se esforçando para parecer tranquila, ela está gelada, assim como eu.

— Mãe...

— Amor, está tudo bem? Eu ouvi o seu gri... — A frase morre na garganta de George assim que ele sai da cozinha, notando a nossa chegada.

O treinador paralisa, seu cérebro tentando processar o que está acontecendo. Ou melhor, tentando processar o porquê de *eu* estar aqui. Seus olhos descem para a minha mão, entrelaçada à da sua filha.

Engulo em seco, sentindo o medo corroer todas as partículas do meu corpo.

Fodeu.

George abre a boca, tentando falar, mas logo a fecha. Ele se vira para a sua esposa, que agora sorri em nossa direção, parecendo aprovar e entender o que está acontecendo. Ainda sem dizer nada, seu olhar recai sobre Riley e eu novamente.

E quando George finalmente fala, desejo poder voltar no tempo e aproveitar enquanto ele estava quieto, mesmo que meu corpo todo estivesse repleto de agonia por isso.

— Austin, você tem três segundos para pensar em uma desculpa boa o suficiente para me fazer desistir da ideia de cortar o seu pau com a tesoura da cozinha.

Tá legal, agora fodeu mesmo.

— Um...

— Meu Deus! — exclamo, desesperado, encarando Riley nos olhos.

Ela parece tão perdida quanto eu.

Caralho, porra, cacete! Tem um cara de 52 anos ameaçando cortar o Baby-Austin!

— Dois...

— Eu me rendo! — grito, agindo por impulso. A adrenalina que toma meu corpo é tanta, que ergo as palmas das mãos no ar de forma automática, sem nem pensar no que estou fazendo. — Me rendo, treinador!

George para. Sua testa se franze, e ele permanece me fuzilando com o olhar. É como se estivesse se questionando que reação de merda foi essa que eu acabei de ter.

Eu também estou me perguntando a mesma coisa, para ser sincero.

— Pelo amor de Deus — solta Riley, se posicionando à minha frente. Ela revira os olhos antes de encarar o seu pai, como se já estivesse cansada

dessa dinâmica infantil e estranha que se instalou entre nós nos últimos segundos. — Nós vamos conversar com calma, pai. Prometo te explicar tudo. Mas antes, será que podemos pelo menos nos sentar à mesa de jantar?

George não responde. Ele apenas bufa, se virando de costas e indo até a mesa retangular, onde se senta. O ranger que sua cadeira faz ao ser arrastada pelo chão é ardido, mas ele não se importa.

Está focado demais em permanecer me olhando como se quisesse me matar.

— Vem, bonitinho — Riley me chama, estendendo a mão para que eu segure.

Sentindo o poder da encarada mortal de George sobre mim, hesito um pouco antes de fechar minha mão na sua, indo com ela até a mesa.

Susan desaparece por alguns segundos, voltando com uma travessa grande de macarrão. Ela pousa o prato no centro da estrutura, logo se acomodando ao lado do marido, do outro lado da mesa. E quando estamos todos sentados, Riley e eu somos as vítimas do olhar curioso da sua mãe. E do furioso, no caso do treinador.

— Bom... — ela começa a falar, coçando a garganta em seguida. Está nervosa, e isso é claro. — Sei que devem estar se perguntando o que aconteceu e o porquê de estarem descobrindo tudo só agora. É uma história meio longa, mas vou me esforçar para resumir.

Ela se empertiga na cadeira, pigarreando mais uma vez.

— Há um tempo, quando saí de casa, Austin me encontrou dormindo no meu Jeep. Ele me chamou de irresponsável e me levou para o seu apartamento, onde eu passei a noite no quarto de hóspedes. Na manhã seguinte, quando estava indo embora, bati no seu carro. E então, no meio de uma conversa e uma situação bem caótica, chegamos a um acordo e decidimos morar juntos. — A expressão de George fica cada vez mais horrorizada à medida que as palavras que escapam pelos lábios da sua filha. — Austin me ajudou muito. Eu não tinha dinheiro na época. Vocês sabem disso. Eu não trabalhava, tinha apenas algumas economias, que não eram muitas. Não conseguiria me bancar sozinha. Então, ele me ofereceu a mão. E eu consegui provar para mim mesma que consigo, sim, ser uma adulta de verdade.

Ela dá uma pausa, organizando suas ideias. Quando volta a falar, seu olhar está focando em seu pai, dando completa atenção a ele.

— Menti sobre estar morando com a Ruby na irmandade. Aquilo nunca aconteceu. Pedi para que Crawford deixasse tudo em segredo, porque queria mostrar que era capaz. Que *sou* capaz. E provei isso para mim mesma. Provei que consigo me cuidar sozinha. Estou trabalhando, estudando e me sustentando agora, de certa forma. E seria muito importante para mim se você, pai, reconhecesse isso e não fizesse um escândalo sobre mim e o meu...

De repente, Riley trava. Ela fica em completo silêncio, sem saber o que dizer a partir desse ponto. Nunca definimos o que somos realmente.

Mas sei o que quero que sejamos.

E é então que, encontrando sua mão com a minha por baixo da mesa, engulo meu nervosismo antes de completar: — Namorado. — Todos os olhares se focam em mim, surpresos. Inclusive o de Riley. A encaro de volta, permitindo que uma leve curva tome meus lábios enquanto continuo falando com seus pais. — Riley e eu estamos namorando, Sr. e Sra. Weston.

Diferente do que era esperado por mim, silêncio algum recai sobre a mesa. Ao invés disso, George se engasga, passando a tossir fortemente e a atrair nossa atenção para si.

Susan se desespera, enchendo um copo com a água da jarra e o entregando para ele, que logo dá o primeiro gole. Quando engole, George está vermelho. E eu estou me segurando ao máximo para não rir.

De nervoso, claro.

— Fiquem tranquilos — Susan solta, tentando nos acalmar. Ela sorri em nossa direção. — Daqui a pouco ele se acostuma com a notícia. Estamos muito felizes por vocês. E ainda mais felizes por estarem aqui.

— Diga por você — responde um treinador Weston meio emburrado e engasgado, bufando logo em seguida.

Mas, para a minha surpresa, meu corpo é preenchido por alívio assim que ouço suas palavras, mesmo que ranzinzas.

Porque isso significa que acabou. Que Riley Weston pode finalmente deixar de ser o meu segredo favorito, e se tornar a minha *verdade favorita.* A verdade que poderei gritar para o mundo todo, a chamando de minha.

Quando deslizo meus olhos para a mulher ao meu lado, que ainda segura a minha mão por baixo da mesa, vejo que está sorrindo. E percebo que também pensa o mesmo que eu.



— Não foi tão ruim assim. — É a primeira coisa que Riley fala quando chegamos ao nosso apartamento, uma hora mais tarde.

Fecho a porta, a trancando.

— Não, não foi. Na realidade, foi bem melhor do que eu esperava — revelo, a observando enquanto deixa sua bolsa na poltrona da sala. Me aproximo dela, a segurando pela cintura e encarando o fundo dos seus olhos. — Pelo menos ele não torceu as minhas bolas, cortou meu pau com uma tesoura, me deu um soco no nariz ou bateu na minha bunda com um taco de hóquei velho.

Riley ri ao ouvir minhas palavras, ficando na ponta dos pés para colar nossos lábios em um beijo rápido.

— Você foi ótima — sopro assim que ela afasta seu rosto do meu, sem conseguir evitar sorrir. — Espero que o treinador entenda que você precisa do seu espaço.

— Eu também. — A leve curva feliz em seus lábios vacila por um instante.

Franzo o cenho.

— O que foi?

Riley dá de ombros, meio hesitante para falar.

— É só que... Sobre a forma que se rotulou no jantar... — Ela dá uma pausa, suspirando. — Não quero que se sinta pressionado, Austin. Não precisamos dar um nome ao que temos agora, se não quiser. Por mim, tudo está perfeito do jeito que está. Podemos ir com calma.

Firmando minhas mãos em sua cintura, fito a imensidão de azul em seus olhos com seriedade, desejando que escute cada uma das minhas palavras com atenção.

— Não quero ir com calma, Baby Weston. Já fomos devagar demais — digo, com todo o meu coração. — Quero você. A toda hora. A todo momento. Mesmo que decida bater no meu carro, acabar com a minha festa,

atirar uma garrafa na parede ou desconectar o meu video game da tomada mais uma vez. Ainda assim, vou querer você. Vou querer que limpe todas as maquiagens ridículas que meus amigos fizerem no meu rosto, que dance comigo pela casa, que me permita tirar a sua roupa no chão da sacada, que me deixe te agarrar na piscina até ela fechar e sermos expulsos pelo porteiro de novo, que acabe com todos os potes de sorvete de pistache do mercado comigo e que prepare panquecas para mim todas as manhãs, me tirando da dieta que eu deveria estar seguindo fielmente. Eu *só* quero você.

Riley volta a sorrir, seus olhinhos brilhando em emoção. Ela cola nossas testas, fechando as pálpebras.

— Bonitinho?

— Huh?

— Eu te amo.

E então, simples assim, apenas ao ouvir a junção dessas três palavras, meu coração explode em alegria. Uma sensação nova toma meu corpo por inteiro, e é boa para caralho. Levo meus dedos até o queixo de Riley, afastando seu rosto do meu, a obrigando a abrir os olhos para me encarar.

Porque sei que agora é a minha vez de dizer. E quero que esteja me observando enquanto faço isso. Quero que, pelo meu olhar, perceba que minhas palavras são sinceras. E que o que sinto por ela é a porra do sentimento mais verdadeiro que já senti em toda a minha vida.

— Eu também te amo, Baby Weston.

Quando choco nossos lábios, dando início ao que é provavelmente o beijo mais importante que já trocamos, me sinto em paz. E não me importo com um possível George Weston irritado, um Josh Reid invejoso, a forma como a mídia reagirá diante da notícia quando ela for vazada por nós e nem com todas as piadinhas que sei que vou escutar dos meus colegas de time mais tarde.

Porque agora as coisas parecem verdadeiramente certas. Minha mãe está bem, perto de mim, minha carreira está decolando e estou apaixonado por uma mulher incrível, que me ama de volta e me faz querer ser melhor a cada dia que passa.

E pela primeira vez na vida, me sinto tranquilo. Sem carregar todo o peso do mundo sobre os ombros.



38

AUSTIN

Meu corpo todo se enche de ansiedade quando ergo o punho, o batendo na porta.

É fim de manhã em Washington, e a luz que entra pelas janelas é a única responsável por iluminar o extenso corredor do hotel onde minha mãe está hospedada. Tudo está bem silencioso por aqui, menos a batida do meu coração, que se iguala a uma caixa de som dentro do meu peito, reverberando por todo o corpo.

Estou nervoso. Sempre fico.

Quando deixei a minha mãe aqui, antes de ontem, dei um dos meus cartões de crédito para ela. Kleah hesitou um pouco, mas acabou aceitando. Ela estava assustada, por mais que tenha se esforçado para parecer bem na frente de Riley. Quem não ficaria, afinal? Não é todo dia que seu namorado te faz perder tudo e você acaba mudando de país, buscando dar início a uma nova vida.

Na manhã seguinte, abri o aplicativo do supermercado e pedi algumas coisas para serem entregues no quarto onde minha mãe está hospedada. Ela me enviou uma mensagem, em agradecimento, e conversamos um pouco.

Mas agora é a primeira vez que estou vindo visitá-la de verdade. E meu coração parece prestes a pular pela boca. Porque também é a primeira vez que vamos *conversar* de verdade.

Ontem à noite, depois que Riley e eu chegamos da casa dos Weston, a pedi para me ajudar em relação ao que irei falar para a minha mãe. Porque quero e sei que *preciso,* como um filho e uma das pessoas que mais a ama

no mundo, ajudá-la a colocar a cabeça no lugar. A se reinventar, mas primeiro aprender como evitar repetir os mesmos erros do passado.

Sou péssimo com conselhos. Péssimo para cacete. Mas hoje, sei exatamente o que falar. Passei anos da minha vida refletindo sobre isso, afinal.

A quietude me permite escutar os passos de Kleah se aproximando da entrada. E quando ela gira a maçaneta, me obrigo a sorrir, mesmo nervoso. A expressão da minha mãe se ilumina quando ela abre a porta, notando a minha presença.

— Nossa! Não sabia que você estava vindo — diz, me puxando para um abraço.

Fecho os olhos ao ser envolvido pelos seus braços, sendo teletransportado para a minha infância. Seu perfume doce invade minhas narinas.

— Trouxe um presente — sopro, me agachando para pegar o vaso com o girassol que deixei no chão. Kleah abre um largo sorriso assim que a entrego a flor. E juro que até seus olhos chegam a se tornar um pouquinho marejados. — Espero que goste.

Sei que para mulheres que sofreram violência doméstica, flores podem não ter um significado bom. Sei que agressores as usam como pedidos de desculpas esfarrapados quando batem em suas esposas e se arrependem no instante seguinte, com medo de perdê-las, mas acabam cometendo o mesmo ato de novo e de novo. É um ciclo sem fim, e já vi alguns dos namorados da minha mãe levando flores para ela.

Não apenas uma ou duas vezes, mas mais.

Porém, desta vez, é diferente. Porque minha flor não é um pedido de desculpa esfarrapado. Minha flor não carrega a carga de uma situação difícil, machucados e muita, mas muita dor.

Ela significa renascimento.

Uma vez li que os girassóis são flores que se torcem e se contorcem à procura da luz do sol. E quando não há sol, em dias nublados, eles se viram uns para os outros, em busca da energia daqueles que estão ao seu redor.

Kleah Crawford e eu somos girassóis. E vou dar a ela toda a minha energia. Todo o meu apoio.

Porque, assim como essa flor, precisamos estar próximos a pessoas que se importam verdadeiramente com a gente quando tudo está frio e nublado. E minha mãe já passou tempo demais sob as nuvens. Chegou a hora do seu sol brilhar.

— Filho... — Ela tenta começar, assim que nos sentamos nas únicas duas poltronas do seu quarto de hotel, mas eu a peço para esperar, erguendo uma palma da mão no ar.

— Posso começar?

Abraçada ao vaso posicionado em seu colo, Kleah faz que sim com a cabeça.

Endireito a postura, limpando a garganta enquanto sinto meu coração se acelerar e me preparo para falar.

— Mãe, antes de tudo, quero deixar claro que sempre desejei o seu bem. Que sempre estive aqui por você, e que sempre vou estar. — Minhas palavras saem roucas, carregadas de sentimentos tão fortes que não conseguiria nomeá-los nem se tentasse. Dentro do peito, meu coração bate mais forte do que nunca. — E sinto muito por não ter sido tão presente na sua vida nos últimos anos. Sinto muito por ter te feito sentir como um peso para mim, quando nunca sequer pensei que estava dando indícios disso. Sinto muito por ter me acomodado com o seu relacionamento com Bob Jacob, ao invés de não desistir de te ajudar, como fazia antes. Eu... sinto muito.

Coçando os olhos para evitar as lágrimas que desejam se formar por eles, inspiro e expiro lentamente.

— Sinto muito por todas as vezes que te machucaram. Sinto muito pelas escolhas ruins que fez durante a vida, pelas pessoas erradas que resolveu confiar e entregar seu coração e por tentar fazer o mundo delas um lugar melhor e apenas se ferrar por conta disso. Sinto muito por cada um que tratou seu coração feito lixo, quando, na realidade, ele apenas foi bom. Bom o tempo todo. — Dou outra pausa, enxugando meus olhos novamente. Minha voz já está sem forças, completamente embargada, e minha garganta queima, meu corpo carregado de sentimentos. — O mundo não está preparado para abrigar almas completamente boas, mãe. Pessoas machucam pessoas. E o que acontece na realidade é diferente do que acontece nos filmes. Na vida real, os bonzinhos sempre se fodem no final. Essa é a regra.

Os lábios de Kleah tremem enquanto ela assimila minhas palavras, se contendo para não chorar. Fungando, já sentindo meu nariz entupido, mesmo sem ter derramado uma lágrima sequer, deixo a minha poltrona. Me aproximo dela, me ajoelhando à sua frente. Kleah afasta uma das mãos do vaso apenas para segurar a minha, e seu toque é gelado.

— Há alguns dias, eu me sabotei um pouco. Recordei o meu passado e comecei a me perguntar como seria o meu futuro. Me perguntei o que aconteceria se eu, o garoto que cresceu rodeado por homens problemáticos, desse uma chance para o amor e fodesse com tudo no final. — Dou de ombros, engolindo em seco, sentindo meu peito queimar como nunca. Só então, a primeira lágrima escorre, deslizando pela minha bochecha. — Até que entendi que o futuro é como uma página em branco, em que nós escrevemos. Tudo bem que merdas acontecem durante o caminho e que muitas vezes não temos controle sobre elas, mas conseguimos cuidar do que *nós* fazemos. Conseguimos ter controle sobre como agimos e como respondemos a todas elas. E é por isso, mãe, que neste momento eu te faço uma promessa. A promessa de que nunca mais irei soltar a sua mão. Que serei seu girassol em meio a dias nublados e te ajudarei a escrever uma nova história na sua página em branco.

Esfrego a bochecha com a mão livre, secando as lágrimas, que agora caem sem intervalos. Mesmo com a água salgada embaçando os olhos, percebo que Kleah também está chorando.

— Vamos começar indo atrás de um tratamento psicológico para você — sugiro, com a voz falha. — Vamos encontrar um profissional que te ajude e em quem você confie. Também já vou começar a procurar por apartamentos e por locais na cidade que estejam contratando.

Estendo a mão, limpando uma nova lágrima que escapa do olho da minha mãe. Seu lábio inferior treme, assim como a sua mão, que ainda segura a minha.

Me levanto, inclinando meu tronco um pouco para frente, envolvendo Kleah Crawford com os meus braços. E é neste momento, que eu a faço um juramento. O mais verdadeiro. Aquele que vem do fundo do coração.

— Você vai ser feliz, mãe. Sei disso.

Minhas palavras a atingem com força, a fazendo desabar ainda mais. Suas lágrimas molham a minha camiseta, e afago seus cabelos com a mão

quando soluços passam a escapar pelos seus lábios.

Permanecemos em silêncio por um bom tempo, apenas aproveitando a presença um do outro. E de alguma forma, nossa falta de palavras é capaz de dizer muita coisa. Estamos aqui. Um pelo outro. Até o fim.

— Austin? — a voz da minha mãe me chama, após alguns minutos, agora já mais calma, apesar de ainda estar embargada.

Me afasto um pouco dela, encarando seus olhos.

Uma fraca linha feliz tenta ganhar vida em seus lábios.

— Aquela menina tem sorte de ter alguém como você — solta, me pegando totalmente de surpresa. Franzo o cenho, sem saber ao certo como reagir. Riley disse para ela que somos apenas colegas de apartamento, afinal. Enxergando a confusão que toma meu semblante, Kleah resolve esclarecer. Ela dá de ombros. — Não sou boba, filho. Te conheço melhor do que ninguém. Quando me buscou no aeroporto e a encontramos no carro, seus olhos praticamente gritavam o quanto você a ama. É genuíno. Eu consigo ver.

Meu coração se derrete um pouco, e me sinto um tremendo idiota ao pensar que talvez minhas bochechas estejam enrubescendo.

— Riley é a minha namorada — revelo, meio sem jeito. É a primeira vez que digo a palavra. — E adoraria que se conhecessem mais a fundo.

Minha mãe abre um largo sorriso.

— Será um prazer. — Ela desvia o olhar, focando no vaso em seu colo. — Riley também vai ganhar uma flor?

Sorrio, sem conseguir me conter.

— Vai, sim.



Quando paro a SUV em um dos estacionamentos da Washington Burney University e dou o primeiro passo para fora dela, vários olhares se voltam em minha direção. Endireito a postura antes de sair andando, levando um buquê de rosas vermelhas comigo, sem me importar com todos os universitários curiosos que me cercam.

É hora do almoço, e o treino da Riley já deve estar prestes a acabar. Mesmo com seu Jeep consertado há um bom tempo, hoje ela resolveu que

viria de carona com Cooper e Ruby, para atualizá-los sobre o que aconteceu na sua vida. Eu disse que poderia buscá-la, e ela não se opôs. Acho que até ficou animada por poder, finalmente, ser vista comigo em público.

E sendo bem sincero, também estou feliz para caralho agora.

O trajeto até o campo de futebol americano é curto, e ao chegar já consigo observar algumas líderes de torcidas, sentadas na parte mais baixa das arquibancadas vazias. Todas elas estão iguais, vestindo seus uniformes vermelhos e brancos enquanto assistem ao treino dos Red Tigers, que também deve estar prestes a acabar, já que o treinador deles não está aqui. Deslizo os olhos pelo campo, procurando um nome em específico. E no instante em que encontro o homem de cabelos loiros ridiculamente sedosos e olhos castanhos, uma careta toma meu rosto.

Reconheceria o babaca do Josh Reid em qualquer lugar.

Me obrigo a ignorá-lo enquanto me aproximo das garotas na arquibancada, procurando por uma, em específico.

— A capitã está do outro lado do campo — solta a voz atrás de mim, me pegando de surpresa.

Franzo o cenho imediatamente, girando nos meus próprios calcanhares.

Claire Jason está sentada a alguns passos de distância de mim, acompanhada de uma garota de cabelo cor-de-rosa. As duas têm seus pompons no colo, e a menina parece genuinamente confusa ao me ver, como se estivesse se perguntando que caralhos estou fazendo na sua universidade.

Uma leve curva toma os lábios de Claire.

— Riley me disse que você viria buscá-la. Pediu para que eu ficasse de olho, caso chegasse e não a encontrasse.

Assinto, a agradecendo. Graças ao sol, sou obrigado a apertar os olhos assim que tento enxergar quem está do outro lado do campo, ocupando as arquibancadas ao longe. Os cabelos loiros de Ruby e os escuros como carvão se Riley se contrastam quando estão lado a lado. Seria impossível deixar de reconhecê-las em qualquer lugar.

— Valeu, Claire — digo para a ruiva ao voltar a conectar meus olhos aos seus.

Ela gesticula, como se dissesse “não foi nada”. Mas eu sei que foi. Sei que fui um grande babaca com ela no passado, ao deixar de esclarecer o que tínhamos e a magoar por conta de um tremendo mal-entendido.

E é com esse pensamento em mente, que tiro uma das rosas do buquê, a entregando para a garota que tinha mil motivos para continuar me odiando e sabotar o meu relacionamento com Riley, quando descobriu sobre nós dois, naquela festa, mas que, mesmo assim, escolheu não fazer nada. Em resposta, ela sorri para mim, rodando o cabinho da flor entre os dedos. E sei que, mesmo sem nenhuma palavra trocada, essa é a nossa trégua.

Atravesso o campo, me aproximando de Riley. Líderes de torcida me encaram curiosas enquanto passo por elas, mas as ignoro. A única garota que quero alcançar está a apenas alguns passos, e mal vejo a hora de poder tomá-la em meus braços, a tirando daqui e a levando para o *nosso* apartamento.

E é exatamente isso que faço assim que enfim me aproximo dela. Ao me ver, Riley se levanta da arquibancada, sorrindo para mim. A puxo pela cintura, colando nossos lábios.

Ouço alguns sons surpresos vindo de longe, mas os ignoro. Agora estamos aqui para o mundo todo ver, certo?

— Oi — sopro, sorrindo assim que colo nossas testas e a encaro de perto.

— Oi, bonitinho — ela devolve, também com uma linha feliz rasgando os lábios.

E, *porra, e*u amo o seu sorriso.

— Trouxe algo para você — digo, separando nossos corpos apenas para erguer um pouco o buquê em minha mão.

Um brilho novo toma o semblante de Riley quando vê a flor. Seu sorriso se alarga, e ela leva as rosas até o nariz, as cheirando.

Se depender de mim, flores jamais terão um significado ruim para você, Baby Weston, é o que penso, sentindo o coração pesar enquanto a observo.

Eu vou fazer diferente. Sei que vou.

Sou surpreendido assim que deslizo os olhos pelo campo e vejo que, assim como as líderes de torcida, os jogadores do Red Tigers também pararam para nos assistir. Meu olhar encontra Josh, que ostenta uma

expressão completamente infeliz em seu rosto, me fitando fixamente. Sustento seus olhos faiscantes por alguns segundos antes de desviar meu foco para Riley. Abrindo um sorriso e a puxando pela cintura, colo a lateral dos nossos corpos — Ei, Reid! — grito, chamando ainda mais a atenção de todos, não apenas a dele. Volto a encará-lo. — Eu poderia muito bem atravessar esse campo e te dar aquele soco que nós dois sabemos que você merece, mas a verdade é que não vale a pena. *Você* não vale a pena. É só mais um babaca mal-amado, que não consegue superar o fato de que fez uma grande merda e perdeu a garota mais maravilhosa da porra do mundo todo.

Alguns caras do time escondem suas risadas e outros franzem o cenho, completamente confusos.

— Muito menos entender que agora ela está com alguém bem melhor. Alguém que jamais faria nada do que você fez.

A poucos passos de distância de Josh, Cooper arregala um pouco os olhos, parecendo estar surpreso com toda a situação inesperada. Me afasto de Riley, entrando de fato no campo. Enquanto me aproximo do seu ex-namorado, o silêncio recaí ao meu redor, e a tensão atinge níveis tão elevados, que se torna palpável.

Josh está vermelho assim que paro em frente a ele. Reid trava a mandíbula, fuzilando meus olhos.

Mantenho a feição impassível, diminuindo meu tom de voz, apenas para que ele possa ouvir.

— Não tenho medo de você, Josh — declaro. Sinto o peso de todos os olhares curiosos que nos cercam sobre mim. — E ainda tenho aquele envelope guardado. O que você e o seu suposto tio policial fizeram foi digno de denúncia. E aposto que, com toda a minha influência, seria uma polêmica e tanto se eu contasse sobre a sua ameaça para a mídia, não? A sua entrada na NFL seria bem difícil, caso eu mexesse alguns pauzinhos para te impedir...

Ele não responde, mas percebo quando prende a respiração. E isso já é o suficiente para eu saber que minhas palavras o atingiram.

— Está avisado, Josh. Sempre prezei pelo certo. Não será diferente agora. Espero que esteja pronto para sofrer as consequências dos seus atos. — Faço menção de girar nos calcanhares, mas desisto no instante em que

me lembro de que há algo que ainda não falei. — Ah, e para o seu próprio bem, é melhor que não tente entrar no nosso caminho ou mexer com minha mulher de novo. Não prometo ser tão racional caso isso aconteça mais uma vez.

Ele não reage à minha ameaça, mas enxergo o medo que flutua em seus olhos. Reid vira o rosto antes de sair andando, atravessando o campo sem dizer uma só palavra. Ainda sendo o foco principal dos olhares de todos aqui presentes, sigo na direção contrária da que ele escolheu.

Sigo para onde a minha namorada está.

E enquanto Riley se despede de Ruby, acompanhada pelo som do caos que minhas palavras causaram, com murmurinhos e vários questionamentos sendo soltos entre os atletas do Red Tigers, alguns olhares confusos e embasbacados continuam presos em nós dois.

— Ele mereceu — minha namorada comenta em meio ao nosso caminho até o carro. Seus pompons balançam conforme ela anda.

Um sorriso se curva em meu rosto.

— Já te contei que eu era um dos valentões da escola? Adorava arrumar briga.

Ela arqueia uma sobrancelha em minha direção.

— Ah, é?

Faço que sim com a cabeça.

— Juro. Nunca viu o tamanho dos meus bíceps, linda? Eu colocava todo mundo para correr. Era Austin Crawford, o terror do jardim de infância.

Weston ri enquanto aperto a chave para destravar o carro, logo dando a volta no veículo e parando em frente à sua porta.

— Tenho certeza que sim. — É o que responde, sendo completamente sarcástica antes de entrar na SUV.

Indignado diante do seu atrevimento, levanto as sobrancelhas, abrindo a porta e me sentando em frente ao volante. Quando a encaro, ela está mordendo um sorriso, ciente do impacto que sua ironia teve sobre mim. E é tão fofa, que sequer penso em me conter antes de enchê-la de beijos.



39

AUSTIN

Poucos dias antes dos Playoffs Cancún, México

Se existe algo que aprendi durante a vida, é que coisas bonitas não precisam chamar atenção para serem notadas. E Riley Weston é uma delas.

Enquanto descemos do carro que nos trouxe até a gigantesca mansão de Nikolai Ivanov e damos o primeiro passo no tapete vermelho, cliques e flashes de câmeras são apontados em nossa direção. Segurando minha mão na sua, Riley sorri para os fotógrafos, agindo como se já estivesse acostumada a isso. Como se essa fosse a milésima vez que passasse por um tapete vermelho, e não a primeira delas.

O interior da mansão está completamente decorado, com detalhes dourados, banhados a ouro, e móveis luxuosos. Um grande lustre cintilante pende do teto da entrada, e sou capaz de reconhecer alguns dos rostos que aqui se fazem presentes.

— Com licença — pede uma mulher ao meu lado. Ela está inteiramente vestida de branco, e seu inglês sai carregado de sotaque. A pergunta que faz em seguida é dirigida à Riley. — Quer me entregar seu casaco?

Encaro a minha namorada, assistindo enquanto ela faz que sim com a cabeça e tira o pesado agasalho preto de pelos, o escorregando pelos seus braços e revelando o vestido preto que há por baixo. E cacete, sei que sempre digo isso, mas hoje Riley Weston se superou no quesito “estar gata para caralho”. Ela está deslumbrante. Seus cabelos escuros estão soltos, emoldurando o rosto fino e caindo como cascatas em seus ombros. A maquiagem que tinge sua pele é brilhosa, mas não exagerada, realçando o azul dos seus olhos. E os saltos altos... Porra, ela fica sexy para caralho com eles!

— Podem seguir naquela direção — diz a mulher de branco, agora segurando o casaco de Riley. Ela aponta com a cabeça para uma pequena fila de pessoas, sorrindo para nós dois. — Nikolai está recebendo todos os convidados pessoalmente.

E então, eu travo. Ela se afasta, me deixando apenas com Riley. Weston entrelaça seu braço no meu, seguindo meu olhar, que agora se crava na fila, a alguns metros de distância.

— Acho que vou fazer xixi na calça — revelo, mais sério do que nunca.

Pensar que Nikolai Ivanov está a apenas alguns metros de distância me deixa nervoso para caralho. O cara é uma estrela. É um dos meus maiores exemplos desde que era apenas uma criança brincando com um taco. Não dá para acreditar que vou finalmente conhecê-lo.

— Talvez eu desmaie. — É o que minha namorada sussurra, tão nervosa quanto eu.

Sua fala me faz sorrir, mesmo que esteja me segurando muito para não chorar feito uma criança tendo seu sonho realizado ou sair correndo daqui, sem coragem de encarar o maior jogador de todos os tempos. Gosto disso. Gosto de ter alguém que divide os mesmos gostos que eu ao meu lado.

— Se você desmaiar, eu te pego no colo. Se eu fizer xixi, não terei como esconder. Não trouxe outra calça.

Riley me lança um olhar sério.

— Então tente se segurar.

Rio fraquinho, concordando com a cabeça. Somos ridículos para caralho.

— Prometo que vou me esforçar.

Ela morde um sorriso, agarrando meu braço com o seu com ainda mais força, como em um incentivo silencioso. Um incentivo que me diz para sair do lugar. E declara que ela me seguirá a cada passo que eu der, sem se afastar.

— Se eu começar a gaguejar quando for falar com ele, você se intromete, impedindo que eu passe a maior vergonha do século.

Ela ri baixinho conforme saímos do lugar, nos aproximando do final da fila.

— Certo. Mas e se *eu* também gaguejar?

Dou de ombros.

— Você está gata para caralho, Baby Weston. Você *é* gata para caralho. Ninguém liga quando alguém como você gagueja. Já eu, vou parecer ridículo!

A expressão de Riley é coberta por divertimento. Ela morde o sorriso assim que a fila começa a andar, me acompanhando ao dar passos para a frente.

— Caralho... — sopro baixinho assim que, por cima dos ombros das pessoas à minha frente, consigo enxergar Nikolai. Ele veste um terno caro e sorri para os convidados, apertando a mão de cada um que passa ao seu lado.

Acho que vou ter uma parada cardíaca quando ele apertar a minha.

— Ei — como se pudesse ler meus pensamentos, Riley me chama, atraindo meus olhos para os seus. — Respira. Vai dar tudo certo.

Faço o que minha namorada pede, tentando me manter no controle, mas é difícil para caralho. Sorrio para ela, grato por estar aqui. Quando Paxton convocou Caden e eu para mais uma reunião antes da viagem e o contei sobre quem seria minha acompanhante, ele quase passou mal. Riley e eu já tínhamos parado de nos esconder e algumas fotos nossas tinham até mesmo vazado para a mídia, mas meu agente não devia estar levando nosso relacionamento à sério até aquele momento. Paxton engasgou, começando a tossir desesperadamente.

Não sei por que, mas essa é a reação que a maioria das pessoas tem ao descobrir sobre Riley e eu. Elas se engasgam. Caden, George e Paxton são alguns exemplos disso.

— Espero que Nikolai não se engasgue — sussurro para mim mesmo, sem sequer pensar.

Riley franze o cenho.

— O quê?

Chacoalho a cabeça, desviando o olhar.

— Não, nada não.

A fila passa a andar rápido, e quando olho para trás, percebo que várias pessoas novas chegaram e agora aguardam também. Conforme nos aproximamos de Nikolai, sinto o coração bater mais forte, quase pulando

pela boca. E quando o casal à nossa frente o cumprimenta, sendo recebidos por ele, acho *mesmo q*ue vou fazer xixi na calça. Ou desmaiar, gaguejar ou engasgar.

Os olhos da grande estrela do hóquei se focam em mim quando dou o último passo até parar em sua frente, sentindo meu corpo todo gelado, graças ao nervosismo. Nikolai abre um grande sorriso.

— Austin Crawford — ele me cumprimenta, soprando meu nome pelos lábios. Sua voz sai carregada de algo próximo à admiração, e isso me desestabiliza por alguns segundos.

Puta merda! Não acredito que estou mesmo frente a frente com a minha maior inspiração. Muito menos que ele *sabe* o meu nome. Se o Austin de 8 anos estivesse aqui agora, provavelmente surtaria. E depois choraria.

Estou quase fazendo isso, para ser sincero.

— É um prazer te receber na comemoração do meu aniversário — Ivanov diz, estendendo a mão para que eu a aperte.

Em um completo estado de choque, desço meus olhos até ela, sem conseguir me mexer. Mas então, Riley me dá uma cotovelada, e finalmente sou fisgado de volta à realidade, selando nossos toques.

Sinceramente? Não sei o que seria de mim sem essa garota.

— O prazer é todo meu, Sr. Ivanov. — De alguma forma, encontro minha voz.

O homem de 63 anos solta a minha mão, gesticulando logo em seguida.

— Por favor, me chame apenas de Nikolai. Sei que estou um pouco velho, mas ainda não me considero um senhor. — Ele sorri, deslizando seus olhos para Riley. — Seja muito bem-vinda, senhorita...

— Riley Weston — ela se apresenta, toda sorridente por estar o conhecendo.

Riley estende a mão, e Nikolai a aperta enquanto franze o cenho. A expressão que toma seu semblante é pensativa.

— Por acaso você é filha do...

— George Weston? — Minha namorada solta uma risadinha, fazendo que sim com a cabeça. — O próprio.

Com uma curva feliz tomando os lábios, Nikolai ergue as sobrancelhas em minha direção.

— Não quero nem imaginar a confusão que tudo isso deu.

Sorrio também, sem conseguir me conter.

— É melhor assim — brinco, encarando Riley, que revira os olhos teatralmente.

— Bom, espero que aproveitem a festa — deseja Nikolai. — Caden Prescott e Michael Parker já chegaram. Eles estão em uma mesa reservada especificamente para vocês.

O agradeço antes de entrar realmente no espaço da mansão onde a festa é concentrada. Ainda com o braço entrelaçado no de Riley, levo a mão ao coração, sentindo o batimento cardíaco acelerado.

— Caralho... — sopro, já a uma distância segura do anfitrião da noite, também conhecido como a maior lenda do hóquei no gelo.

Riley solta uma risadinha fraca, me encarando nos olhos.

— Sua calça continua intacta? — ela pergunta, me provocando.

Respirando fundo, tento acalmar meu coração, que parece prestes a pular pela boca.

— Acho que sim.



Riley, Ruby e Avery permanecem focadas na missão de devorar todos os aperitivos que os garçons nos oferecem enquanto Michael, Caden e eu as encaramos com olhares julgadores.

Estamos em uma mesa redonda, bem no meio do salão. Ao nosso redor, algumas pessoas dançam e conversam ao lado dos garçons, que não param de se movimentar, servindo todos os convidados. A noite de hoje conta com a presença de grandiosos nomes. Não apenas do esporte, mas também do cinema, como Avery Lakeland, que veio como a acompanhante do Caden.

Acredito que tanto para Michael, quanto para mim, o fato de termos conseguido alguém para nos acompanhar no evento, ainda seja um tanto estranho. *Porra*, eu amo a Riley. A amo para caralho. Mas quando recebi o convite para a festa, sequer pensava na possibilidade de poder vir com ela

ao evento. Naquela época, Weston ainda me odiava. E com razão. Fui ridículo para caralho ao dar aquela festa no nosso apartamento e deixar de avisá-la.

— Já disse ao Paxton que chegamos? — É o que Caden pergunta, do outro lado da mesa.

Nego com a cabeça, sendo sincero.

— Esqueci. — Pego meu celular, posicionado em cima da estrutura da mesa, e desbloqueio a tela, buscando o contato do nosso agente. — Vou mandar uma mensagem para ele agora.

Paxton River nos pediu para ficar atentos ao horário. Quando o convite de virmos a essa festa surgiu, há alguns meses, ficamos preocupados com a data, já que já estamos a apenas uma semana do início dos *playoffs,* e temos de estar em Washington para todos os treinos e reuniões que teremos nos próximos dias. River disse que daria um jeito de não permitir que nossa estadia no México seja demorada, então, nesta manhã, conseguiu nos trazer de jatinho e garantiu que também voltaremos para os Estados Unidos ainda hoje.

Michael, por sua vez, retornará apenas amanhã de manhã. Ele e Ruby passarão a noite de hoje em um hotel próximo à mansão.

Mal acabei de mandar a mensagem quando a melodia que invade meus ouvidos me faz entrar em alerta. Deslizo meu foco para Riley imediatamente. E percebendo a mesma coisa que eu, ela afasta seu *drink* dos lábios, abrindo um sorrisinho em minha direção.

Me levanto da cadeira em um pulo, rindo um pouco antes de parar à sua frente, estendendo a mão.

— Me concede essa dança, Baby Weston?

Riley não hesita antes de concordar, selando nossos toques e se levantando. Quando atravessamos o salão, nos juntando a alguns casais, a música já está quase no refrão. Sendo incapaz de afastar o sorrisinho que toma meus lábios, levo as mãos até a sua cintura, firmando meu toque. Segura do que está fazendo, Riley entrelaça suas mãos atrás do meu pescoço.

O refrão de *This Town,* do '*Niall Horan'*, invade o salão, convidando vários casais a se juntarem a nós. Guio Riley, a fazendo seguir meus passos tortos e bem errados, dançando do nosso jeito.

Enquanto um homem extremamente apaixonado canta para nós dois mais uma vez. E nos conta sobre como tudo o lembra da mulher que ama e de como ainda dançaria com ela, mesmo que o mundo inteiro estivesse assistindo.

A cena parece se repetir. Como da primeira vez, nossa dança é desastrosa e nada ensaiada. Mas, ainda assim, é diferente. Bem diferente.

Porque não estamos mais escondidos na sala do nosso apartamento. E, pela primeira vez, estamos dançando e *torcendo para que o mundo inteiro nos assista.*

Porque agora somos uma verdade. A verdade mais bonita que o universo já viu.

A minha verdade favorita.

E é com esse pensamento em mente, o coração explodindo de amor e meu corpo entregue por inteiro, que observo Riley se aproximar ainda mais de mim. Ela me abraça, sem deixar de dançar, e eu a envolvo com meus braços também. Seu cheiro, seu toque, cada mínima parte sua me lembra *casa.* E quando o sussurro baixinho que escapa pelos seus lábios alcança meus ouvidos, me sinto verdadeiramente completo.

Porque a garota que por muito tempo pensei ser inalcançável diz: — Obrigada por me trazer de volta ao eixo, bonitinho.



EPÍLOGO

RILEY

10 de junho de 2023
Denver, Colorado

Os gritos eufóricos dos torcedores preenchem cada mínimo espaço da Ball Arena quando Caden Prescott ergue o troféu no alto.

Do camarote executivo, deslizo os olhos por toda a imensidão de azul e vermelho que ocupa as arquibancadas. Lá embaixo, cartazes são levantados, amigos se abraçam e lágrimas de felicidade e alívio escorrem por vários rostos.

Porque acabou. É isso. Após uma partida de quatro a dois, o Washington Capitals derrota o Colorado Avalanche, se tornando a equipe vencedora da NHL.

E sinto como se meu coração estivesse prestes a explodir.

Aplaudindo o time intensamente, permaneço de pé em frente à minha poltrona de couro, sem conseguir afastar o sorriso que rasga meus lábios por um segundo sequer. Ao meu lado, Ruby Pike, Avery Lakeland, Kleah Crawford e a minha mãe fazem o mesmo, repletas de orgulho, assim como eu.

— Ele merece tanto. — Ouço Kleah dizer, em meio a lágrimas. Não é preciso que eu seja muito inteligente para saber que a mais nova caixa da Bloom Café está falando do filho.

Austin jogou como nunca hoje. E ele merece, sim. Merece para caralho.

Todos eles merecem.

Quando Caden patina para perto do time e para em frente a Austin, o ritmo com que as lágrimas deslizam pelo meu rosto é frenético. Seus lábios dizem algo para o melhor amigo e a expressão de Crawford se torna ainda mais carregada de sentimentos. Parado ao lado deles, meu pai abre um sorriso orgulhoso nos lábios, dando leves tapinhas nas costas de Austin. Prescott entrega o troféu nas mãos dele, e o meu namorado sai patinando sobre o gelo, levando a multidão à loucura ao exibir o prêmio.

A manga do seu uniforme desliza um pouco pelo seu braço, e morro de amores ao notar a fitinha lilás, ainda amarrada em seu pulso. Ela esteve lá durante todo esse tempo.

Explodindo em sentimentos, tapo a boca com a palma da mão, soluçando.

Você conseguiu, bonitinho, penso, enfim. *Conseguiu mesmo.*

COM A VITÓRIA DO WASHINGTON CAPITALS PARA CIMA DO COLORADO AVALANCHE, NESTA NOITE DE SÁBADO, 10 DE JUNHO, OS CAPITALS CONQUISTAM A SEGUNDA STANLEY CUP DA TRAJETÓRIA DO TIME.

CADEN PRESCOTT E AUSTIN CRAWFORD FORAM OS JOGADORES DESTAQUES DA PARTIDA, ENCERRANDO ASSIM, MAIS UMA TEMPORADA E, CONSEQUENTEMENTE, DANDO FIM A UMA LINDA HISTÓRIA.

AGRADECIMENTOS

Pela primeira vez na vida, não sei como começar essa parte.

Sinto que nada do que eu disser aqui vai realmente fazer jus a tudo o que o meu coração está carregando agora. Mas de uma coisa eu sei: nunca me senti tão grata.

Quando o primeiro livro da duologia foi publicado, no dia 17 de junho de 2022, tudo em mim mudou por completo. Sem exceção. Conheci pessoas incríveis, ganhei milhares de leitoras maravilhosas e vivi momentos que nunca sequer imaginei que poderiam ser possíveis.

Tudo ainda é muito louco. É uma rotina cansativa, com horas de escrita, divulgação no *Instagram*, madrugadas em frente ao computador para tentar entregar um trabalho o quanto antes e uma longa corrida contra o tempo. Mas, sinceramente, nunca me senti tão feliz e realizada.

Por isso, quero começar agradecendo a Deus. Porque uma vez, Ele me disse para me levantar e andar. E mesmo que tenha sido um caminho difícil até aqui, eu continuo de pé. Então, obrigada por não me deixar cair, mesmo quando eu mesma tento me derrubar.

Agradeço à minha família, por me apoiar tanto. Obrigada por entenderem meu processo, respeitarem minhas madrugadas trabalhando e por serem os maiores divulgadores que este mundo já viu. É muito importante para mim ver o orgulho nos olhos de vocês, ouvir vocês perguntarem quantas páginas lidas estou tendo diariamente e me incentivando a sonhar alto.

Mãe, obrigada por ter me contado sobre os girassóis e ter me ajudado a escrever o final desse livro, mesmo sem saber. Você é o meu maior exemplo.

Agradeço imensamente à minha prima, Luli, por todo o apoio de sempre. Você não faz ideia do quanto é especial para mim. Uma vez, me disse que queria ser pelo menos metade do que eu sou para você. E adivinha? Você já é. E ultrapassa essa metade.

A quem leu este livro antecipadamente e fez uma betagem tão útil: Vivi, Barb, Bea, Thaly, Brooke e Sofia. Obrigada por terem me ajudado a não fazer besteira. Para a Ana Ferreira, que fez um trabalho incrível como leitora crítica: isso também vale para você. Obrigada por terem dedicado o tempo de vocês para me ajudar a melhorar esta história.

À Vitória, por ter me ouvido desabafar durante todo o processo criativo, seja sobre as minhas inseguranças com o livro, seja sobre a minha vida. Espero que saiba o quanto eu te admiro e te considero foda para caralho. Obrigada por ter aparecido.

À Geo, que chegou do nada e se tornou alguém tão importante. Nos agradecimentos do primeiro livro, disse que estava ansiosa para te encontrar na Bienal de São Paulo. Agora, vamos nos ver de novo daqui a uma semana, na de Salvador. Obrigada por ser tão importante para mim, me ouvir quando mais preciso e compartilhar sua vida comigo, mesmo que morando do outro lado do país. Sua amizade é extremamente importante para mim. Espero que saiba disso. (Ah, e muito obrigada por ter me ajudado na divulgação também! Não saberia fazer nem a metade do que você fez).

Hanna Câmara, minha assessora, revisora e, acima de tudo, amiga. Você é tipo a Barbie, não é? Tem mil e um empregos, mas consegue dar o máximo de si em todos eles, deixando tudo perfeito. Obrigada por toda a ajuda com esse livro e por todo o carinho que teve com Austin e Riley. Você é sensacional (além de ser o único motivo pelo qual eu não enlouqueci ainda).

Às minhas Fofoqueiras Ousadas favoritas: muitas de vocês já estão espalhadas por esses agradecimentos, mas quero reforçar e dizer que foram todas muito importantes para mim durante a criação desse livro. Fora do Eixo nasceu em um *sprint* com vocês, e, mesmo eu tendo recebido spoiler dos livros da Brooke a cada chamada diferente e ter morrido de raiva, este livro não seria o mesmo sem o apoio surreal que me deram. Obrigada por tanto. O mundo é de vocês.

À Jaque Summer e à Luana. Vocês fizeram um trabalho impecável no visual deste livro. Lua, obrigada pela diagramação maravilhosa. Jaque, obrigada pela capa. Espero que saibam que agora eu meio que vou grudar em vocês duas KKKKKK.

Para os meus personagens... Meu Deus, como conseguem ser tão intensos??? Foi um desafio e tanto lidar com cada um de vocês, tanto no primeiro livro, quanto no segundo. Mas valeu a pena. Porque dar vida a vocês vale a pena. Sabem o que fazer agora, não sabem? Espero que sejam bem-sucedidos ao sair por aí, tocando corações, assim como tocaram o meu.

E por último, mas longe de ser o menos importante, *meus leitores.* Uau. O que foi que vocês fizeram com a minha vida, hein? Confesso que essa foi a primeira vez que me senti insegura para dar início a um livro. O motivo? Sei que existe uma quantidade beeeem grande de pessoas por aí, esperando para lê-lo. Espero que tenha conseguido alcançar as expectativas de vocês, assim como fazem com cada uma das minhas. Obrigada por todo o amor que me dão a cada dia e por transformarem o meu sonho em realidade. Vocês são surreais!

Falei no Instagram, e vou repetir aqui: o ponto final que coloquei neste livro foi o mais importante da minha vida.

Mas isso não significa que será o fim desse universo, significa?

Com todo o amor do mundo, Bel.

NOS VEMOS NOVAMENTE EM BREVE,
NA TRILOGIA DOS RED TIGERS!

CHEGOU ATÉ AQUI? NÃO SE ESQUEÇA DE AVALIAR O LIVRO!

ENCONTRE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS:
Instagram: ***@belautora***